

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

M. L. STEDMAN

A LUZ

— *entre* —

OCEANOS



ROCCOPIRELLA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

M. L. STEDMAN

A LUZ  
- entre -  
OCEANOS



Tradução de Geni Hirata

**ROCCO|HITAI**

À memória de meus pais

# Sumário

## Parte I

27 de abril de 1926

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

## Parte II

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

## Parte III

Capítulo 25

Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28  
Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32  
Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Capítulo 37

Agradecimentos

Créditos

Sobre a autora



# PARTE I



## *27 de abril de 1926*

**N**O DIA DO MILAGRE, Isabel estava ajoelhada à beira do penhasco, cuidando da cruz pequena e nova, feita de madeira lançada na praia. Uma nuvem solitária e gorda rastejava pelo céu de final de abril, que se estendia acima da ilha como um espelho do oceano. Isabel salpicou mais água e apertou a terra em volta da muda de alecrim que acabara de plantar.

– “... e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal” – murmurou.

Por um instante, como se a mente lhe pregasse uma peça, pareceu ouvir um choro de bebê. Não fez caso da ilusão, o olhar atraído por um grupo de baleias que subia sinuosamente a costa para dar cria em águas mais mornas, emergindo de vez em quando, a ponta de suas caudas como agulhas numa tapeçaria. Ela ouviu o choro novamente, mais alto desta vez na brisa da manhã. Impossível.

Deste lado da ilha, havia apenas a imensa vastidão do mar até a África. Aqui, o Oceano Índico lançava-se no Oceano Antártico e, juntos, estendiam-se como um tapete infinito abaixo dos rochedos. Em dias assim, o mar parecia tão sólido que Isabel tinha a impressão de que poderia ir caminhando até Madagascar em uma jornada de puro azul. O outro lado da ilha olhava para trás, impaciente, na direção do continente australiano a cerca de cem milhas de distância, sem realmente pertencer à terra firme, mas não inteiramente livre dela, a mais alta de uma fileira de montanhas submersas que se erguiam do leito do oceano como dentes ao longo de um maxilar recortado e pontiagudo, à espera para devorar qualquer navio inocente em sua arrancada final para o porto.

Como forma de compensação, a ilha – Janus Rock – oferecia um farol, seu feixe de luz proporcionando um manto de segurança por trinta milhas. Toda noite o ar murmurava com o zumbido contínuo do farol conforme ele girava, girava, girava; sereno, sem culpar os rochedos, sem temer as ondas: estava ali para salvação, se necessário.

O choro persistia. A porta da torre do farol bateu ao longe e a figura alta de Tom apareceu na galeria – uma sacada externa de ferro que coroava o alto da torre – vasculhando a ilha com seu binóculo.

– Izzy – ele gritou –, um barco! – e apontou para a enseada. – Na praia, um barco!

Ele desapareceu e ressurgiu um instante depois ao nível do solo.

– Parece que tem alguém dentro – ele gritou. Isabel correu o mais rápido que pôde ao seu encontro, e ele segurou seu braço enquanto serpenteavam pela trilha batida e íngreme até à pequena praia.

– É mesmo um barco – Tom declarou. – E... oh, céus! Há um sujeito, mas... – A figura estava imóvel, caída sobre o banco, e ainda assim o choro continuava. Tom correu para o pequeno barco e tentou despertar o homem antes de dar uma busca pela proa de onde vinha o som. Içou dali uma trouxinha de lã: um macio cardigã feminino lilás enrolado no corpinho minúsculo de um bebê aos berros.

– Minha nossa! – ele exclamou. – Minha nossa, Izzy. É...

– Um bebê! Oh, Deus Todo-Poderoso! Oh, Tom! Tom! Vamos, me dê ele!

Ele entregou-lhe a trouxinha e tentou novamente reanimar o estranho: sem pulso. Virou-se para Isabel, que examinava a minúscula criatura.

– Está morto, Izz. E o bebê?

– Está bem, ao que parece. Nenhum corte ou machucado. É tão pequenino! – ela disse, voltando-se para a criança enquanto a aconchegava junto ao peito. – Pronto, pronto. Está a salvo agora, neném. Está a salvo, gracinha.

Tom ficou parado, imóvel, pensando no corpo do homem, cerrando os olhos com força e abrindo-os outra vez para se certificar de que não estava sonhando. O bebê parara de chorar e tomava goles de ar nos braços de Isabel.

– Não vejo nenhuma marca no sujeito, e ele não parece doente. Não pode estar à deriva há muito tempo... Inacreditável. – Fez uma pausa. – Leve o bebê para casa, Izz, e eu vou pegar alguma coisa para cobrir o corpo.

– Mas, Tom...

– Seria um trabalho insano levá-lo para cima pela trilha. Melhor deixá-lo aqui até conseguir ajuda. Mas não quero que seja atacado por pássaros ou moscas. Há uma lona no barracão que deve servir. – Ele falava com bastante calma, mas suas mãos e rosto estavam ficando frios, conforme velhos fantasmas embotavam o luminoso sol de outono.



Janus Rock era uma área de dois e meio quilômetros quadrados de verde, com capim suficiente para alimentar as poucas ovelhas, cabras e o punhado de galinhas, e com bastante terra para sustentar o rudimentar canteiro de verduras e legumes. As únicas árvores eram dois altos pinheiros Norfolk, plantados pelas equipes de Point Partageuse que construíram a estação do farol há mais de trinta anos, em 1889. Um amontoado de velhas sepulturas lembrava um naufrágio ocorrido muito antes disso, quando o *Pride of Birmingham* foi a pique nas rochas vorazes à luz do dia. Em um navio como este, o próprio farol fora mais tarde trazido da Inglaterra, ostentando orgulhosamente o nome Chance Brothers, uma garantia da mais avançada tecnologia da época – capaz de ser montado em qualquer lugar, por mais inóspito ou difícil de alcançar.

As correntes traziam todo tipo de coisas: destroços de naufrágios e cargas de navios lançadas ao mar giravam como se estivessem entre dois propulsores iguais; restos de madeira, baús de chá,

barbatanas de baleias. As coisas surgiam a seu próprio tempo, a seu próprio modo. A estação do farol assentava-se solidamente no meio da ilha, a casa do faroleiro e as pequenas construções anexas acocoravam-se ao lado da torre do farol, intimidadas por décadas de ventos fustigantes.

Na cozinha, Isabel sentava-se à velha mesa, o bebê nos braços, enrolado em um macio cobertor amarelo. Tom limpou as botas devagar no pequeno tapete antes de entrar e colocou a mão calejada em seu ombro.

– Cobri o pobre coitado. Como vai o pequenino?

– É uma menina – Isabel disse com um sorriso. – Eu dei banho nela. Parece bem saudável.

O bebê virou-se para ele com os olhos arregalados, vidrados em seu olhar.

– O que será que ela está entendendo de tudo isso? – ele se perguntou em voz alta.

– Eu lhe dei um pouco de leite também, não foi, docinho? – Isabel arrulhou, transformando a frase numa pergunta ao bebê. – Oh, ela é tão, tão perfeita, Tom – disse, beijando a criança. – Só Deus sabe o que passou.

Tom pegou uma garrafa de conhaque do armário de pinho e serviu-se de uma pequena dose, tomando-a de um só gole. Sentou-se ao lado da esposa, observando a luz brincar em seu rosto enquanto contemplava o tesouro em seus braços. O bebê seguia cada movimento de seus olhos, como se Isabel pudesse fugir se ele não a prendesse com seu olhar.

– Oh, bebezinho – Isabel sussurrava –, coitadinha, coitadinha – enquanto ela aninhava o rosto no seio de Isabel. Tom podia ouvir lágrimas em sua voz, e a lembrança de uma presença invisível pairou no ar entre eles.

– Ela gosta de você – ele disse. Em seguida, quase para si mesmo: – Me faz pensar em como as coisas poderiam ter sido. – Acrescentou rapidamente: – Quero dizer... não quis dizer... Parece que você nasceu para ser mãe, só isso. – Ele acariciou sua face.

Isabel ergueu os olhos para ele.

– Eu sei, amor. Sei o que quer dizer. Eu sinto o mesmo.

Ele passou os braços ao redor da esposa e da criança. Isabel pôde sentir o conhaque em seu hálito. Ela murmurou:

– Oh, Tom, graças a Deus que a encontramos a tempo.

Tom beijou-a, depois encostou os lábios na testa do bebê. Os três permaneceram assim por um longo instante, até que a criança começou a se contorcer, lançando o minúsculo punho cerrado para fora do cobertor.

– Bem – Tom espreguiçou-se e levantou –, vou enviar um sinal, relatar o caso; pedir que mandem um barco para resgatar o corpo. E a pequena Miss Muffet aqui.

– Ainda não! – Isabel retrucou, tocando os dedos da criança. – Quero dizer, não há nenhuma pressa em fazer isso nesse instante. A situação do pobre homem não vai piorar. E essa garotinha já teve sua dose de barcos por enquanto, eu diria. Deixe passar um pouco. Dê-lhe uma chance de recuperar o fôlego.

– Levará horas até chegarem aqui. Ela ficará bem. Você já a tranquilizou, pobrezinha.

– Vamos esperar um pouco. Afinal, não fará muita diferença.

– É que tudo precisa ser lançado no livro de registros, querida. Você sabe que eu tenho que relatar tudo imediatamente – Tom disse, pois seus deveres incluíam anotar cada acontecimento significativo na estação ou arredores, de navios que passavam às condições do tempo e problemas com a aparelhagem.

– Faça isso pela manhã, hein?

– Mas e se o barco for de um navio?

– É um pequeno barco, não um bote salva-vidas – ela disse.

– Então, a criança provavelmente tem uma mãe esperando por ela em algum lugar no litoral, arrancando os cabelos. Como você se sentiria se fosse sua?

– Você viu o cardigã. A mãe deve ter caído do barco e se afogado.

– Querida, não fazemos a menor ideia do paradeiro da mãe. Nem de quem era o homem.

– É a explicação mais plausível, não é? Os bebês não se perdem de seus pais.

– Izzy, qualquer coisa é possível. Nós simplesmente não sabemos.

– Quando ouviu falar de um bebezinho partir em um barco sem sua mãe? – Ela segurou a criança um pouco mais junto ao peito.

– Isto é sério. O homem está morto, Izz.

– E o bebê está vivo. Tenha coração, Tom.

Alguma coisa em seu tom de voz sacudiu-o e, ao invés de simplesmente contradizê-la, ele parou e considerou seu pedido. Talvez ela precisasse de um pouco de tempo com o bebê. Talvez ele lhe devesse isso. Fez-se silêncio e Isabel virou-se para ele numa súplica muda.

– Imagino que, num aperto... – ele admitiu, as palavras vindo com grande dificuldade –, eu poderia... deixar o aviso para amanhã de manhã. Mas bem cedo. Assim que clarear.

Isabel beijou-o e apertou seu braço.

– É melhor eu voltar para o farol. Estava começando a substituir o tubo de vapor – ele disse.

Enquanto descia o caminho, ouviu as notas doces da voz de Isabel cantando. *“Sobre vento para o sul, para o sul, para o sul, sobre vento para o sul, sobre o belo mar azul.”* Apesar de a música ser melodiosa, não foi capaz de consolá-lo enquanto subia as escadas da torre do farol, tentando afastar um estranho desconforto por conta da concessão que acabara de fazer.

## ☞ CAPÍTULO 1 ☞

### *16 de dezembro de 1918*

— **S**IM, COMPREENDO — Tom Sherbourne disse. Estava sentado em uma sala espartana, apenas ligeiramente mais fresca do que o dia sufocante lá fora. A chuva de verão de Sydney martelava a janela e fazia as pessoas na calçada saírem correndo em busca de abrigo.

— Quero dizer que é *muito* difícil. — O homem do outro lado da mesa inclinou-se para frente para dar mais ênfase. — Não é nenhum piquenique. Não que Byron Bay seja a pior colocação na Lights, mas quero ter certeza de que você sabe o que o espera. — Ele apertou levemente o fumo com o polegar e acendeu o cachimbo. A carta de solicitação de emprego de Tom contara a mesma história de muitos jovens naquela época: nascido em 28 de setembro de 1893; passou a guerra no exército; experiência com o Código Morse e com o Código Internacional; fisicamente apto e em perfeitas condições; dispensa honrosa. As regras estipulavam que devia ser dada preferência a ex-combatentes.

— Não pode — Tom parou, e começou de novo. — Com o devido respeito, sr. Coughlan, não é provável que seja pior do que o Front Ocidental.

O homem olhou novamente para os detalhes nos documentos de dispensa, depois para Tom, buscando algo em seus olhos, em seu rosto.

— Não, meu filho. Você provavelmente tem razão nesse ponto.

Ele disparou algumas regras:

— Você paga sua própria passagem a cada posto de trabalho. Você é substituto, portanto não tem direito a feriados. Pessoal

permanente tem um mês de licença a cada contrato de três anos. – Ele pegou sua grossa caneta e assinou o formulário à sua frente. Rolando o carimbo de um lado para o outro na almofada de tinta, disse: – Bem-vindo – bateu o carimbo em três lugares no documento – ao Serviço de Faróis da Comunidade Britânica.



Os seis meses como substituto em Byron Bay, na costa da Nova Gales do Sul, com dois outros faroleiros e suas famílias, ensinaram a Tom os fundamentos da vida na Lights. Depois disso, passou um período em Maatsuyker, a ilha selvagem ao sul da Tasmânia onde chovia a maior parte do ano e as galinhas eram levadas pelo vento durante as tempestades.

Na Lights, Tom Sherbourne tem tempo de sobra para pensar na guerra. Nos rostos, nas vozes dos companheiros que lutaram ao seu lado, que salvaram sua vida de um modo ou de outro; aqueles cujas palavras finais ele ouviu e aqueles cujos murmúrios confusos não conseguiu entender, mas para os quais balançava a cabeça de qualquer forma.

Tom não é um dos homens cujas pernas ficaram penduradas por um feixe de tendões, nem daqueles cujas entranhas jorraram de seu invólucro como enguias escorregadias. Nem seus pulmões viraram uma cola, nem seu cérebro uma pasta por causa do gás. Mas mesmo assim ele tem cicatrizes, tendo que viver na mesma pele do homem que fez o que tinha que ser feito na ocasião. Ele carrega essa outra sombra, que é lançada para dentro.

Ele tenta não ficar remoendo isso: viu muitos homens ficarem inutilizados dessa forma. Assim, ele prossegue com sua vida andando pelas beiradas de algo para o qual não tem um nome. Quando sonha a respeito desses anos, o Tom que está nos sonhos, o Tom que está lá com sangue nas mãos, é um garoto de mais ou menos 8 anos. É esse garotinho que está enfrentando homens com armas de fogo e baionetas, e fica preocupado porque suas meias do uniforme escolar escorregaram para baixo e ele não pode suspendê-

las porque terá que largar sua arma para fazer isso, e quase nem consegue carregá-la. E ele não consegue achar sua mãe em lugar nenhum.

Então, ele acorda e está em um lugar onde só há vento, ondas e luz, e o maquinário intrincado que mantém a chama acesa e o farol girando. Sempre girando, sempre olhando por cima do ombro.

Se ele puder ficar bem longe – das pessoas, das lembranças –, o tempo fará seu trabalho.



A milhares de quilômetros de distância, na costa ocidental, Janus Rock era o lugar mais longínquo no continente desde a casa da infância de Tom em Sydney. Mas o Farol de Janus fora o último sinal da Austrália que ele vira quando seu navio de tropas zarpuu para o Egito em 1915. O cheiro dos eucaliptos flutuou no ar por milhas e milhas ao largo de Albany, e quando o cheiro desapareceu, ele ficou repentinamente nauseado com a perda de algo de que não sabia que sentiria falta. Horas mais tarde, fiel e constante, o farol, com seus clarões de cinco segundos, surgiu no campo de visão – o ponto mais distante de sua terra natal – e essa lembrança permaneceu com ele através dos anos de inferno que se seguiram, como um beijo de despedida. Quando, em junho de 1920, teve a notícia de uma vaga urgente em Janus, foi como se o farol da ilha o chamasse.

Balançando-se na borda da plataforma continental, Janus não era um posto popular. Apesar de sua classificação de adversidade Grau Um significar um salário ligeiramente maior, os antigos operários diziam que não valia o dinheiro, que era escasso de qualquer modo. O faroleiro que Tom substituiu em Janus foi Trimble Docherty, que causara uma comoção ao reportar que sua mulher estava enviando sinais para os navios que passavam, anexando mensagens às bandeiras coloridas do Código Internacional. Isso era inadmissível para as autoridades por duas razões: primeiro, porque o diretor-adjunto da Lights já proibira havia alguns anos sinalizar com bandeiras em Janus, porque os navios se colocavam em risco

navegando perto o suficiente para decifrá-las; e segundo, porque a mulher em questão falecera recentemente.

Uma volumosa correspondência sobre o assunto foi gerada em três vias entre Fremantle e Melbourne, com o diretor-adjunto em Fremantle defendendo Docherty e seus anos de excelentes serviços, até uma administração central preocupada apenas com a eficiência, os custos e a obediência às normas. Por fim, chegou-se a um acordo, pelo qual um faroleiro temporário seria contratado enquanto Docherty recebia uma licença médica de seis meses.

– Normalmente, não enviaríamos um homem solteiro a Janus. É um lugar muito remoto, e uma mulher e uma família podem ser de grande ajuda prática, não apenas um conforto – o dirigente distrital dissera a Tom. – Mas considerando que é apenas temporário... Você partirá para Partageuse dentro de dois dias – ele disse, assinando o contrato por seis meses.

Não havia muito a organizar. Ninguém de quem se despedir. Dois dias depois, Tom subia a rampa de embarque do barco, equipado com um saco de viagem e pouca coisa mais. O navio a vapor *Prometheus* seguiu seu curso ao longo da costa sul da Austrália, parando em vários portos em seu percurso entre Sydney e Perth. As poucas cabines reservadas para passageiros de primeira classe ficavam no convés superior, perto da proa. Na terceira classe, Tom compartilhava uma cabine com um velho marinheiro.

– Faço esta viagem há cinquenta anos. Eles não iam ter a coragem de me pedir para pagar. Dá azar, sabe – o sujeito dissera alegremente, em seguida retornando sua atenção para a grande garrafa de rum barato que o mantinha ocupado. Para fugir dos vapores alcoólicos, Tom passou a andar pelo deque durante o dia. À noite, geralmente havia um jogo de cartas abaixo do convés.

Podia-se ver com um simples olhar quem havia estado lá e quem passara a guerra em casa. Podia-se sentir o cheiro disso em um homem. Cada um procurava juntar-se aos seus iguais. Estar nas

entranhas de uma embarcação trazia de volta lembranças dos navios de tropas que os levaram primeiro ao Oriente Médio e mais tarde à França. Logo depois de chegar a bordo, haviam deduzido, quase por instinto animal, quem fora um oficial, quem fora um soldado raso; onde eles haviam lutado.

Como nos navios de tropas, a preocupação era descobrir um passatempo para animar a viagem. O jogo combinado era bastante conhecido: o primeiro a conseguir um souvenir da primeira classe era o vencedor. Mas não um souvenir qualquer. O artigo escolhido era um par de calcinhas de mulher. “O prêmio em dinheiro é o dobro se ela estiver usando as calcinhas na hora.”

O líder do grupo, um homem chamado McGowan, com bigode e dedos amarelados de seus cigarros Woodbines, disse que andara conversando com um dos atendentes do navio sobre a lista de passageiros: a escolha era limitada. Havia dez cabines ao todo. Um advogado e sua mulher – melhor passar longe deles; alguns casais idosos, uma dupla de solteironas (promissor), mas o melhor de tudo, a filha de algum figurão viajando sozinha.

– Acho que podemos subir pela lateral e entrar pela janela dela – ele anunciou. – Quem está comigo?

O perigo da ousadia não surpreendia Tom. Ouvira dezenas de histórias como essa desde que voltara. Homens que se acostumaram a arriscar a vida em um capricho – tratando as cancelas em passagens de nível como um salto ao galope; nadando em correntezas para ver se conseguiam sair. Muitos homens que haviam conseguido driblar a morte na guerra agora pareciam viciados em sua sedução. Entretanto, esse bando agia por conta própria agora. Provavelmente, cheios de conversa fiada.

Na noite seguinte, quando os pesadelos pioraram além do normal, Tom resolveu fugir deles com um passeio pelos deques. Eram quase duas da madrugada. Ele tinha liberdade de andar por onde quisesse a essa hora, de modo que media os passos metodicamente, observando o luar deixar seu rastro na água. Dirigiu-se ao convés superior, agarrando o corrimão das escadas para compensar o

balanço suave do navio, e ficou parado no topo por um instante, apreciando a brisa fresca e a firmeza das estrelas que pontilhavam a noite.

Pelo canto do olho, viu um reflexo em uma das cabines. Até mesmo passageiros de primeira classe às vezes têm dificuldade para dormir, pensou. Em seguida, um sexto sentido o despertou – aquele instinto indefinível, familiar, para problemas. Moveu-se silenciosamente na direção da cabine e olhou pela janela.

Na luz fraca, viu uma mulher encostada contra a parede, pregada ali apesar do homem à sua frente não a estar tocando. Ele estava a poucos centímetros de seu rosto, com um olhar cobiçoso que Tom já vira muitas vezes.

Reconheceu o homem do deque inferior e lembrou-se do prêmio. Idiotas. Experimentou a porta e ela se abriu.

– Deixe-a em paz – ele disse, entrando na cabine. Falou calmamente, mas sem deixar margem à discussão.

O homem girou nos calcanhares para ver quem era e abriu um largo sorriso quando reconheceu Tom.

– Cruzes! Pensei que fosse um dos atendentes! Pode me dar uma mãozinha, eu só estava...

– Já disse para deixá-la em paz! Caia fora. Agora.

– Mas ainda não terminei. Eu só ia alegrar o dia dela. – Ele fedia a bebida e ranço de tabaco.

Tom colocou a mão em seu ombro, com um aperto tão forte que o homem gritou. Era uns quinze centímetros mais baixo do que Tom, mas ainda assim tentou dar-lhe um golpe. Tom agarrou seu pulso e torceu-o.

– Nome e patente!

– McKenzie. Soldado. 3277. – O número não solicitado seguiu-se em reflexo.

– Soldado, peça desculpas a esta jovem, volte ao seu beliche e não mostre mais a cara no convés até ancorarmos, compreendeu?

– Sim, senhor! – Virou-se para a mulher. – Desculpe-me, senhorita. Não quis causar-lhe nenhum mal.

Ainda aterrorizada, a mulher apenas fez um leve sinal com a cabeça.

– Agora, saia! – Tom disse, e o homem, repentinamente sóbrio, saiu às pressas da cabine.

– Você está bem? – perguntou Tom à mulher.

– Eu... eu acho que sim.

– Ele a machucou?

– Ele não... – ela dizia a si mesma, mais do que a ele – na verdade, ele não tocou em mim.

Ele analisou o rosto da mulher; seus olhos cinza pareciam mais calmos agora. Seus cabelos escuros estavam soltos, caindo em ondas até os braços, e seus punhos ainda agarravam a camisola junto ao pescoço. Tom pegou seu roupão de um gancho na parede e envolveu seus ombros.

– Obrigada.

– Deve ter levado um grande susto. Receio que alguns de nós não estejamos acostumados à companhia civilizada ultimamente.

Ela não disse nada.

– Não vai ter mais problemas com ele. – Levantou uma cadeira que fora derrubada no confronto. – Fica a seu critério denunciá-lo, senhorita. Eu diria que ele já não é bom da cabeça.

Os olhos dela interrogaram-no.

– Ter ido à guerra muda um homem. Certo e errado já não parecem tão diferentes para alguns. – Virou-se para ir embora, mas colocou a cabeça de novo pela porta. – Você tem todo o direito de denunciá-lo, se quiser. Mas acho que ele já tem problemas suficientes. Como eu disse, fica a seu critério – e desapareceu fechando a porta.

## ☞ CAPÍTULO 2 ☞

**P**POINT PARTAGEUSE RECEBEU esse nome de exploradores franceses que mapearam o cabo que se projetava do canto sudoeste do continente australiano muito antes do início da corrida dos ingleses para colonizar o oeste em 1826. Desde então, os colonos se espalharam pouco a pouco para o norte a partir de Albany e para o sul a partir da Swan River Colony, apoderando-se das florestas virgens nas centenas de quilômetros entre um e outro. Árvores gigantes foram derrubadas com serras para criar pastos para animais; estradas estreitas e precárias foram abertas centímetro a centímetro, obstinadamente, por homens de pele clara com cavalos atrelados a carroças, enquanto esta terra, que nunca havia sido marcada com cicatrizes pela mão do homem, era escoriada e queimada, mapeada e medida, e doada àqueles dispostos a tentar a sorte em um hemisfério que podia levá-los ao desespero, à morte ou a uma fortuna muito além de seus sonhos.

A comunidade de Partageuse movimentara-se junto como poeira na brisa, estabelecendo-se naquele ponto onde os oceanos se encontram, porque havia água potável, um porto natural e terra boa. O porto não rivalizava com o de Albany, mas era conveniente para os habitantes da região, transportando madeira, sândalo ou carne bovina. Pequenos estabelecimentos de negócios surgiram e amontoaram-se como líquens na superfície de uma rocha e a cidade cresceu com uma escola, uma variedade de igrejas, de hinós e arquiteturas diferentes, um punhado de casas de tijolo e pedra, e muitas outras construídas de ripas de madeira e folhas de flandres. Aos poucos, surgiram várias lojas, a prefeitura, até um representante de produtos agrícolas de Dalgety. E bares. Muitos bares.

Durante toda a sua infância, a crença tácita em Partageuse era de que os fatos reais aconteciam em outro lugar. Notícias do mundo exterior gotejavam como chuva das árvores, um fragmento aqui, um boato ali. O telégrafo acelerara um pouco as coisas quando a linha chegou em 1890, e, desde então, algumas pessoas haviam obtido telefones. A cidade até enviara tropas para o Transvaal em 1899 e perdera um punhado de homens, mas de um modo geral a vida em Partageuse era mais como um espetáculo secundário, em que nada muito ruim ou maravilhoso jamais pudesse acontecer.

Fora diferente com outras cidades do oeste, é claro: Kalgoorlie, por exemplo, a centenas de quilômetros para o interior, possuía veios subterrâneos de ouro incrustados pelo deserto. Lá, os homens entravam com um carrinho de mão e uma bateia e saíam dirigindo um automóvel pago por uma pepita do tamanho de um gato, em uma cidade que ironicamente tinha ruas com nomes como Cresus. O mundo queria o que Kalgoorlie tinha. O que Partageuse oferecia, madeira e sândalo, era café pequeno: não era estrondoso e espetacular como Kal.

Em 1914, entretanto, as coisas mudaram. Partageuse viu que também ela possuía algo que o mundo desejava. Homens. Homens jovens. Homens aptos. Homens que passaram a vida empunhando um machado ou empurrando um arado, lutando com dificuldades. Homens que eram o "corte nobre" a ser sacrificado em altares táticos a um hemisfério de distância.

O ano de 1914 foi somente de bandeiras e de cheiro de couro novo em uniformes. Apenas um ano depois, a vida começou a ficar diferente – começou a parecer que talvez aquilo não fosse um espetáculo secundário, afinal de contas – quando, em vez de receber de volta seus preciosos, robustos maridos e filhos, as mulheres começaram a receber telegramas. Estes pedaços de papel que podiam cair de mãos estupefatas e esvoaçar pelo vento cortante, que diziam que o menino que você havia alimentado, banhado, com quem havia ralhado e por quem havia chorado estava... bem, *não existia mais*. Partageuse ligou-se ao mundo tardia e dolorosamente.

Claro, a perda de filhos sempre fora algo a ser enfrentado. Nunca houve nenhuma garantia de que a concepção levaria a um nascimento vivo ou que o nascimento levaria a uma longa vida. A natureza permitia apenas aos aptos e aos afortunados compartilharem esse paraíso em formação. Olhe dentro da capa de qualquer Bíblia familiar e verá os fatos. Os cemitérios, também, contam a história de bebês cujas vozes, por causa de uma mordida de cobra, uma febre ou um tombo de uma carroça, haviam finalmente sucumbido aos apelos de suas mães para que fizessem silêncio. As crianças sobreviventes acostumavam-se à nova maneira de pôr a mesa com um prato a menos, assim como se acostumavam a se apertarem ao longo do banco quando mais um irmão chegava. Como nas plantações de trigo onde mais grãos são semeados do que podem germinar, Deus parecia espalhar uma quantidade extra de crianças e colhê-las segundo um calendário divino, indecifrável. O cemitério da cidade sempre registrara isso fielmente, e as lápides, algumas inclinadas, como dentes soltos e encardidos, contavam francamente as histórias de vidas cedo ceifadas por gripes e afogamentos, pelo capricho de um tronco de árvore e até mesmo pela queda de raios. Mas em 1915, ele começou a mentir. Rapazes e homens de todo o distrito morriam aos montes, mas o cemitério nada dizia.

A verdade era que os corpos dos jovens jaziam na lama muito longe dali. As autoridades faziam o que era possível: onde as condições e o combate permitiam, sepulturas eram cavadas; quando era possível reunir um conjunto de braços e pernas e identificá-los como de um único soldado, todo esforço era feito para isso e para enterrá-lo com um arremedo de cerimônia funerária. Registros eram mantidos. Mais tarde, fotografias eram tiradas das sepulturas e, pela soma de duas libras, um xelim e seis *pence*, uma família podia comprar uma placa comemorativa oficial. Mais tarde ainda, os memoriais de guerra brotaram do chão, registrando não a perda, mas o que a perda conquistara, e como era bom ser vitorioso. "Vitorioso e morto", alguns murmuravam, "é uma triste espécie de vitória."

O lugar ficou cheio de buracos como um queijo suíço, sem os homens. Não que tenha havido alistamento obrigatório. Ninguém os tinha forçado a ir lutar.

A piada mais cruel era sobre os sujeitos que todos consideravam “de sorte” simplesmente porque tinham conseguido voltar: de volta aos filhos bem-vestidos para as boas-vindas ao lar, ao cachorro com uma fita amarrada na coleira para poder participar da ocasião. O cachorro geralmente era o primeiro a perceber que havia algo errado. Não se tratava apenas do sujeito estar sem um olho ou uma perna; faltava-lhe mais alguma coisa, de um modo geral – ainda desaparecido em combate, apesar de nunca terem perdido seu corpo. Billy Wishart, do moinho Sadler, por exemplo – três crianças pequenas e uma boa mulher, foi intoxicado por gás e não consegue mais segurar uma colher sem que ela vibre como um cortador de grama, lançando sua sopa por toda a mesa. Não consegue abotoar a roupa por causa de suas tremedeiras. Quando está sozinho à noite com a mulher, ele não tira as roupas, apenas se curva numa bola na cama e chora. Ou o jovem Sam Dowsett, que sobreviveu à campanha de Gallipoli apenas para perder os dois braços e metade do rosto em Bullecourt. Sua mãe viúva fica acordada à noite preocupada, perguntando-se quem tomará conta de seu menino quando ela se for. Nenhuma jovem no distrito seria tola em aceitá-lo agora. Buracos no queijo suíço. Algo que falta.

Durante muito tempo, as pessoas exibiam uma expressão perplexa de jogadores em um jogo em que as regras haviam sido repentinamente mudadas. Esforçavam-se para se consolar com o fato de que os rapazes não haviam morrido em vão: fizeram parte de uma magnífica luta pelo direito. E havia momentos em que conseguiam acreditar nisso e engolir o grito de raiva, de desespero, que queria rasgar suas gargantas como se saísse de uma mãe-pássaro.

Após a guerra, as pessoas procuravam ser condescendentes com os homens que voltaram um pouco chegados a uma bebida ou a uma briga, ou aqueles que não conseguiam manter um emprego por

mais de alguns dias. Os negócios na cidade estabilizaram-se, de certa forma. Kelly ainda tinha o armazém. O açougueiro ainda era o velho Len Bradshaw, embora o jovem Len estivesse ansioso para assumir o posto: podia-se ver pela maneira como ele ocupava um pouco demais do espaço de seu pai no balcão quando se inclinava por cima dele para pegar uma costeleta ou uma bochecha de porco. A sra. Inkpen (que parecia não ter um nome próprio, embora sua irmã a chamasse de Popsy em particular) assumiu a ferraria quando seu marido Mack não voltou de Gallipoli. Seu rosto era tão duro quanto o ferro que os rapazes usavam nos cascos dos cavalos, e tinha um coração igualmente duro. Eram homens grandalhões que trabalhavam para ela, e só se ouvia “Sim, sra. Inkpen”, “Não, sra, Inkpen”, “Claro, sra. Inkpen”, apesar de qualquer um deles poder levantá-la com o dedo mínimo.

As pessoas sabiam a quem dar crédito e a quem exigir o dinheiro adiantado; em quem acreditar quando traziam mercadorias de volta e pediam reembolso. O armarinho de roupas, miudezas e tecidos do sr. Mouchemore faturava mais perto do Natal e da Páscoa, embora a proximidade do inverno lhe trouxesse um grande movimento para lã de tricô. Também tinha uma linha lucrativa de roupas de baixo femininas. Larry Mouchemore costumava dar pancadinhas em seu bigode pontudo quando corrigia a pronúncia errada de seu nome (“É muu como em ‘muda’, não é au, como em ‘pausa’, nem ou como em ‘mouro’) e observou com temor e raiva quando a sra. Thurkle meteu na cabeça de abrir uma peleteria ao lado da sua loja. “Uma loja de peles? Em Point Partageuse? Por favor!” Sorriu bondosamente quando a loja fechou em seis meses, comprando todo o estoque restante “como um ato de caridade de vizinho” e vendendo-o com um bom lucro para o capitão de um navio a vapor com destino ao Canadá, que disse que eles eram loucos por esse tipo de coisa por lá.

Assim, em 1920, Partageuse tinha aquela mistura de orgulho titubeante e experiência dolorosa que distinguia toda cidade da Austrália Ocidental. No meio do quadrado de grama próximo à rua principal erguia-se o novo obelisco de granito relacionando os

homens e rapazes, alguns de apenas 16 anos, que não voltariam para arar os campos ou derrubar as árvores, não terminariam seus estudos, apesar de muitos na cidade manterem a respiração suspensa à espera deles, de qualquer modo. Pouco a pouco, as vidas se entrelaçaram outra vez em uma espécie de tecido prático em que cada fio cruzava e tornava a cruzar os outros através da escola, do trabalho e do casamento, bordando ligações invisíveis aos de fora da cidade.

E Janus Rock, conectada apenas pelo barco mercante quatro vezes ao ano, equilibrava-se na borda do tecido como um botão solto que poderia facilmente despencar para a Antártica.



O píer longo e estreito em Point Partageuse era feito da mesma espécie de eucalipto gigante – o *jarrah* – que chocalhava ao longo dele em vagões ferroviários para serem içados para dentro dos navios. A ampla baía acima da qual a cidade crescera era de um límpido azul-turquesa e, no dia em que o barco de Tom atracou, brilhava como vidro polido.

Homens moviam-se rapidamente, carregando e descarregando, içando e pelejando com a carga, lançando um ou outro grito ou assovio ocasional. Em terra firme, a azáfama continuava, com as pessoas indo de um lado para o outro com um ar decidido, a pé, a cavalo e em charretes.

A exceção a essa demonstração de eficiência era uma jovem alimentando um bando de gaivotas com farelos de pão. Ela ria, atirando cada pedacinho de crosta em uma direção diferente e observando os pássaros guincharem e se alvoroçarem, sequiosos por um prêmio. Uma gaivota engoliu um pedacinho em pleno voo e ainda mergulhou para pegar mais um, fazendo a jovem dar uma risada.

Parecia que havia anos Tom não ouvia um riso que não tivesse um quê de aspereza, de amargura. Era uma ensolarada tarde de

inverno e ele não tinha que ir a nenhum lugar naquele exato momento; nada que precisasse fazer. Ele seria despachado para Janus dentro de uns dois dias, quando tivesse se encontrado com as pessoas que devia se encontrar e assinado os papéis que tinha que assinar. Mas por enquanto, não havia nenhum diário de registro a preencher, nenhum prisma a colorir de amarelo-claro, nenhum tanque a abastecer. E ali estava alguém se divertindo um pouco. De repente, aquilo lhe pareceu uma prova concreta de que a guerra tinha mesmo acabado. Sentou-se em um banco perto do píer, deixando o sol acariciar seu rosto, observando a jovem se divertir, as ondas de seus cabelos escuros girando como uma rede lançada no vento. Ele seguiu seus dedos delicados, em silhueta contra o azul. Somente aos poucos percebeu que ela era bonita. E, ainda mais devagar, que provavelmente era linda.

– De que está rindo? – a jovem gritou para ele, pegando Tom desprevenido.

– Sinto muito. – Sentiu o rosto ficar vermelho.

– Nunca se lamenta por sorrir! – ela exclamou, na voz um certo toque de tristeza. Em seguida, sua expressão iluminou-se. – Você não é de Partageuse.

– Não.

– Eu sou. Morei aqui a minha vida inteira. Quer pão?

– Obrigado, mas não tenho fome.

– Não é para você, tolo! É para alimentar as gaivotas.

Ela lhe ofereceu uma crosta na mão estendida. Há um ano, talvez até há um dia, Tom teria recusado e se afastado. Mas de repente, a cordialidade, a liberdade e o sorriso, e algo que ele não conseguia identificar adequadamente, o fizeram aceitar a oferta.

– Aposto que posso atrair mais gaivotas do que você – ela disse.

– Ok, combinado! – Tom disse.

– Agora! – ela deu a partida, e os dois começaram, atirando pedacinhos bem alto no ar ou em ângulos ardilosos, agachando-se quando as gaivotas davam um guincho agudo, mergulhavam a pique e batiam as asas umas para as outras furiosamente.

Finalmente, quando todo o pão acabou, Tom perguntou, rindo:

– Quem venceu?  
– Oh! Me esqueci de avaliar. – A jovem deu de ombros. – Vamos considerar um empate.  
– É justo – ele disse, recolocando o chapéu e pegando o saco de lona. – É melhor eu ir andando. Obrigado. Foi divertido.  
Ela sorriu.  
– Foi só uma brincadeira tola.  
– Bem – ele disse –, obrigado por me fazer lembrar que brincadeiras tolas são divertidas. – Pendurou a sacola no ombro largo e virou-se na direção da cidade. – Tenha uma boa tarde, senhorita – acrescentou.



Tom tocou a campainha da pensão na rua principal. Era o domínio da sra. Mewett, uma mulher de 60 e poucos anos, tão redonda quanto um pote de pimenta, que foi logo atacando-o.

– Sua carta diz que é solteiro e é do leste, de modo que peço que se lembre de que está em Partageuse agora. Este é um estabelecimento cristão e não se pode beber, nem fumar no local.

Tom estava prestes a agradecer pela chave na mão dela, mas ela agarrou-a ferozmente enquanto continuava:

– Nada de seus hábitos estrangeiros aqui: sei muito bem como são as coisas. Eu troco os lençóis quando você sair e não espero ter que esfregá-los, se sabe o que quero dizer. As portas são trancadas às dez, o café da manhã é servido às seis e, se você não estiver lá a essa hora, vai ficar com fome. O chá é às cinco e meia e a mesma regra se aplica. Encontre almoço fora.

– Muito obrigado, sra. Mewett – Tom agradeceu, resolvendo não oferecer um sorriso, caso isso quebrasse alguma outra regra.

– Água quente é mais um xelim por semana. Você decide se vai querer. Para mim, água fria nunca fez nenhum mal a um homem da sua idade. – Ela empurrou-lhe a chave do quarto. Enquanto ela se

afastava mancando pelo corredor, Tom se perguntou se teria havido um sr. Mewett que tanto a fizera detestar os homens.

Em seu pequeno quarto nos fundos da casa, ele desfez o saco de viagem, colocando seu sabão e apetrechos de barba cuidadosamente arrumados na única prateleira existente. Dobrou suas ceroulas e meias e guardou-as na gaveta, depois pendurou suas três camisas e dois pares de calças, junto com seu terno e gravata, no estreito guarda-roupa. Enfiou um livro no bolso e saiu para explorar a cidade.



A última obrigação de Tom Sherbourne em Partageuse era jantar com o capitão do porto e sua mulher. O capitão Percy Hasluck era responsável por todas as chegadas e partidas do porto, e era de praxe para qualquer novo vigia do farol de Janus Rock ser convidado para jantar com ele antes de partir para a ilha.

Tom tomou banho e se barbeou novamente à tarde, passou brilhantina nos cabelos, abotoou o colarinho e vestiu o terno. O sol dos dias anteriores havia sido substituído por nuvens e um vento cortante que soprava diretamente da Antártica, então ele vestiu seu sobretudo, por via das dúvidas.

Ainda se baseando nas escalas de Sydney, ele havia deixado bastante tempo para percorrer o caminho desconhecido, chegando um pouco cedo ao endereço. Seu anfitrião recebeu-o com um largo sorriso e, quando Tom se desculpou por sua chegada prematura, a “Sra. Capitão Hasluck”, como seu marido se referia a ela, bateu palmas e disse:

– Ora veja, sr. Sherbourne! Não tem que se desculpar por nos agraciar prontamente com sua presença, especialmente quando trouxe flores tão bonitas. – Ela inalou o perfume das rosas extemporâneas que Tom negociara para colher, mediante uma taxa, do jardim da sra. Mewett. Ergueu os olhos para ele de seu ponto de observação consideravelmente mais baixo. – Nossa! Você é quase

tão alto quanto o próprio farol! – exclamou, rindo de seu próprio gracejo.

O capitão pegou o casaco e o chapéu de Tom e disse:

– Entre, vamos para a sala.

Ao que sua mulher imediatamente ajuntou:

– Disse a aranha à mosca!

– Ah, esta mulher tem um espírito humorístico – exclamou o capitão. Tom receou que aquela fosse ser uma longa noite.

– Bem, aceita um xerez? Ou um Porto? – ofereceu ela.

– Tenha piedade e traga uma cerveja para o pobre coitado, sra. Capitão – o marido disse com uma risada. Deu um tapa nas costas de Tom. – Sente-se e conte-me tudo a seu respeito, meu jovem.

Tom foi salvo pela campainha.

– Com licença – disse o capitão Hasluck.

Do final do corredor, Tom ouviu:

– Cyril. Bertha. Que bom que puderam vir. Deixe-me guardar seus chapéus.

Quando a sra. Capitão retornou à sala de visitas com uma garrafa de cerveja e copos em uma bandeja de prata, ela disse:

– Pensamos em convidar alguns conhecidos, só para apresentá-lo a algumas pessoas do local. É um lugar muito amistoso, Partageuse.

O capitão fez os novos convidados entrarem, um casal circunspecto, constituído do roliço presidente do Conselho das Estradas Locais, Cyril Chipper, e sua mulher, Bertha, alta e magra como um caniço.

– Bem, o que acha das estradas aqui? – desfechou Cyril assim que foram apresentados. – Não precisa ser educado, veja bem. Comparadas a outras do leste, como as classificaria?

– Oh, deixe o pobre homem em paz, Cyril – disse a mulher. Tom ficou agradecido não só por essa intervenção como pela campainha, que tocou outra vez.

– Bill. Violet. Que bom revê-los – disse o capitão ao abrir a porta de entrada. – Ah, e *você* está mais bonita a cada dia, minha jovem.

Ele conduziu à sala de visitas um homem maciço, com suíças grisalhas e sua mulher, robusta e afoguada.

– Este é Bill Graysmark, sua mulher, Violet, e sua filha... – Virou-se. – Aonde ela foi? De qualquer modo, há uma filha aqui em alguma parte, logo ela virá, espero. Bill é o diretor da escola aqui em Partageuse.

– Prazer em conhecê-lo – disse Tom, cumprimentando o homem com um aperto de mão e balançando a cabeça educadamente para a mulher.

– Bem – disse Bill Graysmark –, acha que está à altura de Janus, então?

– Logo saberei – respondeu Tom.

– É um lugar desolado, você sabe.

– Foi o que me disseram.

– Não há estradas em Janus, é claro – acrescentou Cyril Chipper.

– Hã, bem, não – Tom disse.

– Não sei se posso gostar de um lugar que não tem nenhuma estrada – Chipper prosseguiu, em um tom que deixava subentendido que havia implicações morais.

– Nenhuma estrada é o menor de seus problemas, filho – retorquiu Graysmark.

– Papai, pare com isso, sim? – A filha até agora ausente entrou quando Tom estava de costas para a porta. – A última coisa que o pobre homem precisa é de suas histórias escabrosas.

– Ah! Eu disse a vocês que ela ia aparecer – disse o capitão Hasluck. – Esta é Isabel Graysmark. Isabel, apresento-lhe o sr. Sherbourne.

Tom levantou-se para cumprimentá-la e seus olhos se encontraram, reconhecendo-se. Ele estava prestes a fazer uma referência a gaivotas, mas ela o silenciou:

– Prazer em conhecê-lo, sr. Sherbourne.

– Tom, por favor – ele disse, especulando que talvez não se esperasse que ela passasse as tardes atirando farelos de pão aos

pássaros, afinal. E ele imaginou que outros segredos se escondessem atrás do seu sorriso travesso.

A noite transcorreu muito bem, com os Hasluck contando a Tom a história do distrito e a construção do farol, na época do pai do capitão.

– Muito importante para o comércio – o capitão do porto assegurou-lhe. – O Oceano Antártico já é traiçoeiro na superfície, quanto mais com essa cadeia de montanhas submersas. O transporte seguro é a chave dos negócios, todos sabem disso.

– Claro, a verdadeira base do transporte seguro são estradas seguras – Chipper recomeçou, prestes a se lançar em outra variação de seu único assunto de conversa. Tom tentava se mostrar educadamente atento, mas era distraído pelo canto do olho por Isabel. Sem ser vista pelos outros, graças ao ângulo de sua cadeira, ela começara a fazer expressões de fingida seriedade aos comentários de Cyril Chipper, com uma pequena pantomima que acompanhava cada observação.

A performance continuou, com Tom esforçando-se para manter o rosto impassível, até que finalmente deixou escapar uma sonora risada, que ele rapidamente converteu em um acesso de tosse.

– Você está bem, Tom? – perguntou a mulher do capitão. – Vou buscar um pouco de água para você.

Tom não conseguia erguer os olhos e, ainda tossindo, disse:

– Obrigado. Eu a acompanho. Não sei o que me fez engasgar.

Quando Tom se levantou, Isabel se manteve impassível e disse:

– Quando ele voltar, tem que contar a Tom tudo sobre como abre estradas com o *jarrah*, sr. Chipper. – Virando-se para Tom, ela disse: – Não demore. O sr. Chipper é cheio de histórias interessantes – e sorriu inocentemente, apenas com um ligeiro tremor dos lábios quando seus olhos encontraram os de Tom.

Quando a reunião terminou, os convidados desejaram boa sorte a Tom em sua estadia em Janus.

– Você parece talhado para a função – Hasluck disse, e Bill Graysmark balançou a cabeça, concordando.

– Obrigado. Foi um prazer conhecer todos vocês – Tom disse, cumprimentando os homens com um aperto de mão e um sinal da cabeça para as mulheres. – E obrigado por me garantir uma introdução completa à construção de estradas na Austrália Ocidental – ele disse em voz baixa a Isabel. – Pena que não vou ter oportunidade de retribuir a gentileza. – E o pequeno grupo se dispersou na noite fria.

## ☞ CAPÍTULO 3 ☞

O *WINDWARD SPIRIT*, o barco mercante para todas as estações de farol ao longo dessa parte da costa, era uma velha banheira, mas confiável como um cão pastor, segundo Ralph Addicott. O velho Ralph, que comandava a embarcação havia muito tempo, sempre se gabava de que ele tinha o melhor emprego do mundo.

– Ah, você deve ser Tom Sherbourne. Bem-vindo ao meu barco de passeio! – saudou, gesticulando para os deques de madeira e a pintura descascada pelo sal, quando Tom subiu a bordo antes do amanhecer para sua primeira viagem a Janus Rock.

– Prazer em conhecê-lo – retribuiu Tom, apertando-lhe a mão. O motor estava ligado e os vapores de diesel encheram seus pulmões. Não estava mais quente na cabine do que no frio cortante do lado de fora, mas ao menos ela abafava os uivos do vento.

Uma cabeleira de cachinhos ruivos emergiu pela escotilha nos fundos da cabine.

– Acho que estamos prontos, Ralph. Já está tudo preparado – disse o rapaz a quem ela pertencia.

– Bluey, este é Tom Sherbourne – disse Ralph.

– Bom-dia – respondeu Bluey, entrando pela escotilha.

– Bom-dia.

– E por falar em tempo, está um frio do cão! Espero que tenha trazido suas ceroulas de lã. Se está assim aqui, vai estar muito pior em Janus – comentou Bluey, soltando o hálito quente nas mãos.

Enquanto Bluey mostrava as dependências do barco a Tom, o arrais repassava as últimas providências. Deu uma limpada no vidro embaçado de água e sal com um trapo de uma velha bandeira, depois gritou:

– As cordas estão prontas agora, rapaz. Preparar para zarpar. – Ele abriu o acelerador. – Ande, menina, lá vamos nós – murmurou,

para persuadir a embarcação a sair de seu atracadouro.

Tom estudou o mapa na mesa de cartas marítimas. Mesmo ampliado nessa escala, Janus não passava de um pontinho nos baixios ao largo da costa. Ele fixou os olhos na vastidão de mar à sua frente e inspirou o ar denso de sal, sem olhar para trás, para o litoral, e não correr o risco de mudar de ideia.

Conforme as horas transcorriam, a água aprofundou-se abaixo deles, sua cor assumindo uma aparência sólida. De vez em quando, Ralph apontava algo de interesse – uma águia-pescadora ou um bando de golfinhos brincando na proa do barco. Uma vez, viram a chaminé de um navio a vapor, bem na linha do horizonte. Periodicamente, Bluey emergia da cozinha para distribuir chá em canecas esmaltadas velhas e lascadas. Ralph contou a Tom histórias de tempestades violentas e grandes dramas da Lights naquela parte da costa. Tom falou um pouco da vida em Byron Bay e na ilha Maatsuyker, a milhares de quilômetros para o leste.

– Bem, se você sobreviveu a Maatsuyker, provavelmente sobreviverá a Janus. Provavelmente – disse Ralph. Consultou o relógio. – Por que não tira uma soneca enquanto pode? Ainda temos uma boa distância a percorrer, rapaz.

Quando Tom reemergiu do beliche embaixo, Bluey falava em voz baixa com Ralph, que sacudia a cabeça.

– Só quero saber se é verdade. Perguntar não faz mal, não é? – Bluey dizia.

– Perguntar-me o quê? – quis saber Tom.

– Se... – Bluey olhou para Ralph. Dividido entre sua própria ansiedade e a carranca de Ralph, ele corou e calou-se.

– Tudo bem. Não é da minha conta – Tom disse, e olhou para o mar, que agora se tornara cinza-escuro, conforme a onda crescia ao redor da embarcação.

– Eu era muito novo. Minha mãe não me deixou mentir sobre a idade e me alistar. É só que eu ouvi dizer...

Tom olhou para ele, as sobrancelhas arqueadas numa expressão interrogativa.

– Bem, disseram que você ganhou a Cruz Militar e Barra – Bluey falou de uma só vez. – Disseram-me que estava escrito nos seus papéis de dispensa... para o posto em Janus.

Tom manteve os olhos na água. Bluey ficou cabisbaixo, depois envergonhado.

– Quero dizer, estou muito orgulhoso de poder dizer que apertei a mão de um herói.

– Um pedaço de metal não torna ninguém um herói – Tom retrucou. – Muitos dos homens que realmente merecem medalhas já não estão mais aqui. Não me preocuparia muito com isso se fosse você, rapaz – ele disse, virando-se para se debruçar sobre a carta de navegação.

– Lá está ela! – Bluey exclamou, entregando o binóculo a Tom.

– Lar, doce lar, pelos próximos seis meses – Ralph disse com uma risadinha.

Tom olhou através das lentes para a massa de terra que parecia emergir da água como um monstro marinho. O penhasco em um dos lados assinalava o ponto mais alto, de onde a ilha inclinava-se suavemente para baixo até atingir a praia do lado oposto.

– O velho Neville vai ficar feliz em nos ver – Ralph disse. – Ele não gostou de ser arrastado de sua aposentadoria pela emergência de Trimble, isso eu posso garantir. Ainda assim, uma vez faroleiro... Não há nenhum homem no Serviço que deixaria um farol desassistido, por mais que se queixe. Mas vou lhe avisar, ele não é o sujeito mais bem-humorado do mundo. Também não é de muita conversa, Neville Whittnish.

O píer estendia-se por uns trinta metros da linha da praia, construído bem alto, para resistir às marés mais altas e às tempestades mais violentas. A talha, o massame e demais equipamentos já estavam armados, prontos para içar os suprimentos pela subida íngreme até as construções anexas ao farol. Um homem

carrancudo, austero, de 60 e tantos anos, esperava-os quando atracaram.

– Ralph. Bluey – ele disse com um rápido sinal da cabeça. – Você é o substituto – foi sua recepção a Tom.

– Tom Sherbourne. Prazer em conhecê-lo – Tom respondeu, estendendo a mão.

O velho Neville olhou para ela distraidamente por um instante até se lembrar do que o gesto significava e deu-lhe um puxão decisivo, como se testasse para ver se o braço iria sair do tronco.

– Por aqui – ele disse, e sem esperar que Tom pegasse suas coisas, começou a subir penosamente para a estação do farol. Era começo de tarde e após tantas horas no movimento das ondas, Tom precisou de um instante para sentir a terra firme outra vez, antes de pegar seu saco de viagem e seguir o vigia tropeçadamente, enquanto Ralph e Bluey preparavam-se para descarregar os suprimentos.

– Casa do faroleiro – disse Whittnish quando se aproximaram de uma construção pequena e baixa, com telhado de folhas de flandres. Um trio de grandes tanques para recolhimento de água da chuva enfileirava-se atrás da casa, ao lado de uma série de construções anexas para guardar provisões e suprimentos para a casa e o farol.

– Pode deixar sua sacola no corredor – ele disse, ao abrir a porta da frente. – Temos muita coisa a repassar. – Ele girou nos calcanhares e dirigiu-se diretamente para a torre do farol. Ele podia ser velho, mas movia-se como um cão de corrida.

Posteriormente, quando falava do farol, a voz do sujeito mudou, como se falasse de um cão fiel ou de uma rosa favorita.

– É lindo, ainda, depois de tantos anos – comentou.

A torre branca de pedra destacava-se contra o céu de ardósia como um bastão de giz. Tinha quarenta metros de altura, perto do penhasco no ápice da ilha, e Tom ficou impressionado não só pela altura bem maior do que a dos faróis em que trabalhara, como por sua delgada elegância.

Atravessando sua porta verde, era mais ou menos como ele esperava. O espaço podia ser cruzado com algumas passadas e o som de seus passos ricocheteava como balas perdidas do assoalho

pintado de verde esmaltado e das paredes curvas, caiadas de branco. As poucas peças de mobília – dois armários de suprimentos, uma mesa pequena – eram curvas na parte de trás para se acomodarem à estrutura redonda, de modo que se ajustavam contra a parede como corcundas. Bem no centro, ficava o grosso cilindro de ferro que se elevava até à sala da lanterna e abrigava os pesos para o mecanismo de relojoaria responsável pela rotação do farol.

Uma escada de não mais de sessenta centímetros de largura começava uma espiral de um dos lados da parede e desaparecia no metal sólido do patamar acima. Tom seguiu o velho faroleiro até o nível seguinte, mais estreito, onde a espiral continuava da parede oposta até o andar de cima; e assim por diante, até chegarem ao quinto andar, logo abaixo da sala da lanterna – o coração administrativo do farol. Ali na sala do faroleiro havia uma escrivaninha com livros de registros, o equipamento de Morse, o binóculo. Claro, era proibido ter ali uma cama ou qualquer mobília na torre do farol em que uma pessoa pudesse se reclinar, mas havia ao menos uma cadeira de espaldar reto, os braços lisos pelo desgaste do uso por gerações de mãos ásperas.

O barômetro precisava de um polimento, Tom observou, antes de seu olhar ser atraído por algo deixado ao lado das cartas marítimas. Era um novelo de lã com agulhas de tricô espetadas nele, e o que parecia o começo de um cachecol.

– É do velho Docherty – disse Whittnish com um sinal da cabeça.

Tom sabia da variedade de atividades a que os faroleiros se dedicavam para passar os momentos tranquilos em serviço: esculpir ossos de baleia e conchas; fazer peças de xadrez. Tricotar era bem comum.

Whittnish repassou rapidamente o diário de registro e as observações sobre as condições meteorológicas, depois conduziu Tom ao farol propriamente dito, no andar superior seguinte. O revestimento vitrificado da sala do farol só era interrompido pelo entrelaçado das molduras que mantinham os painéis ópticos no lugar. Do lado de fora, a galeria de metal circundava a torre e uma

escada arriscada arqueava-se contra a cúpula, até o estreito passadiço circular logo abaixo do cata-vento.

– É muito bonito – Tom disse, examinando as lentes gigantescas, muito mais altas do que ele, no topo do pedestal giratório: um palácio de prismas como uma colmeia de vidro. Era o verdadeiro coração de Janus, todo de luz, claridade e silêncio.

Um sorriso quase imperceptível cruzou os lábios do velho vigia ao dizer:

– Eu o conheço desde garoto. Ah, sim, é muito bonito.



Na manhã seguinte, Ralph estava no píer.

– Quase pronto para a partida. Quer que a gente traga todos os jornais que você perdeu na próxima viagem?

– Já não é mais notícia se é de um mês atrás. Prefiro economizar meu dinheiro e comprar um bom livro – Tom retrucou.

Ralph olhou à sua volta, verificando se tudo estava em ordem.

– Bem, então é isso. Não pode mais mudar de ideia agora, filho.

Tom deu uma risada pesarosa.

– Acho que você tem razão nisso, Ralph.

– Estaremos de volta antes que você se dê conta. Três meses não é nada, se você não estiver ansioso!

– Trate bem do farol e ele não lhe dará nenhum problema – Whittnish disse. – Tudo de que precisa é paciência e um pouco de bom senso.

– Farei o melhor possível – Tom disse. Em seguida, virou-se para Bluey, que se preparava para desamarrar os cabos do barco.

– Eu o vejo daqui a três meses então, Bluey?

– Pode apostar.

O barco se afastou, agitando a água em seu rastro e enfrentando o vento com um ronco surdo. A distância pressionou-o cada vez mais para dentro do horizonte como se um polegar o empurrasse para dentro de uma pasta cinzenta até ele sumir completamente.

Então, um momento de quietude. De silêncio, não: as ondas ainda arrebatavam nas rochas, o vento uivava em seus ouvidos e uma porta aberta de um dos galpões de armazenagem batia com uma cadência furiosa. Mas alguma coisa dentro de Tom tranquilizou-se pela primeira vez em anos.

Ele subiu até o topo do rochedo e parou. O sino de uma cabra soou; duas galinhas brigaram. Repentinamente, esses sons pontuais adquiriram uma nova importância: sons de coisas vivas. Tom subiu os cento e oitenta e quatro degraus até a sala da lanterna e abriu a porta para a galeria. O vento atacou-o como um predador, jogando-o para trás no vão da porta até ele conseguir reunir forças para se lançar para fora e agarrar o corrimão de ferro.

Pela primeira vez, ele assimilou a escala da vista. A centenas de metros acima do nível do mar, ficou fascinado com a queda até o oceano que se chocava contra os rochedos diretamente abaixo. A água borrifava como tinta branca, leitosa, a espuma ocasionalmente raspada o suficiente para revelar uma camada azul-marinho embaixo. Na outra ponta da ilha, uma fileira de enormes rochas criava um quebra-mar e deixava a água em seu interior tranquila como a de uma banheira. Ele tinha a impressão de estar pendurado do céu, e não se erguendo da Terra. Muito devagar, ele fez um círculo completo pela galeria, assimilando o vazio de tudo aquilo. Parecia que seus pulmões jamais poderiam ser suficientes para absorver tanto ar, seus olhos jamais conseguiriam ver tanto espaço, nem ele poderia ouvir em toda a sua extensão o rugido do oceano.

Piscou e sacudiu a cabeça energicamente. Estava perto de uma vertigem e, para se refazer, ele não prestou nenhuma atenção aos batimentos de seu coração, mas aos seus pés no chão e aos calcanhares nas botas. Empertigou-se o máximo possível. Escolheu um ponto na porta da torre – uma dobradiça que havia se soltado – e resolveu começar por ali. Algo concreto. Tinha que se voltar para algo sólido, porque, se não o fizesse, quem sabe para onde sua mente ou sua alma poderia ser levada, como um balão sem lastro. Essa era a única coisa que lhe permitira atravessar quatro anos de sangue e loucura: saber exatamente onde está sua arma quando

cochila por dez minutos em sua trincheira; sempre verificar sua máscara de gás; assegurar-se de que seus homens entenderam suas ordens ao pé da letra. Não se pensa à frente, em meses ou anos: você pensa nesta hora, e talvez na seguinte. Qualquer outra coisa é especulação.

Tom levantou o binóculo e vasculhou a ilha em busca de mais sinais de vida: ele precisava ver as cabras, as ovelhas; contá-las. Apegar-se ao concreto. Aos equipamentos de bronze que precisavam ser polidos, aos vidros que tinham que ser limpos – primeiro o vidro externo da lanterna, depois os próprios prismas. Colocar petróleo para manter as engrenagens funcionando suavemente, completar o nível de mercúrio para que o farol flutuasse. Agarrou-se a cada pensamento como ao degrau de uma escada pela qual se içar de volta ao conhecido; de volta a esta vida.



Naquela noite, quando acendeu o lampião, moveu-se tão devagar e cuidadosamente quanto um dos sacerdotes deve ter feito há milhares de anos antes, no primeiro farol em Pharos. Galgou a minúscula escada de metal que levava ao deque interno ao redor do próprio foco de luz, agachou-se para passar pela abertura e entrou no mecanismo do farol. Ele preparou o petróleo acendendo uma chama sob seu prato de modo que ele vaporizasse e atingisse o manto como gás. Em seguida, levou um fósforo ao manto, que transformou o vapor em um fulgor branco. Ele desceu ao patamar inferior e acionou o motor. A luz começou a girar com o ritmo exato, regular, do clarão de cinco em cinco segundos. Ele pegou a caneta e escreveu no livro de registros grande, de capa de couro: *Aceso às 17:09. Vento N/NE 15 nós. Nublado, tempestuoso. Mar 6.* Em seguida, acrescentou suas iniciais – *T.S.* Sua caligrafia assumiu do ponto onde Whittnish tinha parado havia apenas algumas horas e Docherty antes disso – ele agora fazia parte da ininterrupta cadeia de vigias dando testemunho sobre o farol.

Quando ficou satisfeito de que tudo estava em ordem, voltou à pequena casa do faroleiro. Seu corpo ansiava por dormir, mas ele sabia muito bem que, se você não come, não consegue trabalhar. Na despensa ao lado da cozinha, latas de carne, ervilhas e peras em conserva empilhavam-se nas prateleiras, ao lado de sardinha, açúcar e um grande vidro de puxa-puxa de menta, de que a falecida sra. Docherty era sabidamente fã. Para o jantar de sua primeira noite, ele cortou um bom pedaço do pão sem fermento que Whittnish havia deixado, um pedaço de queijo e uma maçã murcha.

Na mesa da cozinha, a chama do lampião a petróleo bruxuleava de vez em quando. O vento continuava sua antiga vendeta contra as janelas, acompanhado pelo estrondo líquido das ondas. Tom sentiu um estremecimento ao recordar que ele era o único a ouvir qualquer desses barulhos: o único homem em cem milhas em qualquer direção. Pensou nas gaivotas aninhadas em seus rijos lares nos rochedos, nos peixes movendo-se silenciosamente na segurança dos recifes, protegidos pela água gelada. Toda criatura precisa de seu lugar de refúgio.

Tom levou o lampião para o quarto. Sua sombra pressionou-se contra a parede, um gigante achatado, enquanto ele tirava as botas e as roupas, ficando apenas de ceroulas. Seus cabelos estavam grossos de sal e a pele áspera do vento. Puxou os lençóis e entrou na cama, caindo em sonhos, conforme seu corpo guardava o balanço das ondas e do vento. Durante toda a noite, muito acima dele, a luz do farol montou guarda, cortando a noite como uma espada.

## ☞ CAPÍTULO 4 ☞

**D**EPOIS DE EXTINGUIR A LUZ toda manhã ao nascer do sol, Tom parte para explorar outra parte de seu novo território antes de iniciar o trabalho do dia. O lado norte da ilha é um penhasco de puro granito que lança sua mandíbula rigidamente contra o oceano embaixo. A terra se inclina em acentuado declive para o sul e desliza suavemente para baixo das águas rasas da laguna. Ao lado de sua pequena praia fica a roda d'água, que leva água potável da fonte para cima, até a casa: do continente, por todo o leito do oceano até a ilha e além dela, há fissuras de onde misteriosamente brota água potável. Quando os franceses descreveram o fenômeno no século XVIII, isso foi descartado como sendo um mito. Mas como previsto, foi encontrada água potável em várias partes do oceano, como um truque mágico pregado pela natureza.

Ele começa a moldar sua rotina. O regulamento requer que todo domingo ele hasteie a bandeira, e é o que ele faz, logo cedo. Ele também a hasteia quando qualquer navio de guerra, como determinam as regras, passa pela ilha. Ele conhece faroleiros que xingam baixinho diante dessa obrigação, mas Tom encontra consolo na ordem e na disciplina do ato. É um luxo fazer algo que não tem nenhum objetivo prático: o luxo da civilização.

Ele começa a consertar coisas que se escangalharam desde a decadência de Trimble Docherty. O mais importante é o farol propriamente dito, que precisa de massa de vidraceiro nos caixilhos dos painéis de vidro da lanterna. Em seguida, ele pega pó de pedra e lixa a madeira da gaveta da escrivaninha onde ela inchou com a umidade e lustra com uma escova macia. Ele remenda a pintura verde nas plataformas onde está gasta ou já desapareceu: ainda vai demorar muito até uma equipe vir pintar toda a estação.

A aparelhagem reage à sua atenção: o vidro cintila, os metais brilham e o farol gira em seu banho de mercúrio tão suavemente quanto uma *skua* plainando nas correntes de ar. De vez em quando, ele consegue descer às rochas para pescar ou caminhar ao longo da praia arenosa da laguna. Ele faz amizade com o casal de lagartos pretos que reside no barracão de lenha e de vez em quando lhes dá um pouco da ração das galinhas. Ele raciona a comida: não verá o barco de suprimentos antes de alguns meses.

É um trabalho árduo, e intenso. Os faroleiros não têm sindicato, ao contrário dos homens nos barcos mercantes – ninguém faz greve por melhores salários ou condições de trabalho. Os dias podem deixá-lo dolorido ou exausto, preocupado com o aspecto de uma tormenta entrando a galope ou frustrado pelo efeito arrasador das chuvas de granizo nas verduras da horta. Mas se não pensar muito nisso, ele sabe quem é e qual sua função. Só precisa manter o farol aceso. Nada mais.



O rosto de Papai Noel, de bochechas rosadas e suíças, deu um largo sorriso.

– Bem, Tom Sherbourne, como está sobrevivendo?

Ralph não esperou uma resposta antes de atirar-lhe a grossa corda molhada para amarrar em volta da estaca de amarração. Tom parecia melhor após três meses do que qualquer outro faroleiro que o arrais conhecesse.

Tom estava esperando suprimentos para o farol e não pensara muito na nova remessa de comida que seria entregue. Ele também se esquecera de que a embarcação traria correspondência, e ficou surpreso quando, ao final do dia, Ralph lhe entregou alguns envelopes.

– Quase me esqueci – ele disse.

Havia uma carta do chefe distrital do Serviço de Faróis, retrospectivamente confirmando sua reunião e condições. Uma carta

do Departamento de Repatriação especificava certos benefícios recentemente concedidos a ex-combatentes, inclusive pensão por incapacidade ou um empréstimo comercial. Nenhum dos dois aplicava-se a ele, então abriu a carta seguinte, um extrato do Banco da Comunidade Britânica confirmando que ele ganhara quatro por cento de juros nas quinhentas libras que havia em sua conta. Deixou para o fim o envelope endereçado à mão. Não conseguia pensar em ninguém que fosse lhe escrever, e temia que pudesse ser algum bom samaritano enviando-lhe notícias de seu irmão ou de seu pai.

Abriu-a. *“Caro Tom, pensei em escrever-lhe e verificar se você não foi levado pelos ventos, varrido para o mar ou algo assim. E que a falta de estradas não está lhe causando muitos problemas...”* Saltou o resto para ver a assinatura: *“Atenciosamente, Isabel Graysmark.”* O ponto principal do miolo da carta era que ela esperava que ele não estivesse se sentindo muito solitário ali e que ele não deveria deixar de passar pela casa deles e cumprimentá-los antes de partir para onde quer que pretendesse ir após a estada em Janus. Ela ilustrara a carta com um pequeno desenho de um faroleiro apoiado na torre de seu farol, cantarolando, enquanto atrás dele uma baleia gigante emergia da água, as mandíbulas abertas. Ela ainda havia acrescentado: *“Cuidado para não ser devorado por uma baleia antes disso.”*

Isso fez Tom sorrir. O absurdo do desenho. Mais do que isso, a sua inocência. De algum modo, sentiu o corpo mais leve só de segurar a carta na mão.

– Pode esperar um segundo? – perguntou a Ralph, que arrumava os apetrechos para a viagem de volta.

Tom correu para sua escrivaninha em busca de papel e caneta. Sentou-se para escrever, antes de perceber que não tinha a menor ideia do que iria dizer. Não queria dizer nada: apenas lhe mandar um sorriso.

*Cara Isabel,*

*Não fui levado pelo vento nem varrido (mais longe ainda) para o mar, felizmente. Tenho visto muitas baleias, mas nenhuma tentou me devorar até agora: provavelmente não sou muito apetitoso.*

*Estou indo bastante bem, de um modo geral, e lidando adequadamente com a falta de estradas. Espero que você esteja mantendo os pássaros locais bem alimentados. Aguardo ansiosamente a oportunidade de revê-la antes de deixar Partageuse para – quem sabe onde? – dentro de três meses.*

Como deveria assiná-la?

– Já está pronto? – Ralph gritou.

– Quase – ele respondeu, e escreveu "*Tom*". Selou e endereçou o envelope, em seguida entregou-o ao arrais. – Poderia enviá-la para mim?

Ralph olhou o endereço e deu uma piscadela.

– Vou entregá-la pessoalmente, tenho que passar por este lugar, de qualquer modo.

## ☞ CAPÍTULO 5 ☞

**A**O CABO DE SEIS MESES, Tom deliciou-se com os prazeres da hospitalidade da sra. Mewett outra vez, por uma razão inesperada: a vaga de Janus se tornara permanente. Longe de recuperar a sanidade mental, Trimble Docherty perdera a pouca que tinha e se atirara de um enorme penhasco de granito em Albany conhecido como a Fenda, aparentemente convencido de que estava saltando sobre um barco comandado por sua amada esposa. Assim, Tom fora convocado à terra firme para discutir o cargo, preencher a papelada e tirar uma pequena licença antes de assumir o posto. A essa altura, ele já provara ser tão capaz que Fremantle não se deu ao trabalho de procurar outra pessoa para preencher o cargo.

– Nunca subestime a importância da mulher certa – o capitão Hasluck dissera quando Tom estava prestes a deixar seu escritório. – A velha Moira Docherty podia cuidar do farol sozinha, tanto tempo estava com Trimble. É preciso um tipo especial de mulher para viver na Lights. Quando encontrar a mulher certa, é melhor agarrá-la rapidamente. Mas, veja bem, terá que esperar um pouco agora...

No caminho de volta para a casa da sra. Mewett, Tom pensou nas pequenas relíquias no farol – o tricô de Docherty, o vidro de puxa-puxa de sua mulher que continuava intocado na despensa. Vidas que se foram, vestígios que restaram. E ele pensou no desespero do sujeito, destruído pela perda. Não era necessária uma guerra para empurrá-lo da beira do abismo.

Dois dias depois de seu retorno a Partageuse, Tom sentava-se empertigado como uma barbatana na sala de visitas dos Graymark, onde ambos os pais vigiavam a filha única como águias a uma franga. Esforçando-se para encontrar temas adequados de conversa, Tom ateu-se às condições do tempo, ao vento, que havia em

abundância, e primos de Graysmark em outras partes da Austrália Ocidental. Foi relativamente fácil desviar a conversa de si mesmo.

Mais tarde, quando Isabel acompanhou-o ao portão, ela perguntou:

– Quanto tempo você tem até voltar?

– Duas semanas.

– Então, é melhor aproveitarmos esse tempo o melhor possível – ela disse, como se encerrasse uma longa discussão.

– É mesmo? – Tom perguntou, tão satisfeito quanto surpreso. Tinha a sensação de estar sendo conduzido para trás de costas.

Isabel sorriu.

– Sim, é isso mesmo. – E do modo como a luz brilhou em seus olhos, ele imaginou que podia ver o seu interior: ver uma claridade, uma franqueza, que o seduziu. – Venha me visitar amanhã. Vou preparar um piquenique. Podemos descer até a beira da baía.

– Eu deveria pedir ao seu pai primeiro, não é? Ou à sua mãe? – Ele inclinou a cabeça para o lado. – Quero dizer, não é uma pergunta indelicada, que idade você tem?

– Idade suficiente para ir a um piquenique.

– E em números comuns isso seria...?

– Dezenove. Por aí. Portanto, pode deixar meus pais comigo – ela disse, e deu-lhe um aceno enquanto voltava para dentro de casa.

Tom partiu de volta para a casa da sra. Mewett com os passos leves. Por que, ele não sabia. Não sabia nada sobre essa jovem, exceto que estava sempre sorrindo, e que alguma coisa dentro dele o fazia se sentir – *bem*.

No dia seguinte, Tom aproximou-se da casa dos Graymark, não tanto nervoso quanto intrigado, sem saber ao certo como estava voltando lá tão depressa.

A sra. Graysmark sorriu ao abrir a porta.

– Muito pontual – anotou ela em alguma lista de verificação invisível.

– Hábitos do Exército... – justificou Tom.

Isabel apareceu com uma cesta de piquenique, que entregou a ele.

– Você está encarregado de levá-la até lá sem quebrar nada – ela disse, virando-se para beijar o rosto da mãe. – Até logo, mãe.

– Mas fique fora do sol. Não vai querer estragar a pele com sardas – disse à filha. Ela lançou um olhar a Tom que transmitia algo mais severo do que palavras. – Divirtam-se. Não voltem muito tarde.

– Obrigado, sra. Graysmark. Não voltaremos tarde.

Isabel os guiou além das poucas ruas que delimitavam o centro da cidade propriamente dita na direção do oceano.

– Onde estamos indo? – Tom perguntou.

– É uma surpresa.

Percorreram a estrada de terra que levava ao promontório, margeada de vegetação cerrada e mirrada em ambos os lados. Não eram as árvores gigantes da floresta a uns dois quilômetros para o interior, mas espécies de arbustos, árvores ressequidas e raquíticas, que conseguiam lidar com o sal e com as rajadas de vento.

– É uma boa caminhada. Não vai ficar cansado, não é? – ela perguntou.

Tom riu.

– Vou conseguir, mesmo sem uma bengala.

– Bem, eu pensei, você não tem muitas distâncias para caminhar em Janus, não é?

– acredite-me, subir e descer as escadas do farol o dia inteiro me mantém em forma. – Ele ainda estava avaliando aquela jovem e sua extraordinária habilidade de desestabilizá-lo um pouco.

As árvores começaram a rarear conforme prosseguiam, e os sons do oceano se intensificaram.

– Imagino que Partageuse lhe pareça terrivelmente maçante, tendo vindo de Sydney – Isabel arriscou.

– Na verdade, não passei tempo suficiente aqui para saber.

– Acho que não. Mas Sydney... Imagino que seja enorme e movimentada e maravilhosa. Muita fumaça.

– Não é nada comparada a Londres.

Isabel corou.

– Oh, não sabia que tinha estado lá. Esta deve ser uma cidade de verdade. Talvez eu a visite um dia.

– Você está melhor aqui, eu diria. Londres é... bem, era bastante sombria sempre que eu estava lá de licença. Cinzenta, lúgubre e fria como um cadáver. Prefiro Partageuse sem dúvida nenhuma.

– Estamos chegando ao lugar mais bonito. Ou ao menos eu considero o mais bonito.

Depois das árvores, surgia um istmo que se lançava bem para dentro do oceano. Era uma faixa de terra árida, longa, com algumas centenas de metros de largura e banhada pelo oceano dos dois lados. – Este é o point de Point Partageuse – Isabel disse. – Meu lugar favorito é lá, à esquerda, onde estão todas as grandes rochas.

Continuaram andando até chegarem ao centro do istmo.

– Deixe a cesta aí e me siga – ela disse, e, sem avisar, tirou os sapatos e saiu correndo para as grandes rochas de granito que desmoronavam na água.

Tom alcançou-a quando ela se aproximava da borda. Embaixo, havia um círculo de rochas, dentro do qual as ondas batiam e giravam em redemoinho. Isabel deitou-se no chão e inclinou a cabeça por cima da borda.

– Escute – ela disse. – Ouça o som que a água faz, como se estivesse em uma caverna ou catedral.

Tom inclinou-se para frente para ouvir.

– Você tem que se deitar – ela disse.

– Para ouvir melhor?

– Não. Para não ser levado por uma onda. Este é um terrível buraco de caverna. Se uma onda grande surgir inesperadamente, você é jogado para dentro das rochas antes que se dê conta.

Tom deitou-se ao lado dela e pendurou a cabeça no espaço, onde as ondas ressoavam, agitavam-se e batiam.

– Me lembra Janus.

– Como é lá? Ouvem-se histórias, mas ninguém jamais vai lá, além do faroleiro e do barco. Ou um médico, certa vez, há anos,

quando um navio inteiro ficou de quarentena por lá, com tifo.

– É... bem, não é como nenhum outro lugar no mundo. É o seu próprio mundo.

– Dizem que o tempo é brutal.

– Tem seus momentos.

Isabel sentou-se.

– Você se sente solitário?

– Fico ocupado demais para me sentir solitário. Sempre tem alguma coisa que precisa ser consertada, verificada ou registrada.

Ela inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse em dúvida, mas deixou passar.

– Você gosta de lá?

– Gosto.

Agora foi a vez de Isabel rir.

– Você não é de muita conversa, não é?

Tom levantou-se.

– Com fome? Deve ser hora do almoço.

Tomou a mão de Isabel e ajudou-a a se levantar. Mão tão pequena, macia, com a palma coberta de uma fina camada de areia. Tão delicada na sua.

Isabel serviu-lhe sanduíches de rosbife e cerveja de gengibre, seguidos de bolo de frutas e maçãs assadas.

– Então, você escreve a todos os faroleiros que vão para Janus?  
– Tom perguntou.

– A todos! Mas não há muitos – respondeu Isabel. – Você é o primeiro novo em anos.

Tom hesitou antes de fazer a pergunta seguinte.

– O que a fez escrever?

Ela sorriu para ele e tomou um gole da cerveja antes de responder.

– Porque é divertido alimentar os pássaros com você? Porque eu estava entediada? Porque eu nunca havia mandado uma carta a um farol antes? – Ela afastou uma mecha de cabelos dos olhos e abaixou os olhos para a água. – Preferia que eu não tivesse escrito?

– Oh, não, eu não estava tentando... Quero dizer... – Tom limpou as mãos no seu guardanapo. Sempre um pouco desestabilizado. Era uma sensação nova para ele.



Tom e Isabel estavam sentados na ponta do píer em Partageuse. Era quase o último dia de 1920 e a brisa tocava melodias fazendo pequenas ondas baterem nos cascos dos barcos e dedilhando as cordas nos mastros. As luzes do porto deixavam rastros na superfície da água e o céu estava crivado de estrelas.

– Mas eu quero saber tudo – Isabel disse, os pés descalços balançando-se acima da água. – Não pode dizer simplesmente “Não há mais nada para contar”. – Ela havia extraído os menores detalhes de sua educação em escola particular e de sua graduação em engenharia pela Universidade de Sydney, mas estava ficando cada vez mais frustrada. – Eu posso lhe contar muita coisa... Minha avó e como ela me ensinou piano, o que eu me lembro de meu avô, apesar de ele ter morrido quando eu era pequena. Posso lhe contar como é ser filha do diretor da escola em um lugar como Partageuse. Posso lhe contar sobre meus irmãos, Hugh e Alfie, e como costumávamos pegar o bote e sair para pescar descendo o rio. – Ela olhou para a água. – Ainda sinto falta daqueles tempos. – Enrolando um cacho de seus cabelos em volta do dedo, ela ficou pensativa, depois respirou fundo. – É como toda... toda uma galáxia esperando que você a descubra. E eu quero descobrir a respeito da sua.

- O que mais você quer saber?
- Bem, sobre sua família, por exemplo.
- Tenho um irmão.
- Posso saber seu nome ou você se esqueceu?
- Não vou esquecê-lo depressa. Cecil.
- E seus pais?
- O que tem os meus pais?

Isabel sentou-se direito e olhou bem dentro dos olhos dele.

- O que será que se passa aí dentro?
  - Minha mãe já morreu. Não mantenho contato com meu pai. – O xale dela escorregara de seu ombro e ele ajeitou-o outra vez. – Está ficando com frio? Quer ir andando de volta?
  - Por que não quer falar sobre isso?
  - Eu lhe conto se fizer questão. É que eu prefiro não fazê-lo. Às vezes, é melhor deixar o passado no passado.
  - Sua família nunca está em seu passado. Você a carrega consigo aonde quer que vá.
  - Infelizmente.
- Isabel empertigou-se.
- Não tem importância. Vamos. Mamãe e papai já devem estar preocupados – ela disse, e voltaram, sérios e calados, pelo píer.

Essa noite, deitado na cama, Tom deixou a mente voltar à infância que Isabel tinha tanto interesse em investigar. Nunca havia de fato conversado sobre isso com ninguém. Mas agora, explorando as lembranças, a dor dilacerante era como correr a língua por cima de um dente quebrado. Podia se ver aos 8 anos, puxando a manga do casaco de seu pai, chorando:

- Por favor! Por favor, deixe-a voltar. Por favor, papai. Eu amo mamãe!

E seu pai afastando sua mão e limpando a manga como se ele a tivesse sujado.

- Nunca mais mencione o nome dela nesta casa. Ouviu, filho?

Depois que seu pai saiu do aposento a passos largos e pesados, o irmão de Tom, Cecil, cinco anos mais velho e naquela ocasião bem mais alto, deu-lhe um safanão na parte de trás da cabeça.

- Eu lhe disse, seu idiota. Eu disse a você para não falar isso. – E saiu seguindo o pai, com a mesma passada, deixando o menino parado no meio da sala. Ele tirou do bolso um lenço de renda, impregnado do cheiro da mãe, e levou-o à face, evitando suas lágrimas e nariz escorrendo. Era o toque do tecido que ele queria, o perfume, não sua utilidade.

Tom relembrou a casa imponente e vazia: o silêncio que amortecia cada aposento com um tom sutilmente diferente; a cozinha cheirando a desinfetante, mantida sempre impecável por uma longa fileira de empregadas domésticas. Lembrou-se daquele cheiro terrível de sabão em flocos Lux, e seu desespero ao ver o lenço, lavado e engomado pela sra. Fulana de Tal, que o descobrira no bolso de seu short e naturalmente o lavara, apagando o cheiro de sua mãe. Ele revistara a casa em busca de algum canto, algum armário que pudesse trazer de volta aquela sua indistinta doçura. Mas mesmo naquele que fora o quarto de dormir de sua mãe, havia apenas cheiro de cera e naftalina, como se seu espírito tivesse finalmente sido exorcizado.



Em Partageuse, sentados no Tea Rooms, Isabel tentou novamente.

– Não estou tentando esconder nada – Tom disse. – É que ficar remoendo o passado é uma perda de tempo.

– E eu não estou tentando bisbilhotar. É só que... você teve toda uma vida, toda uma história, e eu só entrei nela agora. Só estou tentando entender as coisas. Entender você. – Ela hesitou, depois perguntou delicadamente: – Se não posso falar do passado, tenho permissão para falar do futuro?

– Nunca se pode realmente falar do futuro, se pensar bem. Podemos apenas falar do que imaginamos ou desejamos. Não é a mesma coisa.

– Ok, então, o que você *deseja*?

Tom fez uma pausa.

– Vida. Para mim basta, eu acho. – Ele respirou fundo e virou-se para ela. – E você?

– Oh, eu desejo todo tipo de coisas, o tempo todo! – ela exclamou. – Desejo tempo bom para o piquenique de domingo da escola. Desejo, não ria, desejo um bom marido e uma casa cheia de crianças. O som de uma bola de críquete quebrando uma vidraça e o

cheiro de ensopado na cozinha. As meninas entoarão os cânticos de Natal e os meninos jogarão bola... não posso imaginar não ter filhos um dia, você pode? – Ela pareceu afastar-se por um instante antes de dizer: – Claro, eu não iria querer um ainda. – Hesitou. – Não como Sarah.

– Quem?

– Minha amiga, Sarah Porter. Morava no fim da rua. Costumávamos brincar juntas. Ela era um pouco mais velha e sempre tinha que ser a mãe. – Sua expressão se anuviou. – Ela... engravidou, aos 16 anos. Seus pais a enviaram para Perth, fora da vista de todo mundo, e a obrigaram a dar o bebê para um orfanato. Disseram que ele seria adotado, mas ele tinha um pé torto.

“Mais tarde, ela se casou e todos se esqueceram do bebê. Até que um dia, ela me perguntou se eu poderia ir a Perth com ela, visitar o orfanato, em segredo. O “Asilo de crianças”, apenas a alguns passos do próprio asilo de loucos. Oh, Tom, você nunca viu uma ala inteira cheia de bebês sem mãe. Ninguém para amá-los. Sarah não podia deixar escapar nem uma palavra ao seu marido, ele a teria mandado embora. Ele não faz a menor ideia, até hoje. Seu bebê ainda estava lá: tudo que ela podia fazer era olhar. O engraçado é que era eu quem não conseguia parar de chorar. A expressão em seus rostinhos. Realmente me emocionou. É melhor mandar uma criança diretamente para o inferno do que mandá-la para um orfanato.

– Uma criança precisa da mãe – Tom disse, perdido em seus próprios pensamentos.

Isabel disse:

– Sarah mora em Sydney agora. Nunca mais ouvi falar dela.

Naquelas duas semanas, Tom e Isabel encontraram-se todo dia. Quando Bill Graysmark confrontou sua mulher sobre o decoro de todas essas saídas repentinas, ela disse:

– Oh, Bill. A vida é curta. Ela é uma menina sensata e tem opinião própria. Além do mais, há poucas chances hoje em dia de ela conhecer algum homem inteiro, com braços e pernas no lugar. A

cavalo dado... – Ela sabia, também, que Partageuse era pequena. Não havia muito onde pudessem se esconder. Dezenas de olhos e ouvidos iriam reportar o menor sinal de qualquer coisa inconveniente.

Tom ficou surpreso ao ver o quanto ansiava por se encontrar com Isabel. De alguma forma, ela conseguira penetrar suas defesas. Ele gostava de ouvir suas histórias sobre a vida em Partageuse, e também sobre os fatos históricos da cidade; sobre como os franceses escolheram o nome para este lugar entre oceanos porque significava “bom em compartilhar” assim como “dividir”. Ela falou da ocasião em que caiu de uma árvore e quebrou o braço, do dia em que ela e seus irmãos pintaram pontos vermelhos na cabra da sra. Mewett e bateram em sua porta para lhe dizer que o animal estava com sarampo. Contou-lhe serenamente, e com muitas pausas, sobre a morte deles em Somme e de como ela gostaria de fazer seus pais sorrirem novamente.

Mas ele estava preocupado. Esta era uma cidade pequena. Ela era muito mais nova do que ele. Ele provavelmente nunca mais a veria de novo quando voltasse para o farol. Outros sujeitos poderiam querer se aproveitar, mas, para Tom, a ideia de honra era uma espécie de antídoto para algumas coisas que ele vivenciara.

A própria Isabel mal conseguia colocar em palavras o novo sentimento – empolgação, talvez – que ela sentia toda vez que via esse homem. Havia algo misterioso a seu respeito – como se, por trás de seu sorriso, ele ainda estivesse longe dali. Ela queria chegar ao âmago de seu ser.

Se a guerra havia lhe ensinado alguma coisa, era não tomar nada como certo: que não era seguro adiar o que fosse importante. A vida podia arrebatá-las. Ela começou a sentir uma urgência, uma necessidade de agarrar a oportunidade. Antes que outra pessoa o fizesse.



Na noite anterior à sua volta para Janus, eles estavam caminhando ao longo da praia. Embora ainda fosse 2 de janeiro, parecia que fazia anos que Tom pisara pela primeira vez em Partageuse, há seis meses.

Isabel olhou para o mar, onde o sol deslizava pelo céu e afundava nas águas cinzentas na borda do mundo.

– Eu estava pensando se você me faria um favor, Tom.

– Sim. O que é?

– Eu estava pensando – continuou ela, sem diminuir o passo – se você me beijaria.

Tom chegou a pensar que o vento havia embaralhado as palavras e, como Isabel não parou de andar, ele tentou descobrir o que ela poderia ter realmente dito.

Tentou adivinhar.

– Claro que vou sentir sua falta. Mas... posso vê-la na próxima vez que eu estiver de licença?

Ela lançou-lhe um olhar estranho, e ele começou a se preocupar. Mesmo à luz agonizante, ela parecia ruborizada.

– Eu... eu sinto muito, Isabel. Não sou muito bom com palavras... em situações como esta.

– Situações como qual? – ela perguntou, arrasada com a ideia de que aquilo devia ser algo que ele sempre fazia. Uma garota em cada porto.

– Como... despedidas. Eu me sinto bem sozinho. E gosto de um pouco de companhia. É a mudança de uma situação para outra que me perturba.

– Bom, então vou facilitar as coisas para você, está bem? Simplesmente vou embora. Agora mesmo. – Ela girou nos calcanhares e começou a correr de volta pela praia.

– Isabel! Isabel, espere! – Ele correu atrás dela e segurou-a pela mão. – Não queria que você simplesmente partisse assim, sem...

bem, partisse assim desse jeito. E eu *vou* lhe fazer o favor, eu *vou* sentir a sua falta. Você... é muito bom ter você por perto.

– Então, leve-me para Janus.

– O que... Quer viajar comigo até lá?

– Não. Quero morar lá.

Tom riu.

– Meu Deus, você sai com cada uma às vezes!

– Estou falando sério.

– Não pode estar – Tom disse, embora algo em sua expressão lhe dissesse que talvez ela estivesse.

– Por que não?

– Bem, posso lhe dar umas cem razões, sem pensar muito. O mais óbvio é que a única mulher permitida em Janus é a esposa do faroleiro. – Ela não disse nada, então ele inclinou a cabeça mais uma fração, como se isso fosse ajudá-lo a compreender melhor.

– Então, case-se comigo!

Ele pestanejou.

– Izz... eu mal a conheço! Além do mais, eu nem sequer... bem, eu nem sequer beijei você, pelo amor de Deus.

– Até que enfim! – Ela falou como se a solução fosse gritantemente óbvia, e ficou na ponta dos pés para puxar a cabeça dele para ela. Antes que ele se desse conta do que estava acontecendo, já estava sendo beijado, sem muita habilidade, mas com grande força. Desvencilhou-se dela.

– Este é um jogo muito perigoso, Isabel. Não devia andar por aí beijando sujeitos inesperadamente. Não, a menos que seja a sério.

– Mas é a sério!

Tom olhou para ela, seus olhos desafiando-o, seu queixo pequeno empinado com firmeza. Depois que ele atravessasse essa linha, quem sabe onde ele iria parar? Ora, dane-se. Para o inferno com o bom comportamento. Para o inferno com fazer a coisa certa. Ali estava uma bela jovem, suplicando para ser beijada, e o sol já fora embora, as semanas de folga haviam terminado e a esta hora

amanhã ele estaria lá fora no meio do nada. Ele tomou o rosto dela nas mãos e inclinou-se, dizendo:

– Então, é assim que se faz isso.

Beijou-a devagar, deixando o tempo desaparecer. E não se lembrava de nenhum outro beijo que tivesse sido igual.

Finalmente, ele recuou e afastou uma mecha de cabelos de seus olhos.

– É melhor levá-la para casa ou vão mandar tropas atrás de mim.

Passou o braço pelo seu ombro e conduziu-a pela areia.

– Falo a sério, sabe, sobre nos casarmos.

– Você teria que ser maluca para querer se casar comigo, Izz. Não há muito dinheiro em manutenção de faróis. E é um posto terrível para a mulher do faroleiro.

– Eu sei o que quero, Tom.

Ele parou.

– Olhe. Não quero parecer condescendente, Isabel, mas você é... bem, muito mais nova do que eu: faço 28 anos este ano. E imagino que você não tenha saído com muitos rapazes. – Ele teria apostado, por sua tentativa de beijá-lo, que ela não tinha saído com nenhum.

– O que isso tem a ver?

– É só que... bem, não se deixe confundir entre o real e o que você encontra pela primeira vez. Pense melhor. Aposto todo o chá da China que em doze meses você já terá me esquecido completamente.

– Renda-se – disse ela, erguendo-se para beijá-lo outra vez.

## ☞ CAPÍTULO 6 ☞

**E**M DIAS CLAROS DE VERÃO, Janus parece esticar-se na ponta dos pés. Pode-se jurar que está mais alta acima da água em algumas vezes do que em outras, e não somente por causa da subida e da descida das marés. Ela pode desaparecer completamente nas tormentas, encoberta como uma deusa em um mito grego. Ou em névoas marinhas: ar quente carregado de cristais de sal que obstruem a passagem da luz. Se houver incêndio florestal, a fumaça pode chegar àquela distância, levando cinzas espessas e pegajosas que tingem o pôr do sol prodigamente de vermelho e dourado, e recobrem os vidros da sala da lanterna com uma fina camada de fuligem. Por essas razões, a ilha precisa da mais forte e brilhante luz.

Da galeria, o horizonte se estende por quarenta milhas. Tom considera improvável que um espaço tão infindável pudesse existir na mesma época como o solo que foi disputado passo a passo apenas poucos anos antes, onde homens perderam a vida para que alguns metros de lamaçal pudessem ser rotulados como “nosso” em vez de “deles”, apenas para vê-los retomados um dia depois. Talvez a mesma obsessão em rotular tivesse feito os cartógrafos dividir este corpo de água em dois oceanos, apesar de ser impossível tocar um ponto exato em que suas correntes começam a se diferenciar. Dividir. Rotular. Buscar a diversidade. Algumas coisas nunca mudam.

Em Janus, não há nenhuma razão para falar. Tom pode passar meses sem ouvir a própria voz. Ele sabe que alguns faroleiros fazem questão de cantar, como se ligassem um motor para se certificar de que ainda funcionava. Mas Tom encontra liberdade no silêncio. Ele ouve o vento. Ele observa os minúsculos detalhes da vida na ilha.

De vez em quando, como se trazida na brisa, a lembrança do beijo de Isabel flutua para a sua consciência: o toque de sua pele,

sua meiguice. E ele pensa nos anos em que simplesmente não conseguia sequer imaginar que alguém assim pudesse existir. Só de estar ao seu lado fez com que se sentisse de certa forma mais limpo, renovado. No entanto, a sensação o leva de volta à escuridão, de volta à exposição de corpos feridos e membros dilacerados. Dar sentido a isso – esse é o desafio. Testemunhar a morte, sem se deixar alquebrar pelo peso desse testemunho. Não havia nenhuma justificativa para ele ainda estar vivo, sem nenhuma mutilação. De repente, Tom percebe que está chorando. Chora pelos homens abatidos à sua direita e à sua esquerda, quando a morte não tinha nenhuma vontade de agarrá-lo. Ele chora pelos homens que matou.

Na Lights, você tem que registrar cada dia. Anota tudo no livro de registros, relata o que aconteceu, produz provas de que a vida continua. Com o tempo, quando os fantasmas começam a se dissolver no ar puro de Janus, Tom ousa pensar na vida à sua frente – algo que durante anos tem sido muito improvável que se realize. Isabel está lá em seus pensamentos, rindo apesar de tudo, insaciavelmente curiosa a respeito do mundo ao seu redor, disposta a tudo. O aviso do capitão Hasluck ecoa em sua memória enquanto ele se dirige ao barracão de lenha. Depois de escolher uma peça de carvalho-anão, leva-a para a oficina.



*Janus Rock,  
15 de março de 1921*

*Querida Isabel,*

*Espero que esta carta a encontre bem. Eu estou muito bem. Eu gosto daqui. Isso provavelmente soa estranho, mas realmente gosto. A quietude me apraz. Existe algo mágico a respeito de Janus. Não se parece com nenhum lugar onde eu já tenha estado.*

*Gostaria que você pudesse ver o nascer e o pôr do sol aqui. E as estrelas: o céu fica apinhado delas à noite, e é um pouco como observar um relógio, ver as constelações deslizarem pelo céu. É reconfortante saber que elas aparecerão, por pior que tenha sido o dia, por maiores que tenham sido as dificuldades. Isso costumava ajudar na França. Colocava as coisas em perspectiva – as estrelas já estavam lá muito antes de a humanidade existir. Elas simplesmente continuam a brilhar, não importa o que aconteça. Penso neste farol da mesma forma, como uma lasca de uma estrela que caiu na Terra: ele sempre brilha, independentemente do que esteja acontecendo. Verão, inverno, tempestade, tempo bom. As pessoas podem confiar nele.*

*Melhor parar de reclamar. A questão é que estou enviando com esta carta uma caixinha que esculpi para você. Espero que seja útil. Você pode guardar joias, grampos de cabelos ou outra coisa qualquer.*

*A esta altura, você provavelmente já mudou de ideia, e eu só queria dizer que está tudo bem. Você é uma garota maravilhosa e eu apreciei muito o tempo que passamos juntos.*

*O barco vem amanhã, quando entregarei isto a Ralph.*

*Tom*



*Janus Rock,  
15 de junho de 1921*

*Querida Isabel,*

*Escrevo às pressas, já que os rapazes estão se apressando para partir. Ralph me entregou sua carta. Foi bom ter notícias suas. Fico feliz que tenha gostado da caixa.*

*Obrigada pela fotografia. Você está linda, mas não tão atrevida como na vida real. Sei exatamente onde a colocarei na sala da lanterna, de modo que você possa ver lá fora através da janela.*

*Não, não parece tão estranha a sua pergunta. Pensando bem, na guerra conheci muitos colegas que se casaram durante uma licença de três dias na Inglaterra, depois voltaram diretamente para continuar o espetáculo. A maioria achava que podia não ficar neste mundo por muito mais tempo, e provavelmente as garotas também. Com um pouco de sorte, eu serei uma proposição de mais longo prazo, portanto é melhor que você pense bem no assunto. Estou preparado para me arriscar, se você estiver. Posso solicitar uma licença excepcional em terra no fim de dezembro, assim você ainda tem tempo para pensar. Se mudar de ideia, eu entenderei. E se não mudar, prometo que sempre tomarei conta de você e farei tudo que estiver ao meu alcance para ser um bom marido.*

*Seu,*

*Tom*



Os seis meses seguintes passaram lentamente. Antes, não havia nada pelo que aguardar – Tom se acostumara a saudar os dias como fins em si mesmos. Agora, havia uma data de casamento. Havia providências a serem tomadas, permissões solicitadas. Em qualquer tempo livre, ele reexaminava a casa e descobria mais alguma coisa para consertar: a janela da cozinha que não fechava bem; a torneira que precisava da força de um homem para abrir. Do que Isabel iria precisar, ali na ilha? Com o último barco de volta, ele enviou um pedido de tinta para renovar os aposentos; um espelho para a penteadeira; toalhas de banho e de mesa novas; partituras para o decrépito piano – ele nunca o abrira, mas sabia que Isabel gostava

de tocar. Hesitou antes de acrescentar à lista lençóis novos, mais dois travesseiros e um edredom novo.

Quando finalmente o barco chegou para levar Tom de volta para o grande dia, Neville Wittnish saiu a passos largos pelo píer, pronto para substituir Tom em sua ausência.

– Tudo em ordem?

– Espero que sim – respondeu Tom.

Após uma rápida inspeção, Whittnish disse:

– Você sabe como tratar um farol. Devo reconhecer.

– Obrigado – Tom disse, genuinamente comovido com o elogio.

– Pronto, rapaz? – Ralph perguntou quando estavam prestes a partir.

– Só Deus sabe – Tom disse.

– Nunca ouvi algo mais verdadeiro. – Ralph voltou os olhos para o horizonte. – Lá vamos nós, minha beldade, precisamos levar o capitão Sherbourne, condecorado com a Cruz Militar e a Barra, à sua donzela.

Ralph falava com seu barco do mesmo modo que Whittnish se referia ao farol – criaturas vivas, próximas ao coração. As coisas que um homem podia amar, Tom pensou. Ele fixou o olhar na torre. A vida teria mudado muito quando ele tornasse a vê-la. Sentiu uma súbita pontada: Isabel iria amar Janus tanto quanto ele amava? Ela iria entender seu mundo?

## ☞ CAPÍTULO 7 ☞

— **E**STÁ VENDENDO? POR ESTAR tão mais acima do nível do mar, a luz ultrapassa a curva da Terra, alcança além do horizonte. Não o fecho em si, mas o seu fulgor, o seu brilho. — Tom estava atrás de Isabel na galeria do farol, os braços à sua volta, o queixo apoiado em seu ombro. O sol de janeiro espalhava pontos dourados em seus cabelos escuros. Era 1922, e o segundo dia deles sozinhos em Janus. De volta de alguns dias de lua de mel em Perth e diretamente para a ilha.

— É como ver o futuro — Isabel disse. — Você pode ir à frente, a tempo de salvar o navio antes que ele saiba que precisa de ajuda.

— Quanto mais alta a luz e maior o arranjo de lentes, mais longe o fecho de luz ilumina. Este farol tem o maior alcance luminoso que um farol pode ter.

— Nunca estive em um lugar tão alto em toda a minha vida! É como voar! — ela disse, desvencilhando-se dele para dar a volta na torre outra vez. — E como você chama o clarão mesmo? Tem uma palavra...

— O *caráter* da luz. Este farol emite quatro clarões a cada rotação de vinte segundos. Assim, todo navio sabe, pelo clarão de cinco segundos, que este é Janus, e não Leeuwin ou Breaksea ou outro qualquer.

— Como sabem?

— Os navios guardam uma lista dos faróis por onde irão passar em sua rota. Tempo é dinheiro, se você é um arrais. Sempre são tentados a cortar caminho na curva do Cabo, querem ser os primeiros a descarregar e a pegar uma nova carga. Menos dias no mar também economiza no pagamento da tripulação. O farol está aqui para afugentá-los, obrigá-los a não se aventurarem.

Através do vidro, Isabel podia ver as pesadas cortinas pretas da sala da lanterna.

– Para que servem? – perguntou.

– Proteção! A lente não se importa com que luz ela amplia. Se ela pode transformar a pequena chama em um milhão de candelas, imagine o que pode fazer com a luz do sol quando a lente fica parada durante o dia inteiro. Tudo bem se você estiver a dez milhas de distância. Não se você estiver a trinta centímetros. Então, você tem que cobri-la. E se proteger: eu fritaria se entrasse ali durante o dia sem as cortinas. Vamos lá dentro que eu lhe mostro como funciona.

A porta de ferro retiniu atrás deles quando entraram na sala da lanterna e atravessaram a abertura, penetrando no farol propriamente dito.

– Este é um aparelho óptico de primeira ordem, um dos mais poderosos que existem.

Isabel olhou os arco-íris lançados pelos prismas.

– É tão *bonito*.

– A grossa peça de vidro central é o “olho de boi”. Este farol tem quatro, mas você pode ter um número diferente, dependendo do caráter. A fonte luminosa tem que se alinhar exatamente com a altura dela, de modo a ser concentrada pelas lentes.

– E todos os círculos de vidro ao redor dos “olhos de boi”? – Arcos separados de vidro triangular dispunham-se ao redor do centro das lentes como anéis de um alvo do jogo de dardos.

– Os primeiros oito *refratam* a luz: eles a curvam de tal modo que, em vez de ir diretamente para a lua ou para o leito do oceano onde não serviria para ninguém, vai diretamente para o mar: é como se fizessem a luz dobrar uma curva. Os círculos acima e abaixo da barra de metal, está vendo? São catorze. Vão se tornando mais espessos à medida que se afastam do centro: eles *refletem* a luz de volta para baixo, de modo que toda a luz seja concentrada em um único fecho e não se disperse em todas as direções.

– Então, nenhuma luz escapa sem cumprir a sua parte – Isabel disse.

– Pode-se dizer isso. E aqui está a luz propriamente dita – ele disse, indicando um pequeno aparato no suporte de metal bem no centro do espaço, coberto com um invólucro perfurado semelhante a uma tela.

– Não parece grande coisa.

– Não é, agora. Mas esta cobertura de tela é um manto incandescente que faz o petróleo vaporizado fulgurar como uma estrela, quando ampliado. Vou lhe mostrar esta noite.

– Nossa própria estrela! Como se o mundo tivesse sido feito só para nós! Com a luz do sol e o oceano. Nós temos um ao outro só para nós mesmos.

– Acho que a Lights pensa que me tem só para eles – Tom disse.

– Nenhum vizinho enxerido ou parente maçante. – Ela mordiscou a orelha dele. – Só você e eu...

– E os animais. Felizmente, não há cobras em Janus. Algumas ilhas mais abaixo são cheias delas. Mas há uma ou duas aranhas capazes de picar, portanto fique de olhos bem abertos. Há... – Tom estava tendo dificuldades para terminar suas observações sobre a fauna local, uma vez que Isabel não parava de beijá-lo, mordiscando suas orelhas, enfiando as mãos nos seus bolsos de uma forma que tornava difícil pensar, quanto mais falar com coerência. – É uma questão... – ele continuou com dificuldade – séria que estou tentando esclarecer aqui, Izz. Você tem que ter cuidado com – e ele deixou escapar um gemido quando os dedos dela encontraram seu alvo.

– Eu... – ela disse com risinhos. – Sou a coisa mais perigosa nesta ilha!

– Aqui não, Izz. Não no meio do farol. Vamos... – respirou fundo –, vamos descer.

Isabel riu.

– Sim, aqui!

– É propriedade do governo.

– O que... Você vai ter que registrar no diário?

Tom tossiu, embaraçado.

– Tecnicamente... Essas coisas são muito delicadas e custam mais dinheiro do que você ou eu jamais veríamos na vida. Não quero ser eu quem vai ter que inventar uma desculpa para explicar como alguma coisa se quebrou. Venha, vamos descer.

– E se eu não for? – ela o desafiou.

– Bem, acho que eu simplesmente vou ter que – ergueu-a sobre um dos quadris – obrigá-la, querida – ele disse, carregando-a pelas centenas de degraus estreitos.



– Oh, isto aqui é o paraíso! – Isabel declarou no dia seguinte ao olhar para o oceano plácido, azul-turquesa. Apesar dos sombrios avisos de Tom sobre o tempo, o vento declarara uma trégua de boas-vindas e o sol voltara a ser gloriosamente quente.

Ele a levara à laguna, uma ampla e serena piscina azul-escura, com uma profundidade máxima de dois metros em que nadavam agora.

– Ainda bem que você gosta daqui. Só teremos uma licença em terra daqui a três anos.

Ela envolveu-o em seus braços.

– Estou onde quero estar e com o homem com quem quero estar. Nada mais importa.

Tom girou-a suavemente em um círculo enquanto falava.

– Às vezes, alguns peixes descobrem o caminho até aqui através das brechas nas rochas. Você pode pegá-los com uma pequena rede ou até mesmo com as próprias mãos.

– Qual o nome desta laguna?

– Não tem nome.

– Tudo merece um nome, não acha?

Isabel refletiu por um instante.

– Eu, por meio deste, a batizo de “Laguna Paraíso” – ela disse, jogando um bocado de água sobre uma rocha. – Este será meu lugar para nadar.

– De um modo geral, você estará bem segura aqui. Mas fique de olhos abertos, por via das dúvidas.

– O que quer dizer? – Isabel perguntou, patinando na água, sem prestar muita atenção.

– Os tubarões geralmente não conseguem atravessar as rochas, a menos que haja uma maré realmente alta ou uma tempestade ou algo assim, então você provavelmente estará a salvo quanto a isso...

– *Provavelmente?*

– Mas tem que tomar cuidado com outras coisas. Ouriços-do-mar, por exemplo. Cuidado quando estiver andando em rochas submersas, ou os espinhos podem se soltar em seus pés e infeccionar. E arraias se enterram na areia perto da beira d'água; se você pisar na farpa de sua cauda, vai ter problema. Se ela der uma reviravolta e ferroá-la perto do coração... – Ele notou que Isabel ficara silenciosa.

– Você está bem, Izz?

– De certo modo, dá uma sensação diferente quando você começa a falar assim; e nós aqui tão longe de qualquer socorro.

Tom pegou-a nos braços e a carregou até a praia.

– Eu cuidarei de você, querida. Não se preocupe – ele disse com um sorriso. Beijou seus ombros e deitou sua cabeça na areia para beijar seus lábios.



No guarda-roupa de Isabel, além das pilhas de grossas roupas de lã, estavam pendurados alguns vestidos estampados – fáceis de lavar, simples de usar conforme ela cuidava de suas novas tarefas, como alimentar as galinhas ou ordenhar as cabras; colher as verduras ou limpar a cozinha. Quando anda pela ilha com Tom, ela usa um velho par de calças dele, enroladas mais de trinta centímetros na barra e amarradas com um velho cinto de couro, por cima de uma de suas camisas sem colarinho. Ela gosta de sentir o terreno sob seus pés e anda descalça sempre que pode, mas nos rochedos usa sapatos de

lona e sola de borracha para se proteger das pedras. Ela explora as fronteiras de seu novo mundo.

Certa manhã, logo depois de sua chegada, um pouco zozona com a nova liberdade, resolveu ousar.

– O que acha da minha nova aparência? – ela disse a Tom ao levar um sanduíche para ele ao meio-dia na sala do faroleiro, completamente nua. – Acho que não preciso de roupas em um dia bonito como hoje.

Ele ergueu uma das sobrancelhas e sorriu enviesado.

– Muito bonito. Mas logo você vai se cansar disso, Izz. – Enquanto pegava o sanduíche, acariciou seu queixo. – Há algumas coisas que você tem que fazer para sobreviver nos faróis em alto-mar, querida. Manter uma vida normal: comer nas horas certas, virar as páginas do calendário... – ele riu – e manter suas roupas no corpo. acredite-me, amor.

Ruborizada, ela voltou à casa e vestiu várias camadas de roupas – combinação e anágua, vestido largo, cardigã, em seguida calçou um par de galochas e foi desencavar batatas com um vigor excessivo sob o sol forte.



Isabel perguntou a Tom:

– Você tem um mapa da ilha?

Ele sorriu.

– Está com medo de se perder? Você já está aqui há algumas semanas. Basta ir na direção contrária à da água, que vai acabar chegando em casa. E o farol também lhe dá um ponto de referência.

– Eu só quero um mapa. Não tem um por aí?

– Claro que tem. Há cartas marítimas de toda a área, se quiser, mas não sei bem de que serviriam para você. Não há muitos lugares onde possa ir.

– Só faça a minha vontade, caro marido – ela disse, beijando seu rosto.

Mais tarde naquela manhã, Tom surgiu na cozinha com um grande rolo e entregou-o com fingida cerimônia a Isabel.

– Seu desejo é uma ordem, sra. Sherbourne.

– Obrigada – ela respondeu no mesmo tom. – É só isso por enquanto. Pode ir agora.

Um sorriso brincou nos lábios de Tom enquanto esfregava o queixo.

– O que está tramando, senhorita?

– Não interessa!

Nos dias seguintes, Isabel partiu em expedições toda manhã e, à tarde, fechava a porta do quarto, apesar de Tom estar ocupado com seu trabalho.

Certa noite, depois de ter enxugado a louça do jantar, ela foi buscar o rolo e entregou-o a Tom.

– É para você.

– Obrigado, amor – disse Tom, que lia um livro velho e gasto sobre nós de marinheiro. Ele ergueu os olhos rapidamente. – Vou guardá-lo de volta amanhã.

– Mas é para *você*.

Tom olhou para ela.

– Mas é o mapa, não é?

Ela deu um sorriso travesso.

– Você não vai saber enquanto não olhar, não é?

Tom desenrolou o mapa e encontrou-o transformado. Pequenas anotações haviam brotado por todo lado, junto com desenhos coloridos e setas. Seu primeiro pensamento foi de que o mapa era propriedade da Comunidade Britânica e que haveria muito a explicar na próxima inspeção. Novos nomes haviam surgido por toda parte.

– E então? – Isabel perguntou, sorrindo. – Me parecia errado que os lugares não tivessem nome nenhum. Então, eu os batizei.

As enseadas e os penhascos, os rochedos e os relvados, todos exibiam uma caligrafia elegante com que eram nomeados, como a

Laguna Paraíso havia sido: Ponta da Tormenta; Rochedo Traíçoeiro; Praia do Naufrágio; Enseada Pacífica; Mirante de Tom; Penhasco de Izzy; e muitos outros.

– Acho que eu nunca havia pensado nisso como lugares separados. Para mim, tudo é simplesmente Janus – Tom disse, sorrindo.

– São muito diferentes. Cada lugar merece um nome, como os aposentos de uma casa.

Tom raramente pensava na casa em termos de aposentos também. Era apenas “casa”. E algo dentro dele se entristeceu com a dissecação da ilha, a divisão entre o bom e o ruim, o seguro e o perigoso. Preferia pensar na ilha como um todo. Mais ainda, sentiu-se desconfortável com o fato de alguns lugares terem seu nome. Janus não lhe pertencia: ele pertencia a ela, como ele ouvira os nativos falarem de sua terra. Sua função era apenas cuidar dela.

Olhou para sua mulher, que sorria orgulhosamente de sua obra. Se ela queria dar nomes às coisas, provavelmente não haveria nenhum mal nisso. E talvez, um dia, ela viesse a compreender sua maneira de ver a ilha.



Quando Tom recebe convites para reuniões dos antigos colegas de batalhão, ele sempre responde. Sempre envia votos de felicidades e um pouco de dinheiro para a missa. Mas nunca comparece. Bem, trabalhando na Lights, ele não poderia, ainda que quisesse. Algumas pessoas, ele sabe, sentem-se reconfortadas em rever um rosto familiar, recontar uma história. Mas ele não quer fazer parte disso. Ele perdera amigos – homens em quem confiava, com quem lutara, com quem bebera, com quem tremera de frio. Homens que ele compreendia sem dizer nem uma palavra, conhecia como se fossem uma extensão do seu corpo. Ele pensa na linguagem que os unia: palavras que surgiam para dar conta de circunstâncias que ninguém encontrara antes. “Abacaxi”, “pirralho”, “pudim de Natal”: palavras

que nomeavam cada tipo de projétil que podia atingir suas trincheiras. Os piolhos eram “chatos”, a comida era “rango”, e “Pátria” era um ferimento que o faria ser despachado de volta para um hospital na Inglaterra. Imaginou quantos homens ainda podiam falar essa linguagem secreta.

Às vezes, quando acorda ao lado de Isabel, ainda se surpreende, e se sente aliviado, por ela não estar morta. Observa atentamente sua respiração, só para se certificar. Em seguida, encosta a cabeça em suas costas e absorve a maciez de sua pele, o suave subir e descer de seu corpo conforme ela dorme. Para ele, é um milagre nunca visto.

## ☞ CAPÍTULO 8 ☞

— **T**ALVEZ TODOS OS MOMENTOS ruins da minha vida tenham sido apenas um teste para ver se eu a merecia, Izz.

Estavam deitados em um cobertor estendido na grama, três meses após a chegada de Isabel a Janus. A noite de abril ainda estava amena e cravejada de estrelas. Isabel, de olhos fechados, repousava a cabeça no braço de Tom, enquanto ele acariciava seu pescoço.

— Você é a minha outra metade do céu – ele disse.

— Nunca imaginei que você fosse poeta!

— Oh, eu não inventei isso. Li em algum lugar, um poema em latim, talvez. Ou um mito grego? Algo assim, de qualquer modo.

— Você e sua sofisticada educação em escola particular! – ela caçoou.

Era aniversário de Isabel e Tom lhe preparara o café da manhã e o jantar, e ficara observando-a desfazer o laço do enorme gramofone de manivela, que ele conspirara secretamente com Ralph e Bluey para trazer, em compensação pelo piano que ele havia lhe mostrado orgulhosamente quando ela chegou, mas que estava inutilizado pelos anos de abandono. Durante todo o dia, ela ouviu Chopin e Brahms, e agora os acordes de *Messias*, de Handel, soavam da torre do farol, onde haviam colocado o gramofone para que ecoasse em uma câmara de som natural.

— Adoro quando você faz isso – Tom disse, vendo o dedo indicador de Isabel enrolar uma mecha de cabelo em um cacho, soltá-lo e começar outro.

Repentinamente embaraçada, ela disse:

— Oh, mamãe diz que é um mau costume. Ao que parece, sempre fiz isso. Nem percebo. – Tom pegou uma mecha de seus

cabelos e enrolou-a em seu dedo, depois a deixou desenrolar como uma fita.

– Conte-me outro mito – Isabel disse.

Tom refletiu por um instante.

– Você sabe que a palavra janeiro vem de Janus? Refere-se ao mesmo deus que esta ilha. Ele tem duas faces, uma de costas para a outra. Um sujeito bem feio.

– Ele é deus de quê?

– De entradas. Sempre olhando nas duas direções, dividido entre duas maneiras de ver as coisas. Janus olha para frente, para o ano novo, e para o ano velho. Ele vê o passado e o futuro. E a ilha olha na direção de dois oceanos diferentes, para o polo sul e para o Equador.

– Sim, eu sei – Isabel disse. Ela apertou o nariz dele e riu. – Só estava brincando. Adoro quando você me conta histórias. Fale-me mais das estrelas. Onde é mesmo que fica Centauro?

Tom beijou a ponta de seu dedo e estendeu o braço dela até alinhá-lo com a constelação.

– Lá.

– É a sua favorita?

– *Você* é a minha favorita. Melhor do que todas as estrelas juntas.

Ele deslizou para baixo para beijar sua barriga.

– Eu deveria dizer “Vocês dois são meus favoritos”, não é? E se forem gêmeos? Ou trigêmeos?

A cabeça de Tom elevava-se e abaixava-se suavemente com a respiração de Isabel, enquanto permanecia ali deitado.

– Pode ouvir alguma coisa? Ele já está falando com você? – ela perguntou.

– Sim, está dizendo que eu tenho que carregar sua mamãe para a cama antes que a noite fique fria demais. – Ele ergueu a mulher nos braços e levou-a facilmente para casa, enquanto o coro na torre do farol declarava “Porque um menino nos nasceu”.



Isabel sentira um imenso orgulho em escrever para sua mãe com a notícia da esperada chegada.

– Oh, quisera poder... não sei, nadar até lá ou algo assim, só para contar a eles. Esperar pelo barco está me matando! – Beijou Tom e perguntou: – Quer que eu escreva para o seu pai? Seu irmão?

Tom levantou-se e se ocupou com os pratos no corredor.

– Não há necessidade – foi tudo que disse.

Sua expressão, perturbada, mas não com raiva, disse a Isabel que não insistisse no assunto, e delicadamente ela pegou o pano de pratos da mão dele.

– Eu faço isso – ela disse. – Você ainda tem muita coisa para terminar.

Tom tocou em seu ombro.

– Vou trabalhar mais um pouco na sua cadeira – ele disse, ensaiando um sorriso ao deixar a cozinha.

No barracão, ele olhou para as peças da cadeira de balanço que planejava fazer para Isabel. Tentara se lembrar daquela em que sua própria mãe o balançava e lhe contava histórias. Seu corpo lembrou-se da sensação de ser embalado por ela – algo perdido para ele havia décadas. Perguntou-se se o filho deles teria uma lembrança do toque de Isabel dali a décadas, no futuro. Uma coisa misteriosa, a maternidade. Que coragem uma mulher deve ter para se lançar nisso, ele pensou, considerando a trajetória de vida de sua própria mãe. Entretanto, Isabel parecia absolutamente determinada a respeito. “É a natureza, Tom. O que há para temer?”

Quando ele finalmente conseguiu localizar sua mãe, já tinha 21 anos e acabara de se formar em engenharia. Finalmente, era dono da própria vida. O endereço que o detetive particular lhe dera era o de uma pensão em Darlington. Ele ficara parado do lado de fora da porta, as entranhas reviradas de esperança e terror, de repente com 8 anos outra vez. Ele ouviu os sons de outros desesperos se filtrando

por baixo das portas ao longo da estreita passagem de madeira – os soluços de um homem do quarto ao lado e o grito “Não podemos continuar assim!” de uma mulher, acompanhado do choro de um bebê; em algum ponto mais adiante, o ritmo intenso de uma cabeceira de cama conforme a mulher estendida à frente dela provavelmente ganhava a vida.

Tom verificou o rabisco a lápis no papel. Sim, o número certo do quarto. Vasculhou a mente outra vez tentando se lembrar da voz doce de sua mãe: “Epa, Thomas. Vamos botar um esparadrapo neste arranhão?”

Sua batida na porta ficou sem resposta, e ele tentou outra vez. Por fim, experimentou virar a maçaneta, e a porta não ofereceu nenhuma resistência. O cheiro inconfundível veio ao seu encontro, mas em uma fração de segundo ele reconheceu que o cheiro estava maculado – com bebida barata e cigarro. Na obscuridade abafada, ele viu uma cama desfeita e uma cadeira de braço surrada, em tons de marrom. Havia uma fenda na janela e uma única rosa murcha em um vaso.

– Procurando Ellie Sherbourne? – A voz pertencia a um homem careca, vigoroso, que surgira à porta atrás dele.

Foi muito estranho ouvir seu nome. E “Ellie” – ele nunca imaginara “Ellie”.

– Sra. Sherbourne, isso mesmo. Quando ela vai voltar?

O homem fez um muxoxo.

– Não vai. É uma pena, principalmente porque ela me devia o aluguel de um mês.

Estava toda errada, a realidade. Ele não conseguia encaixá-la na imagem do reencontro que planejava, sonhara, durante anos. O pulso de Tom se acelerou.

– Tem seu novo endereço?

– Não para onde ela foi. Morreu há três semanas. Eu já ia entrar para tirar o resto das coisas.

De todos os cenários possíveis que Tom imaginara, nenhum terminara desse modo. Ele ficou parado, imobilizado.

– Está planejando se mudar? Para cá? – o sujeito perguntou com azedume.

Tom hesitou, depois abriu a carteira e retirou cinco libras.

– Pelo aluguel – disse suavemente, descendo o corredor a passos largos, lutando contra as lágrimas.

O fio de esperança que Tom guardara por tantos anos havia se rompido: em uma rua secundária de Sydney, quando o mundo estava à beira da guerra. Em um mês, ele já se alistara, dando como parente mais próximo sua mãe, em seu endereço na pensão. Os recrutadores não se preocupavam muito com detalhes.

Agora, Tom passou as mãos pela única peça de madeira que havia torneado e tentou imaginar o que diria em uma carta a sua mãe hoje, se ela estivesse viva – como lhe daria a notícia do bebê.

Pegou a fita métrica e voltou-se para a peça de madeira seguinte.



– Zebedeu. – Isabel olhou para Tom com um ar impassível, a boca torcendo-se apenas um pouco nos cantos.

– O quê? – Tom perguntou, interrompendo a tarefa de massagear seus pés.

– Zebedeu – ela repetiu, enfiando o nariz no livro outra vez para que ele não pudesse olhar em seus olhos.

– Não fala a sério. Que tipo de nome...

Uma expressão magoada atravessou o rosto de Isabel.

– É o nome do meu tio-avô. Zebedeu Zanzibar Graysmark.

Tom lançou-lhe um olhar, enquanto ela continuava:

– Prometi à minha avó em seu leito de morte que, se algum dia eu tivesse um filho, eu lhe daria o nome do irmão dela. Não posso voltar atrás em uma promessa.

– Eu estava pensando em algo um pouco mais normal.

– Está chamando meu tio-avô de anormal?

Isabel não conseguiu mais se conter e desatou a rir.

– Te peguei! Te peguei direitinho!

– Danadinha! Vai se arrepender!

– Não, pare! Pare!

– Sem perdão – ele disse, fazendo cócegas em sua barriga e em seu pescoço.

– Eu me rendo!

– Tarde demais para isso agora!

Estavam deitados na grama, onde ela terminava na Praia do Naufrágio. Era fim de tarde e a luz suave banhava a areia de amarelo.

Repentinamente, Tom parou.

– O que foi? – Isabel perguntou, espreitando por baixo dos longos cabelos que caíam sobre seu rosto.

Ele afastou as mechas dos seus olhos e fitou-a em silêncio. Ela colocou a mão em seu rosto.

– Tom?

– Isso às vezes me surpreende. Três meses atrás só havia você e eu, e agora tem esta outra vida, que simplesmente apareceu do nada, como...

– Como um bebê.

– Sim, como um bebê, mas é mais do que isso, Izz. Quando eu costumava ficar na sala da lanterna, antes de você chegar aqui, vivia me perguntando o que era a vida. Quero dizer, comparada à morte...

– Parou. – Estou falando besteira. Vou me calar.

Isabel colocou a mão sob o queixo dele.

– Você quase nunca fala sobre as coisas, Tom. Fale comigo.

– Não consigo expressar com palavras. De onde vem a vida?

– E importa?

– *Se importa?* – ele indagou.

– Que seja um mistério. Que a gente não possa compreender.

– Houve ocasiões em que eu quis uma resposta. Isto eu posso lhe garantir. Nas ocasiões em que vi o último suspiro de um homem

e quis lhe perguntar “Para onde você foi?”, ele estava bem ali comigo, fazia apenas alguns segundos, e então alguns pedaços de metal fizeram buracos em sua pele, o atingiram, e de repente ele já estava em outro lugar. Como pode ser?

Isabel abraçou os joelhos com uma das mãos enquanto arrancava a grama ao seu lado com a outra.

– Acha que as pessoas se lembram desta vida quando se vão? Acha que no céu, minha avó e meu avô, digamos, estão juntos?

– Não sei – respondeu Tom.

Com repentina ansiedade, ela perguntou:

– Quando nós dois tivermos morrido, Tom, Deus não vai nos deixar separados, não é? Ele vai nos deixar ficar juntos?

Tom abraçou-a.

– Agora veja o que eu fui fazer. Devia ter ficado de boca fechada. Vamos, nós estávamos escolhendo nomes. E eu só estava tentando resgatar um pobre bebê do cruel destino como Zebedeu e ainda Zanzibar. Como estamos com nomes de menina?

– Alice; Amelia; Annabel; April; Ariadne...

Tom ergueu as sobrancelhas.

– E lá vai ela de novo... “Ariadne”! É improvável que ela vá morar em um farol. Não vamos crucificá-la com um nome do qual as pessoas vão rir.

– Só faltam mais duzentas páginas – Isabel disse com uma risada.

– Então, é melhor começarmos a pular algumas.

Naquela noite, quando observava da galeria, Tom retornou à sua pergunta. Onde estava a alma deste bebê? Para onde iria? Onde estavam as almas dos homens que haviam brincado, batido continência e se arrastado pela lama com ele?

Ali estava ele, saudável e em segurança, com uma bela esposa, e alguma alma resolvera se juntar a eles. Do nada, no canto mais longínquo da Terra, um bebê estava para chegar. Ele estivera nos

livros da morte por tanto tempo, parecia impossível que a vida estivesse fazendo um registro em seu favor.

Ele voltou à sala da lanterna e olhou novamente para a fotografia de Isabel pendurada na parede. O mistério de tudo isso. O mistério.



Outro presente de Tom trazido no último barco foi o *Manual da mãe australiana da eficiente criação infantil*, do dr. Samuel B. Griffiths. Isabel passou a lê-lo em qualquer momento disponível.

Ela disparava informações a Tom.

– Sabia que as rótulas dos joelhos dos bebês não são de osso? –  
ou – Com que idade você acha que os bebês podem comer de colher?

– Não faço a menor ideia, Izz.

– Vamos, tente adivinhar!

– Honestamente, como eu poderia saber?

– Ah, você não é nada divertido! – ela se queixou, mergulhando de novo no livro para mais um fato.

Em poucas semanas, as páginas do livro já estavam todas encrespadas e manchadas de grama dos dias passados no promontório.

– Você vai ter um bebê, não prestar um exame.

– Eu só quero fazer as coisas corretamente. Não vou poder bater na porta ao lado e perguntar à mamãe, não é?

– Oh, Izz Bella – Tom disse, rindo.

– O quê? Qual foi a graça?

– Nada. Absolutamente nada. Eu não mudaria nada em você.

Ela sorriu e beijou-o.

– Você vai ser um pai maravilhoso, eu sei. – Um pergunta veio aos seus olhos.

– O que foi? – Tom perguntou.

– Nada.

- Não, de verdade, o que foi?
- *Seu pai*. Por que você nunca fala sobre ele?
- Não há nada a ser dito.
- Mas como ele era?

Tom refletiu sobre a pergunta. Como poderia resumir-lo? Como poderia explicar a expressão em seus olhos, o fosso invisível que sempre o cercava, de modo que ele nunca realmente se comunicava?

– Ele sempre estava *certo*. Sempre *certo*. Não importava o que fosse. Ele conhecia as regras e se apegava a elas, a qualquer custo.

– Tom pensou na figura alta, empertigada, que ofuscou sua infância. Duro e frio como um túmulo.

- Ele era muito severo?

Tom deu uma risada amarga.

– Severo nem começa a descrevê-lo. – Levou a mão ao queixo, especulando. – Talvez ele só quisesse garantir que seus filhos não agissem erradamente. Apanhávamos com correia por qualquer coisa. Cecil estava sempre pronto a me denunciar, conseguia se safar com um castigo mais leve. – Riu outra vez. – Mas vou lhe dizer uma coisa: tornou fácil a disciplina militar. Nunca se sabe a quem se vai agradecer. – Seu rosto ficou sério. – E acho que tornou mais fácil estar lá, sabendo que não haveria ninguém inconsolável se recebesse o telegrama.

- Oh, Tom! Nem diga tal coisa!

Ele puxou a cabeça dela para seu peito e afagou seus cabelos em silêncio.



Há ocasiões em que o oceano não é o oceano – não é azul, nem mesmo é água, mas uma violenta explosão de energia e perigo; ferocidade numa escala que só os deuses podem invocar. Ele se atira contra a ilha, borrifando água acima do topo da torre, arrancando pedaços dos rochedos. E o som é o rugido de uma besta cuja ira

não tem limites. Essas são as noites em que o farol é mais necessário.

Durante as piores tormentas, Tom fica com o farol a noite inteira, se necessário, esquentando-se junto ao aquecedor de querosene, tomando chá de uma garrafa térmica. Ele pensa nos pobres coitados lá fora nos navios, e agradece a Deus por estar ali a salvo. Fica atento a sinais luminosos de socorro, mantém o escaler pronto para ser lançado, embora quem sabe no que isso poderia ajudar.

Nessa noite de maio, Tom sentou-se com um caderno de notas e um lápis na mão, fazendo contas. Seu salário anual era de 327 libras. Quanto deveria custar um par de sapatos de criança? Pelo que Ralph dissera, as crianças acabavam com eles num piscar de olhos. Depois, havia as roupas. E material escolar. Claro, se ele permanecesse na Offshore Lights, Isabel ensinaria as crianças em casa. Mas em noites como esta, ele se perguntava se seria justo infligir esta vida a alguém, principalmente crianças. O pensamento lhe ocorreu por causa das palavras de Jack Throssel, um dos vigias do Leste. "A melhor vida do mundo para crianças, eu juro", ele dissera a Tom. "Os meus seis filhos são ótimas crianças. Sempre brincando, fazendo travessuras, explorando cavernas, jogando bola. Um verdadeiro bando de pioneiros. E a patroa garante que não deixem de fazer as lições. acredite em mim: criar filhos em uma estação de farol é fácil como piscar os olhos!"

Tom voltou aos seus cálculos: como poderia economizar um pouco mais, garantir uma reserva para roupas, médicos, e só Deus sabe o que mais. A ideia de que ia ser pai o deixava nervoso, empolgado e preocupado.

Conforme sua mente divagava para lembranças de seu próprio pai, a tormenta estrondava ao redor do farol, ensurdecendo Tom para qualquer outro som naquela noite. Ensurdecendo-o para os gritos de Isabel, clamando por sua ajuda.

## ☞ CAPÍTULO 9 ☞

— **Q**UER QUE EU LHE TRAGA uma xícara de chá? – Tom perguntou, sem saber o que fazer. Ele era um homem prático: se lhe dessem um instrumento técnico sensível, ele poderia operá-lo; algo quebrado, ele poderia consertar, meticulosa e eficientemente, mas diante do sofrimento de sua mulher, sentia-se inútil.

Isabel não levantou os olhos. Ele tentou novamente.

– Um pouco de Vincent’s Powders? – Os primeiros socorros ensinados a um faroleiro incluíam “reanimar um indivíduo aparentemente afogado”, tratar hipotermia e insolação, desinfetar ferimentos; até mesmo os rudimentos da amputação. No entanto, não tocavam em ginecologia, e a mecânica de um aborto era um mistério para Tom.

Dois dias haviam se passado desde a terrível tormenta. Dois dias desde que o aborto começara. Ela ainda sangrava e continuava recusando-se a deixar Tom sinalizar pedindo socorro. Tendo ficado de vigília toda a noite tempestuosa, ele finalmente retornara à casa depois de ter apagado o farol pouco antes do amanhecer, e seu corpo ansiava para dormir. Mas ao entrar no quarto, encontrou Isabel encolhida, a cama encharcada de sangue. A expressão de seus olhos era a mais desolada que Tom já vira.

– Eu sinto muito, muito – ela dissera. – Eu sinto tanto, Tom.

A seguir, nova onda de dor dominou-a e ela gemeu, pressionando as mãos na barriga, desesperada para que passasse.

Agora, ela disse:

– De que adianta um médico? O bebê se foi – disse, o olhar perdido. – Sou um fracasso – murmurou. – Outras mulheres têm filhos com a maior facilidade.

– Izzy Bella, pare.

– A culpa é minha, Tom. Tem que ser.

– Isso simplesmente não é verdade, Izz. – Ele segurou sua mão junto ao peito e ficou beijando seus cabelos, sem parar. – Teremos outro. Um dia, quando tivermos cinco filhos correndo por aí, atrapalhando seus pés, tudo isso parecerá ter sido um sonho. – Ajeitou o xale sobre seus ombros. – Está lindo lá fora. Venha se sentar na varanda. Vai lhe fazer bem.

Ficaram sentados lado a lado em poltronas de vime, Isabel coberta com uma manta de xadrez azul, observando o avanço do sol pelo céu de final de outono.

Isabel lembrou-se de como ficara impressionada com o vazio deste lugar, como uma tela em branco, assim que chegou; como, pouco a pouco, começara a ver a ilha como Tom a via, sintonizada com as mudanças sutis. As nuvens, conforme se formavam, se agrupavam e vagavam pelo céu; as formas das ondas, que dependiam do vento e da estação do ano, e que podiam, se você soubesse interpretá-las, dizer-lhe as condições do tempo do dia seguinte. Ela também se familiarizara com os pássaros que apareciam de vez em quando, inesperadamente – trazidos aleatoriamente como as sementes carregadas pelo vento, ou as algas atiradas na costa.

Ela olhou para os dois pinheiros e de repente chorou com a solidão deles.

– Devia haver florestas – ela disse repentinamente. – Sinto falta das árvores, Tom. Sinto falta de suas folhas, de seu cheiro e do fato de que existem tantas; oh, Tom, sinto falta dos animais: sinto falta dos malditos cangurus! Sinto falta de tudo.

– Sei que sente, Izzy, querida.

– Mas você não?

– Você é a única coisa do mundo que eu quero, Izz, e você está bem aqui. Tudo o mais se arranjará. Dê tempo ao tempo.



Uma película fina e aveludada cobria tudo, por mais zelosamente que Isabel espanasse o pó – a fotografia de seu casamento; a foto de Hugh e Alfie em seus uniformes na semana em que se alistaram em 1916, sorrindo como se tivessem acabado de ser convidados para uma festa. Não eram os rapazes mais altos da força expedicionária australiana, mas cheios de entusiasmo, e tão bonitos em seus chapéus desabados novinhos em folha.

Sua caixa de costura era tão arrumada quanto precisava ser, em vez de ser impecável como a de sua mãe. Agulhas e alfinetes espetados no forro verde-claro acolchoado, e as partes de uma camisola de batizado continuavam separadas, o trabalho interrompido de repente, no meio da costura, como um relógio quebrado.

O pequeno colar de pérolas que Tom lhe dera como presente de casamento permanecia na caixa que ele fizera para ela. Sua escova de cabelos e pentes de tartaruga eram as únicas outras coisas sobre a penteadeira.

Isabel entrou na sala de estar, observando a poeira, a rachadura no reboco perto do batente da janela, a borda puída de um tapete azul-escuro. A lareira precisava ser varrida e o forro das cortinas começara a rasgar da constante exposição a condições climáticas extremas. Só de pensar em arrumar qualquer dessas coisas demandava mais energia do que ela conseguia reunir. Apenas algumas semanas atrás, ela estivera tão cheia de expectativa e vigor. Agora, a sala parecia um caixão e sua vida estancada.

Abriu o álbum de fotografias que sua mãe havia preparado para ela como presente de despedida, com suas fotos de infância, o nome do estúdio fotográfico, Gutchers, carimbado no verso de cada fotografia. Havia uma foto do casamento de seus pais; uma fotografia de sua casa. Ela correu o dedo pela mesa, demorando-se na toalhinha de renda que sua avó fizera para seu próprio enxoval. Dirigiu-se ao piano, e o abriu.

A madeira, nogueira, estava rachada em alguns lugares. As letras douradas acima do teclado diziam Eavestaff, London. Várias vezes ela imaginara a viagem do piano até a Austrália, e as outras vidas

que ele devia ter vivido – em uma casa inglesa, ou uma escola, sucumbindo ao fardo de escalas imperfeitas tocadas por dedos pequenos, trôpegos, talvez, ou mesmo em um palco. No entanto, por meio de circunstâncias as mais improváveis, coube-lhe viver nesta ilha, sua voz roubada pela solidão e pelo clima.

Ela tocou o dó central, tão devagar que nenhum som foi emitido. A acolhedora tecla de marfim era tão lisa quanto as pontas dos dedos de sua avó, e o toque trouxe-lhe de volta à lembrança as tardes de aulas de música, de extrair um lá bemol maior em movimento contrário, uma oitava, em seguida duas, depois três. O som da bola de críquete na madeira, conforme Hugh e Alfie se divertiam lá fora, enquanto ela, uma “pequena dama”, adquiria “realizações”, e ouvia sua avó explicar novamente a importância de manter os pulsos erguidos.

– Mas é tolice, o movimento contrário! – Isabel reclamava.

– Bem, você não sabe nada sobre movimento contrário, minha querida – sua avó retorquia.

– Posso jogar críquete, vovó? Só um pouco, depois eu volto.

– Críquete não é jogo para meninas. Ande, vamos. O *étude* de Chopin – ela continuava, abrindo um livro coberto de anotações a lápis e pequenas impressões de dedos sujos de chocolate.

Isabel tocou a mesma nota outra vez. Sentiu uma repentina saudade, não só da música, mas do tempo em que poderia ter corrido para fora, prendido a barra da saia e assumido o posto de goleiro para seus irmãos. Pressionou as outras teclas, como se pudessem trazer o dia de volta. Mas o único som foi o estalo abafado da madeira contra a base do teclado, onde o feltro se desgastara.

– De que adianta? – ela disse, encolhendo os ombros para Tom quando ele entrou. – Está acabado, eu acho. Igual a mim – e começou a chorar.



Dias mais tarde, os dois estavam parados perto do penhasco.

Tom fincava a pequena cruz que ele fizera de um pedaço de madeira de naufrágio, martelando-a até ficar firme no solo. A pedido de sua mulher, ele esculpira “31 de março de 1922. Para sempre lembrado”.

Ele pegou a pá e cavou um buraco para o arbusto de alecrim que ela retirara das ervas da horta. Sentiu a náusea subindo dentro dele com a descarga de uma centelha de memória quando batia o martelo na cruz e cavava o buraco. Suas mãos suavam, apesar da tarefa exigir pouco esforço físico.



Isabel observou do alto do penhasco quando o *Windward Spirit* atracou em sua viagem seguinte. Ralph e Bluey logo estariam ali em cima. Não havia necessidade de descer para cumprimentá-los. Eles lançaram a rampa de desembarque e, para sua surpresa, um terceiro homem desembarcou com eles. Não esperavam ninguém da manutenção.

Tom subiu o caminho enquanto os outros três demoravam-se no píer. O estranho, que carregava uma maleta preta, parecia estar tendo alguma dificuldade em se empertigar depois da viagem.

O rosto de Isabel estava crispado de raiva quando Tom se aproximou.

– Como você se atreve?

Tom ficou atordado.

– Como eu me atrevo?

– Eu lhe disse para não fazer isso, mas você não me ouviu! Bem, pode mandá-lo de volta. Não se dê ao trabalho de deixá-lo subir aqui. Ele não é bem-vindo.

Isabel sempre parecia uma criança quando estava zangada. Tom teve vontade de rir, e seu sorriso a enfureceu ainda mais. Colocou as mãos nos quadris.

– Eu disse a você que eu não preciso de um médico, mas você agiu pelas minhas costas. Não vou querer que ele fique me cutucando só para não me dizer nada que eu já não saiba. Devia se envergonhar! Bem, pode cuidar deles, do bando todo.

– Izzy – Tom chamou. – Izzy, espere! Não seja tola, querida. Ele não é... – Mas ela já estava longe demais para ouvir o resto de suas palavras.

– E então? – Ralph perguntou quando alcançou Tom. – Como ela reagiu? Ficou maravilhada, aposto!

– Não exatamente. – Tom enfiou os punhos cerrados nos bolsos.

– Mas... – Ralph olhou para ele, espantado. – Pensei que ela fosse ficar realmente encantada. Hilda teve que usar todo o seu charme para persuadi-lo a vir, e minha mulher não usa seu charme à toa por aí!

– Ela... – Ele considerou se deveria explicar. – Ela entendeu tudo errado. Desculpe-me. Ela está muito abalada. Está fazendo birra. Quando ela age assim, tudo que se pode fazer é esperar passar. Acho que significa que terei que fazer sanduíches para o almoço.

Bluey e o homem se aproximaram e, após as apresentações, os quatro entraram na casa.

Isabel permaneceu sentada na grama perto da enseada que ela batizara de Traíçoeira, fervendo de raiva. Detestava isso – o fato de sua roupa suja ter que ser discutida por todo mundo. Detestava o fato de que Ralph e Bluey tivessem que saber. Provavelmente, haviam passado a viagem inteira discutindo sua intimidade e só Deus sabe o que mais. O fato de Tom ter convocado o médico contra sua vontade declarada parecia-lhe uma traição.

Continuou sentada observando o mar, como a brisa encrespava as ondas que eram tão suaves e longas no começo do dia. Horas se passaram. Ela ficou com fome. Ficou com sono. Mas recusava-se a se aproximar da casa enquanto o médico estivesse lá. Em vez disso, concentrou-se no ambiente ao seu redor. Observando a textura de cada folha, seu tom de verde específico. Ouvindo atentamente todos os diferentes sons do vento, da água e dos pássaros. Ouviu um som

estranho: uma nota insistente, curta, repetida. Proveniente do farol? Da casa? Não era a costureira batida metálica da oficina. Ouviu-o de novo, desta vez numa altura diferente. O vento em Janus tinha uma forma de agrupar os sons em frequências separadas, distorcendo-os conforme atravessavam a ilha. Duas gaivotas vieram pousar ali perto e disputar um peixe, e o barulho, bastante fraco, se perdeu.

Ela voltou à sua obstinação, até ser arrebatada por um som inconfundível carregado no deslocamento do ar. Era uma escala musical: imperfeita, mas tornando-se melhor a cada vez.

Ela nunca ouvira Ralph ou Bluey mencionar o piano, e Tom era incapaz de tocar uma nota. Devia ser o maldito médico, resolvido a meter os dedos onde não eram desejados. Ela nunca conseguira tirar uma melodia do piano, e agora ele parecia cantar. A fúria de Isabel a fez subir furiosamente o caminho, pronta a banir o intruso do instrumento, de seu corpo, de sua casa.

Ela passou pelos anexos, onde Tom, Ralph e Bluey empilhavam sacas de farinha de trigo.

– Boa-tarde, Isab – Ralph tentou, mas ela passou por ele batendo os pés e entrou na casa.

Ela irrompeu na sala.

– Se não se importa, este é um instrumento muito deli... – começou a dizer, mas parou, aturdida com a visão do piano completamente desmontado, uma caixa de ferramentas aberta e o estranho girando a porca acima de uma das cordas de cobre com uma minúscula chave inglesa, enquanto tocava a tecla correspondente.

– Uma gaivota mumificada. Esse é o seu problema – ele disse, sem levantar os olhos. – Bem, um deles. Isso e bem uns vinte anos de areia e maresia, e só Deus sabe mais o quê. Depois que eu tiver substituído alguns dos feltros, ele vai começar a soar melhor. – Ele continuou a bater na tecla e girar a chave inglesa enquanto falava. – Já vi todo tipo de problema em meu tempo. Ratos mortos. Sanduíches. Um gato empalhado. Eu podia escrever um livro sobre as coisas que acabam dentro de um piano, embora não saiba lhe

dizer como vão parar lá. Aposto que a gaivota não veio voando por conta própria.

Isabel ficou tão desconcertada que não conseguia falar. Ainda estava boquiaberta quando sentiu a mão de Tom em seu ombro. Seu rosto ficou vermelho.

– Que surpresa, hein? – ele disse, beijando-lhe o rosto.

– Bem... Bem, era... – a voz de Isabel sumiu.

Ele envolveu sua cintura e os dois ficaram parados por um instante, testa contra testa, antes de desatarem a rir.

Ela passou as duas horas seguintes sentada, observando o afinador tirar um som cada vez melhor do instrumento, fazendo as notas soarem outra vez, mais altas do que nunca, terminando com uma explosão do coro "Aleluia".

– Fiz o melhor possível, sra. Sherbourne – ele disse, guardando suas ferramentas. – Na verdade, ele precisava ser levado à oficina, mas a viagem de ida e de volta causaria mais mal do que bem. Não está perfeito, longe disso, mas não está mau. – Ele puxou a banquetta para fora. – Quer amaciá-lo?

Isabel sentou-se ao piano e tocou uma escala de lá bemol maior em movimento contrário.

– Nossa, está infinitamente melhor do que antes! – ela disse. Tocou o começo de uma ária de Handel e estava perdendo-se nas lembranças quando alguém pigarreou. Era Ralph, parado atrás de Bluey no vão da porta.

– Não pare! – Bluey disse, quando ela se virou para cumprimentá-los.

– Fui muito indelicada. Desculpem-me! – ela disse, prestes a se levantar.

– Não foi nada – Ralph disse. – E tome, de Hilda – ele disse, tirando de trás das costas algo amarrado com uma fita vermelha.

– Oh! Devo abri-lo agora?

– Claro! Se eu não lhe der um relatório minucioso, ela não vai me dar sossego!

Isabel abriu o presente e encontrou as *Variações Goldberg*, de Bach.

– Tom diz que você consegue tocar esse tipo de música de olhos fechados.

– Há anos que não toco. Mas, oh, eu adorei! Obrigada! – Ela abraçou e beijou Ralph no rosto. – E obrigada a você também, Bluey – disse ela, com um beijo que acidentalmente tocou nos lábios dele quando ele se virou.

Ele corou violentamente e olhou para o chão.

– Acho que não tive muito a ver com isso – ele disse, mas Tom protestou.

– Não acredite em nenhuma palavra. Ele foi dirigindo até Albany buscar o afinador. Gastou o dia inteiro ontem.

– Nesse caso, merece um beijo extra – ela disse, plantando outro beijo na outra face de Bluey.

– E você também! – ela disse, beijando ainda o afinador de piano.

\* \* \*

Nessa noite, quando verificava o manto, Tom foi embalado por Bach, as notas perfeitas subindo as escadas da torre do farol e ressoando pela sala da lanterna, esvoaçando entre os prismas. Assim como o mercúrio que fazia a luz girar, Isabel era misteriosa. Capaz de curar e envenenar; capaz de suportar todo o peso da luz, mas também de se estilhaçar em milhares de partículas impossíveis de serem reunidas outra vez, espalhando-se em todas as direções, fugindo de si mesma. Ele saiu para a galeria. Conforme as luzes do *Windward Spirit* desapareciam no horizonte, rezou uma oração em silêncio por Isabel e pela vida deles juntos. Em seguida, voltou para o livro de registros e escreveu, na coluna "Observações" para Quarta-feira, 13 de setembro de 1922, "*Visita do barco de suprimentos: Archie Pollock, afinador de piano. Aprovação prévia concedida.*"

## PARTE II



## ☞ CAPÍTULO 10 ☞

*27 de abril de 1926*

**O**S LÁBIOS DE ISABEL ESTAVAM PÁLIDOS e seu olhar abatido. Ela ainda colocava a mão na barriga amorosamente às vezes, antes que a ausência de volume a lembrasse de que estava vazia. Ainda assim, suas blusas de vez em quando apresentavam manchas do restante do leite que a florara com tanta abundância nos primeiros dias, um banquete para um convidado ausente. Então, ela chorava novamente, como se o acontecimento fosse recente.

Ficou parada com lençóis nas mãos: os serviços domésticos não paravam, assim como o farol também não. Depois de fazer a cama e colocar sua camisola dobrada sob o travesseiro, dirigiu-se ao penhasco, para sentar-se junto aos túmulos por algum tempo. Cuidava da nova sepultura com grande carinho, perguntando-se se a muda de alecrim iria pegar. Arrancou algumas ervas daninhas ao redor das duas cruzes antigas, agora finamente recobertas com anos de sal, o pé de alecrim crescendo obstinadamente apesar das ventanias.

Quando um choro de bebê chegou até ela nas asas do vento, ela olhou instintivamente para o novo túmulo. Antes que a lógica pudesse prevalecer, houve um momento em que sua mente lhe disse que tudo não passara de um engano – essa criança não nascera morta, mas estava viva e respirando.

A ilusão se desfez, mas o choro não. Em seguida, ouviu o chamado de Tom da galeria da torre.

– Na praia! Um barco!

Isso lhe disse que não se tratava de um sonho, e apressou-se a se juntar a ele a caminho do barco.

O homem dentro dele estava morto, mas Tom retirou uma trouxinha barulhenta da proa.

– Minha nossa! – ele exclamou. – Minha nossa, Izzy. É...

– Um bebê! Oh, Deus Todo-Poderoso! Oh, Tom! Tom! Me dê ele!



De volta à casa, só de ver o bebê, o corpo de Isabel despertou – seus braços sabiam instintivamente como segurar a criança e acalmá-la, como tranquilizá-la. Enquanto banhava a criança com água morna, notou o frescor de sua pele, firme, macia e sem nenhuma marca. Ela beijou os dedinhos dos pés, um por um, delicadamente mordiscando uma fração das minúsculas unhas, para que a criança não se arranhasse. Segurou a cabeça da criança na palma da mão e, com o lenço de seda que guardava para as melhores ocasiões, removeu uma fina crosta de muco de suas narinas e limpou o sal seco das lágrimas ao redor dos olhos. O momento pareceu mesclar-se a outro banho, outro rosto – um único ato que fora apenas interrompido.

Olhar dentro daqueles olhos era como olhar o rosto de Deus. Nenhuma máscara ou fingimento: a vulnerabilidade do bebê era devastadora. O fato daquela intrincada criatura, aquela perfeita obra de sangue, ossos e pele, ter encontrado seu caminho até *ela* era estarrecedor. Que ela tivesse chegado agora, a pouco menos de duas semanas desde que... Era impossível encarar isso como mera coincidência. Frágil como um floco de neve, o bebê podia facilmente ter desaparecido no esquecimento se as correntes não o tivessem trazido a salvo até a Praia do Naufrágio.

Em um lugar anterior às palavras, em alguma outra linguagem de criatura para criatura, com o abrandamento de seus músculos, o relaxamento do pescoço, o bebê indicava sua confiança. Tendo

chegado tão perto dos braços da morte, a vida agora se fundia com a vida como água com água.

Isabel estava inundada de emoções: assombro, quando as mãozinhas fechavam-se ao redor de um único dedo seu; humor, diante do pequenino traseiro que ainda não se distinguia bem das pernas; reverência, pela respiração que absorvia o ar à volta e o transformava em sangue, em alma. E no âmago de tudo isso sussurrava a dor escura e vazia.

– Veja, você me fez chorar, bonequinha – Isabel disse. – Como conseguiu isso? Criaturinha linda, perfeita. – Ela tirou a criança do banho como uma oferenda sagrada, deitou-a em uma toalha branca e macia, e começou a enxugá-la delicadamente, como se enxugasse tinta com um mata-borrão para não manchá-la – como, se não fosse cuidadosa, pudesse apagá-la inteiramente. O bebê permaneceu pacientemente calmo enquanto ela aplicava talco e prendia uma nova fralda. Isabel não hesitou ao se dirigir à cômoda no quarto de bebê e escolher entre as muitas roupinhas nunca usadas. Tirou um vestidinho amarelo com patinhos no corpete e vestiu a criança cuidadosamente.

Cantarolando uma canção de ninar, pulando alguns acordes aqui e ali, ela abriu a palma da mãozinha e examinou suas linhas: lá estava, desde o nascimento – um caminho já mapeado, que a trouxera até ali, àquela praia.

– Oh, minha linda, linda garotinha – ela disse. Mas o exausto bebê agora dormia profundamente, com respirações curtas, superficiais; estremecendo de vez em quando. Isabel segurava-a em um dos braços enquanto estendia um lençol no berço, retirando o cobertor de crochê, que ela fizera com uma lã macia de cordeiro. Não conseguia deitar o bebê na cama – ainda não. Em um lugar muito longe da consciência, o fluxo de substâncias químicas que até tão pouco tempo preparava seu corpo para a maternidade conspirava para articular seus sentimentos, guiar seus músculos. Instintos que foram frustrados corriam de volta à vida. Ela levou o bebê à cozinha e descansou-o no colo, enquanto folheava o livro de nomes de bebês.



Um faroleiro tem que dar satisfação de tudo. Cada objeto na estação do farol é relacionado, guardado, preservado, inspecionado. Nenhum item escapa ao escrutínio oficial. O diretor-adjunto da Lights reivindica tudo, dos tubos para os queimadores à tinta para os livros de registro, das vassouras no armário ao limpa-pés na entrada. Cada um é documentado no Registro de Equipamentos – um livro grosso de capa de couro – até as cabras e ovelhas. Nada é jogado fora, nada é descartado sem aprovação oficial de Fremantle ou, se for muito caro, Melbourne. Pobre do vigia que tiver uma caixa de mantos ou um galão de petróleo a menos que não possa explicar. Por mais isoladas que sejam suas vidas, como mariposas em uma caixa de vidro, os faroleiros são imobilizados e escrutinizados, impossibilitados de escapar. Não se pode confiar a Lights a qualquer pessoa.

O livro de registros revela toda a vida do vigia na mesma letra firme e regular. O minuto exato em que o farol foi aceso, o minuto exato em que foi apagado na manhã seguinte. As condições climáticas, os navios que passaram. Os que sinalizaram, os que avançaram muito lentamente pelo mar tempestuoso, preocupados demais em lidar com os vagalhões para sinalizar com Código Morse ou – ainda às vezes – o Código Internacional, sobre de onde vinham ou para onde se dirigiam. De vez em quando, um faroleiro podia fazer uma pequena brincadeira consigo mesmo, decorando o início de um novo mês com um arabesco ou uma voluta. Ele podia, maliciosamente, registrar que o inspetor da Lights confirmou sua licença por longo tempo de serviço, com base em que não há como negar o que está escrito lá. Mas isso é até onde as liberdades vão. O livro de registros é a verdade inquestionável. Janus não é uma estação da Lloyds: não é uma das estações de que os navios dependem para fazer previsões, de modo que, quando Tom fecha as páginas do livro, é improvável que quaisquer olhos as vejam outra vez, talvez nunca. Mas ele sente uma paz especial quando escreve. O vento ainda é medido usando-se o sistema da época da idade da

navegação a vela: “calmo (0-2, vento suficiente para movimentar os navios)” a “furacão (12 – nenhuma vela pode aguentar, nem mesmo funcionando)”. Ele aprecia a linguagem. Quando relembra o caos, os anos de manipulação dos fatos ou a impossibilidade de saber, quanto mais descrever, o que realmente estava acontecendo enquanto bombas explodiam por todo lado, ele aprecia o luxo de declarar uma simples verdade.

Foi, portanto, o livro o primeiro a vir à mente de Tom naquele dia em que o barco chegou. Já tinha por hábito relatar qualquer pequeno fato que pudesse ter alguma relevância, obrigado não só pelas normas do seu emprego, como pelas leis da Comunidade Britânica. Sua informação podia ser apenas uma minúscula peça do quebra-cabeça, uma peça que somente ele podia fornecer, e era vital que o fizesse. Um foguete de sinalização, um filete de fumaça no horizonte, um pedaço de metal trazido pelas ondas que poderia indicar um naufrágio – tudo era registrado em sua caligrafia firme, eficiente, as letras regulares inclinando-se ligeiramente para frente.

Sentou-se à escrivaninha, abaixo da sala da lanterna, sua caneta-tinteiro aguardando fielmente o relatório do dia. Um homem estava morto. As pessoas deviam ser notificadas; investigações deviam ser feitas. Completou a tinta na caneta, apesar de estar quase cheia. Verificou alguns detalhes nas páginas anteriores, em seguida passou à primeira anotação que fizera, naquela cinzenta quarta-feira em que ele chegara a Janus, há seis anos. Os dias se seguiram como a subida e a descida das marés, desde então, e, através de todos eles – quando estava à beira da exaustão por causa de reparos urgentes que precisavam ser feitos ou da vigília durante a noite inteira por causa de uma tormenta, ou se perguntando o que diabos estava fazendo ali, até mesmo nos dias desesperadores dos abortos de Isabel – não houve nem um dia em que colocar tinta na página o tivesse deixado tão inquieto. Mas ela lhe suplicara que esperasse um dia.

Seus pensamentos repassaram a tarde apenas duas semanas atrás quando ele retornara da pesca e fora recebido pelos gritos de

Isabel.

– Tom! Tom, depressa!

Correndo para dentro da casa, encontrou-a deitada no chão da cozinha.

– Tom! Tem alguma coisa errada. – Ela gemia entre as palavras.

– Está vindo! O bebê está vindo.

– Tem certeza?

– Claro que não tenho! – disse entre dentes. – Não sei o que está acontecendo! Eu só... Oh, meu Deus, Tom, dói muito!

– Deixe-me ajudá-la a se levantar – ele disse, ajoelhando-se ao seu lado.

– Não! Não me tire daqui. – Ela arquejava, lutando contra a dor a cada contração, falando entre gemidos. – Dói muito. Oh, meu Deus, fazei com que isso pare! – ela gritava, enquanto o sangue se espalhava pela sua roupa e pelo chão da cozinha.

Esta gestação fora diferente das anteriores – Isabel já estava com quase sete meses, e a experiência anterior de Tom de nada adiantava.

– Diga-me o que fazer, Izz. O que quer que eu faça?

Ela remexia em suas roupas, tentando tirar as calcinhas.

Tom ergueu seus quadris e puxou-as para baixo e pelos tornozelos, enquanto ela começava a gemer mais alto ainda, contorcendo-se de um lado para o outro, seus gritos ecoando pela ilha.

O trabalho de parto foi tão rápido quanto prematuro, e Tom observou, impotente, um bebê – era inegavelmente um bebê, *seu* bebê – emergir do corpo de Isabel. Estava ensanguentado e era pequeno: um modelo em escala reduzida do bebê que havia tanto tempo eles aguardavam, afogado em um fluxo de sangue, tecido e secreções da mulher tão despreparada para a sua chegada.

Com cerca de trinta centímetros da cabeça aos pés: não mais pesado do que um saquinho de açúcar. Não fazia nenhum movimento, não emitia nenhum som. Ele o segurou nas mãos,

dividido entre admiração e horror, sem saber o que deveria fazer, ou sentir.

– Me dê ela! – Isabel gritou. – Me dê meu bebê! Deixe-me segurá-la!

– Um menininho – foi tudo que conseguiu dizer, entregando o corpinho quente à sua mulher. Era um menininho.

O vento mantivera seu uivo lúgubre. O sol do final de tarde continuara a brilhar através da janela, lançando um cobertor de luz dourada sobre a mulher e seu bebê morto. O velho relógio na parede da cozinha continuara a marcar os minutos com meticulosa pontualidade. Uma vida viera e se fora, e a natureza não parara nem um segundo por ela. A máquina do tempo e do espaço continua a triturar, alimentada pelas pessoas como grãos no moinho.

Isabel conseguira erguer um pouco o tronco contra a parede e soluçava diante da minúscula criatura, que ela ousara imaginar tão grande e tão forte quanto uma criança deste mundo.

– Meu filhinho meu filhinho meu filhinho meu filhinho – ela murmurava sem parar, como uma fórmula mágica que pudesse ressuscitá-lo. O rosto da criatura era solene, um monge em profunda oração, os olhos fechados, a boca cerrada: já de volta àquele mundo do qual ele aparentemente relutara em deixar.

Ainda assim, os obsequiosos ponteiros do relógio continuaram sua marcação monótona ao redor do mostruário. Meia hora se passou sem que Isabel nada dissesse.

– Vou pegar um cobertor para você.

– Não! – Ela agarrou sua mão. – Não nos deixe.

Tom sentou-se ao seu lado, o braço em volta dos seus ombros, enquanto ela soluçava contra seu peito. O sangue começara a coagular nas bordas das poças no chão. Morte, sangue, confortar os feridos – tudo lhe era familiar. Mas não assim: uma mulher, um bebê; nenhuma explosão ou lama. Tudo o mais estava exatamente como deveria estar: os pratos com desenhos de salgueiros alinhavam-se ordenadamente no secador de louças; o pano de prato pendurava-se da porta do forno. O bolo que Isabel fizera naquela

manhã permanecia virado para baixo na grade de esfriamento, a forma de alumínio ainda coberta com um pano úmido.

Após algum tempo, Tom disse:

– O que devemos fazer? Como... com ele?

Isabel olhou para a criatura fria em seus braços.

– Acenda o aquecedor de água.

Tom olhou para ela.

– Acenda, por favor.

Ainda confuso, mas com receio de contrariá-la, Tom se levantou e foi acender o aquecedor. Quando retornou, ela disse:

– Encha a bacia de lavar roupa. Quando a água estiver morna.

– Se quer tomar um banho, eu a carrego, Izz.

– Não é para mim. Tenho que lavá-lo. Depois, no armário de lençóis e toalhas, há os lençóis bons, os que eu bordei. Pode me trazer um?

– Izz, querida, haverá tempo para tudo isso. É você quem mais importa agora. Vou enviar um sinal, pedir que mandem um barco para cá.

– Não! – Seu tom de voz era determinado. – Não! Não quero... não quero mais ninguém aqui. Não quero que ninguém saiba. Ainda não.

– Mas, querida, você perdeu tanto sangue. Está branca como um fantasma. Devíamos chamar um médico aqui para levá-la de volta.

– A bacia, Tom. Por favor.

\* \* \*

Quando a água ficou morna, Tom encheu a bacia de metal e colocou-a no chão ao lado de Isabel. Ele lhe entregou uma flanela. Ela molhou-a na água e delicadamente, muito delicadamente, com o pano cobrindo a ponta de seu dedo, começou a acariciar o rostinho, limpando o sangue aguçado que cobria a pele translúcida. O bebê continuou com suas preces, em uma conversa secreta com Deus, enquanto ela mergulhava o pano na água para lavá-lo. Ela o torceu

e recomeçou, observando atentamente, talvez esperando que os olhos estremecessem levemente ou os minúsculos dedos se movessem.

– Izz – Tom disse suavemente, afagando seus cabelos –, você tem que me ouvir agora. Vou fazer um pouco de chá para você, com muito açúcar, e quero que você beba o chá para mim, está bem? E vou pegar um cobertor para cobrir você. E vou limpar um pouco aqui. Você não tem que ir a lugar nenhum, mas tem que deixar que eu cuide de você agora. Sem discussão. Vou lhe dar algumas pastilhas de morfina para a dor e alguns comprimidos de ferro, e você vai tomá-los por mim. – Sua voz era branda e calma, apenas recitando alguns fatos.

Paralisada pelo ritual, Isabel continuou a limpar o corpo, o cordão umbilical ainda preso à placenta no chão. Ela mal ergueu a cabeça quando Tom ajeitou um cobertor sobre seus ombros. Ele voltou com um balde e um pano de chão e, de joelhos, começou a limpar e enxugar o piso.

Isabel abaixou o corpinho na água da bacia para lavá-lo, com cuidado para não submergir o rosto. Secou-o com a toalha e enrolou-o em outra toalha seca, ainda com a placenta, de modo que ele ficou enrolado como um bebê indígena.

– Tom, pode estender o lençol na mesa?

Ele afastou a forma de bolo e estendeu o lençol bordado, dobrado ao meio. Isabel entregou-lhe a pequena trouxa.

– Coloque-o em cima do lençol – ela disse, e ele depositou o corpinho lá.

– Agora temos que cuidar de você – Tom disse. – Ainda tem água quente. Vamos, venha se limpar. Apoie-se em mim. Devagar agora. Devagar, devagar. – Grossas gotas escarlates espatifavam-se no chão, deixando uma trilha conforme ele a levava da cozinha para o banheiro, onde desta vez foi ele quem limpou seu rosto delicadamente com uma flanela, lavando o pano na bacia e recomeçando.

Uma hora depois, em uma camisola limpa, os cabelos presos atrás em uma trança, Isabel deitou-se na cama. Enquanto Tom

acariciava seu rosto, ela por fim se rendeu à exaustão e à morfina. De volta à cozinha, ele terminou a limpeza e colocou as toalhas e lençóis sujos de molho na tina de lavar roupa. Quando a noite caiu, ele sentou-se à mesa e acendeu o lampião. Fez uma oração junto ao pequeno corpo. A vastidão, o minúsculo corpo, a eternidade e o relógio que acusava o tempo de passar: tudo fazia ainda menos sentido aqui do que no Egito ou na França. Ele presenciara tantas mortes. Mas havia algo a respeito da quietude desta morte: como se, na ausência de fogo de artilharia e gritaria, ele a observasse às claras pela primeira vez. Os homens que ele acompanhara até a fronteira da vida seriam chorados pela mãe, mas no campo de batalha, os entes queridos estavam muito longe e além da imaginação. Ver uma criança arrancada de sua mãe no instante do nascimento – arrancada da única mulher no mundo por quem Tom se importava – era uma dor mais terrível. Olhou novamente para as sombras lançadas pelo bebê e, ao lado dele, o bolo coberto com um pano, como um irmão gêmeo envolto em mortalha.

– Ainda não, Tom. Eu contarei a eles quando estiver pronta – Isabel insistira no dia seguinte, deitada na cama.

– Mas sua mãe e seu pai, eles vão querer saber. Esperam você em casa no próximo barco. Estão esperando seu primeiro neto.

Isabel olhou para ele, desarvorada.

– Exatamente! Estão esperando seu primeiro neto, e eu o perdi.

– Ficarão preocupados com você, Izz.

– Então, para que perturbá-los? Por favor, Tom. É problema nosso. Meu problema. Não temos que contar ao mundo inteiro. Deixe-os sonhar um pouco mais de tempo. Enviarei uma carta quando o barco vier outra vez em junho.

– Mas isso será somente daqui a semanas!

– Tom, eu simplesmente não posso. – Uma lágrima caiu em sua camisola. – Ao menos, terão mais algumas semanas de felicidade...

Assim, ele cedera à sua vontade e deixara o livro de registro permanecer em silêncio.

Mas agora era diferente – era uma questão pessoal. A chegada do barco não deixava nenhum espaço de manobra. Ele começou com o registro do barco a vapor que vira de manhã, o *Manchester Queen*, rumo a Cape Town. Em seguida, anotou as condições calmas, a temperatura e largou a caneta. Amanhã. Registraria toda a história da chegada do barco amanhã, depois de enviar o sinal. Parou um instante para considerar se deveria deixar um espaço, de modo que pudesse voltar e preenchê-lo, ou se era melhor simplesmente deixar implícito que o barco chegara mais tarde do que realmente havia chegado. Deixou um espaço. Sinalizaria pela manhã e diria que estiveram preocupados demais com o bebê para fazer contato mais cedo. O registro contaria a verdade, porém um pouco atrasado. Apenas um dia. Ele viu seu reflexo no vidro sobre a “Lei dos Faróis 1911” que estava pendurada na parede e, por um instante, não reconheceu o rosto ali refletido.



– Não sou exatamente um especialista neste departamento – Tom disse a Isabel na tarde da chegada do bebê.

– E nunca será se ficar aí parado desse jeito. Só quero que a segure enquanto eu vejo se a mamadeira já está morna. Vamos. Ela não morde – ela disse, sorrindo. – Não por enquanto, pelo menos.

A criança mal tinha o tamanho do antebraço de Tom, mas ele a segurou como se estivesse lidando com um polvo.

– Só fique aí quieto um minuto – disse Isabel, arrumando os braços dele. – Muito bem. Fique nesta posição. E agora... – fez um ajuste final –, ela é toda sua pelos próximos dois minutos. – E afastou-se para a cozinha.

Era a primeira vez que Tom ficara sozinho com um bebê. Ficou imóvel, como se estivesse de prontidão, aterrorizado de ser reprovado na inspeção. A criança começou a se contorcer, agitando pés e braços em uma manobra que o deixou desorientado.

– Quietinha agora! Seja boazinha comigo – implorou, enquanto tentava segurá-la melhor.

– Não se esqueça de manter a cabecinha apoiada – Isabel falou da cozinha. Imediatamente, ele levou a mão à cabeça do bebê, notando o quanto era pequena na palma de sua mão. Ela contorceu-se de novo, então ele a balançou delicadamente.

– Vamos, seja uma boa menina. Jogue limpo com seu tio Tom.

Quando ela piscou para ele e olhou diretamente dentro de seus olhos, Tom sentiu uma dor repentina, quase física. Ela estava lhe dando um vislumbre de um mundo que ele agora certamente nunca teria.

Isabel voltou com a mamadeira.

– Tome.

Enfiou a mamadeira na mão de Tom e guiou-a até a boca da criança, demonstrando como dar batidinhas bem de leve em seus lábios até ela agarrar o bico. Tom ficou admirado de como o processo se desdobrava por si mesmo. O simples fato de que o bebê não requeria nada dele provocava um sentimento de reverência por algo muito além de sua compreensão.

Quando Tom voltou ao farol, Isabel ocupava-se na cozinha, preparando a janta enquanto o bebê dormia. Assim que ouviu um choro, ela correu para o quarto de bebê e o pegou do berço. O bebê estava agitado e novamente empurrava o rostinho contra o peito de Isabel, começando a sugar o fino algodão de sua blusa.

– Oh, querida, ainda está com fome? O manual do velho doutor Griffiths diz para ter cuidado para não lhe dar demais. Mas talvez um pouquinho... – Aqueceu um pouco mais de leite e ofereceu a mamadeira ao bebê. Mas desta vez, a criança virou a cabeça, afastando-se do bico, e começou a chorar, enquanto empurrava as mãozinhas contra o convidativo, quente mamilo que tocava seu rosto através do tecido.

– Vamos, tome, tome sua mamadeira, docinho – Isabel murmurava amorosamente, mas o bebê ficou ainda mais inquieto,

agitando braços e pernas e virando-se para o peito de Isabel.

Isabel lembrou-se da recente agonia da chegada do seu leite, tornando seus seios pesados e doloridos, sem nenhum bebê para sugá-los – parecera-lhe um mecanismo particularmente cruel da natureza. Agora, aquele recém-nascido buscava avidamente seu leite, ou talvez buscasse apenas conforto, agora que a fome imediata fora afastada. Ela parou por um longo instante, seus pensamentos girando com o choro, a ânsia e a perda.

– Oh, querida – ela murmurou, desabotoando a blusa lentamente. Segundos depois, a criança agarrara o bico do seio com força, sugando com satisfação, apesar de somente algumas gotas de leite terem aflorado.

Estavam assim havia bastante tempo quando Tom entrou na cozinha.

– Como vai o... – Ele parou no meio da frase, interrompido pela visão.

Isabel ergueu os olhos para ele, o rosto uma mistura de inocência e culpa.

– Foi a única maneira de fazê-la sossegar.

– Mas... Bem... – Alarmado, Tom não conseguia nem formular suas perguntas.

– Ela estava desesperada. Não quis aceitar a mamadeira...

– Mas... Mas ela aceitou antes, eu vi...

– Sim, porque estava com muita fome. Quase morta de fome, literalmente.

Tom continuou com o olhar fixo na cena, completamente aturdido.

– É a coisa mais natural do mundo, Tom. Provavelmente, a melhor coisa que eu poderia fazer por ela. Não fique tão espantado.

– Ela estendeu a mão para ele. – Venha cá, querido. Me dê um sorriso.

Ele tomou sua mão, mas continuou atônito. E lá no fundo, seu mal-estar aumentou.

Nessa tarde, os olhos de Isabel brilhavam com uma luz que Tom não via fazia anos.

– Venha ver! – ela exclamou. – Ela não é uma gracinha? Ela se encaixa maravilhosamente! – Indicou o bercinho de vime em que a criança dormia tranquilamente, o peito minúsculo subindo e descendo como um eco em miniatura das ondas ao redor da ilha.

– Aconchegada como uma noz na casca, hein? – comentou Tom.

– Eu diria que ela ainda não tem três meses.

– Como pode saber?

– Eu verifiquei. – Tom ergueu uma das sobrancelhas. – No *Dr. Griffiths*. Colhi algumas cenouras e alguns nabos e fiz um ensopado com o que tínhamos de carneiro. Quero fazer uma ceia especial hoje.

Tom franziu a testa, intrigado.

– Temos que dar as boas-vindas a Lucy e fazer uma oração por seu pobre pai.

– Se é que ele era seu pai – Tom disse. – E *Lucy*?

– Bem, ela precisa de um nome. Lucy significa “luz”, então é perfeito, não é?

– Izzy Bella. – Ele sorriu, depois afagou seus cabelos, delicadamente sério. – Tenha cuidado, amor. Não quero vê-la triste...

Enquanto acendia o farol para a noite, ele ainda não conseguia se livrar da sensação de mal-estar, nem sabia dizer se tinha origem no passado – a dor da perda novamente despertada – ou era um mau presságio. Enquanto descia as escadas estreitas em caracol, atravessando cada patamar de metal, sentiu um aperto no peito e uma sensação de deslizar de volta para uma escuridão da qual achara ter conseguido escapar.

Nessa noite, sentaram-se para jantar acompanhados pelo ruído da respiração fungada da criança, o gorgolejo esporádico levando um sorriso aos lábios de Isabel.

– O que será dela? – ela refletiu em voz alta. – É triste pensar que possa acabar em um orfanato. Como o menino de Sarah Porter.

Mais tarde, fizeram amor pela primeira vez desde o nascimento do feto morto. Isabel pareceu diferente a Tom: confiante, relaxada. Ela o beijou depois e disse:

– Vamos plantar um jardim de rosas quando a primavera chegar. Um que fique aqui muitos anos depois de termos ido embora.



– Enviarei o sinal hoje de manhã – Tom disse logo que amanheceu, ao voltar do farol onde fora apagá-lo. O brilho madrepérola do dia infiltrava-se no quarto e acariciava o rosto do bebê. Ela acordara à noite e Isabel a levava para dormir entre eles. Ela levou o dedo aos lábios enquanto balançava a cabeça indicando a criança adormecida e levantou-se da cama para acompanhar Tom à cozinha.

– Sente-se, amor, vou preparar o chá – ela sussurrou, organizando xícaras, bule e chaleira o mais silenciosamente possível. Quando colocava a chaleira no fogão, ela disse:

– Tom, estive pensando.

– Em quê, Izzy?

– Lucy. Não pode ser apenas uma coincidência que ela tenha aparecido tão pouco tempo depois... – Não era preciso completar a frase. – Não podemos simplesmente despachá-la para um orfanato. – Virou-se para Tom e tomou as mãos deles nas suas. – Querido, acho que ela devia ficar conosco.

– Ora, tenha juízo, querida! Ela é um bebê adorável, mas não nos pertence. Não podemos *ficar* com ela.

– Por que não? Pense bem. Quero dizer, falando praticamente, quem vai saber que ela está aqui?

– Quando Ralph e Bluey vierem dentro de algumas semanas, *eles* vão saber, para começar.

– Sim, mas me ocorreu ontem à noite que eles não vão saber que ela não é nossa. Todo mundo ainda pensa que estou grávida. Só

ficarão surpresos por ela ter chegado antes.

Tom olhava fixamente para ela, boquiaberto.

– Mas... Izzy, você está em seu juízo perfeito? Já pensou bem no que está sugerindo?

– Estou sugerindo bondade. Só isso. Amor por um bebê. Estou sugerindo, querido – ela apertou as mãos dele com mais força –, que a gente aceite este presente que nos foi enviado. Há quanto tempo queremos um bebê, *rezamos* por um bebê?

Voltando-se para a janela, Tom colocou as mãos na cabeça e começou a rir, em seguida estendeu as mãos para o alto num apelo.

– Pelo amor de Deus, Isabel! Quando eu contar a eles sobre o sujeito no barco, por fim alguém vai saber quem era ele. E descobrirão que havia um bebê. Talvez não imediatamente, mas com o tempo...

– Então, eu acho que você não devia lhes contar.

– *Não contar a eles?* – Seu tom de voz ficou repentinamente brando.

Ela afagou seus cabelos.

– Não conte a eles, querido. Não fizemos nada de errado exceto acolher um bebê indefeso. Podemos dar um enterro decente ao pobre homem. E o barco, bem... coloque-o à deriva outra vez.

– Izzy, Izzy! Sabe que eu faria qualquer coisa por você, querida, mas, quem quer que seja o homem e o que quer que tenha feito, temos que lidar com isso adequadamente. E dentro da lei, além do mais. E se a mãe não estiver morta e houver uma mulher angustiada esperando pelos dois?

– Que mulher deixaria seu bebê longe de sua vista? Encare os fatos, Tom: ela deve ter se afogado! – Ela agarrou as mãos dele outra vez. – Sei o quanto suas normas significam para você e sei que tecnicamente isso significa infringi-las. Mas para que servem essas normas? Para salvar vidas! Isso é tudo que estou dizendo para fazermos, querido: salvar *esta* vida. Ela está aqui e precisa de nós e podemos ajudá-la. Por favor.

– Izzy, eu *não posso*. Não depende de mim. Não compreende?

O rosto de Izzy se anuviou.

– Como pode ser tão insensível? Tudo que importa a você são suas normas, seus navios e seu maldito farol. – Essas eram acusações que já ouvira antes, quando, angustiada após seus abortos, Isabel soltava sua raiva com a única pessoa que havia ali – o homem que continuava a cumprir seu dever, que a consolava da melhor maneira possível, mas que não externava sua dor. Novamente, ele sentiu que ela estava perigosamente à beira de um colapso, talvez mais perto desta vez do que jamais estivera.

## ☞ CAPÍTULO 11 ☞

**U**MA GAIVOTA CURIOSA espreitava Tom de sua rocha recoberta de algas. Ela o seguia com um olhar implacável enquanto ele enrolava o corpo, agora com o odor pungente dos mortos, na lona. Era difícil dizer o que o homem devia ter sido na vida. Seu rosto não era nem muito velho, nem muito novo. Era magro; louro. Tinha uma pequena cicatriz na face esquerda. Tom se perguntou quem sentia sua falta; quem teria motivo para amá-lo ou odiá-lo.

Os antigos túmulos do naufrágio ficavam no terreno baixo, perto da praia. Quando começou a cavar a nova cova, seus músculos assumiram o controle, executando a tarefa familiar de memória, em um ritual que ele jamais esperara ter que repetir.

Na primeira vez em que ele se apresentara para o desfile diário para o enterro dos mortos, ele havia vomitado ao ver os corpos estendidos lado a lado, à espera de sua pá. Após algum tempo, o ritual tornou-se apenas uma tarefa. Torcia para pegar um sujeito magro ou o que tivera as pernas arrancadas, porque era bem mais fácil de remover. Enterrá-los. Assinalar a sepultura. Bater continência e ir embora. Era assim. Esperar pegar o sujeito com a maior parte do corpo destruída: Tom sentiu um calafrio ao pensar que não havia nada de estranho nisso naquela época.

A pá dava um suspiro a cada contato com o solo arenoso. Depois que a terra fora compactada de novo em um montículo perfeito, ele parou por um instante para rezar por quem quer que fosse o pobre coitado, mas viu-se murmurando:

– Perdoe-me, Senhor, por isto e por todos os meus pecados. E perdoe Isabel. Sabe quanta bondade existe nela. E sabe o quanto ela sofreu. Perdoe-nos. Tenha piedade de nós.

Fez o sinal da cruz e retornou ao barco, pronto para arrastá-lo de volta para a água. Deu-lhe um empurrão e um raio de luz feriu seus

olhos quando o sol refletiu-se em alguma coisa. Olhou o interior do casco do barco. Algo brilhante estava preso sob a baliza da proa e resistiu à sua primeira tentativa de retirá-lo. Depois de tentar por alguns instantes, conseguiu soltar um objeto duro e frio, que se reanimou, com um barulho estridente: um chocalho de prata, gravado com querubins e com a marca do fabricante.

Ele revirou o chocalho nas mãos, como se esperasse que ele lhe dissesse alguma coisa, lhe desse algum tipo de pista. Enfiou-o no bolso: um sem-número de histórias poderia explicar a chegada daquele par desconhecido na ilha, mas somente repetir para si mesmo a história de Izzy de que a criança era órfã lhe permitia dormir à noite. Não podia pensar além desse argumento e precisava evitar qualquer prova em contrário. Fixou o olhar na linha em que o mar se encontrava com o céu como um par de lábios cerrados. Melhor não saber.

Certificou-se de que o barco havia entrado na corrente para o sul antes de arrastar-se de volta pela água até a praia. Agradeceu pelo cheiro salgado das algas marinhas verde-escuras que apodreciam nas rochas, apagando o cheiro de morte de suas narinas. Um minúsculo caranguejo roxo de areia aventurou-se para fora de uma saliência da pedra, foi andando apressadamente de lado para um baiacu morto, inchado e espinhoso mesmo na morte, e começou a pinçar pequenos bocados da barriga do peixe, levando-os à boca. Tom estremeceu e começou a subir a trilha íngreme.



– Na maioria dos dias, não há como escapar do vento por aqui. Tudo bem se você for uma gaivota ou um albatroz: vê como eles simplesmente flutuam nas correntes de ar, como se estivessem descansando? – Sentado na varanda, Tom apontava para um enorme pássaro prateado que viera de alguma outra ilha e parecia se dependurar de um fio no céu plácido, apesar do ar turbulento.

O bebê ignorava o dedo de Tom e, em vez disso, fixava o olhar nos olhos de Tom, fascinado pelo movimento de seus lábios e pela

profunda ressonância de sua caixa torácica. Ela emitiu um som, como um soluço agudo. Tom tentou ignorar a maneira como seu coração deu um salto em resposta e continuou seu discurso.

– Mas naquela baía, somente naquela pequena enseada, ali é o único lugar onde se pode encontrar um pouco de silêncio e sossego, porque ela dá para o norte e o vento que segue diretamente para o norte quase nunca entra ali. Aquele lado é do Oceano Índico, belo, calmo e morno. O Oceano Antártico fica do outro lado, agitado e perigoso. Fique longe dele.

A criança lançou um bracinho para fora do cobertor em resposta e Tom deixou sua mãozinha agarrar-se ao seu dedo indicador. Na semana seguinte à sua chegada, ele se acostumara aos seus arrotos, à sua presença silenciosa, adormecida, no berço, que parecia flutuar pela casa como o cheiro de comida no forno ou de flores. Preocupava-o que pudesse se ver prestando atenção para ouvir quando ela acordava de manhã ou automaticamente ir pegá-la no colo quando começava a chorar.

– Você está se apaixonando por ela, não está? – Isabel disse, observando-o da porta. Tom franziu o cenho e ela disse com um sorriso: – É impossível não se apaixonar.

– Todas essas carinhas que ela faz...

– Você vai ser um ótimo pai.

Ele se remexeu na cadeira.

– Izz, é errado não relatar o que aconteceu.

– Olhe só para ela. Parece que fizemos alguma coisa de errado?

– Mas esse é o ponto. Não *precisamos* fazer nada de errado. Podíamos relatar agora e solicitar a adoção. Ainda não é tarde demais, Izz. Ainda podemos agir corretamente.

– Adotá-la? – Isabel empertigou-se. – Jamais enviariam um bebê para uma estação de farol no meio do nada: sem nenhum médico; nenhuma escola. Nenhuma *igreja* é provavelmente o que mais os incomodaria. E mesmo que a colocassem para adoção, iriam querer dá-la para algum casal em uma cidade por aí. Além do mais, leva uma eternidade para passar por um longo e complicado procedimento. Iriam querer nos conhecer. Você jamais conseguiria

uma licença para ir encontrá-los e só poderemos voltar à terra dentro de um ano e meio. – Ela colocou a mão em seu ombro. – *Eu sei que vamos conseguir. Eu sei que você vai ser um ótimo pai. Mas eles não.*

Ela olhou para o bebê e passou o dedo suavemente pelo seu rostinho macio.

– O amor é maior do que livros de regras, Tom. Se você tivesse reportado o barco, ela agora estaria enfurnada em algum terrível orfanato. – Ela pousou a mão no braço dele. – Nossas preces foram atendidas. As preces do bebê foram atendidas. Quem seria tão mal-agradecido para mandá-la embora?

O fato puro e simples é que, assim como um enxerto sobrevive e se funde em uma roseira, a maternidade de Isabel, como um toco pronto para receber um enxerto – cada impulso e instinto deixados à flor da pele pelo recente nascimento de um filho morto –, havia recebido com perfeição o implante, o bebê que precisava dos cuidados de uma mãe. O sofrimento e a distância atavam a ferida, aperfeiçoando a união com uma velocidade que somente a natureza podia engendrar.

Quando Tom desceu da sala da lanterna naquela noite, Isabel estava sentada ao lado da primeira lareira acesa do outono, ninando o bebê na cadeira de balanço que ele havia feito quatro anos antes. Ela não notou a sua presença, e ele a observou em silêncio por um instante. Ela parecia lidar com a criança por puro instinto, incorporando-a em cada movimento. Ele lutou contra sua dúvida angustiante. Talvez Isabel tivesse razão. Quem era ele para separar esta mulher de um bebê?

Em suas mãos estava o Livro da Oração Comum, para o qual Isabel havia se voltado com mais frequência depois do primeiro aborto. Agora, ela lia silenciosamente a “Oração das mulheres”, a ação de graças depois do parto. “Eis que os filhos são herança do Senhor e o fruto do ventre o seu galardão.”

\* \* \*

Na manhã seguinte, Isabel ficou ao lado de Tom embaixo da sala da lanterna, segurando o bebê enquanto ele enviava o sinal. Ele pensara cuidadosamente no que iria dizer. Seus dedos estavam trêmulos quando começou: tivera medo de enviar a notícia do nascimento da criança morta, mas isso era muito pior. *“Bebê chegou antes ponto nos pegou de surpresa ponto Isabel se recuperando bem ponto não é necessária ajuda médica ponto menina ponto Lucy.”* Virou-se para Isabel.

– Mais alguma coisa?

– O peso. As pessoas sempre perguntam o peso. – Ela lembrou-se do filho de Sarah Porter. – Diga três quilos e duzentos.

Tom olhou para ela surpreso com a facilidade com que a mentira lhe ocorreu. Virou-se novamente para o aparelho e teclou os números.

Quando a resposta chegou, ele a transcreveu e anotou no livro de sinais. *“Parabéns ponto notícia maravilhosa ponto aumento da população de Janus oficialmente registrado conforme regulamento ponto Ralph e Bluey enviam congratulações ponto Avós serão imediatamente informados ponto.”*

Ele suspirou, consciente de um aperto no peito, e esperou um pouco antes de ir relatar a resposta a Isabel.



Nas semanas que se seguiram, Isabel desabrochou. Ela cantava enquanto ia e vinha pela casa. Não parava de cobrir Tom de beijos e abraços durante todo o dia. Seu sorriso o deslumbrava com sua alegria incontida. E o bebê? O bebê era tranquilo e confiante. Ela não questionava os braços que a envolviam, as mãos que a acariciavam, os lábios que a beijavam e murmuravam *“Mamãe está aqui, Lucy, mamãe está aqui”*, enquanto era ninada para dormir.

Não havia como negar que a criança prosperava. Sua pele parecia irradiar um brilho, como um halo luminoso. Os seios de Isabel reagiram à sucção do bebê produzindo leite outra vez em

poucas semanas, a “relactação” que o dr. Griffiths descrevia com detalhes clínicos, e a criança mamava sem um momento de hesitação, como se as duas tivessem chegado em algum tipo de acordo. Mas Tom começou a se demorar um pouco mais na sala da lanterna pela manhã, depois de extinguir a luz. De vez em quando, surpreendia-se voltando as páginas do registro ao dia 27 de abril e fixando o olhar no espaço em branco.

Você podia matar um sujeito com regras, Tom sabia disso. E, no entanto, às vezes, eram elas que se interpunham entre o homem e a selvageria, entre o homem e monstros. As regras que diziam que você fazia prisioneiro em vez de matar um homem. As regras que diziam que você devia deixar as macas removerem seus feridos da terra de ninguém, bem como seus próprios homens. Mas sempre tudo se resumia a uma pergunta simples: ele poderia privar Isabel deste bebê? E se a criança estivesse sozinha no mundo? Poderia realmente ser certo arrancá-la de uma mulher que a adorava para lançá-la em uma loteria do Destino?

À noite, Tom começou a sonhar que estava se afogando, atirando braços e pernas desesperadamente para todos os lados, tentando encontrar um apoio para os pés, mas não havia nada onde pisar, nada para mantê-lo flutuando, exceto uma sereia, cuja cauda ele agarrava e que então o puxava cada vez mais para o fundo, para a escuridão das águas profundas, até ele acordar suando e arfando, enquanto Isabel dormia placidamente ao seu lado.

## ☞ CAPÍTULO 12 ☞

— **B**OM-DIA, RALPH. Prazer em vê-lo. Onde está Blue?

— Aqui! — gritou o taifeiro da popa, escondido por alguns caixotes de frutas. — Como vai, Tom? Feliz em nos ver?

— Sempre, companheiro. Vocês são os sujeitos que têm a bebida, não é? — riu enquanto prendia a corda. O velho motor matraqueou e cuspiu enquanto o barco acostava, enchendo o ar de densos vapores de diesel. Eram meados de junho, a primeira visita do barco de suprimentos desde a chegada do bebê há sete semanas.

— O carrinho já está preparado nos cabos. Já preparei o guincho também.

— Caramba, você está um pouco apressado, Tom! — Ralph exclamou. — Não temos pressa agora, não é? É um grande dia. Podemos nos demorar mais. Afinal, temos que ver a recém-chegada! Minha Hilda empilhou tanta coisa em cima de mim, como um burro de carga, tudo para a pequenina! Sem mencionar os orgulhosos avós!

Quando Ralph saiu da prancha de desembarque com seus passos pesados, agarrou Tom em um grande abraço.

— Parabéns, filho! Que maravilha. Especialmente depois... depois de tudo que aconteceu antes.

Bluey apressou-se a fazer o mesmo.

— Sim, parabéns. Mamãe também manda seus melhores votos de felicidades.

Os olhos de Tom vagaram para a água.

— Obrigado. Muito obrigado. Agradeço muito.

Conforme subiam a trilha, avistaram a silhueta de Isabel contra um varal de fraldas lavadas penduradas em fila como bandeiras de

sinalização ondulando no vento forte. Mechas de seus cabelos escapavam do coque em que acabara de prendê-los.

Ralph estendeu os braços ao se aproximar dela.

– Ora veja, dá pra ver, hein? Nada faz uma garota desabrochar mais do que ter um bebê. Faces rosadas e cabelos brilhantes, exatamente como minha Hilda ficava com cada um dos nossos.

Isabel corou com o elogio e deu um rápido beijo no arrais. Ela beijou Bluey também, que fez uma mesura e murmurou:

– Parabéns, sra. S.

– Venham, vamos entrar. A chaleira já está fervendo e temos bolo – ela disse.

Sentados à velha mesa de pinho, o olhar de Isabel vagava de vez em quando para a criança adormecida no cesto.

– Você foi o assunto de todas as mulheres em Partageuse, tendo seu filho sozinha assim. Claro, as mulheres dos fazendeiros não acharam nada demais. Mary Linford contou como teve três sem nenhuma ajuda. Mas as mulheres da cidade, elas ficaram muito impressionadas. Espero que Tom não tenha sido um inútil, hein?

O casal trocou um olhar. Tom estava prestes a falar, mas Isabel tomou sua mão e apertou-a com força.

– Ele tem sido maravilhoso. Não podia querer um marido melhor.

– Havia lágrimas em seus olhos.

– Ela é muito bonitinha, até onde se pode ver – Bluey disse. Mas tudo que aparecia do meio do cobertor fofo era um rostinho delicado com uma touca.

– Ela tem o nariz de Tom, não tem? – Ralph acrescentou.

– Bem... – Tom hesitou. – Não sei se meu nariz é algo que se queira ver numa menininha!

– Ah, isso é verdade! – Ralph disse com uma risadinha. – Certo, sr. Sherbourne, meu amigo, preciso de seu autógrafo nos formulários. Acho melhor separá-los agora.

Tom ficou aliviado de levantar-se da mesa.

– Certo. Venha ao escritório, capitão Addicott – ele disse, deixando Bluey murmurando meigamente sobre o cesto.

O rapaz enfiou a mão no berço e sacudiu o chocalho para o bebê, que agora estava bem acordado. Ela observou-o atentamente e ele sacudiu-o de novo.

– Você tem muita sorte, hein? Com um chocalho de prata bonito como este? Digno de uma princesa: nunca vi nada tão bonito! Com anjos no cabo e tudo o mais. Anjos para um anjo... E seu lindo cobertor fofinho...

– Oh, são sobras de... – a voz de Isabel definiu – de antes. Bluey ficou vermelho.

– Desculpe-me. Metendo o nariz onde não devo. Eu... Melhor cuidar do descarregamento. Obrigado pelo bolo – disse, batendo em retirada pela porta da cozinha.



*Janus Rock*  
*Junho de 1926*

*Queridos pais*

*Bem, Deus nos enviou um anjo para nos fazer companhia. O bebê Lucy conquistou nossos corações! Ela é uma linda menininha – absolutamente perfeita. Ela dorme bem e se alimenta bem. Nunca dá nenhum trabalho.*

*Gostaria que pudessem vê-la e segurá-la nos braços. A cada dia ela fica um pouco diferente, e sei que até que vocês a vejam ela terá perdido seu ar de bebê. Estará engatinhando quando estivermos de volta em terra. Enquanto isso, eis o mais aproximado possível de uma foto. Molhei a sola de seu pezinho em vermelho de*

*cochonilha! (É preciso ser criativo na Lights...) Veja obra-prima em anexo.*

*Tom é um pai maravilhoso. Janus parece tão diferente agora que Lucy está aqui. No momento, é muito fácil tomar conta dela – eu a coloco no cesto e ela vai comigo quando tenho que recolher os ovos ou ordenhar as cabras. Ficará um pouco mais difícil quando ela começar a engatinhar. Mas não quero me apressar.*

*Gostaria de lhes contar tanta coisa sobre ela – como seus cabelos são escuros, o cheiro bom que ela tem depois do banho. Seus olhos também são escuros. Mas não consigo lhe fazer justiça. Ela é maravilhosa demais para descrever. Só a conheço há algumas semanas e já não posso imaginar minha vida sem ela.*

*Bem "Vovô" e "Vovó" (!), é melhor eu terminar esta carta para que o barco possa levá-la, ou serão mais três meses até vocês a receberem!*

*Com amor,*

*Isabel*

*P.S. Acabei de ler sua carta trazida pelo barco hoje de manhã. Obrigada pelo lindo tapetinho de coelho. E a boneca é uma gracinha. Os livros também são maravilhosos. Eu conto historinhas infantis para ela o tempo inteiro, de modo que ela vai gostar destas histórias novas.*

*P.P.S. Tom agradece o casaco. O inverno está começando a apertar por aqui!*



A lua crescente não passava de um filete pregado no céu que escurecia. Tom e Isabel estavam sentados na varanda enquanto o

farol girava muito acima deles. Lucy adormecera nos braços de Tom.

– É difícil respirar de modo diferente dela, não é? – ele disse, olhando para o bebê.

– O que quer dizer?

– É uma espécie de feitiço, não é? Sempre que ela está assim adormecida, eu acabo respirando no mesmo ritmo. Mais ou menos como eu acabo fazendo as coisas de acordo com o giro do farol. – Quase para si mesmo, ele disse: – Isso me assusta.

Isabel sorriu.

– É apenas amor, Tom. Não precisa ter medo do amor.

Tom sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Assim como ele agora não podia imaginar ter vivido neste mundo sem conhecer Isabel, ele compreendeu que Lucy, também, estava penetrando em seu coração. E ele queria que ela se acomodasse ali.



Qualquer um que tenha trabalhado na Offshore Lights pode lhe falar sobre isso – o isolamento e o feitiço que ele lança. Como faíscas arremessadas da fornalha que é a Austrália, esses faróis pontilham o litoral, piscando, alguns deles jamais vistos senão por um punhado de almas vivas. Mas seu isolamento salva todo o continente do isolamento – mantém as rotas dos navios seguras, conforme as embarcações singram milhares de milhas para trazer máquinas, livros e tecidos, em troca de lã e trigo, carvão e ouro: os frutos da engenhosidade permutados por frutos da terra.

O isolamento tece seu misterioso casulo, concentrando a mente em um único lugar, um único tempo, um único ritmo – o giro do farol. A ilha não conhece nenhuma outra voz humana, nenhuma outra pegada. Na Offshore Lights você pode viver qualquer história que queira contar a si mesmo e ninguém dirá que você está errado: nem as gaivotas, nem os prismas, nem o vento.

Assim, Isabel flutua cada vez mais para dentro do mundo de benevolência divina, onde as preces são atendidas, onde bebês

chegam pela vontade de Deus e a ação das correntes.

– Tom, eu me pergunto como podemos ter tanta sorte? – ela reflete. Observa, admirada, sua abençoada filha crescer e desabrochar. Encanta-se com as descobertas que cada dia traz para aquele pequeno ser: rolar no berço; começar a engatinhar; os primeiros balbucios. As tempestades gradualmente seguem o inverno para outro canto do mundo e o verão chega, com um céu azul mais pálido, um sol dourado mais intenso.

– Vamos lá – Isabel ri, erguendo Lucy sobre o quadril enquanto os três descem a trilha em direção à praia cintilante para um piquenique. Tom pega folhas de formatos e texturas diversas e Lucy as cheira, mastiga as pontas, fazendo careta diante das sensações estranhas. Ele colhe pequenos ramalhetes de flores silvestres ou lhe mostra as escamas brilhantes de um xaréu ou de uma cavala azul que ele pegou nas rochas no lado da ilha onde o leito do oceano mergulha repentinamente na escuridão. Em noites calmas, a voz de Isabel é levada pelo ar em uma canção alegre e tranquilizante enquanto lê histórias para Lucy do clássico australiano *Snugglepote and Cuddlepie* no quarto do bebê, enquanto Tom trabalha em consertos no galpão.

O que quer que seja certo ou errado, o fato é que Lucy estava ali agora e Isabel não poderia ser uma mãe melhor. Toda noite, em suas orações, ela agradecia a Deus por sua família, sua saúde, sua vida abençoada, e rezava para ser digna das dádivas com que Ele a cobria.

Os dias iam e vinham como ondas na praia, quase sem deixar rastros da passagem do tempo naquele mundo minúsculo de trabalhar, dormir, comer e vigiar. Isabel deixava cair uma lágrima quando guardava alguns dos primeiros pertences de Lucy quando bebê.

– Parece que foi ontem que ela era tão pequenina, e agora, olhe só para ela – dizia pensativamente a Tom, enquanto as dobrava, envolvia em papel de seda e guardava – uma chupeta, seu chocalho, seus primeiros vestidinhos, um par de sapatinhos de bebê.

Exatamente como qualquer outra mãe, em qualquer parte do mundo.



Quando sua menstruação não veio, Isabel ficou empolgada. Quando já havia abandonado qualquer esperança de outra criança, suas expectativas estavam prestes a desconcertá-la. Iria esperar um pouco mais, continuar rezando, antes de dizer qualquer coisa a Tom. Mas via seus pensamentos vagarem, sonhando acordada com um irmão ou uma irmã para Lucy. Seu coração transbordava. De repente, o sangue veio com toda força, vingativamente, mais denso e doloroso, de um jeito que ela não poderia ter antecipado. Sua cabeça doía, às vezes; ela suava à noite. Depois, meses se passavam sem nenhum sinal de menstruação.

– Vou me consultar com o dr. Sumpton quando tivermos nossa licença em terra. Não é preciso pressa – ela disse a Tom. Continuou normalmente, sem se queixar.

– Sou forte como um touro, querido. Não há nada com que se preocupar. – Estava apaixonada por seu marido, por seu bebê, e isso bastava.



Os meses se sucederam, marcados pelos rituais peculiares ao farol – acender, içar a bandeira, retirar o banho de mercúrio para filtrar algum resquício do petróleo. Toda a papelada de sempre para preencher e a concordância com a impertinente correspondência enviada pelo mecânico-chefe das Forças Armadas sobre como qualquer dano aos tubos de vapor somente poderiam ser causados pela negligência do faroleiro, e não por defeito de fabricação. O livro de registros mudou de 1926 para 1927 no meio de uma página: não havia desperdício de papel no Serviço de Faróis da Comunidade Britânica – os livros de registro eram caros. Tom considerou a

indiferença institucional à chegada de um novo ano – como se a Lights não se deixasse impressionar por algo tão prosaico quanto o mero passar do tempo. E era verdade – a vista a partir da galeria no Dia de Ano-Novo era a mesma da Véspera do Ano-Novo.

De vez em quando, ele ainda se via revisitando a página de 27 de abril de 1926 até o livro abrir-se ali por conta própria.

Isabel trabalhava arduamente. A horta vicejava; a casa estava sempre limpa. Ela lavava e remendava as roupas de Tom, cozinhava os pratos que ele preferia. Lucy crescia. A luz do farol girava. O tempo passava.

## ☞ CAPÍTULO 13 ☞

— **J**Á VAI FAZER UM ANO — Isabel disse. — O dia 27 de abril é o aniversário dela, já está bem próximo.

Tom estava na oficina, lixando a ferrugem da dobradiça envergada de uma porta. Ele largou a lima.

— Eu me pergunto qual seria o verdadeiro dia do seu aniversário.

— O dia que ela chegou está bastante bom para mim. — Isabel beijou a criança, montada em seu quadril, mastigando um pedaço de pão.

Lucy estendeu os braços para Tom.

— Desculpe, menina. Minhas mãos estão imundas. É melhor ficar com a mamãe agora.

— Nem consigo acreditar no quanto ela cresceu. Está muito pesada. — Isabel riu e deu um solavanco em Lucy para acomodá-la mais alto em seu quadril. — Vou fazer um bolo de aniversário. — A criança respondeu enfiando a cabeça no peito de Isabel e soltando farelos de pão em cima dela. — O dentinho está lhe dando trabalho, não é, querida? Suas bochechas estão tão vermelhas. Vamos colocar um remedinho nele? — Virando-se para Tom, ela disse: — Até daqui a pouco, querido. É melhor eu voltar. A sopa ainda está no fogo. — E saiu de volta a casa.

A luz metálica penetrava pela janela e varria a bancada de trabalho de Tom. Tinha que martelar o metal até desentortá-lo e cada golpe do martelo ressoava estridentemente das paredes. Embora se visse batendo cada vez com mais força do que o necessário, não conseguia parar. Não havia como fugir da sensação provocada pela conversa de aniversários. Recomeçou a trabalhar com o martelo, os golpes não menos pesados, até que o metal estalou com a força. Ele pegou as duas metades quebradas, olhando fixamente para elas.



Tom ergueu os olhos da cadeira de braços. Algumas semanas haviam se passado desde a comemoração do aniversário do bebê.

– Não importa o que você leia para ela – Isabel disse. – Só é bom para ela se acostumar a ouvir palavras diferentes. – Colocou Lucy no colo dele e foi terminar de fazer o pão.

– Dadadadad – a criança disse.

– Bubububud – Tom disse. – E então? Quer uma história? – A mãozinha estendeu-se, mas em vez de apontar para o pesado livro de histórias na mesa ao lado deles, ela agarrou um livreto bege e empurrou-o para ele. Ele riu.

– Acho que você não vai gostar muito deste, coelhinha. Não tem figuras, para começar. – Ele estendeu a mão para o livro de histórias, mas Lucy atirou o livreto em seu rosto.

– Dadadadad.

– Já que é este que você quer, menina! – Ele riu outra vez.

A criança abriu o livreto em uma página e apontou para as palavras, como vira Tom e Isabel fazer.

– Está bem. – Tom começou: – Instruções para os faroleiros. Número vinte e nove: os faroleiros nunca devem permitir que quaisquer interesses, particulares ou não, interfiram no cumprimento de seus deveres, que são da maior importância para a segurança da navegação; e devem se lembrar de que sua continuação ou promoção no Serviço depende de sua estrita obediência a ordens, fidelidade às normas estabelecidas para sua orientação, diligência, sobriedade e a manutenção da limpeza e da boa ordem em si próprios e suas famílias, bem como em todas as dependências e instalações do farol. Número trinta: conduta imprópria, disposição para brigas e discussões, embriaguez ou imoralidade da parte de qualquer vigia – parou para tirar os dedos de Lucy de suas narinas –, deixará o transgressor passível de punição ou demissão. A perpetração de qualquer desses delitos por qualquer membro da família do vigia deixará o transgressor passível de exclusão da

estação do farol. – Parou. Um calafrio percorrera seu corpo e seu coração batia mais forte e acelerado. Foi chamado de volta ao presente por uma mãozinha que pousou em seu queixo. Ele pressionou-a contra os lábios, distraidamente. Lucy sorriu para ele e deu-lhe um generoso beijo.

– Vamos ler *A bela adormecida* em vez disso – ele disse, pegando o livro de contos de fadas, apesar da dificuldade em se concentrar.



– Aqui está: chá com torradas na cama, senhoritas! – Tom disse, depositando a bandeja ao lado de Isabel.

– Cuidado, Luce – Isabel disse. Ela trouxera a criança para a cama naquele domingo, depois que Tom fora apagar o farol, e Lucy trepava na direção da bandeja, para pegar a pequena xícara de chá que Tom preparara para ela também – pouco mais do que leite morno com uma gota de cor.

Tom sentou-se ao lado de Isabel e puxou Lucy para cima de seu joelho.

– Lá vamos nós, Lulu – ele disse, ajudando-a a firmar a xícara com as duas mãos enquanto bebia. Ele estava concentrado em sua tarefa, até perceber o silêncio de Isabel; ele se virou e viu lágrimas em seus olhos.

– Izzy, Izzy, o que houve, querida?

– Nada, Tom. Absolutamente nada.

Ele limpou uma lágrima de seu rosto.

– Às vezes, fico tão feliz que até tenho medo, Tom.

Ele afagou seus cabelos e Lucy começou a soprar bolhas de ar dentro do seu chá.

– Escute aqui, Miss Muffet, você vai beber isso ou já chega?

A criança continuou a soprar dentro da xícara, claramente satisfeita com os sons.

– Ok, acho que vamos deixar isso de lado por enquanto. – Afastou a xícara devagar e Lucy reagiu descendo do colo dele e subindo no de Isabel, ainda fazendo bolhas de cuspe.

– Muito bonito! – Isabel disse, rindo através das lágrimas. – Venha aqui, macaquinha! – E atirou uma framboesa na barriguinha dela. Lucy deu uma risadinha e se contorceu, pedindo “Faz! Faz!” Isabel atendeu e jogou outra.

– Vocês são duas meninas travessas! – Tom disse.

– Às vezes, me sinto um pouco zozza com tanto amor que tenho por ela. E por você. Se me pedissem para andar em linha reta, eu não conseguiria.

– Não há linhas retas em Janus, portanto não precisa se preocupar com isso – Tom disse.

– Não zombe, Tom. Era como se eu não enxergasse cores antes de Lucy, e agora o mundo é completamente diferente. É mais brilhante, eu posso enxergar mais longe. Estou exatamente no mesmo lugar, os pássaros são os mesmos, a água é a mesma, o sol se levanta e se põe como sempre fez, mas eu nunca soube *para que*, Tom. – Puxou a criança para junto de si. – Lucy é a razão de ser... E  *você* também está diferente.

– Como?

– Acho que há partes suas que você não sabia que existiam até ela chegar. Cantos de seu coração que a vida havia bloqueado. – Ela correu o dedo pelos lábios dele. – Sei que você não gosta de falar da guerra e de tudo o mais, mas... bem, isso deve tê-lo deixado entorpecido.

– Meus pés. Sempre deixava meus pés entorpecidos, é o que a lama congelada faz com um sujeito. – Tom só conseguiu esboçar um breve sorriso com a tentativa de fazer uma piada.

– Pare, Tom. Estou tentando dizer alguma coisa. Falo a sério, pelo amor de Deus, e lá vem você com alguma piada tola, como se eu fosse uma criança que não compreende ou a quem não se pode dizer a verdade.

Desta vez, Tom ficou absolutamente sério.

– Você *não* compreende, Isabel. Nenhuma pessoa civilizada jamais deveria *ter* que entender. E tentar descrever isso seria como passar uma doença. – Ele virou-se para a janela. – Eu fiz o que fiz para que pessoas como você e Lucy pudessem esquecer que isso aconteceu um dia. Para que nunca mais acontecesse. “A guerra para acabar com todas as guerras”, lembra-se? Isso não tem lugar aqui, Lucy, nesta ilha. Nesta cama.

As feições de Tom haviam se endurecido e ela percebeu uma determinação que nunca vira nele antes – a determinação, ela imaginou, que o havia ajudado a atravessar tudo que ele atravessara.

– É que... – Isabel começou outra vez –, bem, nenhum de nós sabe se estará por aqui por mais um ano ou por cem anos. E eu queria que soubesse o quanto lhe sou grata, Tom. Por tudo. Especialmente por me ter dado Lucy.

O sorriso de Tom congelou-se diante dessas últimas palavras e Isabel apressou-se a continuar.

– Você fez isso, querido. Você compreendeu o quanto eu precisava dela e eu sei o quanto isso lhe custou, Tom. Poucos homens fariam isso por sua mulher.

Arrancado de volta de algum mundo imaginário, Tom pôde sentir as palmas de suas mãos suarem. Seu coração começou a acelerar com a necessidade de sair correndo – para qualquer lugar, não importa aonde, desde que fosse para longe da realidade da escolha que ele havia feito e que de repente parecia pesar como uma coleira de ferro.

– É hora de começar a trabalhar. Vou deixar vocês duas com suas torradas – ele disse, e saiu do quarto o mais devagar que pôde conseguir.

## ☞ CAPÍTULO 14 ☞

**Q**UANDO O SEGUNDO CONTRATO de três anos de Tom chegou ao fim logo antes do Natal de 1927, a família de Janus Rock fez sua primeira viagem a Point Partageuse, enquanto um vigia substituto administrava a estação do farol. A segunda licença em terra do casal seria a primeira viagem de Lucy ao continente. Enquanto se preparava para a chegada do barco, Isabel brincara com a possibilidade de encontrar uma desculpa para não partir, para ficar com a menina na segurança de Janus.

– Você está bem, Izz? – Tom perguntara ao vê-la, a mala aberta sobre a cama, olhando fixamente através da janela.

– Oh. Estou – ela respondeu rapidamente. – Só estou verificando se não me esqueci de nada.

Ele estava prestes a sair do quarto quando retornou e colocou a mão em seu ombro.

– Nervosa?

Ela agarrou um par de meias e as enrolou em uma bola.

– Não, de jeito nenhum – ela disse, enfiando-a na mala. – De jeito nenhum.

O desconforto que Isabel tentara esconder de Tom desapareceu diante da visão de Lucy nos braços de Violet, quando seus pais vieram recebê-los no píer. Sua mãe chorava e ria ao mesmo tempo.

– Finalmente!

Ela sacudia a cabeça, admirada, inspecionando cada centímetro da criança, tocando seu rosto, seus cabelos, sua mãozinha.

– Minha abençoada netinha. Veja só, esperar quase dois anos para colocar os olhos em você! E ela não é o retrato de minha velha tia Clem?

Isabel passara meses preparando Lucy para a exposição a pessoas. “Em Partageuse, Luce, há muita, muita gente. E todo mundo vai gostar de você. Pode ser um pouco estranho no começo, mas não há nenhum motivo para ter medo.” Na hora de dormir, ela contara à menina histórias da cidade e das pessoas que viviam lá.

Lucy reagia com grande curiosidade ao infundável suprimento de seres humanos que agora a rodeavam. Isabel sentia uma pontada no coração ao aceitar as calorosas felicitações das pessoas da cidade por sua linda filha. Até a velha sra. Mewett fez cócegas sob o queixo da menina ao vê-la no armarinho, quando comprava uma rede para cabelos.

– Ah, os pequeninos. Que bênçãos! – ela disse sonhadoramente, deixando Isabel se perguntando se estaria ouvindo direito.

Assim que chegaram, Violet carregou a família toda para o estúdio fotográfico de Gutcher. Diante de um fundo de lona pintado com samambaias e colunas gregas, Lucy foi fotografada com Tom e Isabel; com Bill e Violet; e sozinha, empoleirada em uma enorme cadeira de vime. Foram encomendadas cópias para serem levadas de volta a Janus, para serem enviadas a primos distantes, para mandar emoldurar e colocar no console da lareira e no piano.

– Três gerações de mulheres Graysmark – exclamava Violet radiante quando se via sentada, com Lucy no colo, ao lado de Isabel.

Lucy tinha avós que a adoravam. Deus não comete erros, Isabel pensava. Ele enviara a garotinha ao lugar certo.



– Oh, Bill – Violet dissera ao seu marido na noite em que a família chegara. – Graças a Deus. Graças a Deus...

Violet vira sua filha três anos antes, ainda sofrendo com seu segundo aborto, na primeira licença do casal em terra. Na época, Isabel se sentara com a cabeça no colo da mãe, chorando.

– A natureza é assim – Violet dissera. – Você tem que tomar fôlego e se reerguer. Os filhos virão, se é o que Deus deseja para você, seja paciente. E reze. Rezar é o mais importante.

Mas ela não contou toda a verdade a Isabel. Não disse quantas vezes vira uma gestação ser levada a termo no verão escaldante, sufocante, ou no frio cortante do inverno, apenas para a criança ser perdida para a escarlatina ou a difteria, suas roupas cuidadosamente dobradas e guardadas até que pudessem servir para a próxima. Nem tocou na dificuldade de responder a uma pergunta acidental sobre o número de filhos que tinha. Um parto bem-sucedido era apenas o primeiro passo de uma jornada longa e traiçoeira. Nesta casa, que há anos silenciara, Violet sabia disso muito bem.

A leal e dócil Violet Graysmark, respeitável esposa de um respeitável marido. Ela mantinha os armários livres de traças, os canteiros de flores livres de ervas daninhas. Ela podara as roseiras para persuadi-las a florescer até mesmo em agosto. Seu creme de limão sempre era o primeiro a esgotar nas vendas das festas da igreja, e foi a sua receita de bolo de frutas que fora escolhida para o livreto do comitê local da Associação Feminina Australiana. Na verdade, ela agradecia a Deus todas as noites por suas muitas bênçãos. Mas em algumas tardes, quando o pôr do sol transformava o jardim de verde a um tom pardo desbotado enquanto ela descascava batatas na pia, seu coração não conseguia suportar tanta tristeza. Quando Isabel chorara em sua visita anterior, Violet teve vontade de chorar com ela, lamentar-se, arrancar os cabelos e dizer-lhe que conhecia a dor de perder o primogênito: como nada – ninguém, nenhum dinheiro, nada neste mundo poderia jamais compensar essa perda e que a dor jamais, jamais passaria. Quis dizer-lhe como isso a enlouquecia, a fazia barganhar com Deus sobre que oferenda poderia fazer para ter seu filho de volta.

Quando Isabel já estava adormecida e Bill cochilava ao lado do fogo quase extinto da lareira, Violet foi ao seu guarda-roupa e tirou dali a velha lata de biscoitos. Remexeu o conteúdo, afastando algumas moedas, um pequeno espelho, um relógio, uma carteira, até chegar ao envelope agora desgastado nas bordas de tantos anos

de manuseio. Sentou-se na cama e, à luz amarela do abajur, começou a ler a escrita tosca, embora já soubesse o texto de cor.

*Cara sra. Graysmark*

*Espero que me perdoe por lhe escrever: a senhora não me conhece. Meu nome é Betsy Parmenter e eu moro em Kent.*

*Há duas semanas, eu estava visitando meu filho Fred, que foi enviado de volta do front por causa de graves ferimentos com estilhaços de bomba. Ele estava no hospital 1st Southern General, em Stourbridge, e eu tenho uma irmã que reside perto dali, de modo que podia visitá-lo todos os dias.*

*Bem, estou escrevendo porque certo dia trouxeram um soldado australiano ferido, que eu fiquei sabendo que era seu filho Hugh. Seu estado era grave: estava cego e tinha perdido um braço. Mas ele ainda conseguia dizer algumas palavras, e falava muito amorosamente de sua família e de sua casa na Austrália. Era um rapaz muito corajoso. Eu o via todos os dias, e em certo momento houve grandes esperanças de que ele fosse se recuperar, mas parece que desenvolveu septicemia e seu estado só foi piorando.*

*Eu só queria que soubesse que eu lhe levava flores (as primeiras tulipas começavam a abrir e elas são flores lindas) e alguns cigarros. Acho que meu Fred e ele se davam bem. Ele até comeu um pouco do bolo de frutas que eu levei um dia, o que foi muito bom de ver, pois parecia lhe dar grande satisfação. Eu estava lá na manhã em que seu estado piorou, e nós três rezamos o Pai Nosso e cantamos "Permaneça comigo". Os médicos fizeram o máximo possível para reduzir sua dor, e creio que ele não sofreu muito no final. Um vigário veio e o abençoou.*

*Gostaria de dizer o quanto todos nós valorizamos o grande sacrifício que seu corajoso filho fez. Ele mencionou o irmão, Alfie, e eu rezo para que ele volte são e salvo para vocês.*

*Lamento a demora em lhes escrever, mas meu Fred faleceu uma semana depois do seu filho e houve muita coisa a fazer, como pode imaginar.*

*Com meus melhores votos e preces,  
(sra.) Betsy Parmenter*

Hugh só devia conhecer tulipas de livros, Violet pensou, e consolou-a o fato de que talvez ele tenha tocado em uma e sentido sua forma. Ela se perguntou se tulipas teriam perfume.

Lembrou-se de como o carteiro tinha um ar solene e quase culpado algumas semanas depois, quando lhe entregou o embrulho: papel pardo amarrado com barbante, endereçado a Bill. Ela ficou tão transtornada que nem leu o que estava escrito no recibo dos Correios: não precisava. Muitas mulheres haviam recebido a parca coleção de objetos que constituía a vida de seu filho.

O recibo de Melbourne dizia:

*Caro senhor,*

*Encaminhamos com o presente, por postagem registrada separada, um pacote contendo os pertences do falecido Nº 4497 Soldado Graysmark, 28º Batalhão, recebidos no Themistocles conforme inventário anexo.*

*Solicito a gentileza de me comunicar o recebimento desta remessa em perfeitas condições, assinando e devolvendo o recibo em anexo.*

*Atenciosamente,  
J. M.  
Johnson,*

*Major,  
Comandant  
e, Setor de  
Registros*

Em um papel separado da "The Kit Store, 110 Greyhound Road, Fulham, London SW" estava o inventário dos objetos. Violet ficou intrigada ao ler a lista: "*espelho de barbear; cinto; três pennies; relógio de pulso com pulseira de couro; gaita.*" Que estranho que a gaita de Alfie estivesse entre os pertences de Hugh. Então, ela olhou de novo a lista, os recibos, a carta, o embrulho e leu o nome com mais cuidado. A. H. Graysmark. Não H. A. Graysmark. Alfred Henry, não Hugh Albert. Ela correu ao encontro do marido.

– Bill! Oh, Bill! – gritou. – Houve um erro terrível!

Foi necessário um grande volume de correspondência, com papel timbrado com uma lista preta da parte dos Graymark, para descobrir que Alfie havia morrido com a diferença de um dia de Hugh, três dias depois de chegar à França. Entrando para o mesmo regimento no mesmo dia, os irmãos tinham orgulho do fato de seus números de identificação serem consecutivos. O sinaleiro, que vira com seus próprios olhos Hugh ser despachado vivo em uma maca, desconsiderou a instrução de enviar o telegrama "Morto em Combate" referente a A. H. Graysmark, presumindo que significasse H. A. Violet ficou sabendo da morte de seu segundo filho por meio do frio pacote em suas mãos. Era um erro fácil de ser cometido em um campo de batalha, ela dissera.



Na última vez que voltara à casa em que crescera, Isabel fora lembrada da escuridão que se abatera sobre ela com a morte de seus irmãos, o quanto a perda havia contaminado toda a vida de sua mãe, como uma mancha. Como uma jovem de 14 anos, Isabel consultara o dicionário. Ela sabia que se uma mulher perdia o

marido, havia um mundo inteiramente novo para descrever quem ela era: ela agora era uma *viúva*. Um marido se tornava um *viúvo*. Mas se um pai ou mãe perdesse um filho, não havia nenhum rótulo especial para sua dor. Eles continuavam sendo apenas mãe ou pai, ainda que não mais tivessem um filho ou uma filha. Isso parecia estranho. Quanto ao seu próprio status, ela se perguntou se tecnicamente ainda seria uma irmã, agora que seus adorados irmãos haviam morrido.

Foi como se uma das bombas do front francês tivesse explodido no meio de sua família, deixando uma cratera que ela jamais poderia preencher ou consertar. Violet passava dias arrumando os quartos de seus filhos, lustrando as molduras de prata de suas fotografias. Bill tornou-se calado. Qualquer que fosse o tópico de conversa com que Isabel tentasse envolvê-lo, ele não respondia ou até mesmo saía do aposento. Sua função, ela concluiu, era não causar mais nenhum problema ou preocupação a seus pais. Ela era o prêmio de consolação – o que eles tinham no lugar dos filhos.

Agora, o entusiasmo de seus pais confirmava para Isabel que ela havia agido corretamente ao ficar com Lucy. Quaisquer sombras que persistiam em rondar foram eliminadas. O bebê havia curado tantas vidas: não só a dela e de Tom, mas agora a vida dessas duas pessoas que tinham sido tão resignadas à perda.

No almoço de Natal, Bill Graysmark fez uma oração e, com a voz embargada, agradeceu a Deus pela dádiva de Lucy. Mais tarde, na cozinha, Violet confidenciou a Tom que o marido ganhara um novo sopro de vida desde o dia em que soube do nascimento de Lucy.

– Fez maravilhas. Como um tônico mágico.

Ela fitou o hibisco cor-de-rosa pela janela.

– A notícia da morte de Hugh foi um grande golpe para Bill, mas quando soube de Alfie, ele ficou destruído. Durante muito tempo, se recusava a acreditar. Dizia que era impossível que tal coisa houvesse acontecido. Passou meses escrevendo para todo lugar, resolvido a mostrar que se tratara de um erro. De certa forma, fiquei satisfeita: tive orgulho por ele estar lutando contra a notícia. Mas havia muita

gente por aqui que havia perdido mais de um filho. Eu sabia que era verdade.

“Por fim, as forças o abandonaram. Ele simplesmente perdeu a esperança. – Ela respirou fundo. – Mas ultimamente... – ela ergueu os olhos e sorriu, encantada – ele voltou a ser como era, graças a Lucy. Eu aposto que sua menina significa tanto para Bill quanto para você. Ela lhe devolveu a vida. – Violet esticou-se e beijou o rosto de Tom. – Obrigada.”

Quando as mulheres lavavam a louça depois do almoço, Tom sentou-se à sombra no gramado no quintal nos fundos da casa, onde Lucy andava a passos trôpegos de um lado para o outro, sempre voltando para lhe dar beijos vorazes.

– Nossa, obrigada, querida! – ele dizia, dando risada. – Não precisa me comer.

Ela olhava para ele, com aqueles olhos que buscavam os seus como um espelho, até que ele a puxasse para si e lhe fizesse cócegas outra vez.

– Ah! O pai perfeito! – disse uma voz atrás dele. Tom virou-se e viu o sogro aproximando-se.

– Pensei em vir ver se você estava conseguindo lidar com ela. Vi sempre dizia que eu tinha muito jeito com nossos três. – Quando pronunciou a última palavra, uma sombra atravessou seu rosto. Ele se recompôs e estendeu os braços.

– Venha com o vovô. Venha puxar o bigode dele. Ah, minha princesinha!

Lucy saiu cambaleando para ele, os braços estendidos.

– E lá vamos nós – ele disse, erguendo-a no colo. Ela estendeu a mãozinha para o relógio no bolso de seu colete e puxou-o.

– Quer saber que horas são? De novo? – Bill riu e começou mais uma vez o ritual de abrir o estojo de ouro e exhibir-lhe o mostrador do relógio. Ela fechou-o imediatamente e empurrou-o de novo para ele, para que o reabrisse. – É difícil para Violet, sabe – ele disse a Tom.

Tom bateu a grama das calças enquanto se levantava.

– O que, Bill?

– Estar sem Isabel e, agora, sentir falta desta menininha... – Ele parou. – Deve haver algum emprego que você poderia arranjar por perto de Partageuse, não? Você tem diploma universitário, pelo amor de Deus...

Tom remexeu os pés, constrangido.

– Ah, sei o que dizem: uma vez faroleiro, sempre faroleiro. –

É o que dizem – Tom disse.

– E é verdade?

– Mais ou menos.

– Mas você poderia sair? Se realmente quisesse?

Tom refletiu antes de responder:

– Bill, um homem poderia deixar sua mulher se ele realmente quisesse. Não torna isso a coisa certa a fazer.

Bill lançou-lhe um olhar incisivo.

– Não é justo deixar que o treinem, ganhe experiência e depois deixá-los na mão. E, depois, você se acostuma. – Ele ergueu os olhos para o céu, pensativo. – É o meu lugar. E Isabel adora.

A criança estendeu os braços para Tom, que a transferiu para o seu quadril em um movimento reflexo.

– Bem, só quero que cuide bem das minhas meninas. É só o que tenho a dizer.

– Farei o melhor possível. Prometo.



A tradição mais importante do *Boxing Day* – o primeiro dia útil depois do Natal – em Partageuse era a Festa da Igreja. Era uma reunião de residentes da cidade e de localidades distantes, estabelecida havia muito tempo por alguém com queda para negócios que vira a vantagem de realizar o evento para levantamento de fundos em um dia em que ninguém teria uma desculpa para dizer que estava muito ocupado para comparecer. E,

ainda sendo época de Natal, também não tinham nenhuma desculpa para não serem generosos.

Assim como pela venda de bolos, doces e potes de geleia, que de vez em quando explodiam sob o sol inclemente, a festa era famosa pelas gincanas e competições: a corrida da colher e do ovo, a corrida de três pernas, a corrida de sacos – todas atrações do dia. A brincadeira de “Tiro ao coco” ainda mantinha seu estande, embora tivessem desistido da barraca de tiro ao alvo depois da guerra, porque as habilidades recém-adquiridas dos homens do lugar estavam fazendo com que o jogo desse prejuízo.

Os eventos eram abertos ao público em geral e a participação era quase obrigatória. As famílias passavam o dia inteiro na festa, fazendo churrasco com bifes de carne moída e linguças, em tambores de duzentos litros cortados ao meio, vendidos a seis *pence* a porção. Tom sentou-se com Lucy e Isabel sobre uma manta à sombra, comendo salsichas no pão, enquanto Lucy desmontava seu almoço e o redistribuía no prato ao seu lado.

– Os rapazes eram grandes corredores – Isabel disse. – Costumavam até ganhar a corrida de três pernas. E acho que mamãe ainda tem a taça que eu ganhei na corrida de sacos em certo ano.

Tom sorriu.

– Não sabia que tinha me casado com uma atleta campeã.

Ela deu um tapinha de brincadeira em seu braço.

– Só estou lhe contando as lendas da família Graysmark.

Tom estava atento à sujeira que ameaçava se derramar do prato de Lucy quando um rapaz com um distintivo de mestre de cerimônias apareceu ao lado deles. Segurando um bloco e um lápis, ele disse:

– Desculpe-me. Este bebê é de vocês?

A pergunta sobressaltou Tom.

– O quê?

– Só estou perguntando se este bebê é de vocês.

Embora Tom balbuciasse alguma coisa, eram palavras incoerentes.

O rapaz voltou-se para Isabel.

– O bebê é seu, senhora?

Isabel franziu o cenho por um segundo e em seguida assentiu devagar, compreendendo.

– Você está reunindo os participantes para a corrida dos pais?

– Isso mesmo. – Ele ergueu o lápis para a página e perguntou a Tom: – Como você soletra seu sobrenome?

Tom olhou novamente para Isabel, mas não havia nenhum sinal de constrangimento em seu rosto.

– Posso soletrá-lo para você, caso tenha se esquecido – ela caçoou.

Tom esperou até que ela compreendesse seu susto, mas o sorriso dela não vacilou. Finalmente, ele disse:

– Correr não é exatamente o meu ponto forte.

– Mas todos os pais participam – disse o rapaz, diante do que obviamente era a primeira recusa com que ele se deparara.

Tom escolheu as palavras cuidadosamente.

– Eu não passaria nem nas eliminatórias.

Quando o rapaz se afastou para recrutar o próximo pai, Isabel disse descontraidamente:

– Não tem importância, Lucy. Eu vou na corrida das mães. Ao menos um dos seus pais está disposto a fazer papel de bobo por você. – Mas Tom não lhe retribuiu o sorriso.



O dr. Sumpton lavava as mãos enquanto, por trás da cortina, Isabel se vestia outra vez. Ela mantivera sua promessa a Tom e fora se consultar com o médico enquanto estavam em Partageuse.

– Nada de errado, mecanicamente falando – ele disse.

– E então? O que é? Estou doente?

– De modo algum. São apenas mudanças da vida – o médico disse, enquanto fazia suas anotações. – Tem muita sorte de já ter um bebê, de modo que não será tão difícil para você como para outras mulheres, quando ocorre assim tão cedo. Quanto aos outros sintomas, bem, receio que tenha que suportá-los. Passarão dentro de mais ou menos um ano. É simplesmente como as coisas são. – Deu-lhe um sorriso alegre. – E então, será um abençoado alívio: terá deixado para trás todos os problemas das menstruações. Algumas mulheres a invejariam.

Enquanto caminhava de volta à casa de seus pais, Isabel tentava não chorar. Tinha Lucy; tinha Tom. Em um momento da vida em que muitas mulheres haviam perdido para sempre aqueles a quem mais amava. Seria egoísmo querer mais da vida.



Alguns dias depois, Tom assinou a papelada para mais um período de três anos. O dirigente distrital, que viera de Fremantle para cuidar das formalidades, novamente prestou atenção à sua caligrafia e assinatura, comparando-as à documentação original. Qualquer sinal de tremor em suas mãos e ele não teria permissão de voltar. O envenenamento por mercúrio era bastante comum: se pudessem detectar o problema no estágio em que causava apenas tremor na caligrafia, poderiam evitar enviar um vigia que provavelmente estaria louco ao final da temporada seguinte.

## ☞ CAPÍTULO 15 ☞

**O**BATIZADO DE LUCY, INICIALMENTE programado para a primeira semana do período de licença, fora adiado por causa da prolongada “indisposição” do reverendo Norkells. Finalmente, foi celebrado no dia anterior à volta deles para Janus, no começo de janeiro. Naquela manhã escaldante, Ralph e Hilda dirigiram-se à igreja com Tom e Isabel. A única sombra existente enquanto aguardavam as portas se abrirem era sob um bosque de eucaliptos *mallee* ao lado dos túmulos do cemitério da igreja.

– Espero que Norkells não esteja em outra bebedeira – Ralph disse.

– Ralph! Francamente! – Hilda disse. Para mudar de assunto, ela estalou a língua, indicando uma lápide de granito nova a alguns passos dali.

– Que tristeza.

– O que foi, Hilda? – Isabel perguntou.

– Oh, o pobre bebê e seu pai, os que se afogaram. Ao menos, finalmente ganharam um memorial.

Isabel ficou paralisada. Por um instante, achou que fosse desmaiar, e os sons à sua volta tornaram-se distantes e, em seguida, repentinamente estrondosos. Esforçou-se para discernir as letras douradas brilhantes no granito: “*Em memória dos saudosos Franz Johannes Roennfeldt, amado marido de Hannah, e sua preciosa filha Grace Ellen. Sob a proteção de Deus.*” Em seguida, embaixo: “*Selig sind die da Leid tragen.*” Havia flores frescas ao pé do memorial. Com aquele calor, não podiam ter sido deixadas ali há mais de uma hora.

– O que aconteceu? – ela perguntou, sentindo os pés e as mãos dormentes.

– Ah, foi chocante – Ralph disse, sacudindo a cabeça. – Hannah Potts, se chamava. – Isabel reconheceu o nome imediatamente. – Septimus Potts, o velho “Potes de Dinheiro”, como o chamavam. O sujeito mais rico de toda a região. Ele chegou aqui, de Londres, há cinquenta e poucos anos, como órfão, sem nada. Fez fortuna com madeira. A mulher dele morreu quando suas duas filhas eram pequenas. Qual é o nome da outra, Hilda?

– Gwen. Hannah é a mais velha. Ambas frequentaram aquele sofisticado internato em Perth.

– Então, há alguns anos, Hannah se casou com um hun... Bem, o velho Potts deixou de falar com ela depois disso. Cortou o dinheiro. Eles moravam naquele casebre perto do posto de gasolina. O velho pai finalmente fez as pazes quando o bebê nasceu. Enfim, houve uma briga no feriado do Dia das Forças Armadas, dois anos atrás.

– Agora não, Ralph – Hilda advertiu-o com um olhar.

– Só estou contando a eles...

– Não é hora, nem lugar. – Voltou-se para Isabel. – Digamos que houve um mal-entendido entre Frank Roennfeldt e alguns dos moradores daqui, e ele acabou saltando para dentro de um barco a remo com o bebê. Eles... bem, o pessoal se voltou contra ele porque ele era alemão. Ou era como se fosse. Não há necessidade de entrar nesses pormenores aqui, em um batizado e tudo o mais. Melhor esquecer.

Isabel parara de respirar enquanto ouvia a história, e nesse momento deu um suspiro involuntário quando seu corpo clamou por ar.

– É, pois é! – Hilda disse, demonstrando sua concordância. – E fica pior...

Tom olhou ansiosamente para Isabel, os olhos arregalados, o suor porejando em seu lábio. Ele se perguntava se as pessoas poderiam ouvir seu coração martelando com tanta força.

– Bem, o sujeito não era nenhum marinheiro – Ralph continuou. – Tinha uma falha no coração desde criança, pelo que disseram: não poderia lutar contra estas correntes. Houve uma tempestade e nunca mais ninguém ouviu falar deles. Devem ter se afogado. O

velho Potts colocou uma recompensa por informações: mil guinéus! – Ele sacudiu a cabeça. – Isso faria qualquer um que soubesse de alguma coisa se apresentar. Até eu pensei em procurá-los! Veja bem, eu também não sou simpatizante de alemães. Mas o bebê... Não tinha nem dois meses. Não se pode ter raiva de bebês, não é? Tão pequenininhos.

– A pobre Hannah nunca se recobrou – Hilda disse com um suspiro. – Seu pai só conseguiu persuadi-la a colocar o memorial há alguns meses. – Parou, ajeitando as luvas. – É engraçado como o mundo dá voltas, não? Nascida com mais dinheiro do que se pode imaginar; foi lá para Sydney, para a universidade, obter um diploma em não sei o quê; casou-se com o amor de sua vida... e agora você a vê às vezes, perambulando por aí, como se não tivesse para onde ir.

Isabel sentia-se mergulhada em gelo, enquanto as flores no memorial a assombravam, ameaçando-a com a proximidade da presença da mãe. Recostou-se contra uma árvore, zozna.

– Você está bem, querida? – Hilda perguntou, preocupada com a sua súbita palidez.

– Sim. É só o calor. Já vai passar.

As pesadas portas de *jarrah*, o eucalipto gigante, abriram-se e o vigário saiu da igreja.

– Todos prontos para o grande dia? – ele perguntou, contraindo-se com a luminosidade.



– Temos que dizer alguma coisa! Agora! Cancelar o batizado... – A voz de Tom era baixa e urgente ao confrontar Isabel na sacristia, enquanto Bill e Violet exibiam sua neta aos convidados na igreja.

– Tom, não podemos. – Sua respiração era superficial e o rosto estava mortalmente pálido. – É tarde demais! – ela disse.

– Temos que consertar isso! Temos que contar para as pessoas agora.

– Não podemos! – Ainda atordoada, ela buscava qualquer palavra que fizesse sentido. – Não podemos fazer isso com Lucy! Somos os únicos pais que ela conheceu. Além do mais, o que iríamos dizer? Que de repente nos lembramos de que na verdade não tivemos um bebê? – Seu rosto ficou ainda mais pálido. – E o corpo do homem? Tudo isso foi longe demais. – Todos os seus instintos lhe diziam para ganhar tempo. Estava confusa demais, aterrorizada demais para qualquer outra coisa. Procurou soar calma. – Conversaremos sobre isso depois. No momento, temos que levar o batizado adiante. – Um raio de luz iluminou seus olhos verdes cor do mar e Tom pôde ver o medo neles. Ela deu um passo em sua direção e ele deu um salto para trás, como se fossem ímãs opostos.

Os passos do vigário soaram acima do burburinho dos convidados na igreja quando ele se aproximou. A cabeça de Tom girou abruptamente. *“Na saúde e na doença. Para o melhor e para o pior.”* As palavras, pronunciadas por ele nesta mesma igreja há anos, ressoaram em seu crânio.

– Só estou esperando vocês – disse o vigário com um largo sorriso.

– Esta criança já foi batizada ou não? – começou o reverendo Norkells.

As pessoas reunidas à frente responderam:

– Não.

Ao lado de Tom e Isabel, Ralph ocupava a posição de padrinho e a prima de Isabel, Freda, a de madrinha.

Os padrinhos seguravam velas e entoavam as respostas às perguntas do vigário:

– Vocês, em nome desta criança, repudiam o diabo e todas as suas ações...?

– Repudio todas – os padrinhos responderam em uníssono.

Enquanto as palavras ecoavam das paredes de arenito, Tom olhava gravemente para suas botas novas e brilhantes, concentrando-se em uma bolha ardendo em seu calcanhar.

– Obedecerão à vontade e aos mandamentos sagrados de Deus...?

– Obedecerei.

A cada promessa, Tom flexionava o pé contra o couro duro, mergulhando na dor.

Lucy parecia fascinada pelos cintilantes reflexos dos vitrais e ocorreu a Isabel, mesmo em seu estado de perturbação, que a menina nunca vira cores tão brilhantes.

– Oh, Deus Todo-Poderoso, faça com que o velho Adão nesta criança seja sepultado e que o novo homem possa se erguer nela...

Tom pensou na sepultura não assinalada em Janus. Viu o rosto de Frank Roennfeldt quando o cobriu com a lona – distante, inexpressivo – deixando Tom como seu próprio acusador.

Lá fora, o barulho de crianças jogando críquete francês no pátio da igreja pontilhava o ar com batidas e gritos de “*Owzat?*” para o árbitro declarar que o rebatedor estava fora. Na segunda fileira de bancos, Hilda Addicott sussurrou para sua vizinha:

– Olhe, Tom tem lágrimas nos olhos. Ele tem um coração mole, Tom. Pode até parecer um homem duro como uma rocha, mas tem um coração realmente mole.

Norkells tomou a criança nos braços e disse a Ralph e Freda:

– Digam o nome desta criança.

– Lucy Violet – disseram.

– Lucy Violet. Eu a batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo – disse o padre, despejando água na cabeça da criança, que emitiu um grito de protesto, logo seguido pelo hino “Crimond” tocado pela sra. Rafferty no decrépito órgão de madeira.

Antes de a cerimônia terminar, Isabel desculpou-se e correu para o banheiro externo, anexo à igreja, no final da trilha. A pequena construção de tijolos estava quente como um forno, e ela abanou as moscas antes de se inclinar e vomitar violentamente. Uma lagartixa agarrava-se à parede, observando-a em silêncio. Quando ela puxou a corrente da descarga, a lagartixa saltou correndo para o telhado de zinco em busca de segurança. Ao se reunir novamente aos seus pais, disse debilmente, para impedir perguntas da mãe:

– Estômago enjoado.

Estendendo os braços para Lucy, abraçou-a com tanta força que a criança colocou as mãos no peito de Isabel e se empurrou um pouco para trás.

No almoço do batizado no Hotel Palace, o pai de Isabel sentou-se à mesa com Violet, que usava seu vestido de algodão azul com a gola branca de renda. Sua cinta a incomodava e o coque que fizera nos cabelos provocava-lhe dor de cabeça. Estava determinada, entretanto, a não deixar que nada estragasse este dia – o batizado de sua primeira e, soubera agora por Isabel, sua única neta.

– Tom não parece bem disposto, não é, Vi? Ele nunca bebe muito, mas hoje está bebendo uísque sem parar. – Bill encolheu os ombros, como se quisesse se convencer. – Só está comemorando, eu acho.

– Devem ser os nervos... um dia tão importante. Isabel também está nervosa. Provavelmente é por isso que está com problema no estômago.

No bar com Tom, Ralph disse:

– Essa menininha fez toda a diferença para a sua Isabel, não é? Ela parece uma nova mulher.

Tom revirava nas mãos o copo vazio.

– Revelou um lado diferente dela, sem dúvida.

– Quando penso na época em que ela perdeu o bebê...

Tom deu um imperceptível sobressalto, mas Ralph continuou:

– ... naquela primeira vez. Foi como ver um fantasma quando eu estive em Janus. E a segunda vez foi pior ainda.

– Sim. Foram épocas difíceis para ela.

– Oh, bem, Deus foi muito bom no final, não é? – Ralph disse com um sorriso.

– Será mesmo, Ralph? Ele não pode ser bom para todos, não é? Não pôde ser bom para o alemão assim como para nós, digamos...

– Não deve falar assim, rapaz. Ele foi bom para você!

Tom afrouxou a gravata e o colarinho – de repente o bar lhe parecia sufocante.

– Você está bem, amigo? – Ralph perguntou.

– Está abafado aqui. Acho que vou dar uma volta. – Mas do lado de fora não estava melhor. O ar parecia sólido, como vidro derretido, que o sufocava ao invés de deixá-lo respirar.

Se pudesse falar com Isabel sozinha, calmamente... Tudo ficaria bem. Poderia ficar bem, de algum modo. Empertigou-se, respirou fundo e caminhou lentamente de volta ao hotel.



– Ela está dormindo profundamente – Isabel disse ao fechar a porta do quarto onde a criança dormia cercada de travesseiros para não rolar para fora da cama. – Ela se comportou muito bem hoje. Durante todo o batizado, com todas aquelas pessoas. Só chorou quando a molharam. – Conforme o dia foi transcorrendo, sua voz perdeu o tremor que adquirira com a revelação de Hilda.

– Oh, ela é um anjo! – Violet disse, sorrindo. – Não sei o que faremos quando for embora amanhã.

– Eu sei. Mas prometo que vou escrever e lhe contar todas as novidades dela – Isabel disse, com um suspiro. – Acho melhor irmos dormir. Temos que levantar assim que amanhecer para pegar o barco. Você vem, Tom?

Tom assentiu.

– Boa-noite, Violet. Boa-noite, Bill – ele disse, deixando-os entregues ao seu quebra-cabeça enquanto ele seguia Isabel para o quarto.

Era a primeira vez no dia que ficavam sozinhos juntos e, assim que a porta do quarto se fechou, ele perguntou ríspidamente:

– Quando vamos contar a eles? – Seu rosto estava contraído, os ombros tensos.

– Não vamos – Isabel respondeu, com um sussurro apressado.

– Como assim?

– Precisamos pensar, Tom. Precisamos de tempo. Temos que partir amanhã. Vai ser uma tremenda confusão se dissermos alguma coisa, e você tem que estar de volta ao trabalho amanhã à noite. Decidiremos o que fazer quando chegarmos a Janus. Não devemos nos apressar e depois nos arrependermos.

– Izz, há uma mulher aqui na cidade que acha que a filha está morta quando na verdade está viva; que não sabe o que aconteceu a seu marido. Só Deus sabe o que ela tem passado. Quanto mais cedo a gente puser um fim ao seu sofrimento...

– Tudo isso é um choque muito grande. Temos que fazer o que for certo, não só para Hannah Potts, mas para Lucy também. Por favor, Tom. Nenhum de nós dois consegue pensar direito no momento. Vamos devagar. Agora mesmo, vamos tentar dormir um pouco antes de amanhecer.

– Eu venho depois – ele disse. – Preciso de um pouco de ar fresco – e saiu silenciosamente pela varanda dos fundos, ignorando a súplica de Isabel para que ficasse.

Do lado de fora, estava mais fresco. Tom sentou-se na escuridão em uma cadeira de vime, a cabeça nas mãos. Através da janela da cozinha, ele podia ouvir Bill guardando as últimas peças do quebra-cabeça na caixa de madeira.

– Isabel parece tão ansiosa para voltar a Janus. Diz que já não gosta mais de multidões – Bill disse, enquanto colocava a tampa na caixa. – Seria muito difícil reunir uma multidão deste lado de Perth.

Violet cortava as rebarbas do pavio do lampião de querosene.

– Bem, ela sempre foi extremamente tensa – ela ponderou, pensativamente. – Cá entre nós, acho que só quer ter Lucy exclusivamente para ela. – Suspirou. – Vai ficar muito silencioso por aqui depois que Lucy for embora.

Bill passou o braço pelos ombros de Violet.

– Traz lembranças de volta, não é? Lembra-se de Hugh e Alfie quando eram pequeninos? Eram uns pestinhas, hein? – Abafou uma risadinha. – Lembra-se daquela vez em que eles trancaram o gato

dentro do armário por vários dias? – Fez uma pausa. – Não é a mesma coisa, eu sei, mas ser avô é quase tão bom quanto, não é? Quase como ter os meninos de volta.

Violet acendeu o lampião.

– Houve épocas em que eu achei que não conseguiríamos sobreviver, Bill. Achava que nunca mais teríamos nem um dia de felicidade. – Ela apagou o fósforo com um sopro. – Que bênção, finalmente. – Recolocando o vidro no lampião, ela guiou o caminho para o quarto. As palavras ecoavam na mente de Tom enquanto ele respirava o ar da noite perfumado de jasmim, a doçura do aroma alheia ao seu desespero.

## ☞ CAPÍTULO 16 ☞

**N**A PRIMEIRA NOITE DE VOLTA A JANUS, o vento uivava ao redor da sala da lanterna, forçando os grossos painéis de vidro da torre, testando, à procura de um ponto fraco. Enquanto Tom acendia o farol, sua mente repassava sem parar a discussão que tivera com Isabel assim que o barco mercante partiu.

Ela fora irredutível.

– Não podemos desfazer o que aconteceu, Tom. Não acha que eu tenho tentado encontrar uma resposta? – Ela agarrava a boneca que acabara de pegar do chão, apertando-a junto ao peito. – Lucy é uma criança feliz e saudável. Arrancá-la de nós agora seria... oh, Tom, seria horrível! – Ela dobrava e guardava lençóis, indo e vindo do cesto para o armário. – Para o melhor ou para o pior, Tom, fizemos o que fizemos. Lucy o adora e você a adora, e você não tem o direito de privá-la de um pai que a ama.

– E quanto à mãe que a ama? Sua mãe *viva*? Como isso pode ser justo, Izz?

Ela ficou vermelha.

– Acha justo nós termos perdidos três bebês? Acha justo que Alfie e Hugh estejam enterrados a milhares de quilômetros daqui e você esteja andando por aí sem nem um arranhão? É claro que não é *justo*, Tom, não é nem um pouco justo! Nós temos que comer o que a vida põe na mesa!

Ela acertara um tiro onde Tom era mais vulnerável. Tantos anos depois, ele não conseguira se livrar dessa angustiante sensação de ter trapaceado – não enganado a morte, mas traído seus companheiros, saindo da guerra sem um arranhão à custa deles, apesar de a lógica lhe dizer que tudo não passou de sorte, de alguma maneira. Isabel viu que o atingira, e abrandou-se.

– Tom, temos que fazer o que for certo... para Lucy.

– Izzy, por favor.

Ela o interrompeu bruscamente.

– Nem mais uma palavra sobre isso, Tom! A única coisa que podemos fazer é amar esta menina tanto quanto ela merece. E nunca, nunca, magoá-la! – Agarrando a boneca com força, saiu apressadamente da sala.

Agora, enquanto fitava o oceano lá fora, enfurecido e agitado, coberto de espuma branca, a escuridão se acercava de todos os lados. A linha entre o oceano e o céu ficava cada vez mais difícil de divisar e a luz diminuía a cada segundo. O barômetro caía. Haveria uma tempestade antes do amanhecer. Tom verificou a maçaneta de bronze da porta que dava para a galeria e ficou observando a luz girar, regularmente, implacavelmente.



Enquanto Tom cuidava do farol naquela noite, Isabel sentou-se ao lado da caminha de Lucy, observando-a adormecer. Ela precisara de todas as suas forças para atravessar o dia, e seus pensamentos ainda giravam, agitados como a tempestade que se formava do lado de fora. Começou a cantar, quase como um sussurro, a canção de ninar que Lucy sempre insistia que ela cantasse. *“Sopre vento para o sul, para o sul, para o sul...”* Sua voz esforçava-se para manter a sintonia. *“Fiquei parado junto à torre do farol da última vez que nos separamos, até a escuridão se abater sobre o mar profundo e eu não poder mais ver o barco brilhante do meu amor...”*

Quando Lucy finalmente adormeceu, Isabel abriu seus dedinhos para retirar a concha cor-de-rosa que a criança segurava. A náusea que sentia desde aquele momento junto ao memorial se intensificou e ela lutou contra a sensação traçando a espiral da concha com o dedo, buscando consolo em suas proporções exatas, em sua suavidade perfeita. A criatura que a fizera já morrera havia muito tempo, deixando apenas aquela escultura. Então, assaltou-a o

pensamento de que o marido de Hannah Potts, também, deixara sua escultura viva, esta menininha.

Lucy atirou o braço acima da cabeça e sua expressão se contraiu por um instante, enquanto seus dedos se fechavam com força ao redor da concha ausente.

– Nunca permitirei que ninguém a magoe, querida. Prometo mantê-la a salvo, sempre – Isabel murmurou. Então, fez algo que não fazia havia alguns anos. Ajoelhou-se e abaixou a cabeça.

– Deus, jamais poderei sonhar compreender Seus mistérios. Só posso tentar ser digna do que me incumbiu de fazer. Me dê as forças de que preciso para continuar.

Por um instante, a dúvida a assaltou, sacudindo todo o seu corpo, até ela conseguir controlar de novo o ritmo de sua respiração.

– Hannah Potts... Hannah Roennfeldt... – ela disse, adaptando-se à ideia – também está em suas mãos benévolas, eu sei. Nos dê paz. A todos nós.

Ficou ouvindo o vento lá fora, o oceano, e sentiu a distância restaurar a sensação de segurança que os últimos dois dias haviam lhe tirado. Colocou a concha ao lado da cama de Lucy, onde ela a poderia encontrar facilmente quando acordasse, e deixou o quarto silenciosamente, com sua determinação renovada.



Para Hannah Roennfeldt, a segunda-feira de janeiro que se seguiu ao batizado fora muito importante.

Quando ela foi à caixa de correio, esperava encontrá-la vazia: já a havia verificado no dia anterior como parte do ritual que criara para passar as horas desde a noite daquele terrível *Anzac Day* – o Dia das Forças Armadas da Austrália e da Nova Zelândia – há quase dois anos. Primeiro, passava pela delegacia de polícia, às vezes não mais do que lançando um olhar interrogativo, ao qual o policial, Harry Garstone, respondia sacudindo a cabeça silenciosamente. Quando ela saía, seu colega, o policial Lynch, costumava comentar:

“Pobre mulher. Imagine, terminar assim...”, e ele também sacudia a cabeça e continuava seu trabalho com a papelada. Todos os dias, ela caminhava a um ponto diferente da praia em busca de um sinal, uma pista – pedaços de madeira à deriva, um fragmento de metal de uma toleteira.

Ela tirava do bolso uma carta para seu marido e sua filha. De vez em quando, ela incluía alguma coisa – um recorte de jornal sobre um circo que viria à cidade; uma rima infantil que ela escrevera à mão e decorara com cores. Ela lançava a carta nas ondas na esperança de que, conforme a tinta fluía através do envelope, em algum lugar, em um ou no outro dos dois oceanos, ela seria absorvida pelos seus entes queridos.

No caminho de volta, ela parava na igreja e sentava-se silenciosamente no último banco, perto da imagem de São Judas. Às vezes, ficava ali até os eucaliptos *marri* lançarem suas longas sombras pelos vitrais e suas velas votivas se transformarem em poças frias de cera dura. Ali, de certo modo Frank e Grace ainda existiam, enquanto ela permanecesse sentada nas sombras. Quando já não podia mais evitar, ela voltava para casa, abrindo a caixa de correio somente quando se sentia bastante forte para enfrentar a decepção de vê-la vazia.

Durante dois anos, ela escrevera a todo mundo que pudesse imaginar – hospitais, autoridades portuárias, missões de navegação em alto-mar: qualquer um que pudesse ter ouvido falar de alguma pista – mas recebera apenas promessas educadas de que a informariam de qualquer notícia de seu marido e sua filha desaparecidos de que viessem a tomar conhecimento.

Aquela manhã de janeiro estava quente e as gralhas-do-campo entoavam seus gorjeios – notas que pareciam cair como gotas d’água sobre os eucaliptos gomíferos embaixo de um céu azul esbranquiçado. Hannah caminhou devagar da varanda da frente pelo caminho de lajotas como se estivesse em transe. Há muito tempo deixara de observar as gardênias e os jasmims-de-madagascar, e o consolo oferecido pelo seu perfume doce e inebriante. A caixa de correio de ferro enferrujado estalou quando ela a forçou a abrir –

era tão relutante e vagarosa em se mover quanto ela. Dentro, havia um papel branco. Ela piscou. Uma carta.

Uma lesma já havia gravado uma trilha em filigrana pelo papel, fazendo-o brilhar como um arco-íris na parte em que fora devorado: uma única trilha no canto. Não havia selo e a caligrafia era regular e firme.

Ela levou-a para dentro e colocou-a sobre a mesa, alinhando a borda com a reluzente beira da madeira. Sentou-se em frente a ela por um longo tempo, antes de pegar o abridor de cartas de cabo de madrepérola para cortar o envelope, com cuidado para não rasgar o que houvesse dentro.

Ela retirou o papel, uma única folha, pequena, onde se lia:

*Não tema por ela. O bebê está a salvo. Muito amada e bem cuidada, e sempre será. Seu marido está em paz nas mãos de Deus. Espero que esta lhe traga conforto.*

*Reze por mim.*

A casa estava às escuras, as cortinas de brocado cerradas como um escudo contra a ofuscante claridade. Cigarras cantavam nas videiras na varanda dos fundos com tal estridência que os ouvidos de Hannah zumbiam.

Ela analisou a caligrafia. As palavras se formavam diante de seus olhos, mas não conseguia dar-lhes sentido. Seu coração batia com força contra os pulmões e ela mal conseguia respirar. De certo modo, esperara que a carta fosse desaparecer quando a abrisse – esse tipo de coisa já havia acontecido antes: avistar Grace na rua, talvez, o lampejo cor-de-rosa de um de seus vestidinhos de bebê, para em seguida descobrir que se tratava apenas de um embrulho nessa mesma cor, ou a saia de uma mulher; vislumbrar a silhueta de um homem que poderia jurar que era seu marido, chegando mesmo a puxar a manga de seu casaco, para defrontar-se com a expressão estupefata de alguém que absolutamente não se parecia com ele.

– Gwen? – ela chamou, quando finalmente conseguiu formular as palavras. – Gwen, poderia vir aqui um instante? – Ela chamou sua irmã de seu quarto, com receio de que se movesse um único músculo a carta pudesse se evaporar – que tudo pudesse não passar de um engodo da penumbra.

Gwen ainda segurava seu bordado.

– Me chamou, Hanny?

Hannah não disse nada, apenas balançou a cabeça cautelosamente, indicando a carta. Sua irmã a pegou. “Ao menos”, Hannah pensou, “eu não estou imaginando coisas.”

\* \* \*

Em menos de uma hora, elas haviam deixado a casa simples de madeira e estavam em Bermondsey, a mansão de pedras de Septimus Potts na colina na periferia da cidade.

– E simplesmente estava lá, na caixa de correio, hoje? – ele perguntou.

– Sim – Hannah disse, ainda aturdida.

– Quem faria algo assim, papai? – Gwen perguntou.

– Alguém que sabe que Grace está viva, é claro! – disse Hannah. Ela não percebeu o rápido olhar trocado entre seu pai e sua irmã.

– Hannah, querida, já faz muito tempo – Septimus disse.

– Eu sei!

– Ele só está dizendo – Gwen disse –, bem, que é estranho não ter tido nenhuma notícia antes e de repente receber isso.

– Mas é *alguma coisa*! – Hannah disse.

– Oh, Hanny – Gwen disse, sacudindo a cabeça.

Mais tarde naquele dia, o sargento Knuckey, o policial-chefe em Point Partageuse, sentava-se desajeitadamente em uma poltrona baixa e larga, equilibrando uma elegante xícara de chá em seu joelho largo enquanto tentava tomar notas.

– E não viu ninguém estranho perto de casa, srta. Potts? – ele perguntou a Gwen.

– Ninguém. – Ela colocou a jarriinha de leite de volta na mesa de centro. – Normalmente, ninguém vem visitar – ela disse.

Ele fez uma anotação.

– E então?

Knuckey percebeu que Septimus estava lhe dirigindo uma pergunta. Examinou a carta novamente. Caligrafia perfeita. Papel comum e simples. Sem selo. De alguém do local? É bem verdade que ainda havia gente por ali que teria prazer em ver um simpatizante de alemães sofrer.

– Receio que não tenhamos muito com que trabalhar.

Ele ouviu pacientemente os protestos de Hannah de que certamente devia haver pistas na carta. Ele notou que o pai e a irmã pareciam um pouco constrangidos, como acontece quando uma tia louca começa a falar de Jesus à mesa de jantar.

Quando Septimus o acompanhou à porta, o sargento recolocou o chapéu e disse em voz baixa:

– Parece uma cruel brincadeira de mau gosto. Acho que já é hora de esquecer as animosidades contra os alemães. É uma questão sensível, mas não há necessidade de pilhérias de mau gosto desse tipo. Eu não faria alarde do bilhete. Para não encorajar imitadores. – Ele apertou a mão de Septimus e saiu para o longo caminho ladeado de eucaliptos gomíferos que levava ao portão de entrada.

De volta ao seu escritório, Septimus colocou a mão no ombro de Hannah.

– Vamos, menina, anime-se. Não deixe que isso a perturbe.

– Mas não compreendo, papai. Ela deve estar viva! Por que alguém se daria ao trabalho de escrever um bilhete mentindo sobre algo assim, de repente?

– Vou lhe dizer uma coisa, querida, e se eu dobrar a recompensa? Passarei para *dois* mil guinéus. Se alguém realmente sabe de alguma coisa, logo descobriremos. – Enquanto Septimus

servia outra xícara de chá à filha, sentiu que neste caso a pouca probabilidade de vir a gastar seu dinheiro não o deixava satisfeito.



Embora a figura de Septimus Potts tivesse um lugar de destaque nos negócios ao redor de Partageuse, não havia muitas pessoas que pudessem dizer que o conheciam bem. Ele protegia ferozmente sua família, mas seu principal adversário era, e sempre fora, o Destino. Septimus tinha 5 anos de idade quando, em 1869, desembarcou em Fremantle do *Queen of Cairo*. No pescoço, usava uma pequena placa de madeira que sua mãe colocara ali ao dar-lhe um aflito beijo de despedida nas docas em Londres. Lia-se: *Sou um bom menino cristão. Por favor, tome conta de mim.*

Septimus era o sétimo e último filho de um latoeiro que esperara apenas três dias após o nascimento de seu filho para partir deste mundo sob os cascos de um cavalo em fuga. Sua mãe fizera o possível para manter a família unida, mas após alguns anos, enfraquecida pela tuberculose, ela compreendeu que tinha que garantir o futuro de seus filhos. Ela despachou todos que pôde para parentes próximos a Londres, onde poderiam ser mão de obra gratuita para as pessoas que os acolhessem. Mas seu filho caçula era pequeno demais para ser qualquer coisa além de um peso para quem os recursos já eram parcos, e um dos últimos atos de sua mãe foi assegurar, para ele, sozinho, uma passagem para a Austrália Ocidental.

Como Septimus disse mais tarde, esse tipo de experiência ou lhe dá um gosto de morte ou uma sede de vida, e ele achava que a morte logo chegaria, de qualquer modo. Assim, quando foi recolhido por uma mulher robusta, bronzada de sol, uma missionária cristã da *Seafarer's Mission*, e enviado para um "bom lar" no sudoeste, ele foi sem perguntas ou queixas: quem teria ouvido, de qualquer forma? Começou uma nova vida em Kojonup, uma cidadezinha a leste de Partageuse, com Walt e Sarah Flindell, um casal que ganhava a vida como extratores de sândalo. Eram boas pessoas,

mas bastante espertos para saber que, sendo tão leve, o sândalo podia ser carregado e manobrado até por uma criança, e assim aceitaram o menino. Quanto a Septimus, depois do tempo passado no navio, ter um assoalho firme e pessoas que não se ressentiam de lhe dar o pão de cada dia era o paraíso.

Assim, Septimus ficou conhecendo esse novo país para o qual fora despachado como um pacote sem endereço e aprendeu a amar Walt e Sarah e seus modos práticos de vida. A pequena cabana em sua clareira no meio dos sândalos não tinha nem vidraças nas janelas, nem água corrente, mas, no começo, sempre parecia haver o suficiente do que era necessário.

Quando por fim o precioso sândalo, às vezes mais valioso do que ouro, foi praticamente extinto pela colheita desenfreada, Walt e Septimus voltaram-se para o trabalho nas novas madeireiras que estavam surgindo nos arredores de Partageuse. A construção de novos faróis ao longo da costa significava que despachar cargas por navio nessa rota deixara de ser uma aposta no escuro para se transformar em um risco comercial aceitável, e novas estradas de ferro, docas e quebra-mares permitiram que as florestas fossem derrubadas e exportadas para qualquer lugar do mundo, diretamente da porta de suas casas.

Septimus trabalhava loucamente e fazia suas preces, e frequentava as aulas de leitura e escrita da mulher do pastor da igreja aos sábados. Nunca gastava nem um centavo que não fosse absolutamente necessário e nunca perdia a oportunidade de ganhar algum. A vantagem de Septimus era que ele parecia ver oportunidades onde outras pessoas não conseguiam ver. Apesar de não ter crescido além de um metro e setenta e cinco, de botas, ele caminhava como um homem muito maior e sempre se vestia tão respeitavelmente quanto suas economias permitissem. Havia ocasiões em que isso significava que ele quase parecia elegante e, no mínimo, significava roupas limpas para a igreja aos domingos, ainda que tivesse que lavá-las à meia-noite para tirar a serragem delas após um turno de vinte e quatro horas.

Tudo isso o deixou em boa posição quando, em 1892, um baronete recém-nomeado de Birmingham passava pela colônia em busca de um lugar exótico para investir um pequeno capital. Septimus aproveitou a oportunidade para se iniciar nos negócios e convenceu o baronete a empregar o dinheiro em uma pequena transação de terras. De forma bastante inteligente, ele triplicou o investimento e, com um risco calculado e reinvestimento perspicaz de sua parte, logo se estabeleceu nos negócios por conta própria. Quando a colônia passou a integrar a nova nação da Austrália, em 1901, ele era um dos mais ricos madeireiros num raio de quilômetros de distância.

Os tempos foram prósperos. Septimus casou-se com Ellen, uma debutante de Perth. Hannah e Gwen nasceram e sua casa, Bermondsey, tornou-se um símbolo de elegância e sucesso no sudoeste. Então, em um de seus famosos piqueniques no bosque, servido em um deslumbramento de toalhas e prataria, sua adorada esposa foi picada logo acima do tornozelo de suas botas femininas de cor clara por uma cobra extremamente venenosa, morrendo em menos de uma hora.

\* \* \*

A vida, Septimus pensou, depois que suas filhas já haviam retornado à sua pequena casa no dia em que a misteriosa carta chegou: nunca se podia confiar na filha da mãe. O que dava com uma das mãos, tomava com a outra. Finalmente reconciliado com Hannah depois que sua filha nascera, o marido e a criança simplesmente desapareceram, deixando sua filha devastada. Agora, algum encenqueiro estava remexendo no assunto outra vez. Bem, era preciso contar suas bênçãos e agradecer por não ser pior.



O sargento Knuckey sentou-se à sua escrivaninha, tamborilando o lápis no mata-borrão, observando o minúsculo grafite agitar-se. Pobre mulher. Quem poderia culpá-la por querer que a filha estivesse viva? Sua Irene às vezes ainda chorava pelo pequeno Billy, e já fazia vinte anos que ele se afogara quando ainda engatinhava. Tiveram mais cinco filhos desde então, mas a tristeza nunca se apagou.

Na verdade, entretanto, não havia a menor chance de que a criança ainda estivesse viva. Ainda assim, ele pegou uma folha de papel em branco e começou a redigir um relatório do incidente. A mulher Roennfeldt merecia ao menos as formalidades.

## ☞ CAPÍTULO 17 ☞

**S**EU MARIDO ESTÁ EM PAZ nas mãos de Deus. Hannah Roennfeldt repassa a frase repetidamente no dia da carta misteriosa. Grace está viva, mas Frank está morto. Ela quer poder acreditar em uma das informações, mas não na outra. Frank. Franz. Ela se lembra do homem gentil cuja vida foi virada de cabeça para baixo tantas vezes ao longo do curioso caminho que de alguma forma o levou a ela.

Seu primeiro revés foi ao ser arrancado de sua vida de privilégios em Viena aos 16 anos, quando as dívidas de jogo de seu pai os levaram a ficar com parentes em Kalgoorlie, um lugar tão distante da Áustria que mesmo o mais ardente credor desistiria da caçada. Do luxo à austeridade, o filho assumindo a posição de padeiro na loja de seu tio e de sua tia, que desde sua chegada anos antes haviam mudado seus nomes de Fritz e Mitzie para Clive e Millie. Era importante se integrar, diziam. Sua mãe entendeu isso, mas o pai, com o orgulho e a teimosia que acarretaram sua ruína financeira, resistiu à adaptação e, em menos de um ano, havia se atirado sob um trem com destino a Perth, deixando Frank como chefe da família.

Meses mais tarde, a guerra levou-o a um campo de concentração como um inimigo estrangeiro – primeiro na ilha Rottnest, depois no leste do país. Este garoto, não só desenraizado e enlutado, agora era desprezado por coisas feitas muito longe e fora do seu controle.

E ele nunca se queixou, pensou Hannah. O sorriso franco, alegre, permanecia intacto quando ela o conheceu em Partageuse em 1922, época em que ele foi trabalhar na padaria.

Lembrou-se da primeira vez em que o viu, na rua principal. A manhã de primavera era ensolarada, mas outubro ainda trazia com ele um ar gelado. Ele sorriu para ela e apresentou-lhe um xale que ela reconheceu como sendo seu mesmo.

– Você acabou de deixá-lo na livraria – ele disse.

– Obrigada. É muita gentileza sua.

– É um belo xale, todo bordado. Minha mãe tinha um desses. A seda chinesa é muito cara, seria uma pena perdê-lo. – Fez um aceno respeitoso com a cabeça e virou-se para ir embora.

– Eu nunca o vi por aqui antes – Hannah disse. Nem ouvira seu atraente sotaque.

– Comecei a trabalhar na padaria recentemente. Sou Frank Roennfeldt. Prazer em conhecê-la, senhorita.

– Bem, bem-vindo a Partageuse, sr. Roennfeldt. Espero que goste daqui. Sou Hannah Potts. – Ela remanejou seus embrulhos, tentando puxar o xale por cima dos ombros.

– Por favor, permita-me – ele disse, envolvendo seus ombros no xale com um único movimento gracioso. – Desejo-lhe um excelente dia. – Outra vez, ele exibiu um largo sorriso. O sol refletiu-se no azul de seus olhos e fez seus cabelos louros brilharem.

Ao atravessar a rua para a charrete que a esperava, ela notou uma mulher nas proximidades que lhe lançou um olhar incisivo e cuspiu na calçada. Hannah ficou chocada, mas não disse nada.

Algumas semanas depois, ela foi à pequena livraria de Maisie McPhee outra vez. Ao entrar, viu Frank parado junto ao balcão, sob o ataque de uma senhora que brandia sua bengala para enfatizar seu protesto.

– É um absurdo, Maisie McPhee! – a mulher declarava. – Pensar que você possa vender livros que apoiam os alemães. Eu perdi um filho e um neto para aqueles animais, e não espero vê-la enviando dinheiro para eles como um pacote da Cruz Vermelha.

Enquanto Maisie permanecia parada, sem fala, Frank disse:

– Desculpe-me se a ofendi, senhora. Não é culpa da srta. McPhee. – Ele sorriu e estendeu o livro aberto para ela. – Está vendo? É apenas poesia.

– Apenas poesia, pois sim! – a mulher retrucou, batendo a bengala no chão. – Nenhuma palavra decente jamais saiu de suas bocas! Eu tinha ouvido falar que tínhamos um bárbaro huno na cidade, mas não achei que você teria a coragem de esfregar isso em

nossa cara! E quanto a você, Maisie! – Virou-se de frente para o balcão. – Seu pai deve estar se revirando no túmulo!

– Por favor, eu sinto muito – Frank disse. – Srta. McPhee, por favor, fique com o livro. Não tive a intenção de ofender ninguém. – Ele colocou uma nota de dez xelins no balcão e saiu, passando por Hannah sem notar sua presença. A mulher saiu logo depois dele, batendo os pés e a bengala intempestivamente pela rua, na direção contrária.

Maisie e Hannah se entreolharam por um instante, até que a livreira conseguiu exibir um sorriso alegre e disse:

– Tem aí a sua lista, srta. Potts?

Enquanto Maisie corria os olhos pela página, a atenção de Hannah voltou-se para o livro abandonado. Estava curiosa para saber por que o elegante volume, encadernado em couro verde-escuro, poderia ter causado tal ofensa. Abrindo-o, as letras góticas na folha de rosto chamaram sua atenção: *Das Stunden Buch – Rainer Maria Rilke*. Ela aprendera alemão na escola, juntamente com francês, e já ouvira falar de Rilke.

– E – ela disse, tirando da bolsa duas notas de uma libra – gostaria de levar este livro também. – Quando Maisie olhou para ela com surpresa, Hannah disse: – Já é hora de deixarmos o passado para trás, não acha?

A dona da livraria embrulhou-o em papel marrom e amarrou-o com barbante.

– Bem, para ser honesta, poupa-me o trabalho de tentar mandá-lo de volta para a Alemanha. Ninguém mais vai comprá-lo.

Na padaria, alguns momentos depois, Hannah colocou o pequeno pacote sobre o balcão.

– O senhor poderia entregar isto ao sr. Roennfeldt, por favor? Ele o deixou na livraria.

– Ele está lá nos fundos. Vou chamá-lo.

– Oh, não é necessário. Muito obrigada – ela disse, saindo da loja antes que ele tivesse a chance de dizer qualquer coisa.

Alguns dias mais tarde, Frank fez-lhe uma visita para lhe agradecer pessoalmente por sua gentileza, e sua vida tomou um

novo rumo, que no começo pareceu-lhe o mais feliz que ela poderia desejar.



A satisfação de Septimus Potts à suspeita de que sua filha encontrara um homem do local com quem sair de casa transformou-se em consternação quando ele soube que era o padeiro. Mas ele se lembrou de sua própria origem humilde e estava determinado a não se ressentir da ocupação do rapaz. Entretanto, quando descobriu que ele era alemão, ou praticamente alemão, sua consternação se transformou em aversão. As discussões com Hannah que começaram logo depois do início do namoro tornou cada um, teimosos como eram, mais entrincheirados em suas posições.

Em dois meses, a situação chegou ao auge. Septimus Potts andava de um lado para o outro na sala de visitas, tentando absorver a notícia.

– Você enlouqueceu, menina?

– É o que eu quero, papai.

– *Casar-se* com um bárbaro huno! – Ele olhou para a foto de Ellen em sua rebuscada moldura de prata sobre o consolo da lareira.

– Sua mãe jamais me perdoaria, só para começar! Eu prometi a ela que iria cuidar de vocês adequadamente...

– E cuidou, papai, cuidou.

– Bem, alguma coisa deu errado para você estar falando em se casar com um maldito padeiro alemão.

– Ele é austríaco.

– Que diferença isso faz? Vou ter que levá-la até à Casa dos Repatriados e lhe mostrar os rapazes ainda babando como idiotas por causa do gás? Logo eu, que paguei pelo maldito hospital!

– Você sabe muito bem que Frank nem esteve na guerra; foi colocado em um campo de concentração. Ele nunca fez mal a ninguém.

– Hannah, seja sensata. Você é uma jovem bonita. Muitos rapazes nas redondezas, droga, em Perth, Sydney ou mesmo Melbourne, ficariam honrados de tê-la como esposa.

– Honrados de ter seu dinheiro, você quer dizer.

– Então, estamos de volta a isso outra vez, hein? Você é boa demais para o meu dinheiro, é isso, menina?

– Não é isso, papai...

– Trabalhei como um burro de carga para chegar aonde cheguei. Não tenho vergonha do que sou nem de onde venho. Mas você... você tem a chance de algo melhor.

– Só quero a chance de viver minha própria vida.

– Olhe, se você quiser fazer caridade, pode ir viver com os nativos na missão. Ou trabalhar em um orfanato. Você não tem que se casar com sua maldita carreira de caridade.

O rosto de sua filha ficou vermelho, seu coração disparado diante dessa última afronta – não só por causa do insulto, mas em algum lugar mais abaixo, por causa do temor não explicitado de que pudesse ser verdade. E se ela só tivesse dito sim a Frank para agastar os pretendentes que corriam atrás de seu dinheiro? Ou se estivesse apenas querendo compensá-lo por tudo que ele sofrera? Então, pensou em como seu sorriso a fazia se sentir e naquele jeito que ele tinha de erguer o queixo para refletir sobre o que ela lhe perguntava, e sentiu sua confiança restaurada.

– Ele é um homem bom, papai. Dê-lhe uma chance.

– Hannah. – Septimus colocou a mão em seu ombro. – Você sabe o quanto você significa para mim. – Acariciou sua cabeça. – Você não deixava sua mãe escovar seus cabelos quando era pequena, lembra-se disso? Você dizia: “Papai! Quero que papai faça isso!” E eu fazia. Você se sentava nos meus joelhos junto à lareira à noite e eu escovava seus cabelos enquanto os bolinhos tostavam nas chamas. Não deixávamos que sua mãe visse onde a manteiga pingara em seu vestido. E seus cabelos brilhavam como os de uma princesa persa.

– Espere. Só um instante – seu pai suplicou.

Se tudo de que ele precisava era tempo para se acostumar à ideia, tempo para mudar a maneira como se sentia em relação a isso... Hannah estava disposta a conceder, quando ele continuou:

– Você verá as coisas do meu modo, verá que está cometendo um grave erro – ele respirou fundo, soprando o ar, um hábito que ela associava às suas decisões de negócios – e agradecerá à sua estrela da sorte eu ter conseguido dissuadi-la disso.

Ela se afastou.

– Não me trate com condescendência. Você não pode me impedir de casar com Frank.

– Não posso salvá-la disso, você quer dizer.

– Tenho idade suficiente para casar sem seu consentimento e o farei, se eu quiser.

– Você pode não dar a mínima para o que isso significará para mim, mas pense em sua irmã. Você sabe muito bem como as pessoas daqui vão encarar isso.

– As pessoas daqui são hipócritas xenófobos!

– Oh, essa educação universitária valeu cada centavo. Agora, você pode humilhar seu pai com palavras sofisticadas. – Ele fitou-a diretamente nos olhos. – Nunca pensei que um dia eu me ouviria dizer isso, minha filha, mas se você se casar com esse homem, será sem a minha bênção. E sem meu dinheiro.

Com a serenidade que primeiro atraía Septimus a sua mãe, Hannah permaneceu empertigada e imóvel.

– Se é assim que você quer que seja, papai, assim será.



Após uma pequena cerimônia de casamento, à qual Septimus se recusou a comparecer, o casal foi viver na precária casa de tábuas de Frank nos limites da cidade. A vida era frugal, sem dúvida. Hannah dava aulas de piano e ensinava alguns dos lenhadores a ler e escrever. Um ou dois sentiam um prazer mesquinho à ideia de que empregavam, ainda que por uma hora por semana, a filha do

homem que os empregava. Mas, de um modo geral, as pessoas respeitavam a bondade e a sincera cordialidade de Hannah.

Ela era feliz. Encontrara um marido que parecia compreendê-la completamente, que sabia discutir filosofia e mitologia clássica, cujo sorriso dissipava as preocupações e tornava as dificuldades fáceis de suportar.

Conforme os anos se passaram, uma certa tolerância foi concedida ao padeiro cujo sotaque nunca desapareceu completamente. Alguns, como a mulher de Billy Wishart, ou Joe Rafferty e sua mãe, ainda faziam questão de atravessar a rua quando o viam, mas em sua maior parte as coisas se acalmaram. Ao fim de 1925, Hannah e Frank decidiram que a vida deles já estava bastante definida, o dinheiro bastante garantido, para trazerem um bebê ao mundo, e em fevereiro de 1926 sua filha nasceu.

Hannah lembrava-se da cadenciada voz de tenor de Frank, enquanto ele balançava o berço. *“Schlaf, Kindlein, schlaf. Dein Vater hüt’ die Schaf. Die Mutter schüttelt’s Bäumelein, da fällt herab ein Träumelein. Schlaf, Kindlein, schlaf.”*

Naquele pequeno quarto iluminado por um lampião de parafina, com as costas doendo, em uma cadeira que precisava ser consertada, ele lhe dissera:

– Não posso imaginar uma existência mais afortunada.

O brilho em seu rosto não era da luz do lampião, mas da pequena criatura no berço, cuja respiração fez aquela reveladora mudança de ritmo quando ela finalmente rendeu-se ao sono.



Naquele mês de março, o altar fora decorado com vasos de margaridas e jasmims-de-madagascar do jardim de Frank e Hannah, e o doce perfume flutuava por todos os bancos vazios até o fundo da igreja. Hannah usava azul-claro com um chapéu de feltro de abas largas, da mesma cor, e Frank seu terno do casamento, que ainda cabia, quatro anos depois. Sua prima Betina e seu marido Wilf

vieram de Kalgoorlie para serem os padrinhos e sorriam indulgentemente para o pequeno bebê nos braços de Hannah.

O reverendo Norkells postava-se ao lado da pia batismal, atrapalhando-se ligeiramente enquanto puxava um dos pendões vivamente coloridos para abrir na página correta do ritual do batismo. A falta de jeito podia ser atribuída ao cheiro de álcool em seu hálito.

– Esta criança já foi batizada ou não? – ele começou.

Era uma tarde de sábado quente e sombria. Uma gorda mosca-varejeira zumbia ao redor, dirigindo-se periodicamente à pia batismal para beber água e sendo afugentada pelos padrinhos. Em uma dessas vezes, golpeada por Wilf com o leque de sua mulher, ela mergulhou na água benta como um bêbado numa vala. O vigário pescou-a sem fazer nenhuma pausa enquanto perguntava:

– Vocês, em nome desta criança, repudiam o diabo e todas as suas ações...?

– Repudio todas elas – os padrinhos responderam em uníssono.

Enquanto falavam, a porta da igreja rangeu com uma suave tentativa de empurrá-la. O coração de Hannah alegrou-se ao ver seu pai, conduzido por Gwen, caminhando devagar e ajoelhando-se no último banco. Hannah e seu pai não se falavam desde o dia em que ela saíra de casa para se casar, e ela esperava que ele respondesse ao convite para o batizado como sempre fazia – com silêncio.

– Vou tentar, Hanny – Gwen prometera. – Mas você sabe a velha mula teimosa que ele é. Mas eu lhe prometo uma coisa. Eu estarei lá, independentemente do que ele diga. Isso já durou tempo demais.

Frank voltou-se para Hannah.

– Está vendo? – sussurrou. – Deus faz tudo dar certo a Seu próprio tempo.

– Oh, Deus Todo-Poderoso, faça com que o velho Adão nesta criança seja sepultado e que o novo homem possa se erguer nela...

– As palavras ecoaram das paredes e o bebê choramingou e contorceu-se no colo da mãe. Quando ela começou a chorar, Hannah colocou o nó do dedo mínimo em seus lábios e ela começou a sugá-

lo, satisfeita. A cerimônia continuou, Norkells pegou a criança e disse aos padrinhos:

– Digam o nome desta criança.

– Grace Ellen.

– Grace Ellen, eu a batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Durante todo o restante da cerimônia, o bebê ficou olhando fixamente para os vitrais brilhantes e coloridos, tão fascinada quanto ficaria quando, dois anos mais tarde, fitou-os outra vez dali, ao lado da pia batismal, nos braços de outra mulher.

Ao final da cerimônia, Septimus permaneceu em seu banco. Enquanto Hannah descia lentamente pela nave, o bebê remexia-se em seu cobertor, virando um pouco a cabecinha de um lado para o outro. Hannah parou ao lado de seu pai, que se levantou quando ela lhe entregou sua neta. Ele hesitou, antes de estender os braços para segurar o bebê.

– Grace Ellen. Sua mãe ficaria comovida – foi tudo que ele conseguiu dizer antes de deixar rolar uma lágrima, olhando a criança com reverência.

Hannah tomou seu braço.

– Venha falar com Frank – ela disse, conduzindo-o pela nave.

– Por favor, gostaria que você entrasse – Hannah disse mais tarde, quando seu pai parou no portão de sua casa com Gwen. Septimus hesitava. A pequena casa de madeira, pouco mais de um casebre, lembrava a cabana de meia-água dos Flindell em que ele crescera. Atravessar a porta o levou cinquenta anos de volta ao passado com alguns passos.

No aposento da frente, ele conversou de maneira fria e reservada com os primos de Frank. Elogiou Frank pelo excelente bolo do batizado e a pequena, mas excelente variedade de petiscos. Pelo canto dos olhos, ele avaliava as rachaduras no emboço, os buracos no tapete.

Quando saía, ele puxou Hannah a um canto e tirou a carteira do bolso.

– Deixe-me dar-lhe algo para...

Hannah delicadamente empurrou sua mão para baixo.

– Está tudo bem, papai. Nós vivemos bem – ela disse.

– Claro que sim. Mas agora que têm o bebê...

Ela colocou a mão em seu braço.

– De verdade, pai. É muita bondade sua, mas podemos nos arranjar sozinhos. Venha nos visitar em breve.

Ele sorriu e beijou o bebê na testa, depois beijou a filha.

– Obrigada, Hanny. – Então, quase num sussurro, ele disse: – Ellen iria querer zelar por sua neta. E eu... eu sinto a sua falta.

Dentro de uma semana, presentes para o bebê eram entregues de Perth, Sydney e outras partes. Um berço, um gaveteiro de mogno. Vestidos, toucas e artigos para banho. A neta de Septimus Potts teria o melhor que o dinheiro pudesse comprar.



*"Seu marido está em paz nas mãos de Deus."* Por causa da carta, Hannah atravessa o luto e a renovação. Deus levou seu marido, mas salvou sua filha. Ela chora não só de tristeza, mas de vergonha, às lembranças daquele dia.

A cidade lança um véu sobre certos acontecimentos. Esta é uma comunidade pequena, onde todos sabem que às vezes o contrato para esquecer é tão importante quanto qualquer promessa de lembrar. As crianças podem crescer sem ter nenhum conhecimento da indiscrição de seu pai na juventude ou do irmão ilegítimo que vive a cinquenta quilômetros de distância e tem o nome de outro homem. A história é aquilo que é acordado por consentimento mútuo.

É assim que a vida continua – protegida pelo silêncio que anestesia a vergonha. Homens que voltaram da guerra com histórias que podiam ter contado sobre as desesperadas fraquezas de

companheiros à beira da morte dizem apenas que eles morreram com bravura. Para o mundo exterior, nenhum soldado jamais visitou um bordel, agiu como um selvagem ou correu e se escondeu do inimigo. Ter estado lá já era punição suficiente. Quando as mulheres têm que esconder o dinheiro da hipoteca ou as facas da cozinha de um marido que perdeu o juízo, o fazem sem uma palavra, às vezes sem sequer reconhecer o fato para si mesmas.

Assim, para Hannah Roennfeldt, sua lembrança de ter perdido Frank é algo que ela não pode compartilhar com ninguém. “Mexer na ferida, de que adianta?”, as pessoas diriam, ansiosas para retornarem à sua imagem civilizada da vida em Partageuse. Mas Hannah se lembra.

*Anzac Day.* Os bares estão cheios – cheios de homens que estiveram lá ou que perderam irmãos lá; homens que voltaram de Gallipoli e de Somme, e ainda não haviam se recuperado do trauma de guerra e do gás mostarda, mesmo dez anos depois. Vinte e cinco de abril de 1926. O tradicional jogo de azar australiano “*two-up*” se desenrola às escondidas no fundo do bar, onde a polícia faz vista grossa neste único dia do ano. Ora, a polícia até participa – afinal, era a guerra deles também. A cerveja Emu Bitter corre solta e a conversa fica mais alta, as canções mais atrevidas. Há muito a esquecer. Eles voltaram para seu trabalho nas fazendas, para seu trabalho atrás de escrivaninhas e diante de salas de aula, e continuaram com sua vida – simplesmente seguiram em frente, porque não havia escolha. E quanto mais bebiam, mais difícil ficava esquecer e mais eles queriam se vingar em alguma coisa, ou em alguém – diretamente, de homem para homem. Malditos turcos. Malditos hunos. Malditos filhos da mãe.

E Frank Roennfeldt servia tanto quanto qualquer outra coisa. O único alemão na cidade, apesar de ser austríaco. Ele é o mais próximo do inimigo que eles conseguem encontrar. Assim, quando o veem descendo a rua com Hannah ao final do dia, começam a assoviar “*Tipperary*”, uma canção patriótica muito popular entre os soldados a caminho do front. Hannah fica nervosa e tropeça. Frank

imediatamente toma Grace nos braços, puxa o cardigã dobrado no braço da mulher para cobrir o bebê, e eles caminham mais depressa, de cabeça baixa.

Os rapazes no pub acham que a brincadeira é boa e saem para a rua. Os companheiros dos outros pubs ao longo da rua principal saem também, depois um gaiato decide que será uma grande piada arrancar o chapéu de Frank, e o faz.

– Oh, nos deixe em paz, Joe Rafferty! – Hannah o repreende. – Volte para o pub e nos deixe em paz – ela diz, e eles mantêm o passo acelerado.

– “Nos deixe em paz!” – Joe a imita, uma lamúria em voz aguda. – Maldito *Fritz!* Todos iguais, todos covardes! – Ele se vira para a turba. – E olhem para estes dois, com seu lindo bebezinho. – Ele arrasta as palavras. – Vocês sabem que Fritz costumava *comer* bebês. Eles os assavam vivos, os malditos filhos da mãe.

– Vá embora ou chamaremos a polícia! – Hannah grita, antes de ficar paralisada ao ver Harry Garstone e Bob Lynch, os policiais, parados na varanda do hotel, canecos de cerveja na mão, sorrindo debochadamente por trás de seus bigodes encerados.

De repente, como um fósforo, a cena se incendia:

– Vamos, rapazes, vamos nos divertir com os simpatizantes dos hunos! – ouve-se o grito. – Vamos salvar o bebê de ser devorado – e uma dúzia de bêbados começa a perseguir o casal, Hannah vai ficando para trás porque sua cinta a impede de respirar direito, e ela grita:

– Grace, Frank! Salve Grace!

Ele corre com a pequena trouxa nos braços, fugindo da multidão enfurecida, que o persegue pela rua, em direção ao píer. Seu coração bate com força, desgovernado, e uma dor aguda atinge seu braço conforme ele corre pelas tábuas precárias acima da água, salta para dentro do primeiro barco a remo que encontra e rema para o mar, para a segurança. Só até a turba ficar sóbria e as coisas se acalmarem.

Ele já enfrentara coisas piores, no passado.

## ☞ CAPÍTULO 18 ☞

**E**NQUANTO ISABEL CUIDA DE SUAS TAREFAS diárias – sempre em movimento, sempre ocupada – tem uma aguçada noção física de onde Lucy está, ligada a ela por um fio invisível de amor. Ela nunca fica zangada – sua paciência com a criança é infinita. Quando cai comida no chão, quando marcas de mãozinhas sujas decoram as paredes, isso nunca é recebido com uma palavra de censura ou um olhar de desaprovação. Se Lucy acorda chorando à noite, Isabel a consola delicada e amorosamente. Ela aceita a dádiva que a vida lhe enviou. E aceita os fardos.

Enquanto a criança dorme à tarde, ela sobe às cruzes de madeira no promontório. Essa é a sua igreja, seu local sagrado, onde ela reza pedindo orientação e para ser uma boa mãe. Ela também reza, de uma forma mais abstrata, por Hannah Roennfeldt. Não lhe cabe questionar a maneira como as coisas se resolveram. Ali, Hannah é apenas uma ideia distante. Não possui corpo, nenhuma existência, ao passo que Lucy – Isabel conhece cada uma de suas expressões, cada choro. Ela observa o milagre que é essa menininha adquirir forma a cada dia, como uma dádiva revelada somente com o passar do tempo. Toda uma personalidade está emergindo, conforme a criança aprende e articula as palavras, e começa a expressar como se sente, quem ela é.

Assim, Isabel senta-se na capela sem paredes, janelas ou pastor, e agradece a Deus. E se pensamentos sobre Hannah Roennfeldt interferem, sua reação é sempre a mesma. Ela simplesmente não pode mandar essa criança embora, não cabe a ela arriscar a felicidade de Lucy. E Tom? Tom é um bom homem. Tom fará o que é certo, sempre, ela pode acreditar nisso. Por fim, ele acabará aceitando a situação.

Mas uma lasca de distância intransponível inseriu-se entre eles: uma terra de ninguém, ínfima, invisível.



Gradualmente, o ritmo de vida em Janus se restabelece, absorvendo Tom nas minúcias de seus rituais. Quando acorda, às vezes de pesadelos de berços quebrados e bússolas sem orientação, ele sufoca a inquietação, deixa a luz do dia contradizê-la. E o isolamento o seduz com a música da mentira.



– Você sabe que dia é hoje, não sabe Lucy? – Isabel perguntou, enquanto ela vestia o suéter pela cabeça da menina e extraía um braço da ponta de cada manga. Seis meses haviam se passado desde a volta para Janus em janeiro de 1928.

Lucy inclinou a cabeça um pouquinho para cima.

– Hummm – ela disse, tentando ganhar tempo.

– Quer uma pista?

Ela assentiu.

Isabel calçou o primeiro pé de meia.

– Vamos. O outro pezinho. Iiisso mesmo. Ok, a pista é que, se você for uma boa menina, pode haver laranjas hoje à noite...

– Barco! – a menina gritou, descendo do colo da mãe e começando a pular, um sapato no pé, o outro na mão. – Barco vindo! Barco vindo!

– Isso mesmo. Então, vamos deixar a casa bem bonita para quando Ralph e Bluey vierem?

– Vamos! – Lucy gritou atrás dela, enquanto corria para a cozinha para dizer: – Alf e Buuey vindo, papai!

Tom pegou-a no colo e deu-lhe um beijo.

– Você é muito sabida! Você se lembrou disso sozinha ou alguém andou ajudando você?

– Mamãe disse – ela confessou com um largo sorriso e contorceu-se para descer do colo de Tom, saindo correndo ao encontro de Isabel outra vez.

Logo, de galochas e casacos, as duas partiram em direção ao galinheiro, Lucy segurando uma versão em miniatura do cesto de Isabel.

– Um verdadeiro desfile de modas – Tom observou quando passou por elas, a caminho do galpão.

– Prefiro estar quente a estar elegante – Isabel disse, dando-lhe um rápido beijo. – Estamos em uma expedição de caça aos ovos.

Dentro do galinheiro, Lucy usou as duas mãos para pegar cada ovo, a tarefa que requeria de Isabel apenas alguns segundos tratada como um precioso ritual. Ela colocava cada ovo contra a bochecha e informava “Ainda morno!” ou “‘Fio’ como ‘peda’”, conforme fosse o caso, e em seguida passava-o a Isabel para guardar, mas conservou o último para carregar em seu próprio cesto. Depois, ela começou a agradecer cada galinha por sua contribuição:

– ‘Bigada’, Daphne. ‘Bigada’, Speckle...

Na horta, ela segurou o cabo da pá com Isabel para desencavar batatas.

– Acho que estou vendo uma... – Isabel disse, esperando que Lucy visse o ponto mais claro no solo arenoso.

– Lá! – Lucy exclamou, enfiando a mão no buraco e retirando uma pedra.

– Quase. – Isabel sorriu. – E ao lado? Olhe um pouco mais para o lado.

– ‘Tata’! – Lucy exclamou, radiante, erguendo o prêmio acima da cabeça, espalhando terra em seus cabelos, depois nos olhos, o que a fez chorar.

– Deixe-me dar uma olhada – Isabel acalmou-a, limpando as mãos em seu macacão antes de examinar o olho de Lucy. – Ok, agora pisque para a mamãe, Lucy. Pronto, já passou, Luce. – E a garotinha continuou a abrir e fechar os olhos com força.

– Passou – ela disse, por fim. – Mais ‘tata’! – e a caçada recomeçou.

Dentro de casa, Isabel varreu o chão de cada aposento, juntando a poeira arenosa em pilhas no canto, prontas para serem recolhidas. Ao retornar de uma rápida inspeção do pão no forno, encontrou uma trilha que se estendia por toda a cabana, graças às tentativas de Lucy com a pá de lixo.

– Olhe, mamãe! Tô judando!

Isabel olhou para a trilha do ciclone em miniatura e suspirou.

– Pode-se dizer que sim...

Pegando Lucy no colo, ela disse:

– Obrigada. Que boa menina. Agora, só para ter certeza que o chão está limpo, vamos dar uma varrida extra, está bem? – Sacudindo a cabeça, murmurou: – Ah, Lucy Sherbourne, quem seria uma grande dona de casa, hein?

Mais tarde, Tom surgiu à porta.

– Ela está pronta?

– Está – Isabel disse. – Rosto lavado, mãos lavadas. Nada de dedinhos sujos.

– Então vamos subir, menina.

– Subir as escadas, papai?

– Sim, subir as escadas. – E ela caminhou ao seu lado para a torre. Ao pé das escadas, ela levantou os braços, para que ele pudesse segurar suas mãos pelas costas. – Agora, coelhinha, vamos contar. Um, dois, três – e prosseguiram, a uma lentidão enervante, escadas acima, Tom contando cada degrau em voz alta, muito depois de Lucy ter desistido.

No topo, na sala do faroleiro, Lucy estendeu as mãos.

– “Óclo”.

Tom disse:

– Binóculo agora mesmo. Mas primeiro vamos colocar você em cima da mesa. – Ele sentou-a em cima da pilha de mapas, em

seguida entregou-lhe o binóculo, mantendo seu peso nas próprias mãos.

– Consegue ver alguma coisa?

– Nuvens.

– Sim, há bastante hoje. Algum sinal do barco?

– Não.

– Tem certeza? – Tom riu. – Eu não iria querer você a cargo da vigilância. O que é aquilo lá? Está vendo? Onde meu dedo está.

Ela agitou as pernas.

– Alf e Buuey! Laranjas.

– Mamãe disse que teremos laranjas, não é? Bem, vamos ficar de dedos cruzados.

Ainda se passou mais de uma hora até o barco ancorar. Tom e Isabel esperavam no píer, Lucy nos ombros de Tom.

– Todo um comitê de boas-vindas! – Ralph exclamou.

– Olá! – Lucy gritou. – Olá, pessoal! Olá Alf, olá, Buu.

Bluey saltou para o píer, puxando a corda que Ralph lhe lançou.

– Cuidado, Luce – ele gritou para a criança, agora no chão. – Não fique na frente da corda. – Ele olhou para Tom. – Santo Deus, ela já é uma verdadeira menininha agora, hein? Nada mais de bebê Lucy!

Ralph riu.

– Eles crescem, sabe, os bebês.

Bluey terminou de amarrar a corda.

– Nós só a vemos de meses em meses: fica ainda mais óbvio. As crianças na cidade, você as vê todos os dias, então quase nem nota que estão crescendo.

– E de repente elas se tornam uns rapazes grandalhões como você! – Ralph caçoou. Ao descer para o píer, ele segurava algo na mão, atrás das costas. – Bem, quem vai me ajudar a tirar as coisas do barco?

– Eu! – Lucy disse.

Ralph deu uma piscadela para Isabel enquanto tirava uma lata de pêssegos de trás das costas.

– Muito bem, então, aqui está algo muito, muito pesado para você carregar.

Lucy segurou a lata com as duas mãos.

– Meu Deus, Luce, cuidado com isso! Vamos levá-la para casa. – Isabel virou-se para os homens. – Me dê alguma coisa para levar, se quiser, Ralph. – Ele subiu a bordo outra vez para pegar a correspondência e alguns pacotes leves. – Vejo vocês lá em cima agora mesmo. Vou botar a chaleira no fogo.

Depois do almoço, enquanto os adultos terminavam suas xícaras de chá à mesa da cozinha, Tom disse:

– Lucy está um pouco quieta...

– Hummm – Isabel disse. – Ela deve estar terminando seu desenho para mamãe e papai. Vou ver. – Mas antes que pudesse deixar o aposento, Lucy entrou na cozinha vestida com uma anágua de Isabel que se arrastava pelo chão, um par de seus sapatos de salto alto e o colar de contas de vidro azuis que a mãe de Isabel havia mandado com o barco daquela manhã.

– Lucy! – Isabel exclamou. – Você mexeu nas minhas coisas?

– Não – a menina respondeu, os olhos arregalados.

Isabel ficou ruborizada.

– Não costumo exibir minhas roupas de baixo por aí – ela disse às visitas. – Vamos Lucy, vai morrer de frio vestida desse jeito. Venha vestir suas roupas de novo. E vamos ter uma conversa sobre mexer nas coisas da mamãe. E sobre dizer a verdade. – Sorrindo enquanto saía da cozinha, ela não percebeu a breve expressão que atravessou o rosto de Tom diante de sua última observação.



Lucy vai trotando alegremente atrás de Isabel quando vão recolher os ovos. Ela fica fascinada com os pintinhos que nascem de vez em

quando e segura-os sob o queixo para sentir sua maciez dourada. Quando ajuda a colher cenouras e nabos, às vezes faz tanta força para arrancá-los que cai de costas, coberta de terra.

– Lucy tolinha! – Isabel ri. – Vamos, levante-se.

Ao piano, ela senta-se nos joelhos de Isabel e golpeia as notas com força. Isabel segura seu dedo indicador e a ajuda a tocar “Três ratinhos cegos”, em seguida a criança diz:

– Sozinha, mamãe! – e começa sua cacofonia outra vez.

Ela fica sentada durante horas no piso da cozinha, usando com destreza lápis de cor no verso de formulários obsoletos do Serviço de Faróis da Comunidade Britânica, produzindo rabiscos aleatórios para os quais aponta com orgulho e diz:

– Esta é mamãe, papai e Lulu Farol.

Ela naturalmente assume a presença da torre de quarenta metros em seu quintal, com uma estrela em cima. Juntamente com palavras como “cachorro” e “gato” – conceitos fantasiosos de livros – ela domina as mais concretas “lentes”, “prisma” e “refração”.

– É a *minha* estrela – ela diz a Lucy certa noite, apontando para o farol. – Papai que me deu.

Ela conta trechos de histórias a Tom, sobre peixes, gaivotas, navios. Quando descem à praia, ela adora dar a mão para Tom, de um lado, e para Isabel do outro, para que eles a balancem no ar entre eles. “Lulu Farol!” é sua expressão favorita, e ela a usa quando desenha a si mesma em borrões coloridos ou descreve a si própria em histórias.



Os oceanos nunca param. Não conhecem princípio nem fim. O vento nunca cessa. Às vezes, desaparece, mas apenas para ganhar forças de algum outro lugar, retornando para se arremessar sobre a ilha e provar um ponto de vista que nada significa para Tom. A vida ali acontece em uma escala de gigantes. O tempo é medido em milhões de anos; pedras que de longe se assemelham a dados lançados na

praia são rochas imensas, lambidas por milênios, tombadas de lado, de modo que as camadas se tornam listras verticais.

Tom observa Lucy e Isabel patinando na água na Laguna Paraíso, a menina extasiada com os respingos salgados e com a estrela-do-mar que encontrou, azul-brilhante. Ele observa seus dedinhos segurarem a criatura, o rosto radiante de euforia e orgulho, como se ela própria a tivesse criado.

– Papai, olhe! Minha estrela-do-mar!

Tom tem dificuldade em manter as duas escalas de tempo em foco: a existência de uma ilha e a existência de uma criança.

Impressiona-o que a pequena vida da menina signifique mais para ele do que todos os milênios anteriores. Ele luta para dar sentido às suas emoções – como pode sentir tanto ternura quanto inquietação quando ela lhe dá um beijo de boa-noite ou apresenta um joelho esfolado para ele beijar e curar com o poder mágico que somente um pai ou mãe possui.

Em relação a Isabel, também, ele está dividido entre o desejo que sente por ela, o amor, e a sensação de que não consegue respirar. As duas sensações se chocam, sem solução.

Às vezes, sozinho no farol, ele vê sua mente buscando Hannah Roennfeldt. Será alta? Gorda? Existiria algum traço dela no rosto de Lucy? Quando tenta imaginá-la, ele vê apenas mãos, cobrindo um rosto em prantos. Ele estremece e retorna à sua tarefa imediata.

Esta criança é saudável, feliz e adorada, neste pequeno mundo além do alcance de jornais e mexericos. Além do alcance da realidade. Há semanas em que Tom quase consegue descansar na história de uma família feliz, normal, como se fosse uma espécie de ópio.



– Não podemos deixar papai saber. Não até eu lhe dizer.

Lucy olhou para Isabel com ar sério.

– Não vou contar – ela disse, balançando a cabeça. – Posso comer um biscoito?

– Em um minuto. Vamos só acabar de embrulhar estes.

O barco de setembro em 1928 havia trazido vários pacotes extras, que Bluey conseguira entregar às escondidas a Isabel enquanto Ralph distraía Tom com o descarregamento. Engendrar uma surpresa de aniversário para Tom não era uma tarefa fácil: envolvia escrever para sua mãe com meses de antecedência com a lista de pedidos. Como Tom era o único que tinha conta no banco, também requeria a promessa de pagar da próxima vez que fossem ao continente.

Tanto era difícil como fácil presentear Tom: ele ficava feliz com o que quer que ganhasse, mas na verdade não desejava nada. Ela se decidira por uma caneta tinteiro Conway Stewart e a última edição do almanaque Wisden, de críquete: algo prático e algo divertido. Quando ela perguntou a Lucy certa noite quando estavam sentados do lado de fora o que ela queria dar ao pai, a menina enrolara uma mecha de cabelo no dedo enquanto pensava por um instante e respondeu:

– As estrelas.

Isabel rira.

– Não sei se podemos fazer isso, Luce.

A menina dissera, contrariada:

– Mas eu quero!

Uma ideia ocorreu a Isabel.

– E se dermos a ele um *mapa* das estrelas, um atlas?

– Sim!

Agora, sentadas diante do pesado livro, Isabel perguntou:

– O que você quer escrever na frente?

Segurou a caneta, os dedos ao redor dos dedinhos de Lucy, para inscrever em letras irregulares, como instruída: “Para papai, amor para sempre...”

– Mais – Lucy insistiu.

– Mais o quê?

– Mais “sempre”. “Para sempre e sempre e sempre e sempre...”

Isabel riu e ‘sempre e sempre e sempre’ deslizou como uma lagarta pela página.

– E depois? Devemos dizer ‘De sua filha Lucy, com amor?’

– De Lulu Farol.

A menina começou a desenhar as letras com a mãe, mas se cansou e desceu de seu colo no meio da escrita.

– Mamãe termina – ela comandou despreocupadamente.

Assim, Isabel completou a assinatura e acrescentou entre parênteses: “(Per Isabel Sherbourne, escritã e factótum da signatária acima mencionada.)”

Quando Tom desembalhou o pacote, uma manobra difícil com as mãos de Lucy sobre seus olhos, ele disse:

– É um livro...

– É um “atas”! – Lucy exclamou.

Tom examinou o presente. “*Atlas das estrelas, de Brown, mostrando todas as estrelas brilhantes, com instruções completas para encontrá-las e usá-las para fins de navegação e exames da Câmara de Comércio.*” Ele sorriu devagar e virou-se para Isabel.

– Lucy é uma menina inteligente, organizando isso, não é?

– Leia, papai. Dentro. Eu “esquevi”.

Abrindo a capa, Tom viu a longa dedicatória. Ele continuou sorrindo, mas alguma coisa a respeito das palavras “Para sempre e sempre e sempre e sempre e sempre...” atingiu seu coração com uma pontada. Para sempre era um conceito impossível, particularmente para esta criança, neste lugar. Ele colocou os lábios no topo da cabeça de Lucy.

– É simplesmente lindo, Lulu Farol. O presente mais lindo que eu já ganhei.

## ☞ CAPÍTULO 19 ☞

—SE AO MENOS PUDERMOS VENCER esta, não será um fracasso total – Bluey disse. O time de críquete australiano havia perdido os quatro primeiros jogos do campeonato nacional de 1928/29, e o barco de março chegou quando a final ainda estava sendo jogada em Melbourne. Bluey andara colocando Tom a par dos destaques da temporada enquanto faziam o descarregamento.

– Bradman conseguiu marcar. Ainda não está fora. Deu muito trabalho a Larwood, segundo o jornal. Mas vou lhe dizer uma coisa: a partida já dura quatro dias. Parece que vai ser longa desta vez.

Enquanto Ralph se dirigia à cozinha para entregar outros dos presentes regulares de Hilda para Lucy, Tom e o taifeiro terminavam de empilhar as últimas sacas de farinha no galpão.

– Tenho um primo que trabalha lá, sabe – Bluey disse, indicando com a cabeça a marca Dingo impressa no algodão das sacas.

– No moinho? – Tom perguntou.

– Sim. Parece que pagam bem. E toda a farinha que ele precisar, de graça.

– Todo emprego tem suas vantagens.

– Sem dúvida. Como eu, que tenho tanto ar fresco de graça quanto puder respirar. – Bluey riu. Olhou ao redor, para se certificar de que o comandante não estava por perto. – Acho que ele pode me conseguir um emprego lá quando eu quiser. – Fez uma pausa. – Ou às vezes, eu penso em trabalhar... em uma mercearia, talvez – ele disse, mudando repentinamente de assunto, em um tom descontraído, estudado.

Isso não era próprio de Bluey. De vez em quando, ele discutia os resultados do campeonato australiano de críquete, o Sheffield Shield, ou relatava ter ganhado um pouco de dinheiro nos cavalos. Ele falava de seu irmão Merv, que morrera no primeiro dia em

Gallipoli, ou na formidável Ada, sua mãe viúva. Tom pressentiu algo diferente neste dia.

– Por que está dizendo isso?

Bluey deu um chute em uma das sacas para endireitá-la.

– Como é ser casado?

– O quê? – Tom ficou estupefato com a mudança de direção.

– Quero dizer... é bom?

Tom manteve os olhos no inventário.

– Alguma coisa que queira me contar, Bluey?

– Não.

– Certo – Tom disse, balançando a cabeça. Se ele esperasse bastante tempo, a história começaria a fazer sentido. Geralmente fazia. Por fim.

Bluey ajeitou outra saca.

– O nome dela é Kitty. Kitty Kelly. O pai dela é dono da mercearia. Temos saído juntos.

Tom ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso.

– Muito bem.

– E eu... bem, eu não sei... achei que talvez devêssemos nos casar. – A expressão do rosto de Tom o fez acrescentar depressa: – Nós não *temos* que nos casar. Não é nada disso. Na verdade, nós nunca nem... quero dizer, o pai dela mantém uma vigilância severa. E a mãe dela. E os irmãos também. E a sra. Mewett é prima da mãe dela, então você sabe como é a família.

Tom riu.

– Então, qual é a sua pergunta?

– É um grande passo. Sei que no final das contas todo mundo faz isso, mas fiquei pensando.... bem, como você *sabe*....

– Eu não sou um especialista. Só me casei uma vez, e ainda estou aprendendo. Por que não pergunta ao Ralph? Ele está com a Hilda desde que Matusalém era criança; criou dois filhos. Parece ter feito um bom trabalho.

– Não posso contar a Ralph.

– Por que não?

– Kitty acha que, se nos casarmos, eu vou ter que desistir de trabalhar no barco e ir trabalhar na mercearia. Diz que tem muito medo que eu naufrague um dia e não volte para casa.

– Ela não é muito animadora, hein?

Bluey pareceu preocupado.

– Mas, você sabe, sério. Como é ser casado? Ter um filho e tudo isso?

Tom passou a mão pelos cabelos enquanto refletia sobre a pergunta por algum tempo, profundamente constrangido.

– Nós dificilmente seríamos um modelo típico para você. Não há muitas famílias como nós por aí, longe, em um farol no meio do nada. A resposta sincera é: depende do dia em que você me perguntar. Traz sua cota de coisas boas e sua cota de dificuldades. É muito mais complicado do que viver sozinho, isso eu posso lhe garantir.

– Mamãe diz que sou muito novo e ainda não sei o que quero.

Tom sorriu a despeito de si mesmo.

– Acho que sua mãe ainda estará dizendo isso quando você tiver 50 anos. De qualquer modo, não tem a ver com sua intenção. Tem a ver com sua garra. Confie em sua garra, Bluey. – Hesitou. – Mas não é sempre apenas velejar em águas calmas, mesmo que tenha encontrado a garota certa. Você tem que se lançar nisso para o longo prazo. Nunca se sabe o que vai acontecer: você se compromete pelo que der e vier. Não há como voltar atrás.

– Papai, olhe! – Lucy apareceu à porta do galpão, brandindo o tigre de pelúcia de Hilda. – Ele rosna! – ela disse. – Escute – e ela o virou para produzir o barulho.

Tom pegou-a no colo. Através da pequena janela, podia ver Ralph descendo o caminho na direção deles.

– Que sortuda você é, hein? – Ele fez cócegas em seu pescoço.

– Lucy sortuda! – ela riu.

– E ser pai? Como é? – Bluey perguntou.

– É assim.

– Não, vamos, fale. Estou realmente perguntando, amigo.

O rosto de Tom ficou sério.

– Nada pode prepará-lo para isso. Você não acreditaria como um bebê pode romper suas defesas, Bluey. Entra direto em você. Um verdadeiro ataque de surpresa.

– Faz ele rosnar, papai – Lucy insistiu. Tom lhe deu um beijo e virou a criatura de cabeça para baixo outra vez.

– Guarde segredo, de tudo isso, sim, amigo? – Bluey pediu. Reconsiderando, ele disse: – Bem, todo mundo sabe que você é silencioso como um túmulo, de qualquer forma – e ele fez sua própria versão do rosnado do tigre para a menina.



Às vezes, é você quem dá sorte. Às vezes, é o outro pobre coitado que fica com o palitinho curto, e você tem apenas que se calar e seguir em frente.

Tom pregava uma tábua na parede do galinheiro, para cobrir um buraco que o vento abrira na noite anterior. Passava metade de sua vida tentando proteger as coisas do vento. Você simplesmente tinha que seguir em frente, fazer o que pudesse.

As perguntas de Bluey haviam revolvido velhos sentimentos. Mas toda vez que Tom pensava na estranha em Partageuse que havia perdido a filha, a imagem de Isabel assumia seu lugar: ela havia perdido filhos e nunca mais poderia ter outros. Ela nada sabia sobre Hannah quando Lucy chegou. Só queria o melhor para o bebê. Ainda assim, ele sabia que não era apenas pelo bem de Lucy. Havia uma necessidade em Isabel que ele agora jamais poderia preencher. Ela abria mão de tudo: conforto, família, amigos – tudo para ficar com ele ali. Muitas e muitas vezes ele dizia a si mesmo: não podia privá-la desta única alegria.



Isabel estava cansada. Os suprimentos tinham acabado de chegar e ela começara a reabastecer a comida – fazendo pão, assando um bolo de frutas, transformando um pacote de ameixas em geleia que duraria o ano inteiro. Ela deixara a cozinha apenas por um instante – quando Lucy decidira se aproximar do fogão para sentir o cheiro da deliciosa mistura e queimara a mão na panela de geleia. Não tinha sido grave, mas o suficiente para impedir que a criança dormisse profundamente. Tom fizera um curativo na queimadura e lhe dera uma pequena dose de aspirina, mas ao cair da noite ela ainda estava agitada.

– Vou levá-la ao farol. Posso ficar de olho nela. Tenho que terminar a papelada do inventário, de qualquer forma. Você parece cansada.

Exausta, Isabel concordou.

Segurando a criança em um dos braços e um travesseiro e um cobertor no outro, Tom carregou-a suavemente pelas escadas e deitou-a na mesa de mapas na sala do faroleiro.

– Pronto, garotinha – ele disse, mas ela já estava cochilando.

Ele começou a somar colunas de números, totalizando galões de petróleo e caixas de mantos. Acima dele, na sala da lanterna, a luz girava regularmente, com seu zumbido lento e baixo. Bem abaixo, ele podia ver a única luz do lampião a óleo da casa.

Fazia uma hora que estava trabalhando quando um instinto o fez se virar e ele viu Lucy observando-o, os olhos brilhando na luz suave. Quando seus olhos se encontraram, ela sorriu e mais uma vez Tom foi pego de surpresa pelo milagre que ela era – tão linda, tão indefesa. Ela ergueu a mão enfaixada e examinou-a.

– Estive na guerra, papai – ela disse, e um ar de preocupação tomou conta de suas feições. Ela estendeu os braços para ele.

– Volte a dormir, menina – Tom disse, e tentou retornar ao seu trabalho. Mas, mantendo os braços estendidos, a criança disse:

– Canta, papai.

Tom sentou-a no colo, balançando-a suavemente.

– Você vai ter pesadelos se eu cantar para você, Lulu. Mamãe é a cantora, não eu.

– Dodói na mão, papai – ela disse, levantando a mão ferida como prova.

– Feriu, não foi, coelhinha? – Ele beijou a atadura delicadamente. – Logo vai melhorar. Você vai ver. – Beijou-lhe a testa e afagou seus sedosos cabelos louros.

– Ah, Lulu, Lulu. Como você foi achar seu caminho até aqui? – Olhou para longe, para dentro da impenetrável escuridão. – Como você veio acabar na minha vida?

Ele podia sentir os músculos da criança conforme relaxavam com a aproximação do sono. Gradualmente, sua cabeça soltou-se, pesada, na curva de seu braço. Em um sussurro que nem ele podia ouvir, fez a pergunta que constantemente o atormentava:

– Como você conseguiu me fazer sentir assim?

## ☞ CAPÍTULO 20 ☞

— **E**U NUNCA SOUBE QUE ELE HAVIA tentado entrar em contato. – Tom estava sentado ao lado de Isabel na varanda. Revirava na mão um envelope antigo, surrado, endereçado a ele “a/c 13º Batalhão da Força Imperial Australiana”. Em cada centímetro de espaço disponível, estavam rabiscados endereços e instruções de encaminhamento a novos destinos, culminando em uma ordem autoritária em lápis azul para “*devolver ao remetente*” – a Edward Sherbourne, Esquire, pai de Tom. A carta chegara em um pequeno pacote havia três dias, quando o barco de junho trouxe a notícia de sua morte.

A carta de Church, Hattersley & Parfitt, advogados, cumpria as formalidades e fornecia apenas os fatos. Câncer de garganta, 18 de janeiro de 1929. Levaram alguns meses para localizar Tom. Seu irmão Cecil era o único beneficiário, salvo pelo legado a Tom de um medalhão de sua mãe, anexado à carta que correra o mundo atrás de Tom.

Ele abriu o embrulho depois de acender o farol naquela noite, quando já estava sentado na sala da lanterna, anestesiado no começo, quando começou a ler a escrita severa e pontiaguda.

*'Merrivale'*

*Sydney*

*16 de outubro de 1915*

*Caro Thomas,*

*Estou escrevendo porque eu sei que você se alistou. Não sou um homem de muitas palavras. Mas com você tão distante agora e com a possibilidade de que algo possa lhe acontecer antes que tenhamos a oportunidade de nos encontrarmos outra vez, parece que escrever é a única saída.*

*Há muitas coisas que não posso lhe explicar sem denegrir sua mãe, e não tenho a menor intenção de causar mais danos do que já foram causados. Algumas coisas, portanto, permanecerão sem serem ditas. Estou em falta em relação a um assunto, e é isto que pretendo remediar agora. Anexo a esta, envio um medalhão que sua mãe me pediu para lhe dar, quando ela partiu. Tem o retrato dela dentro. Na época, achei melhor para você não ser lembrado dela e, assim, não o entreguei a você. Não foi uma decisão fácil de tomar, determinar que sua vida seria melhor sem a influência dela.*

*Agora que ela está morta, acho certo cumprir seu pedido, ainda que tardiamente.*

*Eu tentei educá-lo como um bom cristão. Tentei assegurar que tivesse a melhor educação disponível. Espero ter inculcado em você uma noção do certo e do errado: nenhum sucesso ou prazer mundano pode compensar a perda de sua alma imortal.*

*Estou orgulhoso do sacrifício que fez se alistando. Você se tornou um rapaz responsável e, depois da guerra, eu teria muita satisfação em encontrar uma posição para você nos negócios. Cecil tem os requisitos de um bom administrador, e eu espero que ele dirija a fábrica com sucesso depois que eu me aposentar. Mas estou certo de que uma posição adequada poderá ser encontrada para você.*

*Senti muito saber de seu alistamento por terceiros. Eu teria uma grande satisfação em vê-lo de uniforme, em me despedir de você antes da viagem, mas compreendo*

*que desde que conseguiu localizar sua mãe e descobriu que ela havia falecido, você não quer ter mais nada a ver comigo. Portanto, deixo a seu critério. Se resolver responder esta carta, ficarei muito feliz. Afinal, você é meu filho e, até que também seja pai, não compreenderá inteiramente tudo que isso significa.*

*Se, no entanto, não quiser responder, eu respeitarei sua escolha e não o importunarei mais. Ainda assim, rezarei pela sua segurança na batalha e pelo seu retorno a estas praias, vitorioso.*

*Afetuosamente, seu pai  
Edward Sherbourne*

Parecia que uma vida inteira se passara desde que Tom falara com esse homem. Deve ter lhe custado muito escrever essa carta. O fato de seu pai ter feito uma tentativa de entrar em contato com ele após sua amarga separação não era apenas uma surpresa, mas um choque. Nada mais parecia certo. Tom se perguntou se a frieza do pai teria sido, durante todo o tempo, uma maneira de proteger uma ferida. Pela primeira vez, ele vislumbrou algo além do exterior empedernido e, só por um instante, pôde imaginar um homem de princípios elevados, ferido por uma mulher que amava, mas incapaz de demonstrar seus sentimentos.

Tom buscara sua mãe por uma razão específica. Quando parou à porta da pensão, sapatos engraxados, unhas cortadas, ele ensaiou as palavras uma última vez. "Perdoe-me por ter lhe causado um problema." Na ocasião, sentia-se tão abalado quanto a criança que esperara treze anos para dizer as palavras. Achou que iria ficar nauseado. "Tudo que eu disse foi que eu tinha visto um automóvel. Que um automóvel estivera na casa. Eu não sabia..."

Somente anos mais tarde é que ele compreendeu a completa magnitude do que ele revelara. Ela foi declarada inapta como mãe e

banida de sua vida. Mas sua peregrinação para pedir perdão foi tarde demais, e agora ele jamais ouviria sua mãe absolvê-lo da culpa da traição, por mais inocente que tivesse sido. As palavras tinham um jeito de se inserir em todo tipo de lugar onde não deveriam. Na vida, era melhor guardar as coisas para si mesmo, ele aprendera.

Ele olhou para a foto da mãe no medalhão. Talvez cada qual, seu pai e sua mãe, o tivesse amado, embora de uma forma fragmentada. Sentiu uma súbita onda de raiva pela suposição quase superficial de seu pai do direito de separá-lo de sua mãe: tão sincera, e, no entanto, tão destrutiva.

Somente quando um pingo fez a tinta escorrer em minúsculos rios é que Tom notou que estava chorando. *"...até que também seja pai, não compreenderá inteiramente..."*

Ao seu lado agora, na varanda, Isabel dizia:

– Apesar de não tê-lo visto por muitos anos, ele ainda era seu pai. E pai só se tem um. É claro que isso o afetou, querido.

Tom se perguntou se Isabel percebia a ironia de suas próprias palavras.

– Vamos, Luce, venha tomar chocolate – ela chamou, sem fazer nenhuma pausa.

A menina correu e segurou a caneca com as duas mãos. Limpou a boca com o braço em lugar da mão suja, depois devolveu a caneca.

– Tchau! – ela exclamou alegremente. – Estou indo para Pataterz agora no meu cavalo, para ver vovô e vovó – e voltou correndo para seu cavalinho de pau.

Tom olhou para o medalhão na palma de sua mão.

– Durante anos, eu achei que ela me odiava por eu ter revelado seu segredo. Eu nunca soube do medalhão... – Seu lábio inferior pressionou para cima e ele franziu a boca. – Teria feito a diferença.

– Sei que não há nada que eu possa dizer. Gostaria de poder... não sei... tornar as coisas melhores para você.

– Mamãe, estou com fome – Lucy exclamou enquanto voltava.

– Não é de admirar, correndo de um lado para o outro desse jeito! – Isabel disse, erguendo-a nos braços. – Vamos. Venha dar um abraço em seu pai. Ele está triste hoje. – E ela sentou a criança no colo dele, de modo que ambas pudessem abraçá-lo com força.

– Sorria, papai – disse a menina. – Assim – ela disse, abrindo um largo sorriso.



A luz atravessava as nuvens com dificuldade, buscando refúgio da chuva que pairava ao longe. Lucy estava sentada nos ombros de Tom, radiante com sua visão de cima.

– Por ali! – ela exclamou, apontando o dedo para a esquerda. Tom alterou o curso e começou a descer o campo. Uma das cabras havia mastigado seu cercado temporário até conseguir uma saída, e Lucy insistira em ajudar a encontrá-la.

Não havia nenhum sinal da criatura na enseada. Bem, não podia ter ido muito longe.

– Vamos procurar em outro lugar – Tom disse. Iniciou a subida para o terreno plano outra vez e girou em círculo.

– Para onde agora, Lulu? Você escolhe.

– Lá embaixo! – ela apontou outra vez, para o outro lado da ilha, e partiram naquela direção.

– Quantas palavras você sabe que começam como “cabra”?

– Casa!

– Certo. Mais alguma?

A menina tentou outra vez.

– Casa?

Tom riu.

– O que você usa quando está frio?

– Minha suéter.

– Sim, mas o que você usa quando está frio que começa como cabra? Começa com o som “ca”.

– Casaco!

Ele fez cócegas em sua barriga.

– Cabra, casa, casaco. Por falar em cabra... Olhe, Luce, lá embaixo, perto da praia.

– Ela está lá! Vamos correr, papai!

– Não, coelhinha. Não quero espantá-la. Vamos nos aproximar silenciosamente.

Tom estava tão preocupado que demorou um pouco a notar onde o animal escolhera para pastar.

– Agora, você vai descer, menina. – Ele ergueu Lucy bem no alto, acima dos seus ombros, e colocou-a no solo. – Seja boazinha e fique aqui enquanto eu vou pegar Flossie. Vou amarrar esta corda em sua coleira, e então ela virá comigo sem nenhum problema.

– Certo, Flossie. Venha, agora, nada de travessuras. – A cabra ergueu o olhar e afastou-se alguns passos. – Agora chega de fugir. Fique parada aí. – Tom segurou-a pela coleira e amarrou a corda. – Pronto. Tudo bem, Lulu. – Virando-se, ele sentiu uma dormência nos braços, uma fração de segundo antes de sua mente consciente perceber a razão. Lucy estava sentada em um montículo de terra, onde a grama crescia com mais vigor do que no terreno plano ao redor. Em geral, ele evitava esta parte da ilha, que lhe parecia permanentemente ensombreada e lúgubre, por mais ensolarado que fosse o dia.

– Olhe, encontrei um lugar para sentar, papai – ela disse, radiante.

– Lucy! Saia daí, agora! – ele gritou intempestivamente.

O rostinho de Lucy contraiu-se e seus olhos encheram-se de lágrimas com o choque – nunca ninguém gritara com ela antes, e ela começou a chorar.

Ele correu para pegá-la no colo.

– Desculpe, Lulu. Não quis assustá-la – ele disse, envergonhado de sua reação. Tentando esconder seu horror, ele afastou-se apressadamente. – Ali não é um bom lugar para sentar, querida.

– Por que não? – ela choramingou. – É meu lugar especial. É mágico.

– É que... – ele aconchegou a cabeça de Lucy na curva do seu pescoço. – Só não é um bom lugar para sentar, querida. – Beijou o topo de sua cabeça.

– Eu sou desobediente? – Lucy perguntou, confusa.

– Não. Não é. Você não, Lulu. – Beijou seu rosto e alisou seus cabelos para trás, afastando-os dos olhos.

Mas enquanto a abraçava, teve a aguda consciência, pela primeira vez em anos, de que as mãos que a tocavam agora eram as mãos que haviam colocado seu pai na sepultura. Com os olhos fechados, ele lembrou-se da sensação em seus músculos, do peso do homem, e comparou-o ao peso de sua filha. Lucy parecia a mais pesada dos dois.

Sentiu pancadinhas das mãos de Lucy nas suas faces.

– Papai! Olhe para mim! – a criança disse.

Ele abriu os olhos e olhou para ela em silêncio. Finalmente, com uma respiração profunda, ele disse:

– Está na hora de levar Flossie para casa. Por que você não segura a corda?

Ela assentiu e ele amarrou a corda em sua mão, carregando seu peso de volta pela colina acima sobre o quadril.

Nessa tarde, na cozinha, Lucy estava prestes a subir em uma cadeira quando se voltou para Tom.

– Este lugar é bom para sentar, papai?

Ele não levantou os olhos da maçaneta da porta que estava consertando.

– Sim, é um bom lugar, Lulu – respondeu sem pensar.

Quando Isabel foi sentar-se ao lado dela, Lucy exclamou:

– Não! Mamãe, saia desta cadeira! Este *não* é um bom lugar para se sentar.

Isabel riu.

– É onde eu sempre me sento, querida. Acho um lugar ótimo.

– *Não* é um bom lugar. Papai disse!  
– De que ela está falando, papai?  
– Digo-lhe depois – ele respondeu, pegando a chave de fenda e esperando que Isabel se esquecesse do assunto.

Mas ela não se esqueceu.

Depois de colocar Lucy para dormir, Isabel perguntou novamente:

– O que foi aquela conversa sobre onde se sentar? Ela ainda estava preocupada com isso quando me sentei em sua cama para contar uma história. Disse-me que você ia ficar muito zangado.

– Oh, é só uma brincadeira que ela inventou. Provavelmente, já terá esquecido amanhã de manhã.

Mas Lucy havia evocado o fantasma de Frank Roennfeldt naquela tarde, e a lembrança de seu rosto agora assombrava Tom toda vez que ele olhava na direção das sepulturas.

*"Até você também ser pai..."* Ele pensara muito sobre a mãe de Lucy, mas somente agora é que a imensidão do sacrilégio que fora o tratamento de seu pai se abateu sobre ele. Graças a ele, o homem nunca pôde ter um pastor ou um padre para assinalar sua passagem com o devido ritual; ele nunca poderia viver, mesmo na lembrança, no coração de Lucy, como era seu direito de pai. Por um instante, apenas alguns passos de areia haviam separado Lucy de sua verdadeira herança – de Roennfeldt e gerações de sua família. Tom sentiu um calafrio ao compreender que ele podia ter matado parentes – parecia até provável – deste homem que a havia gerado. De repente, vívidos e acusadores, os rostos do inimigo acordaram do túmulo sob a memória ao qual ele os havia confinado.

Na manhã seguinte, quando Isabel e Lucy foram colher os ovos, Tom começou a arrumar as coisas na sala de estar, colocando os lápis de Lucy em uma lata de biscoitos, empilhando seus livros. Entre eles, encontrou o livro de orações que Ralph lhe dera no batizado e de onde Isabel sempre lia preces para ela. Ele folheou as páginas delicadas, debruadas em ouro. Orações matutinas, rituais de

comunhão... Examinando os salmos, seus olhos se fixaram no número 37, "*Noli aemulari*". "*Não te indignes com os profanos; nem invejes os malfeitores. Pois cedo serão ceifados como o capim, e como ele secarão.*"

Isabel e Lucy, a menininha montada nas costas de Isabel, entraram, rindo de alguma coisa.

– Meu Deus, como esta sala está arrumada! Alguns duendes mágicos estiveram por aqui? – Isabel perguntou.

Tom fechou o livro e colocou-o no topo da pilha.

– Só estava tentando colocar as coisas em ordem – ele disse.



Algumas semanas mais tarde, Ralph e Tom estavam sentados, as costas apoiadas contra a parede de pedra do galpão, depois de terem descarregado os últimos suprimentos de setembro. Bluey estava lá embaixo no barco, resolvendo um problema com a corrente da âncora e Isabel estava na cozinha com Lucy, fazendo biscoitos de mel e gengibre. Havia sido uma manhã árdua, e os dois homens sentavam-se sob o primeiro e hesitante sol da primavera, compartilhando uma garrafa de cerveja.

Durante semanas, Tom esperou por este momento, considerando como ele poderia abordar o assunto quando o barco chegasse. Limpou a garganta antes de perguntar:

– Você já... fez alguma coisa errada, Ralph?

O velho homem lançou um olhar de esguelha a Tom.

– O que você está querendo dizer com isso?

As palavras haviam sido ditas de uma forma sem jeito, apesar de todo o planejamento de Tom.

– Estou falando de... bem... como é que você conserta uma coisa que você estragou. Como você arruma. – Seus olhos estavam fixos no cisne negro do rótulo da cerveja e ele se esforçava para manter a calma. – Quero dizer, algo muito grave.

Ralph tomou um gole de cerveja e olhou para a grama enquanto balançava a cabeça devagar.

– O que você quer me contar? Não é da minha conta, é claro... Não estou tentando meter o bedelho.

Tom permaneceu muito quieto, pressentindo fisicamente o alívio que se seguiria ao se livrar do fardo da verdade a respeito de Lucy.

– A morte de meu pai me fez pensar sobre tudo que fiz de errado na vida e em como tentar reparar as coisas antes de morrer. – Abriu a boca para continuar, mas uma imagem de Isabel dando banho no filho natimorto o silenciou, e ele hesitou.

– Eu nunca sequer vou saber seus nomes... – Ficou surpreso com a facilidade com que o espaço foi preenchido com outros pensamentos, outra culpa.

– Nomes de quem?

Tom hesitou, à beira do abismo, decidindo se mergulhava ou não. Bebeu um pouco de cerveja.

– Os homens que matei.

As palavras caíram bruscamente, pesadas e duras.

Ralph mediu sua resposta.

– Bem, isso é o que se faz numa maldita guerra. Matar ou ser morto.

– Quanto mais o tempo passa, mais louco me parece tudo que fiz.

Tom tinha a sensação de estar fisicamente preso em cada momento distinto do passado, sendo bombardeado por toda sensação física, todo pensamento carregado de culpa que se acumulara ao longo dos anos. Não conseguia respirar. Ralph se mantinha completamente imóvel, à espera.

Tom voltou-se para Ralph, repentinamente trêmulo.

– Santo Deus, eu quero fazer o que é certo, Ralph! Diga-me qual é a maldita coisa certa a fazer! Eu... eu simplesmente não aguento mais isso! Não posso continuar assim. – Atirou a garrafa no chão e ela se estilhaçou contra uma pedra, enquanto suas palavras se dissolviam em um soluço.

Ralph passou o braço pelo seu ombro.

– Vamos, rapaz. Calma, calma. Já estou por aqui há um pouco mais de tempo do que você. Já vi de tudo. Certo e errado podem ser como cobras: tão enroladas uma na outra que você não sabe qual é qual enquanto não atira nas duas, e então é tarde demais.

Ele olhou para Tom: um olhar demorado, mudo.

– A pergunta que eu faria é: como remexer a ferida melhoraria as coisas? Você não pode consertar nada disso agora. – As palavras, isentas de julgamento ou animosidade, torceram-se como uma faca nas entranhas de Tom mesmo assim. – Santo Deus, a maneira mais rápida de enlouquecer um sujeito é deixá-lo travar repetidamente suas guerras até consertá-las.

Ralph lixava um calo no dedo.

– Se eu tivesse um filho, teria orgulho se ele viesse a ser pelo menos a metade do homem que você se tornou. Você é um bom sujeito, Tom. Um homem de sorte, com a mulher e a filha que tem. Concentre-se no que é melhor para a sua família agora. O sujeito lá em cima lhe deu uma segunda chance, de modo que eu acho que ele não está muito preocupado com o que você fez ou deixou de fazer naquela época. Prenda-se ao presente. Conserte o que você pode consertar agora e deixe o passado para trás. Entregue o resto aos anjos, ou ao diabo, ou a quem quer que seja o responsável.



– O sal. Você nunca consegue se livrar do sal. Ele devora tudo como um câncer, se você não toma cuidado. – Era o dia seguinte à sua conversa com Ralph e Tom murmurava consigo mesmo. Lucy estava sentada ao lado dele, dentro do gigantesco casulo de vidro das lentes, dando doces imaginários à sua boneca de pano, enquanto ele polia com camurça os equipamentos de bronze. Os olhos azuis de Lucy ergueram-se, brilhantes, para ele.

– Você também é o papai de Dolly? – ela perguntou.

Tom parou.

– Não sei. Por que não pergunta a Dolly?

Ela inclinou-se para sussurrar no ouvido da boneca, depois anunciou:

– Ela diz que não. Você é só *meu* pai.

Seu rostinho havia perdido a forma redonda e já dava pistas de como seria no futuro – cabelos louros em vez do tom original mais escuro, olhos inquiridores e pele clara. Ele se perguntou se ela iria começar a se parecer com a mãe ou com o pai. Pensou no rosto do homem que havia enterrado. O pavor subiu pela sua espinha ao imaginá-la fazendo-lhe perguntas mais difíceis à medida que os anos se passassem. Pensou, também, em como seu reflexo no espelho agora apresentava traços do rosto de seu próprio pai na sua idade. A semelhança está à espreita. Partageuse era pequena: uma mãe pode não reconhecer seu bebê no rosto de uma criança pequena, mas por fim, ela não veria a si própria na mulher adulta? O pensamento o torturava. Ele untou o trapo na lata de graxa e esfregou novamente o bronze, até o suor escorrer para dentro de seus olhos.

Naquela noite, Tom estava encostado contra a coluna da varanda, vendo o vento soprar, transformando o dia em noite. Ele já acendera o farol e agora a torre estava acertada até o nascer do dia. Ele repensara o conselho de Ralph inúmeras vezes. *Conserte o que você pode consertar agora.*

– Aqui está você, querido – Isabel disse. – Ela já dormiu. Tive que ler *Cinderela* três vezes! – Ela passou o braço ao redor de Tom e aconchegou-se a ele. – Adoro o jeito como ela finge que lê, passando as páginas do livro. Sabe as histórias de cor.

Tom não respondeu, então Isabel beijou-o sob a orelha e disse:

– Podíamos ir dormir cedo. Estou cansada, mas não tão cansada...

Ele continuava fitando o mar.

– Como é a sra. Roennfeldt?

Isabel levou um instante para registrar que ele se referia a Hannah Potts.

– E por que você quer saber isso?

– O que você acha?

– Ela não se parece nem um pouco com ela! Lucy é loura de olhos azuis, deve ter puxado ao pai.

– Bem, ela certamente não puxou a nós. – Virou-se para encará-la. – Izzy, temos que dizer alguma coisa. Temos que contar a ela.

– *Lucy?* Ela é nova demais...

– Não, Hannah Roennfeldt.

Isabel ficou horrorizada.

– Por quê?

– Ela merece saber.

Ela estremeceu. Nos momentos mais sombrios, ela se perguntara se seria pior acreditar que sua filha estava morta ou que ela estava viva e você jamais a veria; ela imaginara o tormento de Hannah. Mas mesmo um momento de concordância com Tom seria fatal, ela sabia.

– Tom. O que nós fizemos é até a morte. Não é correto colocar a sua consciência mesquinha acima do bem-estar de Lucy.

– *Consciência mesquinha?* Pelo amor de Deus, Isabel, não estamos falando em roubar uma moeda do prato de coletas da igreja! Estamos falando da vida de uma criança! Aliás, da vida de uma mulher, também. Cada momento de nossa felicidade é à custa dela. Isso não pode estar certo, por mais que a gente queira dirimir a nossa culpa.

– Tom, você está cansado, você está triste e confuso. Pela manhã, vai pensar de modo diferente. Não vou mais falar sobre isso esta noite. – Ela tocou sua mão e esforçou-se para disfarçar o tremor em sua voz. – Nós... nós não estamos em um mundo perfeito. Temos que conviver com isso.

Ele fitou-a intensamente, tomado pela sensação de que ela talvez não existisse. Talvez nada disso estivesse acontecendo, pois os

poucos centímetros entre eles pareciam separar duas realidades inteiramente diferentes, e elas já não tinham nenhuma ligação.



Lucy adora ver suas fotografias, tiradas quando bebê em sua visita a Partageuse.

– Sou eu! – ela diz a Tom, sentando-se em seu colo e apontando para a foto sobre a mesa. – Mas eu era pequenininha naquela época. Agora sou grande.

– Claro que é, querida. Vai fazer quatro anos no próximo aniversário.

– Esta – ela diz, apontando com autoridade – é a mamãe da mamãe!

– Isso mesmo. A mãe da mamãe é a vovó.

– E este é o papai do papai.

– Não, este é o pai da *mamãe*. É o vovô.

Lucy pareceu cética.

– Sim, é confuso, eu sei. Mas vovó e vovô não são meu pai e minha mãe.

– Quem são seu pai e sua mãe?

Tom passou Lucy de um joelho para o outro.

– Minha mãe e meu pai chamavam-se Eleanora e Edward.

– Eles também são minha vovó e meu vovô?

Tom fugiu da pergunta.

– Ambos já morreram, querida.

– Ah – Lucy disse, balançando a cabeça gravemente, de uma maneira que o fez suspeitar de que ela não fazia a menor ideia do que ele estava falando. – Como Flossie.

Tom se esquecera da cabra que adoecera e morrera havia algumas semanas.

– Bem, sim, como Flossie morreu.

– Por que sua mamãe e seu papai morreram?

– Porque estavam velhos e doentes. – Acrescentou: – Foi há muito tempo.

– Eu vou morrer?

– Não se eu puder impedir, Lulu.

Mas ultimamente, cada dia com esta criança parecia algo precário. Quanto mais seu vocabulário crescia, maior sua capacidade de escavar o mundo ao seu redor, esculpindo a história de quem ela era. Atormentava Tom o fato de que sua compreensão da vida e de si mesma seria fundamentada em uma única, enorme mentira: uma mentira que ele próprio ajudara a forjar e refinar.



Cada superfície na sala do farol brilhava: Tom sempre cuidara dele diligentemente, mas agora ele travava uma guerra com cada parafuso, cada acessório, até ficar impecavelmente brilhante. Ultimamente, ele sempre cheirava a Duraglit. Os prismas cintilavam e o fecho de luz resplandecia, sem ser estorvado por nenhuma partícula de poeira. Cada dente das engrenagens movia-se suavemente. O aparato nunca funcionara com maior precisão.

A cabana, por outro lado, sofrera.

– Você não podia ao menos calafetar aquela fenda? – Isabel perguntou, quando se sentaram na cozinha depois do almoço.

– Farei isso quando estiver pronto para a inspeção.

– Mas há semanas que você já está pronto para a inspeção. Aliás, há meses. Não é que o rei vá vir aqui, não é?

– Só quero que tudo esteja em ordem, só isso. Eu já lhe disse, temos chance de sermos designados para o posto em Point Moore. Estaríamos em terra, perto de Geraldton. Perto de pessoas. E a centenas de quilômetros de Partageuse.

– Houve uma época em que você não podia suportar a ideia de deixar Janus.

– Sim, bem, os tempos mudam.

– Não foram os tempos que mudaram, Tom – ela disse. – É você quem sempre diz que, se parece que um farol está em um lugar diferente, não foi o farol que mudou de lugar.

– Bem, descubra o que mudou – ele disse, pegando sua chave inglesa e saindo para os galpões sem olhar para trás.

\* \* \*

Naquela noite, Tom pegou uma garrafa de uísque e foi olhar as estrelas de cima do penhasco. A brisa brincava em seu rosto enquanto ele traçava as constelações e sentia a bebida queimar sua garganta. Voltou sua atenção para a rotação do fecho de luz e deu uma risada amarga à ideia de que o mergulho da luz significava que a própria ilha ficava sempre imersa na escuridão. Um farol é para os outros; não pode iluminar o espaço mais perto dele mesmo.

## ☞ CAPÍTULO 21 ☞

**A** COMEMORAÇÃO EM POINT PARTAGEUSE três meses depois foi grandiosa para os padrões do Sudoeste. O superintendente da Secretaria da Marinha Mercante viera de Perth, com o governador do estado. Todos os figurões da cidade estavam lá – o prefeito, o capitão do porto, o vigário, assim como três dos últimos faroleiros. Haviam se reunido para comemorar o dia em que Janus foi aceso pela primeira vez, há quarenta anos, em janeiro de 1890. A ocasião trouxe a concessão de uma breve licença especial em terra para a família Sherbourne.

Tom passou o dedo entre seu pescoço e o colarinho engomado que o apertava.

– Sinto-me um peru de Natal! – queixou-se a Ralph enquanto os dois estavam nas coxias, olhando por trás das cortinas. Já sentados em fileiras perfeitas no palco estavam os engenheiros municipais e os empregados da Harbour and Lights ligados a Janus ao longo dos anos. Do lado de fora das janelas abertas, a noite de verão era animada pelo trinado dos grilos. Isabel e seus pais estavam sentados em um dos lados do auditório, Bill Graysmark segurando Lucy no colo, enquanto ela cantarolava cantigas infantis.

– Pense apenas na cerveja de graça, filho – Ralph sussurrou a Tom. – Nem mesmo Jock Johnson pode ficar dizendo asneiras por muito tempo esta noite: aquelas roupas devem estar matando-o. – Balançou a cabeça na direção do homem careca, suado, paramentado com uma túnica de gola de arminho e a insígnia da prefeitura, que andava de um lado para o outro, preparando-se para discursar para a plateia reunida no precário prédio da prefeitura.

– Eu o encontro em um minuto – Tom disse. – Chamado da natureza. – E dirigiu-se ao toalete nos fundos do auditório.

Na volta, notou uma mulher que parecia olhar fixamente para ele.

Verificou se sua braguilha estava abotoada; olhou para trás, para ver se ela estava observando alguma outra pessoa. Ela ainda o fitava e, ao aproximar-se, disse:

– Não se lembra de mim, não é?

Tom olhou para ela novamente.

– Desculpe-me, acho que me confundi com outra pessoa.

– Foi há muito tempo – ela disse, corando. Naquele instante, algo em sua expressão mudou e ele reconheceu o rosto da jovem no barco em sua primeira viagem a Point Partageuse. Ela havia envelhecido e estava muito magra agora, com olheiras profundas. Ele se perguntou se teria alguma doença. Lembrou-se dela, de camisola, os olhos arregalados de medo, pregada contra a parede por algum idiota bêbado. A lembrança pertencia a um homem diferente, em outra vida. Uma ou duas vezes ao longo dos anos, ele se perguntara o que acontecera com ela e com o sujeito que a havia encurralado. Ele nunca se dera ao trabalho de mencionar o incidente para ninguém, nem mesmo para Isabel, e o instinto lhe disse que era tarde demais para lhe contar sobre isso agora.

– Eu só queria lhe agradecer – a mulher começou a falar, mas foi interrompida por uma voz chamando da porta dos fundos do auditório.

– Já vamos começar. É melhor entrar.

– Com licença – Tom disse. – Acho que tenho que ir. Eu a vejo depois, talvez.

Assim que ele assumiu seu lugar no palco, a cerimônia teve início. Houve discursos, algumas anedotas de alguns dos faroleiros mais velhos; a inauguração de uma maquete da estrutura original.

– Este modelo – o prefeito anunciou orgulhosamente – foi pago pelo nosso benfeitor local, sr. Septimus Potts. Estou encantado com a presença do sr. Potts e de suas encantadoras filhas Hannah e Gwen à cerimônia desta noite, e peço-lhes que demonstrem seu

agradecimento como de costume. – Ele indicou um homem idoso sentado ao lado de duas mulheres, a primeira das quais, Tom percebeu com um baque no estômago, era a jovem do barco. Olhou para Isabel, que exibia um sorriso forçado enquanto aplaudia com o resto da plateia.

O prefeito continuou:

– E naturalmente, senhoras e senhores, nós também temos conosco esta noite o atual faroleiro de Janus, sr. Thomas Sherbourne. Tenho certeza de que Tom gostaria de dizer algumas palavras sobre a vida em Janus Rock atualmente. – Virou-se para Tom, sinalizando para que ele se dirigisse ao palanque.

Tom ficou paralisado. Ninguém falara nada de um discurso. Ele ainda estava zozzo com a constatação de que havia se encontrado com Hannah Roennfeldt. A plateia aplaudiu. O prefeito acenou para ele novamente, mais enfaticamente desta vez.

– Venha aqui, rapaz.

Por uma fração de segundo, perguntou-se se tudo, desde o dia em que o barco fora dar na praia em Janus, poderia não passar de um terrível, misericordioso pesadelo. Mas lá no meio do público, ele podia ver Isabel, os Potts e Bluey, opressivamente reais e inevitáveis. Levantou-se, o coração martelando, e caminhou para a tribuna como se fosse para a forca.

– Caramba! – ele exclamou, provocando uma onda de risos na plateia. – Eu não esperava por isso. – Limpou as mãos nos lados da calça e agarrou o atril para se apoiar. – A vida em Janus hoje... – Parou, perdido em um pensamento, e repetiu: – A vida em Janus hoje... – Como poderia explicar o isolamento? Como podia fazer alguém compreender o mundo lá, tão longe de sua experiência como outra galáxia? A bolha Janus se estilhaçara como vidro: ali estava ele, em meio a uma multidão, em um salão real, comum, cheio de gente, de outras vidas. Na presença de Hannah Roennfeldt. Houve um longo silêncio. Alguns limpavam a garganta, outros se remexeram em seus lugares.

– O Farol de Janus foi projetado por pessoas muito inteligentes – ele disse. – E construído por pessoas muito corajosas. Tento apenas

lhes fazer justiça. Manter o farol funcionando. – Ele buscou refúgio nos aspectos técnicos, práticos, sobre os quais podia falar sem ter que pensar. – As pessoas imaginam que a fonte luminosa deve ser imensa, mas não é. A luminescência, na verdade, vem de uma chama de petróleo vaporizado que queima em um manto incandescente. A luz é ampliada e direcionada através de um gigantesco conjunto de prismas de vidro de quase quatro metros de altura, chamado de lente de Fresnel de primeira ordem, que curva a luz em um fecho tão intenso que pode ser visto a mais de trinta milhas de distância. É surpreendente pensar que algo tão pequeno pode se tornar tão forte que possa ser visto a milhas de distância... Meu trabalho... meu trabalho é manter o sistema limpo, mantê-lo girando.

“É como estar em um mundo diferente, lá na ilha do farol, e em um tempo diferente: nada muda exceto as estações do ano. Há dezenas de faróis por toda a costa da Austrália: muitos outros faroleiros como eu, tentando tornar a navegação segura, mantendo a luz do farol para quem quer que possa precisar dela, muito embora provavelmente jamais os vejamos ou venhamos a conhecê-los.

“Não sei mais o que dizer, na verdade. Exceto que nunca se sabe o que a maré poderá nos trazer de um dia para o outro; tudo que dois oceanos imensos atiram em nós.” Ele pôde ver o prefeito consultar seu relógio. “Bem, acho que isso já os manteve longe dos ‘comes e bebes’ por muito tempo, e estamos no clima da sede. Obrigado.”, ele finalizou, virando-se abruptamente para se sentar, sob o aplauso moderado da plateia perplexa.

– Você está bem, companheiro? – Ralph perguntou-lhe num sussurro. – Parece um pouco pálido.

– Não gosto muito de surpresas – foi tudo que Tom disse.

A sra. capitão Hasluck adorava uma festa. Sua propensão raramente era gratificada em Partageuse, portanto esta noite ela estava fora de si de empolgação. Deleitava-se com sua função, como mulher do capitão do porto, de encorajar os convidados a se conhecerem,

especialmente vendo que havia visitantes de Perth. Ela deslizava entre os convidados, apresentando as pessoas, ajudando-os a lembrar nomes e sugerindo coisas que tinham em comum. Ela mantinha sob vigilância o consumo de xerez do reverendo Norkell; entabulou uma conversa informal com a mulher do superintendente sobre a dificuldade de lavar os galões dourados dos uniformes. Conseguiu até mesmo persuadir o velho Neville Whittnish a contar a história do dia em que ele salvou a tripulação de uma escuna cuja carga de rum pegara fogo ao largo de Janus, em 1899.

– Claro, isso foi antes da Federação – ele disse. – E muito antes da Comunidade Britânica botar as mãos na Lights em 1915. Muito mais papelada desde então. – A mulher do governador de estado balançou a cabeça obsequiosamente e se perguntou se ele sabia que tinha caspa. A sra. Capitão olhava ao redor, em busca de sua próxima missão e viu sua oportunidade.

– Isabel, querida – ela disse, tocando seu cotovelo. – Que discurso interessante Tom fez! – Ela brincou com Lucy, que estava empoleirada no quadril de Isabel. – Você está acordada até muito tarde esta noite, mocinha. Espero que esteja sendo boazinha para a mamãe.

Isabel sorriu.

– Ela vale ouro.

Em uma rápida manobra, a sra. Hasluck agarrou o braço de uma mulher que passava.

– Gwen – ela disse. – Conhece Isabel Sherbourne, não?

Gwen Potts hesitou por um instante. Ela e sua irmã eram vários anos mais velhas do que Isabel e, tendo frequentado o internato em Perth, nenhuma das duas a conhecia bem. A sra. Capitão registrou a hesitação.

– *Graysmark*. Deve conhecê-la como Isabel Graysmark – ela disse.

– Bem... eu sei quem você é, claro – ela disse com um sorriso educado. – Seu pai é o diretor da escola.

– Sim – respondeu Isabel, começando a sentir a náusea tomando conta de seu estômago. Olhou à volta, como se tentasse escapar

com os olhos.

A sra. Capitão começava a se arrepender de tê-las apresentado. As jovens Potts nunca realmente se misturaram muito com as pessoas do local. Além disso, depois de tudo que aconteceu com o alemão, bem, a irmã... Oh, meu Deus... Ela estava pensando em como salvar a situação quando Gwen acenou para Hannah a alguns metros de distância.

– Hannah, sabia que o sr. Sherbourne que fez aquele discurso agora mesmo é casado com Isabel Graysmark? Sabe, a filha do diretor da escola.

– Não, eu não sabia – disse Hannah, aproximando-se, os pensamentos parecendo distantes dali.

Isabel ficou paralisada, muda, quando um rosto emaciado voltou-se lentamente para ela. Agarrou Lucy com mais força e tentou emitir um cumprimento, mas nenhuma palavra foi proferida.

– Como se chama a sua menina? – Gwen perguntou com um sorriso.

– Lucy. – Foi apenas com um esforço supremo que Isabel conseguiu não sair correndo dali.

– Que nome lindo – Gwen disse.

– Lucy – Hannah disse, como se pronunciasse uma palavra de uma língua estrangeira. Ela olhava fixamente para a criança e estendeu a mão para tocar seu braço.

Isabel encolheu-se de terror diante da expressão dos olhos de Hannah enquanto examinava a menina.

Lucy parecia hipnotizada pelo toque da mulher. Ela examinou os olhos escuros e nenhuma das duas sorriu, nem franziu a testa, como se estivessem concentradas em um enigma.

– Mamãe – Lucy disse, e as duas mulheres piscaram. Lucy voltou-se para Isabel. – Mamãe – ela repetiu, esfregando os olhos –, estou com sono.

Por um breve instante, Isabel viu-se entregando a criança a Hannah. Ela era a mãe. Tinha o direito. Mas ela estava tendo alucinações. Não, havia pensado nisso muitas e muitas vezes. Não havia a menor hipótese de voltar atrás em sua decisão. O que quer

que Deus pretendesse com isso, Isabel tinha que continuar com o plano, seguir a Sua vontade. Revirou a mente em busca de algo a dizer.

– Oh, veja – disse a sra. Hasluck, vendo Tom se aproximar –, aqui está o homem da hora – e puxou-o para o grupo, enquanto ela se afastava para outro. Tom estava ansioso para encontrar Isabel e ir embora sem chamar atenção, enquanto as pessoas convergiam para as mesas de cavaletes repletas de sanduíches e salgados. Ao ver com quem Isabel estava conversando, ele sentiu um formigamento no pescoço e seu pulso se acelerou.

– Tom, estas são Hannah e Gwen Potts – Isabel disse, tentando exibir um sorriso.

Tom olhou fixamente para sua mulher enquanto ela, com Lucy no quadril, colocava a mão em seu braço.

– Olá – Gwen disse.

– Prazer em vê-lo novamente, de forma adequada – Hannah disse, finalmente arrancando os olhos da criança.

Tom não conseguiu encontrar nenhuma palavra.

– De forma adequada? – Gwen indagou.

– Na verdade, nos conhecemos há muitos anos, mas eu nunca soube o nome dele.

Agora Isabel olhava ansiosamente de um para o outro.

– Seu marido foi um perfeito cavalheiro. Salvou-me de um sujeito que... bem, estava me importunando. Em um barco de Sydney. – Ela respondeu à pergunta silenciosa de Gwen. – Oh, eu lhe conto depois. Já faz muito tempo. – Para Tom, ela disse: – Eu não fazia a menor ideia de que você estivesse em Janus.

Fez-se um pesado silêncio enquanto permaneciam ali, parados, a poucos centímetros uns dos outros.

– Papai – Lucy disse finalmente, estendendo os braços para ele. Isabel resistiu, mas a criança colocou os braços em volta do pescoço dele e Tom deixou-a subir em seu colo e descansar a cabeça em seu peito, ouvindo as batidas retumbantes de seu coração.

Tom estava prestes a aproveitar a oportunidade para se afastar quando Hannah tocou em seu braço.

– Gostei do que você disse, aliás, sobre o farol estar lá para quem quer que precise dele. – Ela levou alguns segundos para formular as palavras seguintes. – Posso lhe fazer uma pergunta, sr. Sherbourne?

O pedido encheu-o de pavor, mas ele disse:

– Qual?

– Pode parecer uma pergunta estranha, mas os navios resgatam pessoas em mar alto? Já soube de algum barco que tivesse sido resgatado? Sobreviventes levados para outra parte do mundo, talvez? Eu estava me perguntando se já ouviu histórias...

Tom limpou a garganta.

– Quando se trata do oceano, tudo é possível, imagino. Tudo.

– Compreendo... Obrigada. – Hannah respirou fundo e olhou para Lucy outra vez. – Aceitei seu conselho – ela acrescentou. – Sobre o sujeito no barco naquela ocasião. Como disse, ele já tinha problemas suficientes. – Virou-se para sua irmã. – Gwen, estou pronta para voltar para casa. Não sou muito afeita a este tipo de evento. Pode se despedir do papai por mim? Não quero interrompê-lo. – Em seguida, para Tom e Isabel: – Com licença.

Ela estava prestes a ir embora quando Lucy acenou e disse sonolentemente:

– Tchau.

Hannah tentou sorrir.

– Tchau – respondeu. Através das lágrimas, ela disse: – Vocês têm uma filha linda. Com licença. – E se afastou apressadamente em direção à porta.

– Desculpem por isso – Gwen disse. – Hannah sofreu uma terrível tragédia há alguns anos. A família se perdeu no mar. O marido e a filha que teria a idade da sua agora. Ela está sempre fazendo esse tipo de pergunta. Ver criancinhas sempre a deixa assim.

– Terrível – Isabel conseguiu murmurar.

– É melhor eu ir ver se ela está bem.

Quando Gwen se afastou, a mãe de Isabel se aproximou.

– Não está orgulhosa de seu pai, Lucy? Ele não é um sujeito inteligente, fazendo discursos e tudo o mais? – Virou-se para Isabel.

– Querem que eu a leve para casa? Você e Tom podem aproveitar a festa. Deve fazer anos que você e Tom foram a um baile.

Isabel olhou para Tom em busca de uma resposta.

– Prometi a Ralph e Bluey que tomaria uma cerveja com eles. Não gosto muito deste tipo de evento. – Sem olhar para sua mulher, desapareceu a passos largos na escuridão.



Mais tarde naquela noite, quando Isabel se olhou no espelho enquanto lavava o rosto, por um instante foram as feições de Hannah que ela vislumbrou, marcadas pela angústia e pelo sofrimento. Jogou mais água no rosto, para se livrar da imagem insuportável juntamente com o suor do encontro. Mas não conseguiu fazer a imagem desaparecer, nem conseguiu dominar a outra, quase imperceptível, fonte de medo que surgiu ao saber que Tom a conhecia. Ela não sabia dizer por que isso tornava a situação pior, mas, de algum modo, sentia-se como se o chão firme houvesse se movido imperceptivelmente sob seus pés.

O encontro fora assustador. Ver de perto a escuridão nos olhos de Hannah Roennfeldt. Sentir o cheiro adocicado e mortífero do talco que ela usava. Sentir, quase fisicamente, a desesperança que a envolvia. Mas ao mesmo tempo, ela provaria a possibilidade de perder Lucy. Os músculos de seus braços se enrijeceram, como se quisesse agarrar a criança.

– Oh, meu Deus – ela rezou –, dê paz a Hannah Roennfeldt. E permita que eu fique com Lucy.

Tom ainda não voltara para casa. Ela entrou no quarto de Lucy para ver se estava dormindo bem. Tirou um livro de gravuras delicadamente de sua mão e colocou-o na mesinha de cabeceira.

– Boa-noite, meu anjo – ela sussurrou, beijando-a. Ao afagar seus cabelos, viu-se comparando o formato do rosto de Lucy à visão de Hannah no espelho, buscando algo em comum na curva do queixo ou no arco de uma sobrancelha.

## ☞ CAPÍTULO 22 ☞

—MAMÃE, PODEMOS TER UM GATO? – Lucy perguntou na manhã seguinte quando seguia Isabel para a cozinha dos Graysmark. A menina ficara fascinada pela criatura exótica, cor de caramelo, chamada Tabatha Tabby que patrulhava a casa. Ela já tinha visto gatos nos livros de história, mas este era o único em que já tocara.

– Oh, acho que um gato não iria ficar muito feliz em Janus, querida. Não teria amigos para brincar. – A voz de Isabel tinha um tom distraído.

– Papai, por favor, podemos ter um gato? – a criança perguntou sem perder o ritmo, alheia à tensão no ar.

Tom chegara à casa quando Isabel já estava dormindo e acordara antes de qualquer outra pessoa. Estava sentado à mesa, folheando um exemplar do *West Australian* de uma semana antes.

– Lulu, por que não leva Tabatha para o jardim para uma aventura: caçar ratos – ele disse.

Ela segurou o complacente gato pela barriga e saiu cambaleando para a porta.

Tom virou-se para Isabel.

– Quanto tempo mais, Izz? Quanto tempo mais?

– O quê?

– Como podemos prosseguir com isso? Como podemos continuar com isso todos os dias? Você sabia que a mulher havia se desesperado por nossa causa. Agora você a viu com seus próprios olhos!

– Tom, não há nada que possamos fazer. Eu sei disso e você também. – Mas o rosto de Hannah voltou a assombrá-la, sua voz. Enquanto Tom cerrava o maxilar, furioso, Isabel procurou alguma forma de apaziguá-lo.

– Talvez... – arriscou – talvez... quando Lucy for mais velha, talvez então possamos contar a Hannah, quando não será tão devastador... Mas isso está a anos de distância, Tom, anos.

Perplexo tanto com a concessão quanto com o absurdo da proposição, ele pressionou.

– Isabel, quanto tempo vai ser preciso? Não podemos esperar anos. Imagine a vida dela! Você até a *conheceu*!

O medo tomou conta de Isabel.

– E como se viu, você também, Tom Sherbourne. Mas você manteve isso bem em segredo, não?

Tom ficou desconcertado com o contra-ataque.

– Eu não a *conheço*. Eu a encontrei. Uma vez.

– Quando?

– No barco de Sydney.

– É por isso que você está assim, não? Por que você nunca me contou sobre ela? O que ela quis dizer com “perfeito cavalheiro”? O que você está escondendo?

– O que *eu* estou escondendo? Essa é boa!

– Não sei nada da sua vida! O que mais você manteve em segredo, Tom? Quantos outros romances a bordo?

Tom levantou-se.

– Pare! Pare agora mesmo, Isabel! Você está arengando como uma maluca sobre Hannah Roennfeldt para mudar de assunto porque sabe que eu tenho razão. Não faz nenhuma diferença se eu já a vi antes ou não.

Tentou um apelo à razão.

– Izz. Você viu o estado em que ela ficou. Isso é culpa *nossa*. – Virou as costas para ela. – Eu vi muitas coisas... muitas coisas na guerra, Izz. Coisas que nunca lhe contei e nunca contarei. Meu Deus, eu *fiz* coisas... – Seus punhos estavam cerrados e o maxilar trancado. – Prometi que nunca mais faria ninguém sofrer depois disso, não se dependesse de mim. Por que você acha que eu fui para a Lights? Imaginei que talvez eu pudesse fazer algum bem, talvez salvar algum desgraçado de naufragar. E veja no que me meti.

Eu não iria querer nem que um *cachorro* passasse por tudo que Hannah Roennfeldt tem passado! – Ele buscava as palavras certas. – Meu Deus, aprendi na França que você tem muita sorte se tiver alguma coisa para comer e dentes para mastigar. – Ele hesitou diante das imagens que inundavam sua mente. – Assim, quando a conheci e você até olhou duas vezes para mim, achei que eu estava no paraíso!

Ele parou por um instante.

– O que nós somos, Izz? O que acha que estamos fazendo, pelo amor de Deus! Eu jurei que ficaria com você nos bons e nos maus momentos, Isabel, *bons e maus*! Bem, só o que eu posso dizer é que os tempos estão muito ruins – ele disse, saindo a passos largos pelo corredor.

A criança ficou parada na porta dos fundos, vendo o fim da discussão, fascinada. Nunca ouvira tantas palavras saírem da boca de Tom, nunca em voz tão alta. Nunca o vira chorar.



– Ela desapareceu! – foram as palavras com que Isabel recebeu Tom quando ele voltou para a casa dos Greymark naquela tarde, na companhia de Bluey. – Lucy! Eu a deixei lá fora brincando com o gato enquanto fui fazer as malas. Pensei que mamãe estivesse tomando conta dela, e ela achou que *eu* estivesse com ela.

– Calma. Calma, Izz – ele disse, segurando-a pelos braços. – Procure se acalmar. Quando a viu pela última vez?

– Há uma hora? Duas no máximo.

– Quando percebeu que ela havia desaparecido?

– Neste instante. Papai foi procurá-la, no mato lá nos fundos.

Partageuse era debruada de mata nativa nas bordas e depois do gramado muito bem cuidado dos Graysmark estendiam-se acres de mato cerrado que levavam à floresta.

– Tom, graças a Deus que você voltou. – Violet surgiu correndo na varanda. – Sinto muito, foi culpa minha. Eu devia ter ido ver

como ela estava! Bill saiu para procurá-la pela velha trilha dos lenhadores...

– Há algum outro lugar para onde ela possa ter ido? – Os reflexos práticos, metódicos, de Tom vieram à tona. – Algum lugar sobre o qual você e Bill lhe contaram histórias?

– Ela pode estar em qualquer lugar – Violet disse, sacudindo a cabeça.

– Tom, há cobras. Viúvas-negras. Que Deus nos ajude! – Isabel suplicou.

Bluey se adiantou.

– Eu costumava passar o dia todo naquele mato quando era criança, senhora. Ela vai ficar bem. Nós a encontraremos, sem problemas. Vamos, Tom.

– Izz... Bluey e eu vamos entrar no mato, ver se descobrimos alguma pista. Dê outra olhada pelo jardim e pela frente da casa. Violet, verifique a casa outra vez. Todos os armários e embaixo das camas. Qualquer lugar onde ela possa ter seguido o gato. Se não a encontrarmos na próxima hora, teremos que chamar a polícia, obter ajuda dos rastreadores aborígenes.

Isabel lançou-lhe um olhar incisivo à menção da polícia.

– Não vai chegar a esse ponto – Bluey disse. – Ela está perfeitamente bem, a senhora vai ver.

Somente quando estavam fora do alcance dos ouvidos das mulheres é que Bluey disse a Tom:

– Tomara que ela esteja fazendo uma barulheira enquanto anda. Cobras dormem durante o dia. Elas saem do caminho se ouvem alguém se aproximando. Mas se são surpreendidas... Ela já se perdeu antes?

– Ela nunca teve nenhum maldito lugar onde se perder – Tom disse asperamente, acrescentando em seguida: – Desculpe, Blue. Não quis... é que ela na verdade não tem muita noção de distância. Em Janus, tudo é perto de casa.

Continuaram andando, chamando o nome da menina conforme avançavam e esperando em vão uma resposta. Estavam seguindo o que restara de uma trilha, agora quase tomada por arbustos da

altura de um adulto, com os galhos preenchendo o espaço vazio embaixo. Mas Lucy, na sua altura, não teria encontrado nenhum impedimento.

Quinze minutos depois, entrando mato adentro, a trilha abria-se numa clareira, depois bifurcava em direções opostas.

– Há muitas trilhas como esta – Bluey disse. – Eles abriam um caminho, antigamente, quando saíam em busca de uma boa região de madeira. Ainda há buracos de água aqui e ali, de modo que é preciso ter cuidado. Geralmente, estão encobertos – ele disse, referindo-se aos poços largos cavados pelos exploradores para obter água.

A menina do farol não tem medo. Ela sabe que não deve se aproximar muito da borda dos penhascos. Compreende que aranhas podem picar e devem ser evitadas. Entende que não deve ir nadar, a menos que papai ou mamãe esteja ao seu lado. Na água, sabe diferenciar entre a nadadeira de um golfinho amistoso, que sobe e desce, da nadadeira de um tubarão, que se mantém firme enquanto corta a superfície da água. Em Partageuse, se ela puxar o rabo do gato ele pode arranhá-la. Esses são os limites do perigo.

Assim, quando segue Tabatha Tabby além dos limites do jardim, ela não tem nenhum conceito de se perder. Após algum tempo, não consegue mais ver o gato, mas já é tarde demais – ela está demasiado longe da casa para simplesmente refazer seus passos de volta e, por mais que tente, mais para longe se desvia.

Por fim, chega a uma clareira, onde se senta junto a um tronco caído. Examina as redondezas. Há formigas-soldado, que ela sabe que deve evitar, e faz questão de ficar a uma boa distância da trilha que elas estão fazendo. Não está preocupada. Papai e mamãe a encontrarão.

Enquanto fica ali sentada, desenhando no solo arenoso com uma varinha, ela nota uma criatura estranha, mais comprida do que seu dedo, sair de baixo do tronco caído. Não se parece com nada que ela já tenha visto: corpo longo e pernas como as de um inseto ou de uma aranha, mas dois braços robustos como um dos caranguejos

que papai às vezes pega em Janus. Fascinada, ela toca a criatura com a vara e sua cauda rapidamente se curva para cima em um belo arco, apontando para a cabeça. Nesse instante, uma segunda criatura aparece, a alguns centímetros dali.

Ela está hipnotizada pela maneira como os animais seguem a varinha, tentando agarrá-la com suas patas de caranguejo. Surge uma terceira de baixo do tronco. Os segundos se passam lentamente.

Quando chegam à clareira, Tom leva um susto. Ele vê um pezinho sujo projetando-se de trás de um tronco caído.

– Lucy! – Ele corre para o tronco, onde a menina está sentada, brincando com uma varinha. Ele fica paralisado ao reconhecer a criatura grudada na ponta da vara como sendo um escorpião. – Santo Deus, Lucy! – Ele agarra a menina por baixo dos braços e a levanta bem alto no ar enquanto atira o escorpião no chão e o esmaga sob o pé. – Lucy, o que é que você está fazendo? – ele grita.

– Papai! Mas você matou ele!

– Lucy, isso é muito perigoso! Ele mordeu você?

– Não. Ele gostou de mim. E olhe – ela diz, abrindo o largo bolso na frente do seu avental, orgulhosamente exibindo outro escorpião. – Eu peguei um para *você*.

– Não se mexa! – ele diz, demonstrando calma e recolocando-a no chão devagar. Ele leva a ponta da vara dentro do bolso até o escorpião agarrar-se a ela, em seguida, lentamente, a levanta e atira a criatura no chão, esmagando-a com o pé.

Ele examina seus braços e pernas em busca de marcas de mordidas ou picadas.

– Tem certeza que ele não a picou? Está doendo em algum lugar?

Ela sacode a cabeça.

– Eu fiz uma aventura!

– Sem dúvida, foi uma aventura, com certeza.

– Olhe bem – Bluey disse. – Nem sempre se vê a marca da picada. Mas ela não parece sonolenta. É um bom sinal. Para lhe dizer a verdade, eu estava mais preocupado que ela estivesse caída no fundo de um desses poços.

– Muito otimista – Tom murmurou. – Lucy, querida, não temos escorpiões em Janus. Eles são perigosos. Você nunca deve tocar neles. – Abraçou-a. – Por onde você andou?

– Eu estava brincando com Tabatha. Você disse para eu brincar. – Tom sentiu um baque ao se lembrar de sua instrução naquela manhã para que ela fosse brincar lá fora com o gato.

– Vamos, querida. Temos que levá-la de volta para mamãe. – A palavra pareceu adquirir um significado novo em sua boca, quando se recordou dos eventos da noite anterior.

\* \* \*

Isabel correu da varanda ao encontro deles na borda do jardim. Ela agarrou Lucy, soluçando de alívio.

– Graças a Deus – Bill disse, ao lado de Violet. Ele a abraçou. – Graças ao bom Deus. E obrigado a você também, Bluey – ele disse. – Você salvou nossas vidas.

Todos os pensamentos sobre Hannah Roennfeldt foram varridos da mente de Isabel naquela tarde, e Tom compreendeu que ele não poderia levantar a questão outra vez. Mas ele estava assombrado pela sua imagem. A mulher que existira no abstrato agora era uma mulher viva, sofrendo a cada minuto por causa do que ele havia feito. Cada aspecto dela – as faces encovadas, os olhos fundos, as unhas roídas – estava vívido em sua consciência. O mais difícil de suportar era o respeito que ela demonstrara por ele: a confiança.

Muitas vezes, Tom tentava acessar os recônditos da mente de Isabel – os espaços onde ela conseguia enterrar a turbulência da qual sua própria mente não conseguia escapar.

Quando Ralph e Bluey partiram de Janus no dia seguinte, depois de devolver a família ao farol, o mais jovem disse:

– Caramba, as coisas parecem meio frias entre eles, não acha?

– Vou lhe dar um conselho grátis, Blue: nunca tente descobrir o que está se passando no casamento de outra pessoa.

– Sim, eu sei, mas, bem, seria de imaginar que se sentiriam aliviados por nada ter acontecido a Lucy ontem. Isabel agiu como se fosse culpa de Tom que a menina tivesse se perdido.

– Fique fora disso, rapaz. Está na hora de você preparar um chá para nós.

## ☞ CAPÍTULO 23 ☞

**E**RA UM DOS MISTÉRIOS DO DISTRITO MERIDIONAL, o enigma do que acontecera ao bebê Grace Roennfeldt e seu pai. Algumas pessoas diziam que isso provava que ainda não se podia confiar em um huno: ele era um espião e fora finalmente chamado de volta à Alemanha depois da guerra. Não fazia diferença o fato de ele ser austríaco. Outros, familiarizados com os oceanos, não tinham a menor dúvida sobre seu desaparecimento: “Bem, o que ele estava pensando, partindo para essas águas? Tinha um parafuso a menos. Não deve ter durado nem cinco minutos no mar.” Havia uma ideia geral de que, de alguma forma, era um ato de Deus, expressando desaprovação pela escolha de Hannah para marido. O perdão é desejável, mas veja tudo que gente da laia dele fez...

A recompensa oferecida pelo velho Potts adquiriu uma condição mítica. Ao longo dos anos, atraiu gente de Goldfields, do norte, até mesmo de Adelaide, que viam uma chance de fazer fortuna apresentando uma peça de madeira de naufrágio e uma teoria. Nos primeiros meses, Hannah ouvia atentamente cada história forjada de uma visão, cada lembrança de um choro de bebê ouvido da praia na noite fatídica.

Com o tempo, até mesmo seu coração esperançoso não podia deixar de ver as lacunas nas histórias. Quando ela dizia que um vestido de bebê “encontrado” na praia não combinava com o que Grace usava, o interessado na recompensa insistia: “Pense bem! Você está transtornada com sua perda. Como poderia se lembrar do que a pobre criança vestia?” Ou, “Você sabe que dormiria melhor se simplesmente aceitasse as evidências, sra. Roennfeldt.” Depois, faziam algum comentário azedo quando eram conduzidos para fora por Gwen, que os agradecia pelo incômodo e lhes dava algumas moedas para a viagem de volta para casa.



Naquele janeiro, o jasmim-de-madagascar florescia novamente, o mesmo perfume voluptuoso pesado no ar, mas era uma Hannah Roennfeldt ainda mais macilenta que continuava o ritual de sua visita – embora menos frequente agora – à delegacia de polícia, à praia, à igreja. “Completamente desequilibrada”, o policial Garstone murmurava quando ela se afastava. Até o reverendo Norkells insistia para que ela passasse menos tempo na escuridão das paredes de pedra da igreja e fosse “procurar Cristo na vida ao seu redor”.

Duas noites depois das comemorações do farol, enquanto Hannah estava deitada, acordada, ela ouviu o rangido das dobradiças na caixa de correio. Consultou o relógio, cujos ponteiros sinalizavam sombriamente três da madrugada. Um gambá, talvez? Ela saiu da cama silenciosamente e espreitou pelo canto da cortina, mas não viu nada. A lua mal havia surgido: não havia nenhuma luz, a não ser a fraca claridade das estrelas que salpicavam o céu. Novamente, ouviu o rangido metálico da caixa, desta vez trazido pela brisa.

Acendeu um lampião de emergência e aventurou-se pela porta da frente, com cuidado para não acordar sua irmã e apenas vagamente cautelosa para não perturbar alguma cobra que pudesse estar aproveitando o breu para caçar ratos e rãs. Seus pés pálidos não produziram nenhum ruído no caminho de entrada.

A porta da caixa de correio balançava-se suavemente para frente e para trás, permitindo vislumbrar algo lá dentro. Quando aproximou o lampião da caixa, os contornos de um pequeno objeto emergiram – um pacote. Retirou-o da caixa. Não muito maior do que sua mão, estava embrulhado em papel pardo. Olhou à sua volta para ter alguma pista de como ele fora parar ali, mas a escuridão se fechava ao redor de seu lampião como um punho cerrado. Correu de volta para o quarto e pegou a tesoura de costura para cortar o barbante. O pequeno embrulho estava endereçado a ela, na mesma caligrafia elegante de antes. Abriu-o.

Conforme tirava camada por camada de jornal, algo fazia um barulho a cada movimento. Quando o último invólucro foi retirado, ali, devolvendo o suave brilho do lampião, estava o chocalho de prata que seu pai havia encomendado em Perth para a neta. Não havia a menor dúvida sobre os querubins em alto relevo no cabo. Sob o chocalho havia uma nota.

*Ela está a salvo. Ela é amada e bem cuidada. Por favor, reze por mim.*

Nada mais. Sem data, sem iniciais, sem nenhuma pista.

– Gwen! Gwen, rápido! – Ela bateu nervosamente na porta do quarto da irmã. – Veja isso! Ela está viva! Grace está viva. Eu sabia!

Gwen saiu atabalhoadamente da cama, pronta para ouvir mais outra história excêntrica. Entretanto, diante do chocalho, ela ficou subitamente alerta, pois ficara ao lado do pai no balcão na Caris Brothers em Perth enquanto ele discutia o desenho do chocalho com o joalheiro. Tocou o objeto cautelosamente, como se fosse um ovo que pudesse chocar um monstro.

Hannah chorava e sorria, rindo para o teto, para o chão.

– Eu lhe disse, não foi? Oh, minha querida Grace! Ela está viva!

Gwen colocou a mão em seu ombro.

– Não vamos nos empolgar, Hannah. Vamos ver papai pela manhã e ir com ele à polícia. Eles saberão o que fazer. Agora, volte para a cama, vá dormir. Vai precisar de uma mente desanuviada amanhã.

Dormir estava fora de questão. Hannah estava aterrorizada com a ideia de que se fechasse os olhos ela pudesse acordar de um sonho. Dirigiu-se ao quintal e sentou-se no balanço onde um dia havia se sentado com Frank e Grace, e olhou para os milhares de estrelas que pontilhavam o hemisfério; elas a acalmavam com sua estabilidade, como pontinhos de alfinetes de esperança na noite. Pequenas vidas mal podiam ser ouvidas ou sentidas em uma tela tão vasta. No entanto, ela possuía o chocalho, e o chocalho lhe trouxera

esperança. Aquilo não era um embuste. Era um talismã de amor – um símbolo do perdão de seu pai; algo tocado por sua filha e por aqueles que a amavam. Voltou o pensamento para seus estudos dos Clássicos e para a história de Demétrio e Perséfone. Repentinamente, essa história antiga adquirira vida para ela, ao contemplar o retorno de sua filha de onde quer que tenha sido mantida presa.

Ela sentia – não, ela sabia – que estava chegando ao fim de uma terrível jornada. Quando Grace estivesse de volta com ela, a vida começaria outra vez – juntas iriam colher a felicidade havia tanto tempo negada a ambas. Viu-se rindo de lembranças engraçadas: Frank esforçando-se para mudar uma fralda; a tentativa de seu pai de manter a compostura quando sua neta vomitou no ombro de seu melhor terno. Pela primeira vez em anos, sua barriga estava contraída de expectativa. Mal podia esperar o amanhecer.

Quando uma centelha de dúvida penetrava em seus pensamentos, ela voltava a mente para detalhes específicos: a maneira como os cabelos de Grace eram ligeiramente mais ralos na parte de trás por roçar a cabeça no lençol; o modo como suas unhas tinham pequenas meias-luas na base. Ela iria ancorar sua filha na memória e trazê-la para casa pela simples força de vontade – assegurando que em um lugar neste mundo havia o conhecimento de cada aspecto dela. O seu amor a traria de volta para casa.



Havia muito falatório na cidade. Um boneco é que fora achado. Não, era um mordedor. Era algo que provava que o bebê estava morto; era algo que provava que o bebê estava vivo. O pai a havia matado; o pai fora assassinado. Do açougue à quitanda, do ferreiro ao salão da igreja, a história adquiria e se livrava de fatos e mexericos conforme passava de boca a ouvido, sempre com um estalo da língua ou uma contração dos lábios para disfarçar a empolgação de cada relator.

– Sr. Potts, não estamos, nem por um minuto, duvidando de que possa reconhecer objetos que o senhor próprio comprou. Mas tenho certeza de que irá concordar que isso não prova que a criança esteja viva. – O sargento Knuckey tentava acalmar o agora vermelho Septimus, parado diante dele, o queixo erguido, o peito estufado, como um pugilista.

– Você tem que investigar isso! Por que alguém teria esperado até agora para entregar isto? No meio da noite? E sem tentar reclamar a recompensa? – Sua barba parecia ainda mais branca conforme seu rosto ficava mais roxo.

– Com todo o respeito, mas que droga, como diabos eu poderia saber?

– Chega dessa linguagem, muito obrigado! Há senhoras presentes!

– Desculpem-me. – Knuckey franziu os lábios. – Vamos investigar, eu lhes asseguro.

– Como, exatamente? – Septimus quis saber.

– Nós... eu... Dou a minha palavra que vamos investigar.

O coração de Hannah esmoreceu. Seria o mesmo de antes. Ainda assim, ela começou a ficar acordada até tarde da noite, vigiando a caixa de correio, esperando um sinal.



– Certo, vou precisar de uma foto disto, Bernie – anunciou ao policial Lynch. Parado no balcão do estúdio fotográfico de Gutcher, ele apresentou o chocalho de prata de uma bolsa presa ao cinto.

Bernie Gutcher olhou-o de viés.

– Desde quando você está interessado em bebês?

– Desde que isto se tornou uma prova! – o policial retrucou.

Demorou algum tempo para o fotógrafo preparar seu equipamento e, enquanto o fazia, Lynch ficou olhando os retratos nas paredes ilustrando escolhas de estilo e molduras. Seu olhar passou uniformemente pelas fileiras de exemplos que incluíam o

time de futebol local, Harry Garstone e sua mãe, Bill e Violet Graysmark com sua filha e sua neta.

Alguns dias depois, uma fotografia foi devidamente pregada no quadro de notícias do lado de fora da delegacia, mostrando o chocalho ao lado de uma régua para dar a noção de tamanho do objeto, e pedindo que qualquer pessoa que o reconhecesse que se apresentasse. Ao lado, estava um aviso de Septimus Potts anunciando que a recompensa por informações que levassem à volta em segurança de sua neta Grace Ellen Roennfeldt agora era de *três* mil guinéus e que todos os contatos seriam mantidos em estrito sigilo.

\* \* \*

Em Partageuse, mil guinéus podiam comprar uma fazenda. Três mil – bem, com três mil guinéus nem se sabia o que poderia ser feito.

– Tem certeza? – a mãe de Bluey perguntou novamente enquanto andava de um lado para o outro da cozinha, os cabelos ainda presos com papetes com que ela havia dormido. – Pense, rapaz, pelo amor de Deus!

– Não. Não posso ter certeza, não completamente, já faz muito tempo. Mas eu nunca havia visto algo tão brilhante, e no berço de um bebê! – Suas mãos tremiam enquanto ele enrolava um cigarro e atrapalhou-se com o fósforo ao acendê-lo. – Mamãe, o que vou fazer? – Gotas de suor formavam-se em sua testa, por baixo dos cachos ruivos. – Quero dizer, talvez haja alguma razão para isso. Ou talvez eu tenha apenas sonhado. – Tragou com força e, ao expirar, expôs um pensamento. – Talvez eu deva esperar até a próxima viagem a Janus e perguntar a ele, de homem para homem.

– Homem para macaco, melhor dizendo! Você é mais retardado do que eu pensava se esta é sua ideia do que fazer. Três mil guinéus! – Ela agitou três dedos no rosto dele. – Três mil guinéus é mais do que você ganharia naquele maldito barco em cem anos!

– Mas é de *Tom* que estamos falando. E de Isabel. Como se eles fossem capazes de fazer algo errado! E ainda que seja o mesmo

chocalho, ele pode simplesmente ter ido parar na praia e eles o encontraram. Você devia ver algumas das coisas que vão parar em Janus. Certa vez ele achou um mosquete! E um cavalo de pau.

– Não é de admirar que Kitty Kelly o tenha mandado passear. Nem um pingo de ambição. Nem um pingo de bom senso.

– Mãe! – Bluey ficou magoado com o deboche da mãe.

– Vista uma camisa limpa. Vamos à delegacia.

– Mas é de Tom que estamos falando! Ele é um companheiro, mamãe!

– São *três abençoados mil guinéus!* E se você não se apresentar primeiro, o velho Ralph Addicott estará lá contando a eles a mesma história. – Ela acrescentou: – Kitty Kelly não vai menosprezar um homem com tal quantia de dinheiro, não é? Agora, penteie os cabelos. E apague este maldito cigarro.

## ☞ CAPÍTULO 24 ☞

**N**O COMEÇO, TOM ACHOU QUE ESTAVA imaginando a forma do *Windward Spirit* conforme ele se aproximava, açoitado pelos resquícios do ciclone que viera rodopiando pela costa da Austrália Ocidental. Ele chamou Isabel, para ver se ela também o via. Fazia apenas uma semana que estavam de volta a Janus. Não esperavam nenhum barco até meados de março, quando estava programado para levá-los à terra firme antes de sua transferência para Point Moore. Teria tido algum problema no motor a caminho de outro destino? Talvez Ralph ou Bluey tivesse se ferido naquela intempérie.

As ondas altas eram traiçoeiras e foi necessária toda a habilidade da tripulação para ancorar a embarcação sem que ela colidisse com o píer.

– Qualquer porto serve em uma tempestade, hein, Ralph? – Tom gritou acima do vento quando o barco atracou, mas o velho arrais não respondeu.

Quando, em vez de Bluey saindo dos fundos do barco, Tom reconheceu as rudes feições de Neville Whittnish, sua confusão aumentou. Quatro policiais o seguiam.

– Caramba, Ralph! De que se trata tudo isso?

Novamente, Ralph não respondeu. Um calafrio percorreu o corpo de Tom. Olhou para cima da encosta e viu Isabel recuando furtivamente, fora do alcance de vista do píer. Um dos policiais desceu tropeadamente a rampa de desembarque como se estivesse bêbado e levou um instante para se adaptar à doca firme. Os outros o seguiram.

– Thomas Edward Sherbourne?

– Isso mesmo.

– Sargento Spragg, polícia de Albany. Este é meu assistente, policial Strugnell. Sargento Knuckey e policial Garstone você deve

reconhecer da delegacia de Point Partageuse.

– Acho que não.

– Sr. Sherbourne, estamos aqui por causa de Frank Roennfeldt e sua filha Grace.

Foi um soco no estômago, tirando todo o ar de seus pulmões por um instante. Seu pescoço se enrijeceu, seu rosto ficou mortalmente pálido repentinamente. A espera terminara. Era como finalmente receber o sinal para pular para fora após dias de espera nas trincheiras.

O sargento tirou alguma coisa do bolso – um pedaço de cartão que se agitou no vento tempestuoso. Ele firmou-o com as duas mãos.

– Reconhece isto, senhor?

Tom examinou a fotografia do chocalho. Ergueu os olhos para o penhasco enquanto pensava em sua resposta: Isabel desaparecera. O tempo equilibrava-se em um sustentáculo – não haveria volta depois disso.

Ele deu um suspiro profundo, como se estivesse aliviado de um peso físico, e deixou pender a cabeça, os olhos fechados. Sentiu a mão de Ralph em seu ombro.

– Tom. Tom, filho... O que diabos andou acontecendo por aqui?



Enquanto a polícia interroga Tom sozinho, Isabel retira-se para as pequenas cruzeiras perto do penhasco. Os arbustos de alecrim entram e saem de foco, como seus pensamentos. Ela treme enquanto repassa a cena: o policial mais baixo, o mais jovem, fora muito solene ao mostrar-lhe a fotografia e não pôde deixar de ver seus olhos se arregalarem e sua respiração parar diante do que via.

– Alguém enviou o chocalho para a sra. Roennfeldt na semana passada.

– Semana passada?

– Parece a mesma pessoa que lhe mandou uma carta há dois anos.

Essa última informação foi demais para a compreensão de Isabel.

– Vamos querer lhe fazer umas perguntas depois que falarmos com seu marido, mas enquanto isso, talvez deva... – Deu de ombros, constrangido. – Não se afaste muito.

Isabel olha ao longe, de cima do rochedo: há tanto ar, no entanto ela não consegue respirar direito ao pensar em Lucy, em seu sono da tarde, enquanto no aposento ao lado a polícia interroga seu pai. Eles vão levá-la. Ela pensa febrilmente: ela pode escondê-la em algum lugar da ilha. Ela pode – pode partir no barco com ela. Calcula rapidamente – o barco de resgate está sempre pronto para ser lançado imediatamente. Se puder fingir que está levando Lucy... onde? A qualquer lugar, não importa. Pode levar a criança até o barco e podem ir embora da ilha antes que alguém perceba. E se pegarem a corrente certa, irão para o norte... Imagina as duas, aportando muito mais acima, na direção de Perth, juntas, a salvo. A lógica intervém para lembrá-la dos riscos da corrente meridional e da morte certa no Oceano Antártico. Ansiosamente, explora outro caminho. Pode jurar que a criança é sua, que o barco deu na praia com *dois* mortos e eles guardaram apenas o chocalho. Ela se agarra a qualquer possibilidade, por mais absurda que possa ser.

O mesmo impulso continua retornando: “Devo perguntar a Tom o que fazer.” Então, sente ânsias de vômito, quando se lembra de que tudo aquilo é obra de Tom. O mesmo aconteceu quando acordou no meio da noite depois de saber da morte de seu irmão Hugh e pensou: “Tenho que dar a Hugh a terrível notícia.”

Gradualmente, uma parte dela aceita que não há escapatória possível, e o medo dá lugar à raiva. Por quê? Por que ele não pôde deixar as coisas como estavam? Tom deveria proteger sua família, não destruí-la. Muito abaixo do seu nível de consciência, um sentimento negro e sombrio foi revolvido e agora procura um lugar para aportar. Seus pensamentos giram para dentro da escuridão – ele planeja isso há dois anos. Quem é este homem que podia mentir para ela, arrancar dela o seu bebê? Lembra-se de Hannah

Roennfeldt tocando o braço dele e se pergunta o que realmente teria acontecido entre eles. Ela vomita violentamente na grama.



O oceano estrondava contra o rochedo, lançando respingos até onde Isabel estava, na borda, no alto, muito acima da água. Os borrifos haviam penetrado nas cruces e seu vestido estava úmido.

– Izzy! Isabel! – A voz de Tom era levada para fora da ilha pela ventania.

Um petrel girava no ar, voando em círculos, sem parar, antes de mergulhar como um raio nas ondas revoltas para pegar um arenque. Mas a sorte e a tempestade estavam a favor do peixe, e ele se contorceu e se livrou do bico do pássaro, caindo de novo no mar.

Tom correu as poucas centenas de metros até sua mulher. O petrel continuou a pairar nas correntes de ar, sabendo que o tumulto das águas tornaria uma presa fácil qualquer peixe que não estivesse abrigado nos recifes mais profundos.

– Não temos muito tempo – Tom disse, puxando Isabel para si. – Lucy vai acordar a qualquer minuto. – A polícia estivera interrogando-o durante a última hora e dois deles agora desciam na direção das antigas sepulturas do outro lado da ilha, equipados com pás.

Isabel examinou seu rosto como se ele fosse um estranho.

– A polícia disse que alguém enviou um chocalho a Hannah Roennfeldt...

Ele sustentou seu olhar, mas não disse nada.

– ... que alguém escreveu para ela *há dois anos*, para dizer que seu bebê estava vivo. – Ela lutou com as implicações por mais algum tempo. – Oh, Tom! – exclamou outra vez, recuando um passo.

– Eu tinha que fazer *alguma coisa*, Izzy. Deus sabe que eu tentei explicar. Eu só queria que ela soubesse que sua filha estava sã e salva.

Isabel olhou para ele, como se tentasse dar sentido a palavras gritadas de muito longe, apesar de ele estar tão perto que mechas dos seus cabelos açoitavam o rosto dele.

– Eu confiei em você, Tom. – Ela agarrou os cabelos nos punhos cerrados enquanto o fitava, a boca aberta, à procura das palavras. – O que, em nome de Deus, você fez com a gente? O que você fez com Lucy?

Ela viu resignação nos ombros dele, alívio em seus olhos. Ao deixar cair as mãos, os cabelos de Isabel cobriram seu rosto outra vez como um véu de luto, e ela começou a soluçar.

– Dois anos! Tudo tem sido uma mentira por *dois anos*?

– Você viu o estado da pobre mulher! Você viu o que fizemos.

– E ela significa mais para você do que nossa família?

– Não é *nossa* família, Izz.

– É a única família que teremos! O que irá acontecer com Lucy?

Ele agarrou-a pelos braços.

– Olhe, faça o que eu disser e você vai ficar bem. Eu disse a eles que fui eu, está bem? Eu disse a eles que ficar com Lucy foi ideia apenas minha, disse que você não queria, mas que eu a obriguei. Enquanto você mantiver isso, ninguém fará nada a você... Eles vão nos levar de volta a Partageuse. Izzy, eu prometo que vou protegê-la. – Ele puxou-a para si outra vez e tocou o topo de sua cabeça com os lábios. – Não importa o que acontecer comigo. Sei que vão me mandar para a prisão, mas quando eu sair, nós ainda...

De repente, ela se lançou sobre ele, os punhos golpeando seu peito.

– Não fale em “nós”, Tom! Não depois do que você fez! – Ele não fez nenhum esforço para impedi-la. – Você fez a sua escolha! Você não se importa nada com Lucy, nem comigo! Portanto, não... – ela buscava as palavras – espere que eu me importe com o que quer que aconteça a você de agora em diante.

– Izz... vamos, você não sabe o que está dizendo!

– Não sei? – Sua voz era estridente. – Sei que vão tirar nossa filha de nós. Você não compreende mesmo, não é? O que você fez...

é imperdoável.

– Santo Deus, Izzy.

– Você devia ter me *matado*, Tom! Matar a mim seria melhor do que matar nossa filha. Você é um monstro! Um monstro frio e egoísta!

Tom permaneceu parado, absorvendo as palavras que doíam mais do que os golpes. Ele examinou seu rosto em busca de um traço do amor que ela jurara a ele tantas vezes, mas Isabel estava tomada por uma fúria glacial, como o oceano à sua volta.

O petrel mergulhou outra vez, levantando-se triunfante com um arenque que aprisionara em seu bico de tal forma que somente a boca do peixe, abrindo-se e fechando-se debilmente, mostrava que ele existia.



– O mar está agitado demais para voltarmos agora – Ralph disse ao sargento Knuckey. O sargento Spragg, o policial-chefe de Albany, andara fazendo um grande alvoroço sobre a necessidade de partirem imediatamente. – Ele pode ir nadando, se está com tanta pressa de voltar – foi tudo que o capitão do barco disse.

– Bem, Sherbourne pode ficar no barco, sob guarda. Não vou deixar que ele fique inventando histórias com sua mulher, muito obrigado – Spragg insistira.

O sargento Knuckey olhou para Ralph e ergueu as sobrancelhas, o ângulo de sua boca revelando a opinião que tinha do colega.

Com a proximidade do pôr do sol, Neville Whittnish atravessou o barco a passos largos.

– O que quer? – perguntou o policial Strugnell, que estava levando seu serviço de guarda muito a sério.

– Preciso que Sherbourne me passe a função. Ele tem que vir comigo para acender o farol. – Embora Whittnish falasse pouco e raramente, seu tom de voz nunca dava margem a contestação.

Strugnell foi pego de surpresa, mas recobrou suficientemente a serenidade para dizer:

– Certo, bem, vou ter que acompanhá-lo.

– Não é permitida a presença de nenhuma pessoa não autorizada no farol. Normas da Comunidade Britânica. Eu o trarei de volta quando tivermos acabado.

Tom e o faroleiro caminharam em silêncio para a torre. Quando chegaram à porta, Tom disse serenamente:

– Por que tudo isso? Você não precisa de mim para acender o farol.

O velho faroleiro disse simplesmente:

– Nunca vi um farol mais bem cuidado. Não é da minha conta o que você andou fazendo. Mas vai querer se despedir dele. Vou esperar aqui embaixo – e virou-se de costas, olhando pela janela redonda para avaliar a tempestade.

Assim, pela última vez, Tom subiu as centenas de degraus. Pela última vez, ele fez a alquimia da luminescência a partir do enxofre e do petróleo. Pela última vez, enviou seu sinal a navegadores a milhas ao redor: tenha cuidado.



Na manhã seguinte, a tempestade havia amainado e o céu está novamente azul e sereno. As praias estão enfeitadas com acúmulos de espuma amarela e algas marinhas lançadas pelas ondas. Quando o barco se afasta de Janus Rock, um cardume de golfinhos brinca ao redor da proa por algum tempo, suas formas cinzentas e escorregadias subindo e baixando como esguichos de água, uma hora mais perto, outra mais longe. Isabel, os olhos inchados e vermelhos, senta-se em um dos lados da cabine, Tom no outro. Os policiais conversam entre si sobre escalas de serviço e a maneira de obter o maior brilho em suas botas. Na popa, a lona fétida exala o odor de seu terrível conteúdo.

No colo de Isabel, Lucy pergunta outra vez:

- Aonde nós vamos, mamãe?
- De volta a Partageuse, querida.
- Por quê?

Isabel lança um olhar a Tom.

– Não sei por quê, Luce, querida. Mas temos que ir. – Ela abraça a criança com força.

Mais tarde, a criança desce do colo da mãe e sobe no colo de Tom. Ele a segura sem dizer nada, tentando gravar tudo a respeito dela: o cheiro dos seus cabelos, a maciez de sua pele, o formato de seus dedos minúsculos, o som de sua respiração quando colocava o rosto tão perto do dele.

A ilha flutua para longe, desaparecendo em uma versão cada vez menor de si mesma, até tornar-se apenas uma lembrança fugaz, diferente para cada passageiro. Tom observa Isabel, espera que ela devolva o seu olhar, anseia para que ela lhe dê um dos seus antigos sorrisos que costumavam lembrá-lo do Farol Janus – um ponto fixo, confiável, no mundo, que significava que ele nunca ficaria perdido. Mas a chama se apagou – seu rosto parece desabitado agora.

Ele mede a viagem até a costa em giros do farol.

# PARTE III



## ☞ CAPÍTULO 25 ☞

**A**SSIM QUE DESEMBARCARAM, o sargento Spragg tirou um par de algemas do bolso e dirigiu-se a Tom com passos decididos. Vernon Knuckey o fez parar apenas com um sinal negativo da cabeça.

– É o procedimento correto – disse o sargento de Albany, superior a Vernon em importância de delegacia.

– Deixe isso pra lá. Há uma garotinha aqui – Knuckey disse, fazendo um sinal com a cabeça indicando Lucy, que correu para Tom, agarrando sua perna.

– Papai! Papai, me pega no colo!

Uma angústia evidente atravessou seu rosto quando os olhos da menina fitaram os seus, com o mais corriqueiro dos pedidos. No topo de um pé de hortelã, um par de *willy wagtails* chilreava. Tom engoliu com dificuldade, enterrando as unhas nas palmas das mãos.

– Olhe, Lulu! Veja que passarinhos engraçados lá em cima. Não há desses em casa, hein? – Mantendo os olhos nos pássaros, ele disse: – Vá dar uma olhada neles.

Dois carros estavam parados perto do píer e o sargento Spragg dirigiu-se a Tom.

– Por aqui. No primeiro.

Tom virou-se para Lucy, agora distraída com a brincadeira dos pássaros abanando as longas caudas negras. Estava prestes a estender a mão para ela, mas imaginou sua angústia: melhor ir embora sem que ela notasse.

Ela percebeu o movimento dele e estendeu os braços.

– Papai, espere! Me pega no colo! – ela insistiu, o tom de sua voz traíndo sua noção de que havia algo errado.

– Agora, por favor – Spragg instou, segurando Tom pelo cotovelo.

Conforme Tom se afastava, cada passo mais terrível, Lucy perseguiu-o, os braços ainda estendidos.

– Papai, espere por Lulu – suplicou, magoada e confusa. Quando tropeçou e caiu de rosto nos cascalhos, soltando um grito, Tom não pôde continuar e girou nos calcanhares, libertando-se da mão do policial.

– Lulu! – Ele ergueu-a no colo e beijou seu queixo esfolado. – Lucy, Lucy, Lucy, Lucy – murmurou, os lábios roçando seu rosto. – Você está bem, querida. Você vai ficar bem.

Vernon Knuckey olhou para o chão e limpou a garganta.

Tom disse:

– Querida, eu tenho que ir agora. Espero... – Parou. Olhou dentro dos seus olhos e afagou seus cabelos, beijando-a por fim. – Adeus, benzinho.

A criança não deu nenhuma mostra de soltá-lo, então Knuckey voltou-se para Isabel.

– Sra. Sherbourne?

Isabel pegou-a do colo de Tom.

– Venha, queridinha. Você está bem. Mamãe está com você – apesar de a menina continuar a gritar.

– Papai, eu quero ir com  *você* , papai!

– Está feliz agora, Tom? É isso que você queria, não é? – As lágrimas escorriam pelo rosto de Isabel e molhavam a face de Lucy.

Por um instante, Tom ficou paralisado pela visão das duas juntas, a dor estampada em seus rostos – as duas que ele havia prometido a Bill Graysmark que protegeria. Por fim, ele conseguiu dizer:

– Meu Deus, Izz, sinto muito.

Kenneth Spragg perdera a paciência e agarrou-o pelo braço outra vez, empurrando-o na direção do carro. Quando Tom se agachou e entrou na parte de trás do veículo, Lucy começou a berrar.

– Papai, não vai! Por favor, papai!  *Por favor!*  – Seu rosto estava crispado e vermelho, lágrimas escorriam para dentro de sua boca

aberta, enquanto Isabel tentava em vão consolá-la. – Mamãe, pare os homens! Eles são maus, mamãe! São maus com papai!

– Eu sei, querida, eu sei. – Ela colocou os lábios nos cabelos de Lucy e murmurou: – Às vezes, os homens fazem coisas muito ruins, querida. Coisas muito ruins. – Enquanto falava, compreendeu que o pior ainda estava por vir.

Ralph observava a cena do deque do barco. Quando chegou de volta à sua casa, de volta para Hilda, olhou intensamente para ela, talvez pela primeira vez em vinte anos.

– Por que isso? – perguntou sua mulher, desconcertada com a atenção.

– É porque... oh, por nada – ele disse, puxando-a para si em um longo abraço.



Em seu escritório, Vernon Knuckey dirigiu-se a Kenneth Spragg.

– Vou lhe dizer outra vez, sargento. Não vai levá-lo para Albany esta tarde. Ele será transferido no devido tempo, depois que eu tiver tido a chance de lhe fazer mais algumas perguntas.

– Ele vai ser nosso prisioneiro. Os faróis pertencem à Comunidade Britânica, lembre-se, então fazemos isso da maneira certa.

– Conheço as regras tanto quanto você. – Todo policial deste lado de Perth sabia como Kenneth Spragg adorava impor sua autoridade. Ele ainda estava incomodado com o fato de não ter se alistado, e tentava compensar isso se portando como um maldito sargento brigão. – Ele será enviado a Albany em tempo hábil.

– Quero ter uma conversa com Sherbourne, logo vou saber toda a verdade. Estou aqui agora. Vou levá-lo comigo.

– Se o quer tanto assim, pode muito bem voltar aqui. *Eu* comando esta delegacia.

– Ligue para Perth.

– O quê?

– Deixe-me ligar para Perth. Se eu ouvir isso da chefia do Distrito, eu o deixarei aqui. Caso contrário, ele entra no carro e parte para Albany.

\* \* \*

Levara tanto tempo para persuadir a transtornada criança a entrar no segundo carro que Tom já estava numa cela quando chegaram à delegacia.

Na sala de espera, Lucy sentava-se no colo de Isabel, irritada e exausta pela longa viagem e pelos estranhos acontecimentos. Ela não parava de tocar o rosto de Isabel – cutucando-o e alisando-o para obter uma resposta.

– Onde está papai? Eu quero ver ele.

Isabel estava pálida, a testa franzida em uma expressão distante. Inúmeras vezes, seus pensamentos vagavam, sua atenção focalizando-se em um nó da madeira do balcão ou no grito de um pega distante. Então, os dedos de Lucy, tocando-a com outra pergunta, a traziam de volta à noção angustiante de onde ela estava.

Um homem idoso que viera pagar uma multa por ter deixado seu gado extraviar-se para a estrada estava parado junto ao balcão, esperando o recibo. Ele passava o tempo tentando fazer Lucy brincar de esconder o rosto com ele.

– Qual é o seu nome? – ele perguntou.

– Lucy – ela respondeu timidamente.

– Isso é o que você pensa – murmurou Harry Garstone com um sorriso sarcástico, enquanto sua caneta arranhava o formulário de recibo.

Nesse momento, o dr. Sumpton chegou de seu consultório, arfando, a maleta na mão. Ele cumprimentou Isabel superficialmente com um breve sinal da cabeça, evitando fitá-la nos olhos. Ela ficou vermelha, lembrando-se do último exame que fizera com ele e sua devastadora conclusão.

– Por aqui, senhor – Garstone disse, conduzindo-o a uma sala nos fundos. O policial retornou a Isabel. – A criança tem que ser examinada pelo médico. Queira entregá-la a mim.

– Examinada? Para quê? Não há nada de errado com ela!

– Lamento, mas não tem o direito de se pronunciar sobre isso, sra. Sherbourne.

– *Eu sou sua.* – Isabel parou antes de pronunciar a palavra. – Ela não precisa de médico. Por favor. Tenha um pouco de decência!

O policial agarrou a criança, gritando e se debatendo, e levou-a para dentro. Os gritos estridentes ressoaram pela delegacia, chegando à cela de Tom, onde pareceram ainda mais altos enquanto ele se perguntava o que estaria acontecendo com ela.

No escritório de Knuckey, Spragg recolocou o receptor no aparelho e fechou a carranca para seu colega de Partageuse.

– Está bem. Pode fazer a seu modo por enquanto... – Puxando o cinto para cima, ele mudou de tática. – A mulher deve ficar trancada numa cela também, pelo que eu sei. Ela provavelmente está metida nisso até o pescoço.

– Conheço esta jovem toda a sua vida, sargento – Knuckey disse. – Ela nunca perdia uma missa. Você ouviu a história de Tom Sherbourne: parece que ela é vítima dele também.

– A *história* dele! Estou lhe dizendo, ela não é flor que se cheire. Deixe-me com ele sozinho e logo descobriremos como esse Roennfeldt realmente morreu...

Knuckey também conhecia a reputação de Spragg a esse respeito, mas deixou o comentário passar.

– Olhe. Não conheço bem Sherbourne. Poderia ser Jack, o Estripador, até onde eu sei. Se ele for culpado, pagará por isso. Mas trancafiar sua mulher por isso não vai ajudar em nada, de modo que é melhor você se conter. Sabe tão bem quanto eu que uma mulher casada não é criminalmente responsável por nada que seu marido a obrigue a fazer. – Alinhou uma pilha de papéis com o canto de seu mata-borrão. – Esta é uma cidade pequena. A fama se espalha. Não

se manda uma jovem para a cadeia a menos que você esteja absolutamente certo dos fatos. Portanto, vamos dar um passo de cada vez.

Depois que o furioso sargento Spragg saiu da delegacia batendo os pés, Knuckey entrou na sala de exames e saiu de lá com Lucy.

– O médico já a liberou – ele disse, depois abaixou a voz. – Nós vamos levar a criança para a mãe dela agora, Isabel. Agradeço se você não tornar as coisas ainda mais difíceis para todos do que têm que ser. Assim, se você... se você quiser se despedir dela...

– Por favor! Não faça isso!

– Não piore as coisas. – Vernon Knuckey, que durante anos vira o sofrimento de Hannah Roennfeldt, certo de que ela vivia numa triste ilusão, agora olhava para esta mulher e se perguntava a mesma coisa.

Acreditando que estava a salvo de volta aos braços de sua mãe, a criança agarrou-se a ela com todas as forças, enquanto Isabel beijava seu rosto, incapaz de afastar os lábios da pele macia. Harry Garstone colocou as mãos na cintura da menina e puxou-a dos braços de Isabel.

Apesar de tudo que nas últimas vinte e quatro horas levavam a este desfecho, apesar de ser um temor que Isabel alimentava desde o dia em que colocara os olhos no bebê pela primeira vez, ainda assim o momento a dilacerava.

– Por favor! – implorou através das lágrimas. – Tenha compaixão!  
– Sua voz repercutia pelas paredes nuas. – Não tire minha filhinha de mim!

Quando a menina foi arrancada de seus braços, gritando, Isabel desmaiou no chão de pedra com um baque ressonante.



Hannah Roennfeldt não conseguia ficar parada. Consultava o relógio de pulso, o relógio no console da lareira, perguntava à sua irmã –

qualquer pessoa que pudesse lhe dizer quanto tempo se passara. O barco partira para Janus ontem de manhã, e cada minuto depois disso havia se arrastado colina acima como Sísifo.

Era quase inacreditável que ela logo abraçaria sua filha outra vez. Desde a notícia do chocalho, ela sonhava acordada com sua volta. Os abraços. As lágrimas. Os sorrisos. Ela havia colhido flores de frangipana no jardim e as colocado no quarto da criança, e o perfume inundava a pequena casa. Sorrindo e cantarolando, ela limpava e tirava o pó, e arrumava as bonecas em cima da cômoda. Em seguida, as dúvidas a assolaram: o que ela comeria? Isso a fizera enviar Gwen para comprar maçãs, leite e doces. Antes de sua irmã retornar, Hannah repentinamente se perguntou se deveria dar alguma outra coisa à criança. Ela, que mal comia, foi à casa de sua vizinha, a sra. Darnley, que tinha cinco filhos pequenos, para ver o que uma criança da idade de Grace deveria comer. Fanny Darnley, sempre disposta a ter uma história para contar, imediatamente deixou escapar para o sr. Kelly, na quitanda, que Hannah havia ficado inteiramente louca e estava preparando comida para fantasmas, pois a notícia ainda não havia se espalhado.

– Não quero falar mal de vizinhos, mas... bem, há uma razão para termos manicômios, não? Não gosto de ter uma maluca vivendo tão perto dos meus filhos. Você sentiria o mesmo, em meu lugar.



O telefonema fora reticente.

– É melhor o senhor vir aqui pessoalmente, Sr. Graysmark. Temos sua filha aqui.

Bill Graysmark chegou à delegacia de polícia absolutamente confuso naquela tarde. Com o telefonema, sua mente saltara direto para uma visão do corpo de Isabel deitado em uma laje, à espera de ser recolhido. Ele mal ouvira o restante das palavras ditas ao telefone: a morte era a conclusão mais óbvia a que se podia chegar.

Não um terceiro filho. Ele não podia ter perdido todos os seus filhos – sem dúvida, Deus não iria permitir isso, não é? Sua mente não conseguiu dar sentido a nenhuma palavra sobre o bebê dos Roennfeldt e algo embaralhado a respeito de Tom e de um corpo.

Na delegacia, foi conduzido a uma sala nos fundos, onde a filha estava sentada em uma cadeira, as mãos no colo. Estava tão convencido de sua morte que ao vê-la seus olhos se encheram de lágrimas.

– Isabel. Isabel, querida! – ele sussurrou, puxando-a em pé com um abraço. – Pensei que nunca mais a veria.

Ele precisou de alguns segundos para notar seu estado peculiar: ela não retribuiu seu abraço; não olhou para ele. Isabel deixou-se cair novamente na cadeira, pálida e inerte.

– Onde está Lucy? – ele perguntou, primeiro à filha, depois ao policial Garstone. – Onde está a pequena Lucy? E Tom? – Sua mente trabalhava febrilmente outra vez: devem ter se afogado. Devem...

– O sr. Sherbourne está na cela, senhor. – O policial carimbou um pedaço de papel na escrivaninha. – Ele será transferido para Albany depois de uma audiência preliminar.

– Audiência preliminar? O que está falando? Onde está Lucy?

– A criança está com a mãe, senhor.

– A criança obviamente *não* está com a mãe! O que você fez com ela? De que se trata tudo isso?

– Parece que a *verdadeira* mãe é a sra. Roennfeldt.

Bill presumiu que tivesse ouvido errado o que quer que Garstone tivesse dito, e continuou falando intempestivamente:

– Exijo que solte meu genro agora mesmo.

– Receio que eu não possa fazer isso, senhor. O sr. Sherbourne está preso.

– *Preso?* E por quê?

– Até agora, falsificação de registros da Comunidade Britânica. Violação do dever como servidor público. Isso é só para começar. Depois, há roubo de criança. E o fato de que desencavamos os restos mortais de Frank Roennfeldt em Janus Rock.

– Você está louco? – Virou-se para a filha, subitamente compreendendo sua palidez e seu estado hipnótico. – Não se preocupe com isso, querida. Vou esclarecer tudo. O que quer que seja, obviamente não passa de um terrível engano. Vou acabar com isso.

– Acho que não está compreendendo, sr. Graysmark – começou o policial.

– Pode ter certeza que não estou compreendendo mesmo. Vão pagar caro por isso! Arrastar minha filha para a delegacia de polícia por causa de uma história ridícula. Caluniando meu genro. – Voltou-se para a filha. – Isabel, diga-lhe que tudo isso não passa de asneiras!

Ela permaneceu sentada, imóvel e apática. O policial limpou a garganta.

– A sra. Sherbourne se recusa a dizer qualquer coisa, senhor.



Tom sente a quietude da cela pesar sobre ele, tão densa e tão líquida quanto mercúrio. Por muito tempo, sua vida foi moldada pelo barulho das ondas e do vento, pelo ritmo do farol. De repente, tudo parou. Ele ouve o canto do pássaro-chicote declarando seu território do alto dos eucaliptos *karri*, indiferente.

A solidão é familiar, levando-o de volta à época em que vivia sozinho em Janus, e ele se pergunta se os anos com Isabel e com Lucy tinham sido apenas imaginados. Então, enfia a mão no bolso e retira a fita de cetim lilás da menina, lembrando-se do seu sorriso quando a fita saiu e ela a entregou a ele.

– Segure para mim, por favor, papai.

Quando Harry Garstone tentou confiscá-la na delegacia, Knuckey o impedira asperamente. “Oh, pelo amor de Deus, rapaz. Ele não vai se enforcar com essa fita, vai?” E Tom a dobrara e guardara no bolso.

Ele não consegue conciliar a dor que sente pelo que fez e o profundo alívio que o percorre. Duas forças físicas opostas, elas criam uma inexplicável reação sobrepujada por uma terceira força, mais forte: a compreensão de ter privado sua mulher de uma criança. Como em carne viva, ele sente a perda: o que Hannah Roennfeldt deve ter sentido; o que Isabel sentiu tantas vezes e sente agora de novo. Ele começa a se perguntar como pôde infligir tal sofrimento. Ele começa a se perguntar o que foi que fez.

Tom luta para dar sentido a tudo aquilo – todo o seu amor, tão distorcido, refratado, como a luz através das lentes.



Vernon Knuckey conhecia Isabel desde pequena. O pai dela havia ensinado cinco de seus filhos.

- O melhor que o senhor pode fazer é levá-la para casa – ele dissera a Bill com gravidade. – Falarei com ela amanhã.
- Mas e...
- Apenas leve-a para casa, Bill. Leve a pobre garota para casa.

– Isabel. Querida! – Sua mãe abraçou-a assim que ela atravessou a porta da frente. Violet Graysmark estava tão confusa quanto qualquer outro, mas quando viu o estado da filha, não ousou fazer perguntas. – Sua cama está pronta. Bill, traga a mala dela.

Isabel flutuou para dentro, o rosto sem expressão. Violet conduziu-a para uma cadeira de braços, em seguida correu à cozinha e voltou com um copo.

– Água morna com um pouco de conhaque. Para os nervos – ela disse. Isabel tomou pequenos goles mecanicamente e colocou o copo vazio na mesinha lateral.

Violet trouxe uma manta e ajeitou-a sobre os joelhos de Isabel, apesar de o aposento estar perfeitamente aquecido. Isabel começou a afagar a lã, traçando as linhas retas do xadrez com o dedo

indicador. Estava tão absorta que não pareceu ouvir quando sua mãe perguntou:

– Há alguma coisa que eu possa pegar para você, querida? Está com fome?

Bill enfiou a cabeça pela porta e fez sinal para Violet sair para a cozinha.

– Ela disse alguma coisa?

– Nem uma palavra. Acho que está em estado de choque.

– Bem, então somos dois. Não consegui entender nada. Vou à delegacia assim que amanhecer para saber essa história direito. Essa Hannah Roennfeldt está maluca há muitos anos. E quanto ao velho Potts, acha que pode mandar em todo mundo por causa de seu dinheiro. – Puxou as pontas de seu colete sobre a barriga. – Não vou ser pressionado por uma lunática e seu pai, não importa quanto dinheiro ele tenha.



Nessa noite, Isabel deitou-se em sua estreita cama de infância, agora estranha, apertada. Um vento leve balançava as cortinas de renda e, lá fora, o trinado dos grilos replicava as estrelas cintilantes. Em noites como esta, há apenas alguns instantes, parecia, ela havia ficado acordada, sem sono, empolgada com a perspectiva de seu casamento na manhã seguinte. Agradecera a Deus por ter lhe enviado Tom Sherbourne: por deixá-lo nascer, por mantê-lo são e salvo na guerra, por soprá-lo com alguma aragem do Destino para a sua praia, onde ela foi a primeira pessoa que ele viu ao aportar.

Tentou lembrar-se desse estado de extasiada expectativa, da sensação de que a vida, depois de todo o luto e dor que a guerra trouxera, estava prestes a florescer. Mas a sensação desaparecera: agora tudo parecia ter sido um erro, uma ilusão. Sua felicidade em Janus estava distante, inimaginável. Por dois anos, Tom mentira a cada palavra, a cada silêncio. Se ela não havia percebido essa fraude, o que mais não havia percebido? Por que ele nunca dissera

nada sobre ter conhecido Hannah Roennfeldt? O que ele estava escondendo? Em um lampejo doentio, ela viu uma imagem de Tom, Hannah e Lucy, uma família feliz. A ideia de traição que a assaltara em Janus voltava agora ainda mais tenebrosa, mais insinuante. Talvez ele tivesse outras mulheres e outras vidas. Talvez tivesse abandonado uma mulher – *mulheres* – no leste... e filhos... A fantasia parecia plausível, convincente, conforme inundava a lacuna entre sua lembrança da véspera de seu casamento e o terrível, opressivo presente. Um farol avisa sobre o perigo – diz às pessoas para manterem distância. Ela errara ao confundi-lo com um lugar de segurança.

Perder sua filha. Ver Lucy aterrorizada e angustiada ao ser arrancada das únicas pessoas no mundo que ela realmente conhecia: isso já era insuportável. Mas saber que acontecera por causa de seu próprio marido – o homem que ela adorava, a quem entregara a sua vida – era simplesmente impossível de compreender. Ele havia dito que gostava dela, no entanto fizera a única coisa capaz de destruí-la.

Essa concentração em Tom, por mais dolorosa que fosse, a salvava de um exame mais intolerável. Devagar, tomando forma entre as sombras em sua mente, surgia uma sensação quase concreta: a ânsia de punir; a fúria de um animal selvagem privado de seu filhote. Amanhã, a polícia iria interrogá-la. Quando as estrelas começaram a desaparecer no céu da aurora que se avizinhava, ela havia se convencido: Tom merecia sofrer pelo que havia feito. E ele próprio havia lhe fornecido as armas.

## ☞ CAPÍTULO 26 ☞

**A** DELEGACIA DE POLÍCIA DE POINT PARTAGEUSE, como muitos dos prédios da cidade, era feita da pedra local e da madeira cortada da floresta vizinha. Era um forno no verão e uma geladeira no inverno, o que levava a irregularidades no uniforme em dias de temperaturas extremas. Quando chovia intensamente, as celas inundavam e partes do teto se curvavam – chegou mesmo a cair certa vez, matando um prisioneiro. Perth era sovina demais para desembolsar o dinheiro necessário para consertar a estrutura do prédio adequadamente, portanto tinha um ar permanentemente danificado, mais remendado do que reparado.

Septimus Potts estava sentado em uma mesa próxima ao balcão da frente, preenchendo um formulário com os poucos detalhes de que podia se lembrar sobre o genro. Ele pôde dar o nome completo e a data de nascimento de Frank – estavam na fatura para o memorial de pedra. Mas quanto a local de nascimento, nomes dos pais...

– Olhe, acho que podemos presumir com segurança que ele teve pais, rapaz. Vamos nos ater ao que interessa aqui – ele extravasou, deixando o policial Garstone desarmado com uma técnica aperfeiçoada ao longo de muitos anos de transações de negócios. O policial concordou que já era suficiente para a redação da acusação inicial contra Tom. O dia do desaparecimento era muito fácil – *Anzac Day*, 1926; mas e a ata da morte de Frank?

– Isso o senhor terá que perguntar ao sr. Sherbourne – Potts dizia com azedume, quando Bill Graysmark entrou na delegacia.

Septimus virou-se e os dois homens se encararam como dois velhos touros.

– Vou chamar o sargento Knuckey – balbuciou o policial, derrubando sua cadeira com grande estardalhaço ao se levantar. Ele

desfechou uma série de batidas como uma metralhadora na porta do sargento e retornou após um instante para convocar Bill, que passou furiosamente por Potts e irrompeu no escritório de Knuckey.

– Vernon! – ele disparou para o sargento assim que a porta foi fechada. – Não sei o que está acontecendo, mas exijo que minha neta seja devolvida à mãe, imediatamente. Arrancá-la dessa maneira! Ela não tem nem 4 anos, pelo amor de Deus! – Ele gesticulou em direção à sala da frente da delegacia. – O que aconteceu com os Roennfeldt foi muito triste, mas Septimus Potts não pode simplesmente arrebatá-la desse modo para compensar pelo que ele perdeu.

– Bill – disse o sargento –, compreendo o quanto isso deve ser difícil para você...

– Compreende, uma ova! O que quer que seja isto, saiu inteiramente de controle, provavelmente pela palavra de uma mulher que está louca há anos.

– Tome um gole de conhaque...

– Eu não preciso de conhaque! Eu preciso de bom senso, se não for pedir demais por aqui. Desde quando você prende homens com base em alegações infundadas de... de uma maluca?

Knuckey sentou-se à sua escrivaninha e ficou enrolando a caneta entre as pontas dos dedos.

– Se está se referindo a Hannah Roennfeldt, ela não disse nada contra Tom. Foi Bluey Smart quem começou tudo isso, foi ele que identificou o chocalho. – Fez uma pausa. – Isabel não falou nada conosco até agora. Ela se recusa a dizer qualquer coisa. – Examinou a caneta conforme ela girava entre seus dedos e disse: – É bastante estranho, não acha, se tudo não passa de um engano?

– Bem, ela obviamente está em choque, depois de ter sua filha arrancada dessa forma.

Knuckey ergueu os olhos.

– Pode me responder isso então, Bill: por que Sherbourne não negou nada?

– Porque ele... – as palavras saíram antes que ele registrasse as palavras do policial e ele devolveu a pergunta: – O que quer dizer

com ele não ter negado nada?

– Lá em Janus, ele nos disse que o bebê dera na praia em um barco com um homem morto e que ele insistira que deveriam ficar com o bebê. Presumiram que a mãe já tivesse se afogado por causa de um cardigã que encontraram. Disse que Isabel quis reportar o caso e que ele a impediu. Ele a culpava por não ser capaz de ter filhos para ele. Parece que tudo tem sido mentira desde então, uma completa charada. Temos que investigar, Bill. – Ele hesitou, em seguida abaixou a voz. – E depois há a questão de *como* Frank Roennfeldt morreu. Quem sabe o que Sherbourne está escondendo? Quem sabe o que ele forçou Isabel a manter em segredo? É um negócio muito sórdido.



Fazia anos que a cidade não via tanta movimentação. Como o editor do *South Western Times* colocou para seu colega no pub:

– É quase tão bom como o próprio Jesus Cristo ter aparecido e pago uma rodada de cerveja para todo mundo. Temos uma mãe e um bebê reunidos, uma morte misteriosa e o velho Potes de Dinheiro doando seu dinheiro como se... bem, como se fosse Natal! A cidade está em polvorosa.



No dia seguinte à volta da criança, a casa de Hannah ainda está decorada com fitas de papel crepom. Uma boneca nova, seu bonito rosto de porcelana brilhando à luz da tarde, senta-se, abandonada, em uma cadeira no canto, os olhos arregalados em uma súplica silenciosa. O relógio no consolo da lareira continua seu tique-taque inexorável e uma caixa de música irradia uma canção infantil com um ar macabro, ameaçador. É abafada pelos gritos que vêm do quintal.

No gramado, a criança berra, o rosto roxo de medo e fúria, a pele das bochechas esticadas e seus dentinhos expostos como teclas em um piano em miniatura. Ela tenta escapar de Hannah que a pega no colo toda vez que ela consegue se libertar e berra outra vez.

– Grace, querida. Shhh, shhh, Grace. Vamos, por favor.

A criança grita desesperadamente outra vez:

– Eu quero mamãe! Eu quero papai! Vá embora! Eu não gosto de você!

Houve um grande alvoroço quando a polícia reuniu a mãe e sua filha. Fotografias foram tiradas e agradecimentos e louvores derramados sobre os policiais e Deus em igual medida. Novamente, as línguas na cidade estavam ocupadas espalhando as notícias, enchendo o ar de histórias sobre o olhar sonhador no rosto da criança, o sorriso de felicidade da mãe.

– A pobre criancinha, ela estava tão sonolenta quando foi entregue à mãe. Parecia um anjo. Só se pode agradecer a Deus por ela ter conseguido sair das garras daquele homem horrível! – disse Fanny Darnley, que assumira a tarefa de extrair os detalhes da mãe do policial Garstone. No entanto, Grace não estava sonolenta, mas à beira da inconsciência, com a dose de um forte sonífero administrado pelo dr. Sumpton quando ficou claro que ela estava histérica por ter sido separada de Isabel.

Agora, Hannah estava presa em um impasse com sua filha aterrorizada. Ela a mantivera tão junto ao seu coração todos esses anos que nunca lhe ocorrera que a criança poderia não ter feito o mesmo. Quando Septimus Potts entrou no jardim, ele não saberia dizer qual das duas figuras que via estava mais angustiada.

– Grace, eu não vou machucá-la, querida. Venha com a mamãe – Hannah suplicava.

– Não sou Grace! Sou Lucy! – berrou a criança. – Quero ir para casa! Onde está mamãe? Você não é minha mãe!

Mais ferida a cada explosão, Hannah pôde apenas murmurar:

– Eu a amei por tanto tempo. Tanto tempo...

Septimus lembrou-se de seu próprio desalento quando Gwen, mais ou menos da mesma idade, continuara a chamar pela mãe, como se ele estivesse escondendo sua falecida esposa em algum lugar da casa. Isso ainda lhe causava um aperto no coração.

Hannah avistou seu pai. Sua expressão traiu sua avaliação da situação, e a humilhação tomou conta de Hannah.

– Ela só precisa de algum tempo para se acostumar com você. Seja paciente, Hanny – ele disse. A menina havia achado um recanto seguro atrás do velho limoeiro e do pé de groselha, onde ficou parada, pronta para sair correndo.

– Ela não faz a menor ideia de quem eu sou, papai. Nenhuma ideia. Claro. Ela se recusa a se aproximar de mim – Hannah disse, chorando.

– Ela vai superar isso – Septimus disse. – Ou ela vai se cansar e adormecer ali ou ficar com fome e sair. De qualquer modo, é só uma questão de paciência.

– Eu sei, eu sei que ela tem que se acostumar comigo outra vez.

Septimus colocou o braço em volta de seu ombro.

– Não existe nenhum “outra vez” nesta questão. Você é uma pessoa inteiramente nova para ela.

– Tente. Por favor, veja se consegue fazê-la sair dali... Ela fugiu de Gwen também.

– Ela já viu rostos novos demais para um dia, eu diria. Ela não precisa da minha cara feia somada a todas as outras. Só dê a ela um pouco de paz e sossego.

– O que fiz de errado para merecer tudo isso, papai?

– Nada disso é culpa sua. Ela é sua filha e está onde deve estar. Apenas dê tempo ao tempo, garota. Dê tempo ao tempo. – Ele afagou seus cabelos. – E eu vou providenciar para que aquele sujeito Sherbourne tenha o que merece. É uma promessa.

Quando ele atravessou a casa de volta, encontrou Gwen, parada nas sombras do corredor, observando sua irmã. Ela sacudiu a cabeça e murmurou:

– Oh, papai, é terrível ver a garotinha. É de cortar o coração, o seu sofrimento. – Ela deu um profundo suspiro. – Talvez ela se acostume – disse, encolhendo os ombros, embora seus olhos desmentissem suas palavras.



No interior, ao redor de Partageuse, toda forma de vida tem suas defesas. Aqueles com quem menos é preciso se preocupar são os ligeiros, que sobrevivem desaparecendo: o lagarto-monitor, o papagaio que chamam de “vinte-e-oito”, o gambá-de-cauda-de-escova. Eles disparam ao menor sinal de problema: recuo, evasão, camuflagem – esses são seus principais truques de sobrevivência. Outros são mortais somente se você for o alvo deles. A cobra-tigre, o tubarão, a aranha armadeira: eles usam seus recursos de ataque para se defenderem contra seres humanos, se ameaçados.

Os que mais se devem temer permanecem imóveis, despercebidos, suas defesas ocultas até você desencadeá-las acidentalmente. Eles não fazem distinção. Coma a folha de um arbusto venenoso, digamos, e seu coração cessará de bater. Todos eles estão apenas tentando se proteger. Mas que Deus o ajude se você chegar muito perto. Somente quando Isabel Sherbourne foi ameaçada é que suas defesas despertaram.

Vernon Knuckey tamborilava os dedos em sua mesa enquanto Isabel esperava na sala ao lado para ser interrogada. Partageuse era um lugar razoavelmente tranquilo para um policial. Um ou outro assalto ou um pouco de bebedeira e desordem era o máximo que uma semana comum apresentava. O sargento podia ter se mudado para Perth para obter uma promoção e a oportunidade de testemunhar crimes maiores – cicatrizes piores em vidas que significavam menos para ele. Mas ele já vira suficientes conflitos na guerra para lhe bastar pela vida toda. Pequenos furtos e multas por venda ilegal de bebida alcoólica estavam de bom tamanho para ele. Kenneth

Spragg, ao contrário, estava ansioso para se mudar para a cidade grande. Se tivesse a chance, ele iria aproveitar este caso para se promover. Literalmente, ele estaria tratando o caso como seu bilhete para galgar a escada até Perth. Ele nem conhecia, nem se importava com ninguém em Partageuse, Knuckey pensou: Bill e Violet, por exemplo, e os rapazes que tinham perdido. Ele pensou em todos os anos em que vira a pequena Isabel, com uma bela voz e um rosto igualmente bonito, cantando no coro da igreja no Natal. Depois, seus pensamentos se voltaram para o velho Potts, dedicado às suas filhas desde a morte da esposa e destroçado pela escolha que Hannah fizera para marido. Quanto à própria Hannah, coitada... Nada de extraordinário na aparência, mas um verdadeiro cérebro e uma boa pessoa. Sempre achara que Hannah tinha um parafuso a menos por acreditar que sua filha iria aparecer após todos esses anos, mas vejam o que aconteceu.

Ele respirou fundo ao girar a maçaneta da porta e entrar. Ao se dirigir a Isabel, mostrou-se eficiente, respeitoso.

– Isabel... sra. Sherbourne, preciso lhe fazer mais algumas perguntas. Sei que ele é seu marido, mas este assunto é muito sério. – Ele tirou a tampa da caneta e colocou-a sobre o papel. Uma poça de tinta preta vazou da ponta da pena e ele começou a esticá-la de um lado para o outro, em linhas para fora de seu ponto central.

– Ele afirma que você queria reportar a chegada do barco e ele a impediu. Foi isso mesmo?

Isabel olhou para as mãos.

– Disse que se ressentia de você por não lhe dar filhos e resolveu agir por conta própria.

As palavras calaram fundo dentro de Isabel. Ao dizer uma mentira, Tom teria revelado uma verdade?

– Você não tentou demovê-lo da ideia? – Knuckey perguntou.

Honestamente, ela disse:

– Quando Tom Sherbourne acha que está fazendo a coisa certa, não há como persuadi-lo do contrário.

Ele perguntou gentilmente:

– Ele a ameaçou? Agrediu-a fisicamente?

Isabel parou e a fúria de sua noite insone voltou a inundá-la. Apegou-se ao silêncio como uma rocha.

Com bastante frequência, Knuckey tinha visto mulheres e filhas de lenhadores forçadas à submissão com apenas um olhar de homens brutamontes.

– Você tinha medo dele?

Seus lábios continuaram cerrados. Ela não disse nenhuma palavra.

Knuckey apoiou os cotovelos na mesa e inclinou-se para frente.

– Isabel, a lei reconhece que uma mulher pode ficar impotente nas mãos do marido. De acordo com o Código Penal, você não é responsável por nada que ele tenha lhe obrigado a fazer ou a impedido de fazer, portanto não precisa se preocupar quanto a isso. Você não será punida pelos crimes dele. Agora, eu preciso lhe fazer uma pergunta e quero que pense com muito cuidado. Lembre-se, você não terá problemas por conta de nada que ele a tenha forçado a fazer. – Ele limpou a garganta. – Segundo Tom, Frank Roennfeldt já estava morto quando o barco foi dar na praia. – Ele a olhou nos olhos. – Isso é verdade?

Isabel ficou desconcertada. Ela pôde se ouvir dizendo “É claro que é verdade!” Mas antes que sua boca se abrisse, sua mente voltou à traição de Tom. Repentinamente dominada pelo excesso de sentimentos e emoções – a perda de Lucy, a raiva, a pura exaustão – ela fechou os olhos.

O policial tentou obter uma resposta, suavemente:

– É verdade, Isabel?

Ela fixou o olhar na aliança de casada.

– Não tenho nada a declarar – disse, e desatou a chorar.



Tom bebeu o chá devagar, observando o vapor enroscado desaparecer no ar. A luz da tarde penetrava em ângulo pelas janelas altas da sala escassamente mobiliada. O ato de esfregar os pelos curtos da barba trouxe de volta sensações dos dias em que barbear-se era impossível, assim como tomar banho.

– Quer outro? – perguntou Knuckey serenamente.

– Não, obrigado.

– Você fuma?

– Não.

– Bem. Um barco vai dar na praia do farol. Saído do nada.

– Já lhe contei tudo isso em Janus.

– E vai me contar outra vez tantas vezes quantas eu quiser! Bem.

Você encontra o barco.

– Sim.

– E há um bebê nele.

– Sim.

– Qual o estado do bebê?

– Saudável. Chorando, mas saudável.

Knuckey tomava notas.

– E há um sujeito no barco.

– Um corpo.

– Um homem – disse Knuckey.

Tom olhou para ele, avaliando a reformulação de sua resposta.

– Você está acostumado a ser o rei do castelo lá em Janus, não é?

Tom considerou a ironia que qualquer um que conhecesse a vida na Lights teria registrado, mas não respondeu. Knuckey continuou:

– Imagina que pode se safar de qualquer coisa. Não há ninguém por perto.

– Não teve nada a ver com se safar de alguma coisa.

– E você decidiu que poderia muito bem manter o bebê lá. Isabel perdera o seu. Ninguém jamais ficaria sabendo. É isso?

– Eu já lhe disse: eu tomei uma decisão. Fiz Isabel concordar com isso.

– Costuma bater em sua mulher, não é?

Tom olhou para ele.

– É o que você acha?

– Foi por isso que ela perdeu o bebê?

O rosto de Tom registrou o choque.

– *Ela* disse isso?

Knuckey permaneceu em silêncio e Tom respirou fundo.

– Olhe, já lhe disse o que aconteceu. Ela tentou me convencer a desistir da ideia. Sou culpado do que quer que você diga que eu sou culpado, portanto vamos acabar logo com essa história e deixar minha mulher fora disso.

– *Não* tente me dizer o que fazer – Knuckey retrucou rispidamente. – Não sou seu ordenança. Farei o que *eu* decidir fazer, quando *eu* estiver pronto. – Empurrou a cadeira para trás, afastando-a da mesa, e cruzou os braços. – O homem no barco...

– O que tem ele?

– Em que estado ele estava, quando o encontrou?

– Ele estava morto.

– Tem certeza?

– Já vi muitos mortos na minha vida.

– Por que eu deveria acreditar em você?

– Por que eu mentiria?

Knuckey fez uma pausa e deixou a pergunta pairar no ar, para que seu prisioneiro sentisse a resposta pesar sobre ele. Tom remexeu-se na cadeira.

– Exatamente – disse Knuckey. – Por que mentiria?

– Minha mulher lhe dirá que ele estava morto quando o barco deu na praia.

– A mesma mulher que você admite que forçou a mentir?

– Olhe, é completamente diferente, dar guarida a uma criança e...

– Matar alguém? – Knuckey interrompeu-o.

– *Pergunte* a ela.

– Já perguntei – Knuckey respondeu serenamente.

– Então, você sabe que ele estava morto.

– Eu não sei de nada. Ela se recusa a falar sobre isso.

Tom sentiu um soco no estômago. Evitou os olhos de Knuckey.

– O que ela *disse*?

– Que não tem nada a declarar.

Tom deixou a cabeça pender.

– Santo Deus Todo-Poderoso – murmurou baixinho, antes de responder:

– Bem, tudo o que posso fazer é repetir o que eu disse. Eu nunca vi esse homem vivo. – Ele entrelaçou os dedos. – Se eu ao menos puder vê-la, falar com ela...

– Nem pensar. Além do fato de não ser permitido, tenho a impressão de que ela não falaria com você ainda que fosse a última pessoa na Terra.



Mercúrio. Fascinante, mas impossível de prever. Podia suportar a tonelada de vidro no farol, mas se tentasse colocar o dedo em uma gota, ele sairia correndo em qualquer direção. A imagem continuava retornando à mente de Tom enquanto pensava em Isabel após o interrogatório de Knuckey. Ele relembrou os dias depois do último aborto, quando ele tentara consolá-la.

– Nós vamos ficar bem. Ainda que seja somente eu e você pelo resto de nossas vidas, isso basta para mim.

Seus olhos haviam se entreaberto para fitar os dele e a expressão do rosto dela o paralisou. Desesperada. Derrotada.

Aproximou-se para tocá-la, mas ela se afastou.

– Você vai se sentir melhor. As coisas vão melhorar. Dê tempo ao tempo.

Sem aviso prévio, ela se levantou e correu para a porta, dobrando-se de dor por um instante, antes de sair mancando para a noite.

– Izzy! Pelo amor de Deus, pare. Você vai se prejudicar!

– Vou fazer mais do que isso!

A luz equilibrava-se no céu ameno, sem vento. A camisola longa e branca que Isabel usara na noite de núpcias quatro anos antes brilhava como uma lanterna de papel enquanto ela permanecia parada, um minúsculo ponto branco em um oceano de escuridão.

– Eu não aguento mais! – ela berrou, a voz tão alta e estridente que as cabras despertaram de seu sono e começaram a se mover com uma algazarra de sinos em seu cercado. – Não aguento mais! Deus, por que me deixa viver quando meus filhos morrem? Era melhor eu estar morta! – Dirigiu-se, aos tropeções, para o penhasco.

Ele correu para tomá-la nos braços.

– Acalme-se, Izzy.

Mas ela desvencilhava-se e saiu correndo outra vez, mancando quando a dor apertava.

– Não me diga para ficar calma, seu idiota, idiota! A culpa é *sua*. Eu odeio este lugar! Eu o odeio! Eu quero meu bebê! – O farol cortou um caminho de luz no alto, deixando-a intocada pelo seu clarão.

– Você não o queria! Foi por isso que ele morreu. Ele sabia que você não se importava!

– Venha, Izz. Vamos para dentro.

– Você não *sente* nada, Tom Sherbourne! Eu não sei o que você fez com seu coração, mas ele com certeza não está dentro de você!

Há um limite para o que uma pessoa pode suportar. Ele já tinha visto isso muitas vezes. Rapazes que apareciam cheios de cerveja e prontos para mandar Fritz para o inferno, que sobreviveram ao bombardeio, à neve, aos piolhos e à lama, às vezes por anos seguidos. Então, alguma coisa neles se voltava para dentro e se trancava em algum lugar bem fundo em seu íntimo, onde não poderiam ser atingidos. Ou às vezes eles se voltavam contra você, vinham para cima de você com uma baioneta, rindo como maníacos e chorando ao mesmo tempo. Meu Deus, quando ele pensava no próprio estado em que estava quando tudo terminou...

Quem era ele para julgar Isabel? Ela atingira seu limite, isso era tudo. Todos tinham um. Todos. E ao afastar Lucy, ele a havia levado ao seu.



Tarde naquela noite, Septimus Potts tirou as botas e remexeu os dedos dos pés em suas belas meias de lã. Gemeu com o rangido familiar de suas costas. Estava sentado na sólida cama de *jarrah*, feita de uma árvore de sua própria floresta. O único som no enorme quarto era o tique-taque do relógio na mesinha de cabeceira. Deu um suspiro ao assimilar a elegância e o refinamento do quarto – os lençóis engomados, a mobília lustrosa, o retrato de sua falecida esposa Ellen – à luz das lâmpadas elétricas, protegidas por vidro rosa fosco. A imagem de sua neta, perturbada e assustada naquela tarde, ainda estava vívida: a pequena Grace, tida como morta por todos, exceto Hannah. Vida. Quem é que podia dizer como iria se revelar?

Aquele desespero, aquela angústia diante da perda de uma mãe – ele nunca imaginara que veria isso outra vez após a morte de Ellen, até se deparar com a neta no jardim. Exatamente quando ele achava que já tinha visto todas as peças que a vida podia pregar, surgia uma nova, como um trapaceiro num jogo de cartas. Ele sabia o que a menininha estava atravessando. Uma dúvida se infiltrou em um canto de sua mente. Talvez... talvez fosse cruel mantê-la longe da jovem Sherbourne...

Olhou novamente para o retrato de Ellen. Grace tinha o mesmo contorno do maxilar. Talvez quando crescesse ficasse tão bonita quanto a avó. Deixou a mente vagar, imaginando os Natais e aniversários por vir. Uma família feliz, era tudo que ele queria. Pensou na expressão torturada do rosto de Hannah; lembrou-se com culpa daquele mesmo olhar quando ele tentou impedi-la de casar-se com Frank. Não. Este era o lugar para a criança, com sua verdadeira família. Ela teria tudo de melhor. Por fim, se acostumaría com sua

verdadeira casa e sua verdadeira mãe. Se Hannah puder aguentar até lá.

Sentiu lágrimas nos olhos e a raiva aflorou. Alguém tinha que pagar por isso. Alguém deveria sofrer da maneira como fizeram sua filha sofrer. Quem podia encontrar um bebê e conservá-lo para si, como um souvenir de naufrágio?

Afastou a dúvida incômoda. Ele não podia mudar o passado nem os anos em que se recusara a reconhecer a existência de Frank, mas podia compensar Hannah por isso agora. Sherbourne seria punido. Ele iria tratar disso.

Apagou o abajur, observando o luar brilhar na moldura de prata da fotografia de Ellen. E afastou os pensamentos do que os Graysmark deviam estar sentindo naquela noite.

## ☞ CAPÍTULO 27 ☞

**D**ESDE A SUA VOLTA, Isabel se via constantemente na expectativa de Lucy – para onde ela fora? Seria hora de ir para a cama? O que lhe daria para comer no almoço? Então, seu cérebro a corrigia, a lembrava de qual era a situação agora, e ela sofria toda a agonia da perda outra vez. O que estaria acontecendo com sua filha? Quem estaria lhe dando de comer? Vestindo-a? Lucy devia estar fora de si.

A imagem do rostinho da menina ao ser forçada a engolir a amarga dose de remédio para dormir provocou um aperto na garganta de Isabel. Tentou apagá-la com outras lembranças: Lucy brincando na areia; Lucy prendendo o nariz quando se jogava na água; seu rosto quando dormia à noite – relaxado, perfeito, em segurança. Não havia visão mais maravilhosa no mundo do que a de sua filha dormindo. O corpo inteiro de Isabel guardava a marca da menina: seus dedos conheciam a maciez de seus cabelos ao escová-los; seus quadris lembravam-se do peso dela e da pressão de suas pernas ao redor de sua cintura; a maciez e o calor de suas bochechas.

Enquanto vagava por essas cenas, obtendo consolo delas como néctar de uma flor à morte, tinha noção de algo escuro atrás dela, algo para o qual não ousava olhar. Surgia em sonhos, indistinto e assustador. Chamava-a: “Izzy! Izzy, querida...”, mas ela não conseguia se virar e encolhia os ombros, como se quisesse escapar da mão de alguém. Ela acordava, sem ar e nauseada.

Durante todo o tempo, os pais de Isabel tomavam seu silêncio por uma lealdade equivocada. “Não há nada que eu possa dizer”, foram suas únicas palavras naquele dia, assim que ela voltou para casa, e ela as repetia sempre que Bill e Violet tentavam abordar o assunto sobre Tom e o que acontecera.



As celas nos fundos da delegacia de polícia geralmente não tinham que fazer mais do que manter um bêbado preso por tempo suficiente para que a bebedeira passasse ou dar a um marido violento o tempo suficiente para que ele recuperasse o juízo e promettesse não descontar seu temperamento na mulher. Na maior parte do tempo, quem estivesse de serviço nem se importava de trancar a porta da cela, e se o preso fosse alguém que eles conhecessem, em um turno que se arrastava, quase sempre o levavam para o escritório para jogar cartas, com o estrito acordo de que não tentaria fugir.

Hoje, Harry Garstone estava particularmente animado, finalmente a cargo de um verdadeiro criminoso. Ainda se lamentava de estar de folga na noite, há um ano, em que trouxeram Bob Hitching de Karridale. O sujeito nunca mais regulara bem desde Gallipoli. Deixou-se empolgar com um cutelo e matou o irmão na fazenda vizinha porque não se entendiam sobre o testamento da mãe. Acabou enforcado por isso. Assim, agora, Garstone deliciava-se nos pormenores do procedimento. Tirou o livro de normas da estante para conferir se estava seguindo-o ao pé da letra.

Quando Ralph pediu para ver Tom, o policial fez um grande estardalhaço de consultar o livro, sugando os dentes e fazendo um beicinho de um lado ao outro de sua boca enorme.

– Desculpe-me, capitão Addicott. Gostaria de atendê-lo, mas aqui diz...

– Não me venha com as suas besteiras, Harry Garstone, ou eu vou falar com sua mãe.

– Está bem claro aqui e...

As paredes da delegacia eram finas e o policial foi interrompido pela voz de Vernon Knuckey, que raramente se dava ao trabalho de se levantar da cadeira para tais comunicações:

– Deixe de ser idiota, Garstone. É o faroleiro que está na cela, não é o maldito Ned Kelly. Deixe o homem entrar.

O ressabiado policial chacoalhou energicamente o molhe de chaves em protesto ao deixar Ralph passar por uma porta trancada, descer alguns degraus e percorrer um corredor escuro, até chegar a algumas celas com grades.

Em uma delas, Tom estava sentado em um catre de lona que se abria da parede. Ele examinou o rosto de Ralph – abatido e sombrio.

– Tom – disse o capitão.

– Ralph. – Tom cumprimentou-o com um sinal da cabeça.

– Vim assim que pude. Hilda mandou lembranças – ele disse – e Blue – esvaziando seu bolso de cumprimentos como se fossem moedas.

Tom balançou a cabeça outra vez.

Os dois permaneceram sentados em silêncio. Após algum tempo, Ralph disse:

– Se preferir que eu vá embora...

– Não, é muito bom vê-lo. Só não tenho muita coisa a dizer, sinto muito. Tudo bem se ficarmos calados um pouco?

Ralph estava cheio de perguntas, suas e de sua mulher, mas permaneceu em silêncio, sentado em uma cadeira de vime. O dia estava esquentando e as paredes de madeira estalavam, como uma criatura espreguiçando-se ao acordar. Beija-flores e *willy wagtails* chilreavam do lado de fora. Uma ou duas vezes, um veículo passava cuspidando pela rua, abafando os cliques dos grilos e das cigarras.

Os pensamentos clamavam na mente de Ralph e chegavam à ponta de sua língua, mas ele conseguia contê-los a tempo. Colocou as mãos sob as coxas para dominar sua vontade de sacudir Tom pelos ombros. Incapaz de continuar resistindo, ele finalmente extravasou:

– Em nome de Deus, Tom, o que está acontecendo? Que história é essa de Lucy ser o bebê Roennfeldt?

– É verdade.

– Mas... como... Que diabos...?

– Já expliquei para a polícia, Ralph. Não estou orgulhoso do que fiz.

– Era disso que você estava falando sobre consertar as coisas, daquela vez em Janus?

– Não é tão simples assim. – Fez-se uma longa pausa.

– Conte-me o que aconteceu.

– Não vale a pena, Ralph. Tomei uma decisão errada, na época, e agora está na hora de pagar por isso.

– Pelo amor de Deus, rapaz, ao menos me deixe ajudá-lo!

– Não há nada que você possa fazer. Estou sozinho nessa.

– O que quer que você tenha feito, você é um bom homem e eu não vou ficar vendo você se dar mal assim. – Levantou-se. – Deixe-me arranjar-lhe um bom advogado, ver o que ele acha disso tudo.

– Também não há muito que um advogado possa fazer agora, Ralph. Um padre pode ser mais útil.

– Mas é tudo besteira, o que estão dizendo de você!

– Nem tudo, Ralph.

– Diga na minha cara que tudo foi armação sua! Que você ameaçou Isabel! Olhe-me nos olhos e me diga, e eu o deixarei em paz, rapaz.

Tom inspecionou os veios da madeira na parede.

– Está vendo? – exclamou Ralph, triunfante. – Você não consegue fazer isso!

– O dever era meu, não dela. – Tom olhou para Ralph e considerou se haveria alguma coisa que pudesse dizer a ele, explicar-lhe, sem colocar Isabel em risco. Finalmente, ele disse: – Izzy já sofreu bastante. Ela não pode suportar mais.

– Colocar-se na linha de fogo não é a melhor maneira de lidar com a questão. Tudo isso tem que ser devidamente esclarecido.

– Não há o que esclarecer, Ralph, e não há como voltar atrás. Eu devo isso a ela.



Os milagres eram possíveis: era oficial. Nos dias seguintes à volta de Grace, o reverendo Norkells testemunhou um decisivo aumento em

sua congregação, particularmente de mulheres. Muitas mães que haviam perdido a esperança de ver seus queridos filhos outra vez e muitas viúvas de guerra começaram a rezar com renovado vigor, não se sentindo mais tolas de rezar pelo que não tinha remédio. São Judas nunca recebera tanta atenção. Dores de perda já embotadas despertavam outra vez, conforme a sofrida espera era amenizada pelo bálsamo há tanto tempo esgotado – esperança.



Gerald Fitzgerald estava sentado em frente a Tom, a mesa entre eles coberta de papéis e da fita cor-de-rosa com que os documentos legais eram amarrados. O advogado de Tom era baixo e calvo, como um jóquei em terno e colete, magro, mas rijo e ágil. Viera de trem de Perth na noite anterior e lera o resumo do caso durante o jantar no *The Empress*.

– Você foi formalmente acusado. Partageuse recebe um juiz itinerante a cada dois meses e ele acabou de estar na cidade, então você será mantido aqui sob custódia até a volta dele. É muito melhor para você ficar detido aqui do que na cadeia de Albany, sem dúvida. Usaremos o tempo para nos prepararmos para a audiência preliminar.

Tom olhou para ele com um olhar inquisitivo.

– A audiência preliminar é para decidir se você cometeu um crime. Em caso afirmativo, será levado a julgamento em Albany, ou Perth. Depende.

– De quê? – Tom perguntou.

– Vamos repassar as acusações – disse Fitzgerald – e você descobrirá. – Mais uma vez, ele passou os olhos pela lista à sua frente. – Bem, sem dúvida eles lançaram uma rede bem ampla. Código Penal da Austrália Ocidental, Lei do Serviço Público da Comunidade Britânica, Lei dos Médicos Legistas da Austrália Ocidental, Lei dos Crimes da Comunidade Britânica. Uma confusão

de acusações do país e da Comunidade Britânica. – Ele sorriu e esfregou as mãos. – É isso que eu gosto de ver.

Tom ergueu uma das sobrancelhas.

– Significa que estão ciscando ao redor, sem saber ao certo em que podem pegá-lo – o advogado continuou. – Negligência no Dever Estatutário, dois anos e uma multa. Manipulação indevida de um corpo, dois anos de trabalhos forçados. Não notificação de um morto, bem – ele zombou – são apenas dez libras de multa. Dar um falso testemunho no registro de um nascimento, dois anos de trabalhos forçados e uma multa de duzentas libras. – Ele coçou o queixo.

Tom arriscou.

– E quanto à... à acusação de roubo de criança? – Foi a primeira vez que usou a expressão, e ele se encolheu ao som das palavras.

– Seção 343 do Código Penal. Sete anos de trabalhos forçados. – O advogado contraiu os lábios e balançou a cabeça para si mesmo. – Sua vantagem, sr. Sherbourne, é que a lei cobre o *comum*. Os estatutos são elaborados para cobrir o que acontece na maior parte das vezes. Assim, a seção 343 aplica-se a... – ele pegou o surrado estatuto e leu: – “qualquer pessoa que, com a intenção de privar um pai ou mãe da posse de um filho... com o uso da força ou fraudulentamente toma, atrai ou detém uma criança...”

– E então? – Tom perguntou.

– Bem, eles nunca se basearão nisso. Felizmente para você, na maior parte das vezes, os bebês não deixam suas mães a menos que alguém os leve embora. E eles geralmente não vão sozinhos para ilhas desabitadas. Compreende? Eles não conseguem reunir os elementos necessários do delito. Você não “deteve” o bebê: falando legalmente, ela poderia ter ido embora quando desejasse. Você certamente não a “atraiu”. E jamais poderão provar “intenção de privar” porque diremos que você honestamente acreditava que os pais estivessem mortos. Portanto, acho que posso livrá-lo desta. E você é um herói de guerra, condecorado com a Cruz Militar e a Barra. Muitos tribunais ainda são condescendentes com um sujeito que arriscou a vida por seu país e nunca cometeu nenhuma infração.

O rosto de Tom relaxou, mas a expressão do advogado mudou, ao continuar.

– Mas o que eles não gostam, sr. Sherbourne, é de um mentiroso. Na realidade, detestam tanto a mentira que a pena por perjúrio é de sete anos de trabalhos forçados. E se esse mentiroso impede que o verdadeiro culpado receba o que merece, então isso é perverter o curso da justiça e são mais sete anos. Entende onde quero chegar?

Tom lançou-lhe um olhar.

– A lei gosta de se assegurar de que as pessoas certas estão sendo punidas. Os juízes são muito particulares nesse tipo de coisa. – Levantou-se e afastou-se até a janela, olhando através das barras da grade para as árvores lá fora. – Agora, se eu entrasse em um tribunal e contasse uma história de uma pobre mulher, fora de si com a dor da perda de seu filho natimorto, uma mulher que não estava pensando direito, incapaz de saber o que era certo ou errado, e se eu contasse a história de como seu marido que era um sujeito decente, que sempre cumprira seu dever, mas que, só dessa vez, tentando dar um pouco de alegria a sua mulher, deixou o coração falar mais alto do que seu bom senso, e concordou com a ideia dela... Bem, eu poderia vender isso ao juiz. Eu poderia vender isso a um júri. A Corte tem o que chamamos de “prerrogativa de clemência”, o direito de estabelecer uma sentença menor, para a mulher também.

“Mas no momento tenho um homem que, por sua própria admissão, não só é um mentiroso, mas um intimidador. Um homem, presumivelmente preocupado que as pessoas pensem que ele não tem vigor sexual, decide ficar com um bebezinho e força sua mulher a mentir sobre isso.”

Tom empertigou-se.

– Eu já disse o que tinha a dizer.

Fitzgerald continuou.

– Agora, se você for o tipo de homem que realmente faria algo desse tipo, então, no que depender da polícia, você é o tipo de pessoa que poderia ir até um passo adiante para conseguir o que

quer. Se você for o tipo do homem que toma o que quer porque acha que pode e que está preparado para fazer sua mulher agir sob coação, então talvez seja o tipo de homem que está preparado para *matar* para obter o que deseja. Nós todos sabemos que fez bastante disso na guerra. – Fez uma pausa. – É o que podem dizer.

– Não me acusaram disso.

– Até agora. Mas pelo que ouvi dizer, aquele tira de Albany está morrendo de vontade de pôr as mãos em você. Eu já cruzei com ele antes, e posso lhe dizer que ele é um verdadeiro filho da mãe.

Tom respirou fundo e sacudiu a cabeça.

– E ele está muito animado com o fato de sua mulher não corroborar sua história sobre Roennfeldt estar morto quando você o encontrou. – Ele enrolou a fita do documento em volta do dedo. – Ela deve odiá-lo pra valer. – Enquanto a desenrolava, disse devagar. – Ela pode odiá-lo porque você a fez mentir sobre ficar com o bebê. Ou até porque você matou um homem. Mas acho mais provável que ela o odeie porque você entregou o jogo.

Tom não respondeu.

– Cabe à Coroa provar como ele morreu. Com um sujeito que está enterrado há quase quatro anos, isso não é uma tarefa fácil. Não resta muito dele. Nenhum osso quebrado. Nenhuma fratura. Histórico documentado de problemas cardíacos. Normalmente, isso provavelmente levaria a um veredicto inconclusivo do médico legista. Se você fosse sincero e contasse toda a verdade.

– Se eu me confessar culpado de todas as acusações, digamos, eu fiz Isabel concordar comigo, e não houver nenhuma outra prova, ninguém pode tocar nela: não é isso?

– Sim, mas...

– Então, eu aceito o que vier para mim.

– O problema é que pode haver muito mais vindo para você do que você imagina – Fitzgerald disse colocando os papéis de volta em sua pasta. – Não fazemos a menor ideia do que sua mulher vai dizer que você fez ou deixou de fazer, se decidir falar. Se eu fosse você, pensaria muito bem, antes de mais nada.



Se as pessoas costumavam olhar fixamente para Hannah antes de ela recuperar Grace, começaram a fitá-la muito mais intensamente depois. Esperavam algum tipo de transformação milagrosa, como uma reação química, quando mãe e filha se encontrassem. Mas decepcionaram-se quanto a isso: a criança parecia transtornada e a mãe aflita. Ao contrário de adquirir um viço de volta às faces, Hannah ficou ainda mais macilenta, já que cada grito de Grace a fazia se perguntar se fizera a coisa certa ao reclamá-la.

Antigos diários do farol foram requisitados pela polícia para o exame da caligrafia nas cartas a Hannah: não havia dúvida de que a caligrafia firme, segura, era a mesma em ambos. Nem houve nenhuma dúvida quanto ao chocalho que Bluey identificara. Somente o próprio bebê é que mudara além de qualquer reconhecimento. Hannah entregara a Frank um bebê minúsculo, de cabelos escuros, pesando seis quilos, e o Destino lhe devolvera outra criança, loura, assustada, voluntariosa, que podia andar e gritar até seu rosto ficar roxo e seu queixo molhado de lágrimas e baba. A confiança que Hannah adquirira em cuidar de seu bebê nas primeiras semanas de sua vida rapidamente se desgastou. Os ritmos de intimidade, a compreensão velada que ela presumira poder simplesmente retomar, estavam agora além de sua compreensão: a criança já não reagia de uma forma que ela pudesse prever. Eram como duas pessoas dançando com passos desencontrados.

Hannah estava aterrorizada com os momentos em que ela perdia a paciência com sua filha, que no começo só comia, dormia e tomava banho após batalhas acirradas, e ultimamente apenas se recolhia para dentro de si mesma. Em nenhum de seus anos de devaneios, ou mesmo de pesadelos, sua imaginação desenhara algo tão terrível.

Desesperada, ela levou a criança ao dr. Sumpton.

– Bem – disse o rotundo médico enquanto guardava seu estetoscópio novamente na gaveta –, fisicamente ela está

perfeitamente saudável. – Ele empurrou o vidro de jujubas na direção de Grace. – Sirva-se, minha jovem.

A menina, ainda aterrorizada do seu primeiro encontro com ele na delegacia de polícia, permaneceu muda, e Hannah ofereceu-lhe o vidro.

– Vamos, qualquer cor que você quiser, querida.

Mas sua filha desviou o rosto e pegou uma mecha dos cabelos para ficar enrolando no dedo.

– E você diz que ela anda fazendo xixi na cama?

– Frequentemente. Na idade dela, se esperaria normalmente que...

– Você não precisa de mim para lembrar-lhe que estas não são circunstâncias *normais*. – Ele tocou uma sineta em sua mesa e, após uma batida discreta, uma mulher de cabelos brancos entrou.

– Sra. Fripp, leve a pequena Grace lá fora enquanto eu dou uma palavrinha com sua mãe, sim?

A mulher sorriu.

– Vamos, querida, vamos ver se podemos encontrar um biscoito para você em algum lugar – ela disse, levando a apática menina.

Hannah começou:

– Não sei o que fazer, o que dizer. Ela continua chamando pela...  
– gaguejou – por Isabel Sherbourne.

– O que você disse a respeito dela?

– Nada. Eu disse a ela que sou sua mãe, que a amo e–

– Bem, você tem que dizer *alguma coisa* sobre a sra. Sherbourne.

– Mas o quê?

– Minha sugestão é que lhe diga apenas que ela e seu marido tiveram que ir embora.

– Ir embora para onde, por quê?

– Não importa muito, nesta idade. Desde que ela tenha uma resposta às suas perguntas. Por fim, ela esquecerá, se não houver nada à volta para fazê-la lembrar dos Sherbourne. Ela se acostumará

com seu novo lar. Vi isso muitas vezes com órfãos adotados e outros casos.

– Mas ela fica em tal estado de angústia. Só quero fazer o que for bom para ela.

– Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos, receio, sra. Roennfeldt. O Destino deu uma mão de cartas muito difícil para esta menina, e não há nada que a senhora possa fazer a respeito disso. Por fim, aqueles dois vão desaparecer da mente dela, desde que ela não mantenha contato com eles. Enquanto isso, dê-lhe uma dose do remédio para dormir se ela estiver muito ansiosa ou agitada. Não lhe fará mal algum.

## ☞ CAPÍTULO 28 ☞

— VOCÊ FIQUE LONGE daquele homem, está me ouvindo?

— Tenho que ir vê-lo, mamãe. Ele está preso há tanto tempo! Tudo por culpa minha! — lamentou-se Bluey.

— Deixe de falar bobagem. Você uniu um bebê com sua mãe outra vez e está prestes a embolsar três mil guinéus de recompensa.

— A sra. Smart tirou o ferro do fogão e passou a toalha de mesa com mais força a cada frase. — Use a cabeça, rapaz. Você fez a sua parte, agora fique fora disso!

— Ele está com mais problemas do que os primeiros colonos, mamãe. Acho que isso não vai acabar bem para ele.

— Isso não é da sua conta, filho. Agora, vá para os fundos limpar o mato do canteiro de rosas.

Automaticamente, Bluey deu um passo na direção da porta dos fundos, enquanto sua mãe murmurava:

— Ah, e me restou logo o filho retardado!

Ele parou e, para espanto dela, empertigou-se e disse:

— Sim, eu posso ser um retardado, mas não sou um dedo-duro. E não sou o tipo de sujeito que abandona os amigos. — Virou-se e dirigiu-se à porta da frente.

— Onde você pensa que vai, Jeremiah Smart?

— Sair, mamãe!

— Só por cima do meu cadáver! — ela rebateu, bloqueando sua passagem.

Ela não tinha muito mais do que um metro e meio. Ele passava de um metro e oitenta.

— Sinto muito — ele disse, enquanto levantava sua mãe pela cintura como se fosse um pedaço de sândalo e delicadamente a

colocava do lado. Ele a deixou, boquiaberta, de olhos flamejando, e saiu a passos largos.



Bluey examinou o cenário. O minúsculo espaço, o balde de dejetos no canto, a caneca de alumínio em uma mesa pregada no chão. Em todos os anos em que conhecera Tom, nunca o vira com a barba por fazer; nunca o vira despenteado, a camisa amassada. Agora, tinha olheiras escuras sob os olhos e as maçãs do rosto erguiam-se como montanhas em seu maxilar quadrado.

– Tom! Que bom vê-lo, amigo – declarou o visitante, com palavras que os levaram de volta aos dias de desembarques no cais e longas viagens, quando ficavam, realmente, alegres de se verem.

Bluey tentou olhar no rosto de Tom, mas não conseguiu negociar o espaço entre as barras de ferro, então ou o rosto ou as barras ficavam fora de foco. Parou por alguns instantes antes de dizer:

– Como vão as coisas?

– Já estive melhor.

Bluey ficou remexendo o chapéu nas mãos até conseguir coragem para dizer:

– Não vou pegar a recompensa, companheiro. – As palavras jorraram. – Não seria direito. Tom olhou para o lado por um instante.

– Achei que devia haver alguma razão para você não ter aparecido lá com a polícia. – Ele souou desinteressado, em vez de furioso.

– Sinto muito! Minha mãe me fez fazer isso. Eu nunca deveria ter dado ouvidos a ela. Eu não poderia tocar no dinheiro nem com uma vara.

– Tanto faz que seja você ou qualquer outro a ganhar a recompensa. Não faz nenhuma diferença para mim agora.

O que quer que Bluey esperasse de Tom, não era essa indiferença.

– O que acontece agora?  
– Não faço a menor ideia, Blue.  
– Há alguma coisa de que você precise? Alguma coisa que eu possa trazer para você?  
– Um pedaço de céu e um pouco de oceano iriam bem.  
– Falo sério.  
– Eu também. – Tom respirou fundo, enquanto refletia sobre um pensamento. – Há uma coisa que você poderia fazer para mim. Podia ir ver como a Izzy está. Ela deve estar na casa dos pais. Apenas... veja se ela está bem. Ela deve estar muito abalada. Lucy significava tudo para ela... – Ele parou porque sua voz ficou embargada. – Diga-lhe... que eu compreendo. Só isso. Diga a ela que eu compreendo, Bluey.

Apesar de Bluey sentir o chão sumir sob seus pés, ele tomou seu encargo como uma missão sagrada. Daria o recado como se sua vida dependesse disso.

Depois que Bluey foi embora, Tom deitou-se no catre e imaginou novamente como Lucy estaria; como Isabel estaria enfrentando a situação. Tentou pensar se poderia ter agido de algum outro modo, a começar mesmo daquele primeiro dia. Em seguida, lembrou-se das palavras de Ralph – não adianta ficar travando incessantemente sua guerra particular até acertar as coisas. Em vez disso, ele buscou conforto em perspectiva: mentalmente, ele mapeou no teto a posição exata em que as estrelas estariam naquela noite, a começar com Sirius, sempre a mais brilhante; o Cruzeiro do Sul; depois os planetas – Vênus e Urano – todos facilmente visíveis no céu acima da ilha. Traçou as constelações conforme elas deslizavam pelo teto do mundo desde o pôr do sol até a aurora. A precisão, a tranquila ordem das estrelas, dava-lhe uma sensação de liberdade. Não havia nada que ele estivesse atravessando que as estrelas já não tivessem visto antes, em algum lugar, em algum lugar neste mundo. No devido tempo, a lembrança delas se fecharia sobre sua vida como a cicatrização de uma ferida. Tudo seria esquecido, todo o sofrimento apagado. Então, lembrou-se do atlas das estrelas com a inscrição de

Lucy: “Para sempre e sempre e sempre e sempre”, e a dor do presente inundou-o outra vez.

Ele rezou uma prece por Lucy.

– Mantenha-a segura, a salvo. Permita que ela tenha uma vida feliz. Permita que me perdoe.

E para Isabel, perdida na escuridão.

– Traga-a de volta para casa. De volta para ela mesma, antes que seja tarde demais.



Bluey remexeu os pés e silenciosamente ensaiou sua fala outra vez enquanto estava parado à porta dos Graysmark. Quando esta se abriu, viu-se diante de Violet, a expressão desconfiada.

– O que deseja? – ela perguntou, a formalidade um escudo contra qualquer nova notícia desagradável.

– Boa-tarde, sra. Graysmark. – Quando ela não respondeu, ele disse: – Eu sou Bl – Jeremiah Smart.

– Sei quem você é.

– Eu estava pensando se... Acha que eu poderia falar com a sra. Sherbourne?

– Ela não está recebendo visitas.

– Eu – Ele estava a ponto de desistir, quando se lembrou do rosto de Tom e persistiu: – Não vou tomar muito seu tempo, eu só tenho que...

A voz de Isabel chegou até eles da sala às escuras.

– Deixe-o entrar, mãe.

Sua mãe franziu o cenho.

– É melhor você entrar. Não se esqueça de limpar os pés – ela disse, fitando suas botas enquanto ele as limpava, incessantemente, no tapete de entrada, antes de segui-la.

– Tudo bem, mamãe. Não precisa ficar – Isabel disse de sua cadeira.

Isabel parecia tão mal quanto Tom, Bluey pensou: a pele acinzentada e sem viço.

– Obrigado por... por me receber... – Hesitou. A aba de seu chapéu estava úmida onde ele a segurava. – Fui ver Tom.

Seu rosto se anuviou e ela desviou o olhar.

– Ele está muito mal, senhora. Muito mal.

– E ele o enviou aqui para me dizer isso?

Bluey continuou a remexer seu chapéu.

– Não. Ele me pediu para lhe dar um recado.

– É mesmo?

– Ele disse para lhe dizer que ele compreende.

Ela não conseguiu esconder a surpresa.

– Compreende o quê?

– Não falou. Só me disse para lhe dizer isso.

Os olhos de Isabel permaneceram fixos em Bluey, mas ela não estava olhando para ele. Após um longo tempo, quando ele ficou ainda mais ruborizado por ser encarado durante tanto tempo, ela disse:

– Muito bem, então, você me disse. – Ela levantou-se devagar. – Vou acompanhá-lo até a porta.

– Mas... e então? – Bluey perguntou, chocado.

– Então o quê?

– O que devo dizer-lhe de volta? Quero dizer... um recado ou algo assim? – Ela não respondeu. – Ele sempre foi muito bom para mim, senhora. Ambos foram.

– Já terminamos – ela disse, conduzindo-o à porta da frente.

Ao fechá-la atrás dele, encostou o rosto contra a parede, tremendo.

– Oh, Isabel, querida! – sua mãe exclamou. – Venha se deitar um pouco, minha filha – ela disse, levando-a para seu quarto.

– Vou vomitar outra vez – Isabel disse, e Violet conseguiu trazer a bacia de porcelana para o colo da filha bem a tempo.



Bill Graysmark orgulhava-se de saber julgar bem as pessoas. Como diretor de escola, passou a observar o caráter humano no processo de formação. Ele raramente se enganava sobre quais se sairiam bem na vida e quais se tornariam fracassados. Nada em sua intuição lhe dizia que Tom Sherbourne era um mentiroso ou um homem violento. Só de vê-lo com Lucy era suficiente para mostrar que a criança não tinha o menor medo dele. E ele não poderia ter desejado alguém que cuidasse melhor de sua filha.

Mas, tendo perdido a única neta que jamais teria, a lealdade de Bill estava com sua única filha sobrevivente. Seu julgamento instintivo foi deixado de lado: o sangue era mais forte do que a água – Deus sabia que ele aprendera isso da forma mais difícil.

– É um caso terrível, Vernon. Um caso terrível. A pobre Isabel está arrasada – ele disse, ambos sentados em um canto de um pub.

– Desde que deponha contra Tom – Knuckey disse –, ela não tem com que se preocupar.

Bill interrogou-o com um olhar.

– Ela não pode ser acusada por nada que ele a tenha forçado a fazer, portanto ela só precisa dar a sua versão da história. Ela é o que chamamos de “apta, mas não imputável” como testemunha para este tipo de caso – o policial explicou. – Seu depoimento é admissível como prova, a Corte diz que é tão bom quanto o de qualquer outra pessoa. Mas não se pode forçar uma mulher a testemunhar contra o marido. E naturalmente, ele tem o direito de permanecer calado. Também não podemos obrigá-lo a dizer nada contra ela, se ele não quiser, e ele deixou bem claro que não vai dizer nem uma palavra. – Fez uma pausa. – Isabel... ela algum dia, bem, se mostrou pouco à vontade a respeito da criança?

Bill lançou-lhe um olhar incisivo.

– Não vamos nos afastar do assunto, Vernon.

Knuckey deixou passar. Refletiu em voz alta:

– Ser responsável por um farol é um cargo de confiança, sabe. O nosso país inteiro, o mundo inteiro, se quiser olhar sob esse prisma, depende que eles sejam homens de caráter: honestos, decentes. Não podemos tê-los por aí falsificando registros do governo,

coagindo suas esposas. Muito menos fazendo o que quer que tenha feito a Frank Roennfeldt antes de enterrá-lo. – Ele registrou o espanto no rosto de Bill, mas continuou: – Não. É melhor colocar um ponto final nisso tudo imediatamente. O juiz estará aqui dentro de poucas semanas para a audiência preliminar. Considerando-se o que Sherbourne disse até agora... Ele provavelmente será enviado para Albany, onde a Corte tem poder de dar sentenças mais severas. Ou poderiam realmente implicar com ele e arrastá-lo para Perth. Spragg está procurando qualquer insinuação de que o sujeito não estava morto quando chegou a Janus. – Ao tomar o restante de sua cerveja, disse: – As coisas não estão boas para ele, Bill, isso eu posso lhe dizer.



– Você gosta de livros, querida? – Hannah arriscou. Ela estava tentando tudo o que podia imaginar para construir uma ponte até sua filha. Ela mesma adorava histórias quando era criança, e uma das poucas lembranças que ainda conseguia ter de sua própria mãe era estar lendo *A história do Pedro Coelho*, em uma tarde ensolarada nos jardins de Bermondsey. Lembrava-se nitidamente da seda azul-clara da blusa da mãe, do perfume que ela usava – algo floral e surpreendente. E do sorriso da mãe, o maior tesouro de todos.

– Que palavra é esta? – ela perguntava a Hannah. – Você conhece esta palavra, não conhece?

– Cenoura – Hannah proclamara orgulhosamente.

– Que sabida! – sua mãe exclamara, sorrindo. – Você é um gênio!

A lembrança se esvaía aí, como o fim de uma história, então ela a recomeçava, inúmeras vezes, sem parar. Agora, tentava atrair Grace com o mesmo livro.

– Está vendo? É sobre um coelho. Venha ler comigo.

Mas a criança olhava para ela emburrada.

– Quero minha mãe. Odeio este livro!

– Oh, vamos, você ainda nem olhou para ele. – Ela respirou fundo e tentou outra vez. – Só uma página. Vamos ler uma página e se você não gostar, nós paramos.

A menina arrancou o livro das mãos dela e atirou-o em seu rosto, o canto batendo na face de Hannah, por pouco não atingindo seu olho. Em seguida, ela saiu correndo do aposento, colidindo diretamente com Gwen, que entrava no mesmo instante.

– Ei, ei, senhorita! – Gwen disse. – O que fez a Hannah? Vá pedir desculpas!

– Deixe-a, Gwen – Hannah disse. – Ela não quis me machucar. Foi um acidente. – Pegou o livro e recolocou-o cuidadosamente na prateleira. – Pensei em tentá-la com uma canja de galinha na janta hoje. Todo mundo gosta de canja de galinha, não é? – perguntou, sem muita convicção.

Horas mais tarde, ela estava ajoelhada no chão, limpando a canja que a filha vomitara no assoalho.



– Pensando bem, o que a gente realmente sabe sobre ele? Todas as histórias de ser de Sydney, tudo pode não passar de uma farsa. Tudo que sabemos ao certo é que ele não é de Partageuse. – Violet Graysmark falava com Bill quando sua filha já estava seguramente dormindo. – Que tipo de homem ele é? Espera até ela não poder mais viver sem a criança e então a tira dela. – Seus olhos estavam na fotografia emoldurada da neta. Ela a retirara do consolo da lareira e estava guardando-a na gaveta da cômoda, sob suas roupas de baixo.

– Mas, bem, o que você acha disso tudo, Vi? Realmente?

– Pelo amor de Deus. Ainda que não tenha colocado uma arma em sua cabeça, ele ainda é responsável. Ela estava obviamente fora de si depois de perder seu terceiro bebê. E culpá-la por isso... Cibia a ele seguir as normas naquele mesmo instante, se era isso que ele iria fazer. E não começar a dar para trás anos mais tarde, depois que

tantas pessoas tinham sido atingidas. Vivemos com as decisões que tomamos, Bill. Isto é coragem. Aguentar as consequências de nossos erros.

Bill não disse nada e, enquanto rearranjava os delicados saquinhos de lavanda, ela continuou:

– Foi como esfregar sal na ferida, colocar sua própria consciência culpada acima do que isso causaria a Isabel ou a Lucy, ou... – ela colocou a mão sobre a dele – a nós, também, querido. Nenhuma consideração por nós em toda essa enrascada. Como se já não tivéssemos sofrido o bastante ao longo da vida. – Uma lágrima brilhou em seu olhar. – Nossa netinha, Bill. Todo aquele amor... – Fechou a gaveta devagar.

– Vamos, Vi, querida. Sei o quanto é difícil para você – disse o marido, abraçando sua mulher com força, notando que ultimamente seus cabelos estavam ficando grisalhos. Os dois ficaram parados naquele abraço, Violet chorando, Bill dizendo: – Que tolo eu fui achando que os dias ruins tinham acabado. – Sem aviso prévio, deixou escapar um grande soluço, e abraçou-a ainda com mais força, como se pudesse estancar fisicamente este novo dilaceramento de sua família.



Tendo limpado o chão e com sua filha finalmente dormindo, Hannah senta-se ao lado de sua cama e fica contemplando-a. Durante o dia, é impossível. Grace esconde o rosto se acha que está sendo observada. Ela se vira de costas ou corre para outro aposento.

Agora, à luz de uma única vela, Hannah pode observar cada aspecto da filha e, na curva de sua face, no formato das sobrancelhas, ela vê Frank. Aquilo faz seu coração inflar, e ela quase pode acreditar que, se falasse com a criança adormecida, seria Frank quem responderia. A chama da vela, lançando sombras que se contorcem com o ritmo da respiração da menina, reflete o brilho

dourado de seus cabelos ou um fino filamento de baba que escorre pelo canto de sua boca translúcida e cor-de-rosa.

Somente aos poucos é que Hannah toma consciência do desejo que se formou no fundo de sua mente: que Grace pudesse ficar adormecida, durante dias, anos, se necessário, até que toda lembrança daquelas pessoas, daquela vida, tivesse se apagado. Ela sente aquele vazio peculiar dentro de si, que surgiu desde a primeira vez que ela viu a angústia no rosto da criança devolvida. Se ao menos Frank estivesse ali. Ele saberia o que fazer, como passar por isso. Por mais que a vida o derrubasse, ele sempre ficava logo de pé, com um sorriso e sem mágoas.

Hannah volta mentalmente no tempo para ver uma figura ainda menor – seu bebê perfeito, de uma semana – e novamente ouve Frank cantando uma canção de ninar: "*Schlaf, Kindlein, schlaf*", "*Durma, filhinha, durma*". Lembra-se da maneira com que ele contemplava-a no berço e sussurrava para ela em alemão.

– Estou desejando coisas boas para ela em seus sonhos – ele dizia. – Enquanto uma pessoa tiver coisas boas na mente, poderá ser feliz. Isso eu sei.

Agora, Hannah endireita sua postura. Somente a lembrança é suficiente para lhe dar coragem para encarar o novo dia. Grace é sua filha. Algo na alma da criança certamente se lembrará dela, por fim a reconhecerá. É preciso que ela viva um dia de cada vez, como seu pai diz. Em pouco tempo, a menina será sua outra vez, será a alegria que era no dia em que nasceu.

Silenciosamente, ela apaga a vela e sai do quarto pela luz que entra pela porta aberta. Quando deita em sua própria cama, sente com espanto o quanto ela está vazia.



Isabel anda de um lado para o outro. São três horas da madrugada e ela saiu furtivamente pela porta dos fundos da casa de seus pais. Um eucalipto-fantasma, de tronco branco, prendeu a lua entre dois

de seus longos galhos como dedos finos e compridos. A grama seca estala levemente sob seus pés descalços enquanto ela caminha – do jacarandá para a árvore de Natal australiana, desta para o jacarandá: o lugar do velho alvo de críquete, de tantos anos antes.

Ela entra e sai do estado de compreensão, entra e sai da condição de ser vivo, naquela agitação de pensamentos que surgiu com a perda de seu primeiro bebê e cresceu com a privação de mais dois, e agora Lucy. E o Tom que ela amava, o Tom com quem se casara, também desapareceu na névoa da fraude – escapulindo quando ela não estava olhando: fugindo com bilhetes para outra mulher; tramando para tirar sua filha dela.

“*Eu compreendo.*” O recado de Tom era intrigante. Seu estômago se contrai em um nó de fúria e saudade. Seus pensamentos voam em todas as direções, e apenas por um instante ela tem uma lembrança física aos 9 anos de idade, em um cavalo em disparada. A cobra-tigre no caminho. O cavalo estancou de repente e a seguir partiu em disparada, pelo meio dos troncos das árvores, indiferente aos galhos e à criança desesperadamente agarrada à sua crina. Isabel deitara-se, agarrada ao pescoço do cavalo, até ele ficar exausto e finalmente parar em uma clareira a cerca de um quilômetro e meio de distância.

– Não há nada que você possa fazer – seu pai dissera. – Quando um cavalo dispara, você só pode rezar e agarrar-se a ele. Não se consegue fazer parar um animal aterrorizado.

Não há ninguém com quem ela possa falar. Ninguém que possa compreender. Que sentido teria sua vida sozinha, sem a família por quem vivia? Ela corre os dedos pela casca do jacarandá e encontra a marca que Alfie fizera no tronco para mostrar-lhe sua altura, no dia anterior à partida dele e de Hugh para a França.

– Agora, vou ver quanto você cresceu quando voltarmos, maninha, portanto trate de crescer.

– Quando vocês vão voltar, realmente? – ela perguntara.

Os rapazes trocaram um olhar, ao mesmo tempo preocupado e empolgado.

– Quando você chegar aqui – Hugh dissera, marcando a casca da árvore doze centímetros acima. – Quando você chegar aqui, estaremos de volta para implicar com você, Bella.

Ela nunca cresceu até a marca.

A corrida furtiva de uma lagartixa a traz de volta ao presente, de volta à sua situação aflitiva. As perguntas a importunam enquanto o luar se derrama languidamente pelos galhos no alto: quem é Tom, na verdade? Esse homem que ela achou que conhecia tão bem. Como pôde ser capaz de tal traição? O que foi sua vida com ele? E quem eram as almas – essa mistura de seu sangue com o dele – que não conseguiram encontrar o caminho para se instalarem dentro dela? Um pensamento demoníaco pula em seu ombro: de que adianta o amanhã?



As semanas seguintes ao retorno de Grace foram mais desgastantes para Hannah do que as semanas que se seguiram à sua perda, conforme era confrontada com verdades que, há muito mantidas de lado, agora eram impossíveis de serem ignoradas. Os anos haviam realmente se passado. Frank estava realmente morto. Enquanto Grace estivera ausente dos dias de Hannah, ela estivera presente nos de outras pessoas. Sua filha vivera uma vida sem ela: sem, viu-se pensando, sequer um pensamento para ela. Envergonhada, percebeu que se sentia traída. Por um bebê.

Lembrou-se da mulher de Billy Wishart e de como sua alegria pela volta de um marido que acreditara morto em Somme se transformara em desespero. A vítima do gás que voltara para casa, para ela, era um estranho tanto para si mesmo quanto para a família. Após lutar por cinco anos, certa manhã, quando o gelo estava grosso em seu tanque de água, ela subiu em um balde de ordenha virado para baixo no estábulo e se enforcara, deixando que seus filhos tivessem que cortar a corda para tirá-la de lá porque seu marido ainda não conseguia segurar uma faca.

Hannah rezava por paciência, forças e compreensão. Toda manhã, ela pedia a Deus que a ajudasse a atravessar o dia.

Certa tarde, quando passava pelo quarto de Grace, ela ouviu uma voz. Diminuiu o passo e aproximou-se da porta na ponta dos pés, que estava completamente aberta. Ficou empolgada ao ver sua filha finalmente brincando com suas bonecas: todas as suas tentativas de fazê-la brincar tinham sido rejeitadas. Agora, as peças de um joguinho de chá estavam espalhadas sobre a colcha da cama. Uma das bonecas ainda usava um elegante vestido de renda, mas a outra fora vestida com uma camisola e longas calças. No colo da que estava de saia havia um pregador de roupas de madeira.

– Hora da janta – disse a boneca de saia, enquanto a criança erguia a minúscula xícara para o prendedor de roupas e fazia ruídos de quem está bebendo.

– Boa menina. Agora é hora de dormir, queridinha. Boa-noite – e a boneca levou o pregador aos lábios para beijá-lo.

– Olhe, papai, Lucy está dormindo – continuou, tocando o pregador de roupas delicadamente.

– Boa-noite, Lulu, boa-noite, mamãe – disse a boneca de calças. – Tenho que acender o farol agora. O sol já está quase se pondo. – E a boneca saiu saltitando para baixo do cobertor. A boneca de saia disse:

– Não se preocupe, Lucy. A bruxa não pode pegá-la. Eu fiz a bruxa morrer.

Antes de perceber o que estava fazendo, Hannah entrou batendo os pés e arrancou as bonecas de cima da cama.

– Chega desses joguinhos bobos, está me ouvindo? – disse asperamente, dando um tapa na mão da menina. A criança se encolheu, mas não chorou – apenas encarou Hannah silenciosamente.

No mesmo instante, Hannah encheu-se de remorso.

– Querida, sinto muito! Sinto muito. Não quis bater em você. – Lembrou-se das instruções do médico. – Essas pessoas foram

embora. Fizeram uma coisa má, mantendo você longe de casa. E agora já foram embora. – Grace pareceu confusa com a menção de sua casa, e Hannah suspirou. – Um dia. Um dia você vai compreender.

Na hora do almoço, enquanto Hannah soluçava na cozinha, com vergonha de sua explosão de raiva, sua filha brincava do mesmo jeito outra vez, só que com três pregadores de roupa. Hannah ficou acordada até tarde da noite, cortando e costurando, de modo que pela manhã, quando a menina acordou, encontrou uma nova boneca de pano em seu travesseiro – uma menina, com o nome “Grace” bordado em seu avental.



– Não suporto a ideia do que tudo isso está fazendo a ela, mamãe – Isabel disse, enquanto as duas mulheres sentavam-se em cadeiras de vime sob os beirais nos fundos da casa. – Deve estar sentindo falta de nós, de nossa casa. A pobrezinha não deve estar compreendendo nada do que está acontecendo.

– Eu sei, querida. Eu sei – respondeu sua mãe.

Violet havia feito uma xícara de chá para ela e depositou-a em seu colo. Sua filha estava com a aparência terrivelmente alterada – olhos fundos, com olheiras escuras; cabelos opacos e emaranhados.

Isabel expressou em voz alta o pensamento que lhe ocorrera, talvez para compreendê-lo melhor:

– Nunca houve um funeral...

– O que quer dizer? – Violet perguntou. Ultimamente, o que Isabel dizia não fazia muito sentido.

– Todos que eu perdi, eles foram simplesmente arrancados de mim, para o vazio. Talvez um funeral tivesse feito isso, não sei, tivesse feito diferença. De Hugo, há uma foto de uma sepultura na Inglaterra. Alfie é apenas um nome naquele memorial. Meus três primeiros bebês, *três*, mamãe, nunca tiveram sequer um hino

cantado por eles. E agora... – sua voz ficou embargada pelas lágrimas – Lucy...

Violet preferira nunca ter feito um funeral para seus filhos: um funeral era uma prova definitiva. Inquestionável. Um funeral significava admitir que seus filhos estavam absolutamente mortos. E enterrados. Era uma traição. Não ter nenhum funeral significava que um dia eles podiam entrar dançando pela cozinha e perguntar o que havia para o jantar e rir com ela sobre esse erro tolo que a levava a acreditar por um instante, imagine!, que eles tinham ido embora para sempre.

Ela considerou suas palavras cuidadosamente.

– Querida, Lucy não está *morta*. – Isabel pareceu não dar importância ao comentário, e sua mãe franziu a testa. – Nada disso é culpa sua, querida. Jamais perderei aquele homem.

– Achei que ele me amasse, mamãe. Ele me disse que eu era a coisa mais preciosa do mundo para ele. E, então, fez algo tão terrível assim...

Mais tarde, enquanto lustrava as molduras de prata das fotografias de seus filhos, Violet analisou a situação mentalmente, pela milésima vez. Depois que uma criança entra em seu coração, não existe mais certo ou errado. Ela conhecera mulheres que deram à luz filhos de maridos que odiavam, ou pior, homens que as haviam forçado. E elas amavam seus filhos com todas as forças, ao mesmo tempo em que odiavam os brutamontes que os haviam procriado. Não havia como se defender do amor por um filho, Violet sabia disso muito bem.

## ☞ CAPÍTULO 29 ☞

— **P**OR QUE VOCÊ a está protegendo?

A pergunta paralisou Tom, que examinou Ralph cautelosamente através das barras de ferro.

— É evidente como o nariz que você tem na cara, amigo. Sempre que eu menciono Isabel, você fica todo esquisito e não faz mais nenhum sentido.

— Eu devia tê-la protegido melhor. Tê-la protegido de mim.

— Não fale besteira.

— Você tem sido um bom amigo para mim, Ralph. Mas... há muita coisa a meu respeito que você não sabe.

— E há muito que eu sei, garoto.

Tom levantou-se.

— Consertou o motor do barco? Bluey disse que você estava tendo problemas com ele.

Ralph olhou para ele atentamente.

— Não parece nada bom.

— Esse barco já lhe serviu bem, Ralph, ao longo dos anos.

— É verdade. Sempre confiei nele e nunca achei que fosse me deixar na mão. Fremantle quer aposentá-lo. — Fitou Tom nos olhos.

— Todos nós logo morreremos. Quem é você para jogar fora os melhores anos de sua vida?

— Os melhores anos de minha vida acabaram há muito tempo, Ralph.

— Isso é asneira e você sabe disso! Já é hora de você levantar a cabeça e fazer alguma coisa! Pelo amor de Deus, acorde, homem!

— O que sugere que eu faça, Ralph?

— Sugiro que você diga a maldita verdade, qualquer que seja. A mentira só leva a problemas.

– Às vezes, esse também é o único lugar onde a verdade o leva... Há um limite para o que as pessoas podem aguentar, Ralph. Santo Deus, eu sei disso melhor do que ninguém. Izzy era uma menina comum, feliz, até se envolver comigo. Nada disso teria acontecido se ela não tivesse ido para Janus. Ela achou que seria o paraíso. Não fazia a menor ideia em que estava se metendo. Eu nunca deveria ter permitido que ela fosse para lá.

– Ela é uma mulher adulta, Tom.

Ele olhou para o capitão, pensando suas palavras seguintes:

– Ralph, há muito tempo que eu já esperava por isso. Os pecados acabam alcançando-o no final das contas. – Suspirou e olhou para uma teia de aranha no canto de sua cela, de onde algumas moscas dependuravam-se como enfeites de Natal abandonados. – Eu já devia ter morrido há muitos anos. Deus sabe que eu devia ter recebido uma bala ou um golpe de baioneta mais de mil vezes. Estou vivendo além da conta há muito tempo. – Engoliu com força. – Já é muito difícil para Izzy ficar sem Lucy. Ela jamais sobreviveria à prisão. Ralph, esta é a única coisa que posso fazer por ela. É o mais perto que posso chegar de compensá-la por tudo.



– Não é justo. – A criança repete essa frase incessantemente, não em tom de lamúria, mas em um apelo desesperado à razão. Sua expressão é de alguém tentando explicar uma expressão em inglês a um estrangeiro. – Não é justo. Quero ir para casa.

Às vezes, Hannah consegue distraí-la por algumas horas. Fazendo bolos com ela. Recortando bonecas de papel. Espalhando migalhas de pão lá fora para os passarinhos, de modo que as pequenas criaturas vêm saltitando em pernas finas como arame até a porta, fascinando Grace enquanto ciscam delicadamente os farelos de pão dormido.

Ao ver a expressão de encantamento de Grace quando passam por um gato malhado certo dia, ela pergunta pela cidade se alguém tem filhotes e uma minúscula criatura preta com patas e cara brancas se torna parte do ambiente doméstico.

Grace fica interessada, mas desconfiada.

– Vá em frente, é seu. Todo seu – Hannah diz, colocando o gatinho delicadamente em suas mãos. – Então, você tem que ajudar a tomar conta dele. Bem, como você acha que ele deve se chamar?

– Lucy – diz a criança sem hesitação.

Hannah hesita.

– Acho que Lucy é nome de menina, não é nome de gato – ela diz. – Que tal um verdadeiro nome de gato?

Assim, Grace dá a ele o único nome de gato que conhece.

– Tabatha Tabby.

– Então, é Tabatha Tabby – Hannah diz, resistindo ao impulso de dizer-lhe que *tabby* é um gato malhado e aquele não é um gato malhado, e também não é uma fêmea. Ao menos, conseguiu fazer a menina falar.

No dia seguinte, Hannah diz:

– Venha, vamos dar comida a Tabatha?

E Grace responde, enroscando uma mecha do cabelo no dedo:

– Ela não gosta de você. Só gosta de mim.

Não há malícia. É a simples explicação de um fato.



– Talvez você devesse deixá-la ver Isabel Sherbourne – Gwen sugere após um embate particularmente difícil entre mãe e filha sobre calçar um par de sapatos.

Hannah fica horrorizada.

– Gwen!

– Sei que é a última coisa que você gostaria de ouvir. Mas só estou dizendo... Talvez se Grace achasse que você era amiga de sua

mãe, isso pudesse ajudar.

– Uma *amiga* da mãe dela! Como pode sequer dizer tal coisa? Além do mais, você sabe o que o dr. Sumpton disse. Quanto mais cedo ela esquecer aquela mulher, melhor!

Mas ela não podia deixar de constatar que sua filha fora irreversivelmente marcada com o selo daqueles outros pais, aquela outra vida. Quando caminhavam pela praia, Grace esforçava-se para ir até a água. À noite, enquanto a maioria das crianças estaria feliz em identificar a lua, Grace sabia apontar para a estrela mais brilhante da noite e declarar, confiante:

– “Sirius! E a Via Láctea!”

Isso assustava Hannah e a fazia entrar depressa, dizendo:

– É hora de ir para a cama dormir. Vamos entrar.

Hannah rezava para se livrar do ressentimento, da amargura.

– Senhor, sou tão abençoada por ter minha filha de volta. Mostre-me o caminho a seguir. – Mas imediatamente ela imaginava Frank, atirado em uma sepultura anônima embrulhado em um pedaço de lona. Lembrou-se da expressão em seu rosto na primeira vez em que ele segurou sua filha nos braços, como se ela tivesse lhe apresentado o céu e a terra naquele cobertor cor-de-rosa.

Não cabia a ela. Era correto que Tom Sherbourne fosse submetido à lei. Se uma Corte decidisse que ele deveria ir para a prisão – bem, olho por olho, dizia a Bíblia. Ela deixaria a Justiça seguir seu curso.

Mas em seguida, lembrava-se do homem que interferira e a salvara só Deus sabe de quê, há anos naquele barco. Lembrava-se de como se sentira segura em sua presença. A ironia tirava o ar de seus pulmões mesmo agora. Quem podia saber como uma pessoa era no seu íntimo? Ela vira aquele ar de autoridade que ele assumira com o bêbado. Ele se achava acima das leis? Ou além delas? Mas os dois bilhetes, aquela bela caligrafia: *Reze por mim*. Então, ela voltava às suas preces e rezava por Tom Sherbourne também: que ele fosse julgado com justiça, apesar de uma parte dela querer vê-lo sofrer pelo que fizera.



Na tarde seguinte, Gwen passou o braço pelo de seu pai, enquanto caminhavam pelo gramado.

– Sinto falta deste lugar, você sabe – ela disse, olhando para trás, para a imponente mansão de pedra calcária.

– Ela sente falta de você, Gwenny – seu pai retrucou. Após mais alguns passos, ele disse:

– Agora que Grace está em casa com Hannah, talvez esteja na hora de você voltar para seu velho pai...

Ela mordeu o lábio.

– Eu adoraria. Realmente. Mas...

– Mas o quê?

– Acho que Hannah ainda não consegue lidar sozinha com a situação. – Afastou-se e fitou seu pai de frente. – Detesto dizer isso, pai, mas não sei se algum dia ela conseguirá. E aquela pobre menina! Nunca pensei que uma criança pudesse se sentir tão infeliz.

Septimus tocou seu rosto.

– Conheço uma menininha que costumava ser assim tão infeliz. Você partia meu coração. Ficou assim durante meses depois que sua mãe morreu. – Ele se inclinou para cheirar uma das antigas rosas vermelhas, em plena florescência aveludada. Inspirou fundo o perfume em seus pulmões, em seguida colocou a mão nas costas para se endireitar.

– Mas essa é a parte triste – Gwen insistiu. – A mãe *dela* não está morta. Está aqui em Partageuse.

– Sim. *Hannah* está bem aqui em Partageuse!

Ela conhecia seu pai muito bem para não insistir no assunto. Continuaram a andar em silêncio, Septimus inspecionando os canteiros de flores, Gwen tentando não ouvir o som da aflição de sua sobrinha, tão nitidamente gravado em sua mente.

Nessa noite, Septimus pensou muito no que deveria fazer. Ele sabia uma ou duas coisas sobre menininhas que perderam a mãe. E sabia

uma ou duas coisas sobre persuasão. Depois que se decidiu por um plano, balançou a cabeça e se entregou a um sono sem sonhos.



Pela manhã, dirigiu seu carro até a casa de Hannah e anunciou:

– Certo. Tudo pronto? Vamos sair em um passeio misterioso. Está na hora de Grace conhecer Partageuse um pouco melhor; aprender de onde ela é.

– Mas estou no meio do conserto das cortinas. Para o salão da igreja. Prometi ao reverendo Norkells...

– Eu a levarei sozinho. Ela vai ficar perfeitamente bem.

O “passeio misterioso” começou com uma viagem às serrarias de Potts. Septimus se lembrava de como, quando eram crianças, Hannah e Gwen adoravam dar maçãs e torrões de açúcar para os cavalos escoceses de lá. Atualmente, a madeira era transportada por trens, mas as serrarias ainda conservavam alguns dos antigos cavalos de tração para emergências, quando a chuva levava partes dos trilhos da linha férrea na floresta.

Dando pancadinhas amistosas em um dos cavalos, ele disse:

– Esta, minha jovem Grace, é Arabella. Consegue dizer “Arabella”?

– Prepare-a para a charrete, rapaz – Septimus disse ao guardador dos cavalos, que se apressou a obedecer. Pouco depois, ele conduziu Arabella para o pátio, puxando uma charrete leve.

Septimus levantou Grace e colocou-a no assento, antes de subir e sentar-se ao seu lado.

– Vamos explorar o lugar, que tal? – ele disse, dando um puxão nas rédeas do velho cavalo.

Grace jamais vira um cavalo tão grande. Nunca estivera numa floresta real – o mais próximo que chegara disso fora sua desafortunada aventura no matagal atrás da casa dos Graysmark. Durante a maior parte de sua vida, ela só vira duas árvores – os pinheiros Norfolk em Janus. Septimus seguiu os antigos caminhos da

serraria pelo meio dos altos e imponentes *karri*, apontando cangurus e lagartos-monitores aqui e ali: a criança ficou fascinada com o mundo de contos de fada. De vez em quando, ela escolhia um pássaro ou um *wallaby*, um animalzinho da família do canguru.

– O que é aquele? – perguntava, e seu avô dizia o nome da criatura.

– Olhe, um bebê canguru – ela disse, apontando para um marsupial saltitando devagar perto do caminho.

– Não é um bebê canguru. Esse rapaz é um *quokka*. Parece um minúsculo canguru. Ele não fica maior do que isso. – Ele deu um tapinha na cabeça de Grace. – É bom ver você sorrir, menina. Sei que anda triste... Sente falta de sua vida antiga. – Septimus refletiu por um instante. – Eu sei como é porque... bem, foi isso que aconteceu comigo.

A menina lançou-lhe um olhar inquiridor, e ele continuou:

– Tive que dizer adeus à minha mãe e atravessar o oceano, até Fremantle, em um navio. Quando eu era apenas um pouco mais velho do que você. É difícil de imaginar, eu sei. Mas eu vim para cá, arranjei um novo pai e uma nova mãe, chamados Walt e Sarah. Eles tomaram conta de mim daí em diante. E eles me amavam exatamente como minha Hannah ama você. Assim, às vezes, você não tem só uma família na vida.

O rosto de Grace não deu nenhum indício do que ela havia apreendido dessa conversa, então ele mudou de tática. Conforme o cavalo seguia em frente devagar, manchas de sol surgiam aqui e ali, através dos galhos altos.

– Você gosta das árvores?

Grace balançou a cabeça.

Septimus apontou para algumas mudas.

– Veja, pequenas árvores, crescendo outra vez. Cortamos as grandes e antigas, e novas tomam seu lugar. Tudo cresce de novo, com o tempo. Quando você tiver a minha idade, esta árvore será gigantesca. Vai dar tudo certo. – Um pensamento lhe ocorreu. – Esta floresta pertencerá a *você* um dia. Será a sua floresta.

– *Minha* floresta?

– Bem, ela pertence a mim e um dia pertencerá à sua mãe e à sua tia Gwen, e depois será sua. O que acha disso?

– Posso levar o cavalo? – ela perguntou.

Septimus riu.

– Me dê suas mãos e seguraremos as rédeas juntos.

\* \* \*

– Aqui está ela, sã e salva – Septimus disse, entregando Grace a Hannah.

– Obrigada, papai. – Hannah se abaixou ao nível da filha. – Você fez um bom passeio?

Grace balançou a cabeça.

– E você fez carinho nos cavalos?

– Fiz – ela disse baixinho, esfregando os olhos.

– Foi um longo dia, querida. É hora de tomar um banho e depois vamos para a cama.

– Ele me deu a floresta – Grace disse, com o esboço de um sorriso, e o coração de Hannah deu um salto.

Depois do banho de Grace naquela noite, Hannah sentou-se na beira da cama da menina.

– Fico muito feliz que você tenha tido um bom dia. Conte-me sobre o que você viu, querida.

– Um “*quotta*”.

– Como?

– Um “*quotta*” que é pequeno e pula, pula.

– Ah! Um *quokka*! São uma gracinha, não é? E o que mais?

– Um cavalo grande. Eu dirigi ele.

– Lembra-se do seu nome?

A menina refletiu um pouco.

– “Araballa”.

– Arabella, isso mesmo. Ela é um amor. Ela tem amigos lá também: Samson, Hercules e Diana. Arabella já está bem velha, sabe. Mas ainda é muito forte. Vovô lhe mostrou a carroça para madeira que ela pode puxar?

A menina pareceu confusa e Hannah explicou:

– Um veículo antigo, com apenas duas rodas grandes. É como costumavam transportar as árvores grandes da floresta depois de cortá-las. – A criança sacudiu a cabeça e Hannah disse: – Oh, querida, há tanta coisa que eu quero lhe mostrar. Você vai adorar a floresta.

Conforme Grace adormecia, Hannah permaneceu a seu lado, planejando. Iria lhe mostrar as flores silvestres quando a primavera chegasse. Compraria um pequeno pônei para ela – um Shetland, talvez, para que pudessem andar juntas pelas trilhas estreitas da floresta. Uma imagem de décadas repentinamente se descortinou em sua imaginação e ela ousou explorá-la.

– Bem-vinda ao lar – sussurrou à sua filha adormecida. – Bem-vinda ao lar finalmente, minha querida. – E foi cuidar de seus afazeres naquela noite cantarolando baixinho.

## ☞ CAPÍTULO 30 ☞

**P**ARTAGEUSE TEM POUCAS PESSOAS e poucos lugares onde elas podem estar. Mais cedo ou mais tarde, você se encontra com alguém que preferia evitar.

Foram muitos dias até Violet convencer a filha a deixar a casa.

– Vamos, venha dar uma caminhada comigo até a Mouchemore’s. Preciso de mais lã para a colcha que estou fazendo.

– Nada mais de lindos casaquinhos. Nada mais de minúsculos vestidos da Liberty. Atualmente, ela estava de volta à produção de cobertores para os últimos infelizes que ainda estavam na Casa dos Repatriados. Bem, isso mantinha suas mãos ocupadas, apesar de nem sempre ocupar sua mente.

– Mamãe, realmente, eu não tenho vontade. Vou ficar aqui.

– Ora, vamos, querida.

Conforme as duas desciam a rua, as pessoas tentavam não encará-las. Algumas ofereceram sorrisos amáveis, mas não se ouviu nenhum dos antigos “Como vai, Vi?” ou “Nos vemos na igreja no domingo?” Ninguém sabia ao certo como tratar esse luto que não era por uma morte. Algumas pessoas atravessavam a rua para evitá-las. Os habitantes do local liam o jornal para extrair qualquer detalhe que pudessem, mas as coisas haviam silenciado ultimamente.

Quando Violet e sua filha atravessavam as portas da loja de miudezas, Fanny Darnley, de saída, deu um pequeno suspiro e parou do lado de fora, os olhos arregalados de espanto e satisfação.

A loja cheirava a polimento de lavanda e a rosas antigas do pot-pourri colocado em um cestinho perto da caixa registradora. Até o alto das paredes em todos os lados enfileiravam-se peças de tecido – damascos e musselinas, linhos e algodões. Havia carretéis de linhas em todas as cores do arco-íris e nuvens de novelos de lã. Peças de renda – grossas, finas, de Bruxelas, francesas – estendiam-

se na mesa onde o sr. Mouchemore atendia uma senhora idosa. Desde o balcão no outro extremo da loja, uma série de mesas alinhava-se ao longo de cada lado do salão, com cadeiras para maior conforto dos clientes.

Sentadas a uma das mesas, de costas para Isabel, estavam duas mulheres. Uma era loura; a outra, de cabelos escuros, examinava uma peça de linho verde-claro desenrolada à sua frente. A seu lado, triste e mexendo em uma boneca de pano, estava uma menininha loura, em um imaculado vestido cor-de-rosa, as meias brancas enfeitadas de renda.

Enquanto a mulher examinava o tecido, fazendo perguntas ao atendente sobre preço e quantidade, os olhos da menina vagaram para a entrada para ver quem tinha entrado. Ela largou a boneca e desceu atropeladamente da cadeira.

– Mamãe! – gritou, correndo para Isabel. – Mamãe! Mamãe!

Antes que qualquer pessoa pudesse assimilar o que acontecera, Lucy enlaçara Isabel pelas pernas, apertando-a com todas as forças.

– Oh, Lucy! – Isabel tomou-a nos braços e apertou-a contra si, deixando a criança aconchegar-se em seu pescoço. – Lucy, minha querida!

– Essa mulher má me levou, mamãe! Ela me bateu! – a criança choramingou, apontando.

– Oh, minha pobrezinha, pobre querida! – Isabel apertava a menina contra ela, soluçando ao sentir seu corpo junto ao seu, as pernas ajustadas perfeitamente ao redor de sua cintura e a cabeça encaixada automaticamente no espaço sob seu queixo, como a última peça de um quebra-cabeça. Isabel ficou alheia a qualquer coisa e qualquer um.

Hannah olhava, paralisada: humilhada e desesperada com a atração magnética que Isabel exercia sobre Grace. Pela primeira vez, percebeu a enormidade do que lhe fora roubado. Bem diante dela estava a prova de tudo que lhe haviam roubado. Ela viu as centenas de dias e os milhares de abraços que as duas haviam compartilhado – o amor usurpado. Sentiu um tremor nas pernas e achou que iria

desmoronar no chão. Gwen colocou a mão em seu braço, sem saber o que fazer.

Hannah tentou embargar a humilhação e as lágrimas que ela trazia. A mulher e a criança estavam enlaçadas como um único ser, em um mundo em que ninguém podia entrar. Sentiu ânsia de vômito enquanto tentava manter-se em pé, conservar algum fragmento de dignidade. Esforçando-se para respirar calmamente, pegou sua bolsa do balcão e caminhou com o máximo de firmeza que podia reunir em direção a Isabel.

– Grace, querida – tentou. A criança ainda se aconchegava contra Isabel e nenhuma das duas se mexeu. – Grace, querida, está na hora de irmos para casa. – Estendeu a mão para tocar a menina, que gritou: não um simples grito, mas um berro ressonante, a plenos pulmões, que ricocheteou das janelas.

– Mamãe, faz ela ir embora! Mamãe, *faz!*

A pequena multidão observava, os homens perplexos e as mulheres horrorizadas. As feições da menina estavam distorcidas e roxas.

– Por favor, mamãe! – ela suplicava, uma mãozinha em cada face de Isabel, gritando-lhe as palavras como se quisesse vencer distância ou surdez. Ainda assim, Isabel permaneceu muda.

– Talvez pudéssemos – a frase de Gwen foi interrompida por sua irmã.

– Solte-a! – Hannah gritou, incapaz de chamar Isabel pelo nome. – Você já fez o suficiente – ela continuou com mais calma, em uma voz cheia de mágoa.

– Como pode ser tão cruel? – Isabel explodiu. – Pode ver o estado em que ela está! Você não sabe nada sobre ela... suas necessidades, como tomar conta dela! Tenha um pouco de bom senso, se não consegue ter nenhuma compaixão por ela!

– Solte minha filha! Agora! – Hannah exigiu, tremendo. Estava desesperada para sair da loja, quebrar o elo magnético que as unia. Ela puxou a criança e ficou segurando-a pela cintura, enquanto Lucy resistia e gritava:

– Mamãe! Eu quero mamãe! Me solta!

– Está bem, querida – ela disse. – Sei que você está aborrecida, mas não podemos ficar – e ela continuou, tentando acalmar a menina com palavras enquanto a mantinha segura com força suficiente para impedi-la de se contorcer, se libertar de seus braços e fugir.

Gwen olhou para Isabel e sacudiu a cabeça, em desespero. Então, voltou-se para a sobrinha.

– Shh, shh, meu bem. Não chore – disse, enxugando seu rosto delicadamente com um lençinho de renda. – Vamos para casa e encontraremos um doce para você. Tabatha Tabby deve estar sentindo a sua falta. Vamos, querida.

As palavras apaziguadoras de Hannah e de Gwen continuaram em um fluxo tranquilizador enquanto o trio saía da loja. À porta, Gwen virou-se novamente para contemplar Isabel e o desespero em seus olhos.

Por um instante, ninguém se mexeu. Isabel olhava fixamente para o nada, sem ousar se mover para não perder a sensação de sua filha junto a si. Sua mãe olhou para os atendentes da loja, desafiando-os a fazer qualquer comentário. Finalmente, o rapaz que estivera desenrolando o linho pegou a peça e começou a enrolar o tecido outra vez.

Larry Mouchemore aproveitou isso como a dica para dizer à mulher idosa que estava atendendo:

– E eram só os dois metros que a senhora queria? Da renda?

– Sim... sim, somente dois metros – ela respondeu, o mais normalmente possível, embora tentasse pagar a ele com um pente no lugar das moedas que pretendia tirar de sua bolsa.

– Vamos, querida – Violet disse baixinho. Em seguida, mais alto: – Acho que não quero a mesma lã desta vez. Vou olhar o desenho outra vez e então decidir.

Fanny Darnley, mexericando com uma mulher na calçada, ficou paralisada quando as duas mulheres saíram, somente seus olhos ousando segui-las pela rua.



Knuckey caminha pelo istmo de Point Partageuse, ouvindo as ondas se lançarem na praia nos dois lados. Costuma ir ali para clarear a mente, à noite, após o chá. Ele secou a louça que sua mulher lavou. Ainda sente falta da época em que havia crianças por perto para fazer isso com eles e transformarem tudo em uma brincadeira. Estão crescidos, agora. Sorri à lembrança do pequeno Billy, para sempre com 3 anos de idade.

Entre o indicador e o polegar, ele revira uma concha, fria e redonda como uma moeda. Famílias. Só Deus sabe o que seria dele sem sua família. Era a coisa mais natural do mundo, sem dúvida, que uma mulher quisesse ter filhos. Sua Irene teria feito qualquer coisa para ter Billy de volta. Qualquer coisa. Quando se trata de seus filhos, os pais são apenas instinto e esperança. E temor. Regras e leis saem voando pela janela. A lei é a lei, mas as pessoas são pessoas. Ele pensa novamente no dia em que toda a triste história começou: *Anzac Day*, quando ele estava em Perth para o funeral de sua tia. Ele podia ter ido atrás deles, da turba, Garstone inclusive. Todos os homens que descarregaram sua dor em Frank Roennfeldt, apenas por um instante. Mas isso só teria piorado as coisas. Não se pode confrontar uma cidade inteira com seu erro. Às vezes, esquecer é o único caminho de volta à normalidade.

Seus pensamentos retornaram ao seu prisioneiro. Esse Tom Sherbourne era um enigma. Fechado como uma noz. Não havia como saber o que havia dentro da casca lisa e dura, sem nenhum ponto fraco onde pressionar. O maldito Spragg estava desesperado para pegá-lo. Havia protelado sua vinda o máximo que pôde, mas logo teria que deixá-lo vir e interrogar Sherbourne. Em Albany, ou em Perth, quem sabe o que fariam com ele. Da maneira como estava agindo, Sherbourne era seu próprio pior inimigo.

Ao menos, conseguira manter Spragg longe de Isabel.

– Sabe que não podemos obrigar uma esposa a falar, então fique longe dela. Se puser pressão nela, ela pode se calar para sempre. É isso que você quer? – ele dissera ao sargento. – Deixe-a comigo.

Santo Deus, tudo isso era demais. Uma vida tranquila em uma cidade tranquila, era isso que ele buscara. E agora devia dar sentido a tudo aquilo. Um maldito caso, é o que era. Um caso verdadeiramente maldito. Seu trabalho tinha que ser justo, e impecável. E entregá-lo a Albany quando chegasse a hora. Atirou a concha na água. Não fez sequer barulho, abafado pelo rugido das ondas.



O sargento Spragg, ainda suando da longa viagem desde Albany, tirou uma penugem de sua manga com um piparote. Devagar, voltou-se novamente para os papéis à sua frente.

– Thomas Edward Sherbourne. Data de nascimento, 28 de setembro de 1893.

Tom não fez nenhum comentário à declaração. As cigarras entoavam seu canto estridente na floresta, como se fosse o som do próprio calor.

– Um grande herói de guerra, também. Cruz Militar e Barra. Li suas menções honrosas: capturou uma metralhadora alemã sozinho. Carregou quatro de seus homens para lugar seguro sob fogo de franco-atiradores. E todo o resto. – Spragg deixou um momento transcorrer em silêncio. – Deve ter matado muita gente em sua época.

Tom continuou em silêncio.

– Eu disse – Spragg inclinou-se para ele por cima da mesa – que você deve ter matado muita gente em sua época.

A respiração de Tom continuou inalterada. Olhava diretamente para frente, o rosto inexpressivo.

Spragg deu um murro na mesa.

– Quando eu lhe fizer uma pergunta, acho bom você respondê-la, entendeu?

– Quando me fizer uma pergunta, responderei – Tom disse calmamente.

- Por que você matou Frank Roennfeldt? Isso é uma pergunta.
- Eu não o matei.
- Foi porque ele era alemão? Pelo que dizem, ainda tinha sotaque.
- Ele não tinha sotaque quando o encontrei. Estava morto.
- Você já havia matado muitos deles antes. Mais um não teria feito nenhuma diferença, não é?

Tom soltou um longo suspiro e cruzou os braços.

- Isso também é uma pergunta, Sherbourne.
- De que se trata tudo isso? Já lhe disse que sou responsável por manter Lucy conosco. Já lhe disse que o homem estava morto quando o barco foi dar na praia. Eu o enterrei, e isso também é responsabilidade minha. O que mais você quer?
- Oh, ele é tão corajoso, tão honesto, lidando tão bem com tudo isso, preparado para ir para a cadeia – Spragg disse zombeteiramente, numa cantilena. – Bem, isso não cola comigo, meu caro, compreendeu? É um pouco demais, como se você estivesse querendo se safar de assassinato.

A atitude impassível de Tom irritou-o ainda mais, e ele continuou:

- Já vi seu tipo antes. E já estou cheio de malditos heróis de guerra. Voltaram para cá e esperam ser adorados pelo resto da vida. Menosprezando qualquer um que não tenha usado um uniforme. Bem, a guerra já acabou há muito tempo. Deus sabe que vimos muitos do seu tipo voltar e logo sair dos trilhos. O modo como sobrevivia lá não é o mesmo de um país civilizado e você não vai se safar dessa.

- Isso não tem nada a ver com a guerra.
- Alguém tem que defender a decência comum, e sou eu quem vai fazer isso aqui.
- E quanto ao bom senso, sargento? Pelo amor de Deus, pense nisso! Eu podia ter negado tudo. Eu podia até ter dito que Frank Roennfeldt nem sequer estava no barco e você nem ficaria sabendo. Eu disse a verdade porque eu queria que a mulher dele soubesse o que tinha acontecido e porque ele merecia um enterro decente.

– Ou talvez você tenha contado uma *meia* verdade porque queria aliviar sua consciência e se safar com uma tapa na mão.

– Estou lhe perguntando o que faz sentido.

O sargento olhou-o friamente.

– Sete homens, diz aqui que você matou na fuga com sua metralhadorzinha. Isso me parece a ação de um homem violento. Ou de um implacável assassino. Seu heroísmo pode ser a sua morte – ele disse, reunindo seus papéis. – É difícil ser herói dependurado de uma corda. – Fechou a pasta de arquivo e chamou Harry Garstone para levar o prisioneiro de volta à cela.

## ☞ CAPÍTULO 31 ☞

**D**ESDE O INCIDENTE em Mouchemore's, Hannah raramente colocava o pé fora de casa, e Grace regressou, tornando-se mais retraída, apesar dos melhores esforços da mãe.

– Quero ir para casa. Quero minha mãe – a menina choramingava.

– Eu *sou* sua mãe, Grace, querida. Sei que deve ser confuso para você. – Ela coloca o dedo sob o queixo da menina. – Eu amo você desde o dia em que nasceu. Esperei muito tempo para você vir para casa. Um dia você vai compreender, prometo.

– Quero papai! – a criança continua, afastando o dedo de Hannah com um tapa.

– Papai não pode estar conosco. Mas ele a amava muito. Muito mesmo. – E ela visualiza Frank, seu bebê nos braços. A criança olha para Hannah com perplexidade, às vezes com raiva, e por fim com resignação.

Voltando para casa de uma visita à costureira na semana seguinte, Gwen repassa a situação incessantemente. Preocupa-se com o que acontecerá à sobrinha: era um pecado deixar que uma criança sofresse tanto assim, sem dúvida. Não podia mais ficar de braços cruzados.

Quando passou pela borda do parque, onde ele fazia limite com o matagal, seu olhar foi atraído para uma mulher sentada em um banco, com o olhar fixo ao longe. Notou primeiro o bonito tom de seu vestido verde. Em seguida, percebeu que era Isabel Sherbourne. Passou apressadamente, mas não havia perigo de Isabel vê-la: parecia em transe. No dia seguinte, e no seguinte também, Gwen a viu no mesmo lugar, no mesmo estado de estupefação.

Quem poderia dizer se a ideia já tivesse lhe ocorrido antes da confusão sobre Grace ter arrancado todas as páginas de seu livro de história? Hannah ralhara com ela, depois, aos prantos, ficou tentando reunir as páginas do primeiro livro que Frank comprara para sua filha – os contos de Grimm, em alemão, elaboradamente ilustrado com gravuras em aquarela.

– O que foi que você fez com o livro do papai? Oh, querida, como pôde fazer isso?

A menina reagiu correndo para baixo da cama e enrolando-se como uma bola, fora de alcance.

– Resta tão pouca coisa de Frank... – Hannah soluçou outra vez ao ver as páginas arruinadas em suas mãos.

– Eu sei, Hanny. Eu sei. Mas Grace não sabe. Ela não fez de propósito. – Colocou a mão em seu ombro. – Vamos fazer uma coisa, vai se deitar um pouco enquanto eu saio com ela.

– Ela precisa se acostumar a ficar em sua própria casa.

– Só vamos à casa de papai. Ele vai adorar e o ar fresco vai fazer bem a ela.

– Realmente, não. Eu não quero...

– Vamos, Hanny. Você está precisando descansar.

Hannah suspirou.

– Está bem. Mas direto até lá e de volta.

Quando começaram a descer a rua, Gwen deu um pirulito à sobrinha.

– Você gostaria de um pirulito, não é, Lucy?

– Sim – a menina respondeu, depois inclinou a cabeça para um lado ao notar o nome.

– Agora seja uma boa menina e vamos visitar o vovô.

Os olhos da menina pestanejaram à menção do homem que tinha grandes cavalos e grandes árvores. Ela foi acompanhando a tia, chupando seu pirulito. Não sorriu, mas também não gritou nem berrou, Gwen notou.

Estritamente falando, não havia necessidade de passar pelo parque. Podiam chegar à casa de Septimus mais rapidamente tomando o caminho ao lado do cemitério e da capela metodista.

– Está cansada, Lucy? Que tal descansarmos um pouco? É um longo caminho até a casa do vovô e você é tão pequenininha... – A menina continuou meramente a abrir e fechar seu polegar e seus dedinhos como pinças, experimentando o resíduo pegajoso do doce na mão. Pelo canto do olho, Gwen viu Isabel no banco. – Corra na frente agora, querida. Corra até o banco e eu vou atrás de você. – A criança não correu, mas caminhou vagarosamente, arrastando a boneca de pano pelo chão. Gwen manteve uma certa distância e ficou observando.

Isabel piscou.

– Lucy? Querida! – exclamou, tomando-a nos braços antes de ocorrer-lhe verificar como Lucy chegara ali.

– Mamãe! – a criança gritou, agarrando-se a ela com força.

Isabel virou-se e viu Gwen um pouco afastada. Gwen fez um sinal com a cabeça para ela, como se dissesse “Vá em frente.”

O que quer que a mulher estivesse fazendo, ou por quê, Isabel não se importava. Chorava, abraçada à menina, depois a segurou com os braços esticados para vê-la melhor. De algum modo, apesar de tudo, talvez Lucy ainda pudesse ser dela. Um calor reconfortante espalhou-se por ela diante da ideia.

– Oh, você emagreceu, querida! Está pele e osso. Deve ser uma boa menina e comer. Pela mamãe. – Gradualmente, assimilou as outras mudanças na filha: os cabelos partidos do outro lado; um vestido feito de fina musselina, salpicado de margaridas; sapatos novos com borboletas nas fivelas.

O alívio inundou Gwen ao ver a reação da sobrinha. Ela estava vendo uma criança completamente diferente, repentinamente segura com a mãe que amava. Deixou-as sozinhas o máximo de tempo que ousou deixar, antes de se aproximar.

– É melhor eu levá-la agora. Eu não tinha certeza se você estaria aqui.

– Mas... eu não compreendo...

– É tudo muito terrível. Muito difícil para todos. – Sacudiu a cabeça e suspirou. – Minha irmã é uma boa pessoa, realmente é. Ela tem sofrido muito. – Balançou a cabeça na direção da menina. – Tentarei trazê-la outra vez. Não posso prometer. Seja paciente. É tudo que posso dizer. Seja paciente e talvez... – Deixou a frase suspensa no ar. – Mas, por favor, não diga a ninguém. Hannah não entenderia. Ela jamais me perdoaria... Vamos agora, Lucy – ela disse, estendendo os braços para a menina.

A criança agarrou-se a Isabel.

– Não, mamãe! Não vá embora!

– Vamos, docinho. Seja boazinha para a mamãe, sim? Você tem que ir com essa senhora agora, mas eu a verei logo outra vez, prometo.

Ainda assim, a criança continuou agarrada.

– Se você for boazinha agora, nós podemos voltar outro dia – Gwen disse sorrindo, puxando-a delicadamente.

Um resquício de racionalidade impediu Isabel de dar vazão ao seu impulso de arrancar a criança da mulher. Não. Se pudesse ser paciente, a mulher prometera trazê-la de novo. Quem sabe o que mais poderia mudar com o tempo?

Gwen levou muito tempo para acalmar a sobrinha. Carregou-a, aconchegou-a no colo, aproveitando qualquer oportunidade para distraí-la com charadas e trechos de cantigas infantis. Ainda não sabia ao certo como iria fazer seu plano funcionar, mas simplesmente não podia mais suportar ver a pobre criança afastada da mãe. Hannah sempre tivera um traço de teimosia, e Gwen temia que isso a estivesse cegando agora. Perguntou-se quais as possibilidades de manter o encontro em segredo. Ainda que não conseguisse, valia a pena tentar. Quando Grace finalmente se acalmou, Gwen perguntou:

– Você sabe o que é um segredo, querida?

– Sim – ela murmurou.

– Ótimo. Então, nós vamos fazer uma brincadeira de segredos, está bem?

A menina ergueu os olhos para ela, querendo entender.

– Você ama a mamãe Isabel, não é?

– Sim.

– E eu sei que você quer vê-la de novo. Mas Hannah pode ficar um pouco zangada, porque ela está muito triste, então não devemos contar a ela, nem ao vovô, está bem?

O rosto da criança se contraiu.

– Temos que manter isso em segredo, e se alguém perguntar o que fizemos hoje, você diga apenas que fomos à casa do vovô. Não deve contar a ninguém que viu sua mãe. Compreende, querida?

A menina continuou a fazer beicinho enquanto balançava a cabeça gravemente, a confusão evidente em seus olhos.



– Ela é uma criança inteligente. Sabe que Isabel Sherbourne não está morta, nós a vimos na Mouchemore's. – Hannah estava novamente no consultório do dr. Sumpton, desta vez sem a filha.

– Estou lhe dizendo, como profissional, que a única cura para a sua filha é o tempo, e mantê-la longe da sra. Sherbourne.

– Eu só pensei... bem, pensei que se conseguisse que ela me contasse sobre... sobre sua outra vida. Lá na ilha. Isso ajudaria?

Ele soltou uma baforada do seu cachimbo.

– Pense desta forma: se eu tivesse acabado de tirar seu apêndice, a última coisa a fazer seria abrir a ferida a cada cinco minutos e remexer nela para ver se tinha sarado. Sei que é difícil, mas é um caso em que quanto menos se disser, mais rápida será a cura. Ela vai superar.

Mas ela não mostrava nenhum sinal de superação, pelo que Hannah podia ver. A criança ficou obcecada em arrumar os brinquedos em

ordem e fazer sua cama com perfeição. Ela deu um tapa no gatinho por ter derrubado a casa de bonecas e mantinha a boca fechada como a bolsa de um pão-duro, não querendo deixar escapar nenhum sinal de afeto àquela mãe impostora.

Ainda assim, Hannah perseverava. Contava-lhe histórias: sobre florestas e os homens que trabalhavam nelas; sobre a escola em Perth e o que ela fazia lá; sobre Frank e sua vida em Kalgoorlie. Ela cantava suas canções infantis em alemão, apesar da criança não prestar nenhuma atenção. Fazia roupas para suas bonecas e pudins para o jantar. A menina reagia desenhando. Sempre os mesmos desenhos. Mamãe, papai e Lulu no farol, seu facho de luz brilhando até a borda da página, afastando a escuridão à volta.



Da cozinha, Hannah podia ver Grace sentada no chão da sala de estar, conversando com seus pregadores de roupas. Ultimamente, ela estava mais ansiosa do que nunca, exceto quando estava perto de Septimus, de modo que sua mãe estava contente de vê-la brincando tranquilamente. Aproximou-se da porta, para ouvir.

– Lucy, tome um doce – disse um pregador.

– Humm – disse outro pregador, ao devorar o ar que a criança entregou com as pontas dos dedos.

– Tenho um segredo especial – disse o primeiro pregador. – Venha com tia Gwen. Quando Hannah está dormindo.

Hannah observou atentamente, um suor frio espalhando-se pelo seu corpo.

Do bolso de seu avental, Grace pegou um limão e cobriu-o com um lenço.

– Boa-noite, Hannah – disse tia Gwen. – Agora vamos visitar mamãe no parque.

Grace fez barulhos de beijos, pressionando dois pregadores um contra o outro.

– Minha querida Lucy. Vamos, querida. Vamos embora para Janus. – E os pregadores saíram saltitando um pouco pelo tapete.

O assovio da chaleira espantou a criança e ela se virou e viu Hannah no vão da porta. Atirou os pregadores no chão, dizendo:

– Lucy malvada! – e deu um tapa na própria mão.

O horror de Hannah diante da charada transformou-se em desespero frente a esta última repreensão: era assim que sua filha a via. Não como a mãe que a amava, mas como uma tirana. Tentou manter a calma, enquanto pensava no que fazer.

Suas mãos tremiam um pouco quando preparou um pouco de chocolate quente e levou para Lucy na sala.

– Que brincadeira interessante que você está fazendo, querida – ela disse, lutando contra o tremor em sua voz.

A criança permaneceu imóvel, sem falar, nem beber da caneca em sua mão.

– Você sabe algum segredo, Grace?

A menina balançou a cabeça devagar.

– Aposto que são segredos lindos.

Novamente, o queixinho moveu-se para baixo e para cima, enquanto os olhos tentavam descobrir quais as regras a seguir.

– Vamos fazer uma brincadeira?

A criança deslizou o dedo do pé de um lado para o outro, fazendo um arco no chão.

– Vamos fazer um jogo em que eu tento adivinhar seu segredo. Assim ainda é um segredo porque você não me contou. E se eu adivinhar, você pode ganhar um pirulito como prêmio. – O rosto da menina ficou tenso, enquanto Hannah sorria desajeitadamente. – Acho que você foi visitar aquela senhora de Janus. Está certo?

A criança começou a balançar a cabeça, em seguida parou.

– Nós vimos o homem na casa grande. Seu rosto era cor-de-rosa.

– Não vou ficar zangada com você, querida. É bom visitar às vezes, não é? A senhora lhe deu um grande abraço?

– Sim – ela disse devagar, tentando decidir, enquanto falava, se isso fazia parte do segredo ou não.

Enquanto Hannah tirava a roupa lavada da corda meia hora mais tarde, seu estômago ainda se revolvia. Como sua própria irmã podia ter feito tal coisa? As expressões nos rostos dos fregueses na Mouchemore's voltaram à sua mente, e ela teve a sensação de que eles podiam ver algo que ela não conseguia ver – todos, inclusive, Gwen, estavam rindo às suas costas. Deixou uma anágua pendurada por um único prendedor na corda, dirigiu-se para dentro de casa e entrou intempestivamente no quarto de Gwen.

– Como pôde?

– O que é que houve, pelo amor de Deus? – Gwen perguntou.

– Como se você não soubesse!

– O que foi, Hannah?

– Sei o que você fez. Sei aonde você levou Grace.

Foi a vez de Hannah se surpreender quando as lágrimas brotaram nos olhos de sua irmã, e ela disse:

– Aquela pobre criança, Hannah.

– *O quê?*

– A pobrezinha! Sim, eu a levei para ver Isabel Sherbourne. No parque. E deixei que conversassem. Mas eu fiz isso por *ela*. A criança não sabe mais quem ela é. Eu fiz isso por *ela*, Hanny, por Lucy.

– O nome dela é Grace! Seu nome é Grace, ela é minha filha e eu só quero que seja feliz e – sua voz perdeu as forças quando ela desatou a soluçar. – Eu sinto falta de Frank. Oh, meu Deus, sinto sua falta, Frank. – Olhou para sua irmã. – E você a leva para a mulher do homem que o enterrou em uma vala! Como pôde sequer pensar nisso? Grace tem que esquecer-los. Os dois. *Eu* sou a mãe dela!

Gwen hesitou, depois se aproximou da irmã e abraçou-a delicadamente.

– Hannah, você sabe o quanto eu lhe quero bem. Tentei fazer de tudo para ajudá-la, desde aquele dia. E tentei muito desde que ela

veio para casa. Mas este é o problema. Não é a casa *dela*, não é? Não suporto ver o sofrimento dela. E não suporto ver o quanto isso a magoa.

Hannah respirou fundo entre um soluço e outro.

Gwen endireitou os ombros.

– Acho que você devia devolvê-la. A Isabel Sherbourne. Acho que simplesmente não há outra maneira. Pelo bem da criança. E pelo seu, querida. Pelo seu.

Hannah recuou, a voz cortante como aço.

– Ela nunca mais verá essa mulher, enquanto eu viver. Nunca!

Nenhuma das duas irmãs viu o rostinho espreitando pela abertura da porta; os pequenos ouvidos que ouviam tudo naquela casa tão, tão estranha.



Vernon Knuckey estava sentado do outro lado da mesa, em frente a Tom.

– Pensei que eu já tivesse visto todo tipo de gente, até você aparecer. – Olhou para a folha diante dele outra vez. – Um barco vai dar na praia e você diz a si mesmo: “Parece um belo bebê. Posso ficar com ele e ninguém jamais descobrirá.”

– Isso é uma pergunta?

– Está tentando dificultar as coisas?

– Não.

– Quantos filhos Isabel havia perdido?

– Três. Você sabe disso.

– Mas foi *você* quem resolveu ficar com o bebê. Não a mulher que perdera três filhos? Tudo ideia *sua*, porque achou que as pessoas não iriam pensar que você era um verdadeiro homem sem gerar filhos. Está me achando um idiota?

Tom não disse nada e Knuckey inclinou-se em sua direção, a voz mais branda.

– Sei como é perder um filho pequeno. E sei o que isso fez à minha mulher. Quase ficou louca com isso por algum tempo. – Esperou, mas não obteve nenhuma reação. – Eles serão benevolentes com ela, sabe.

– Eles não vão tocar nela – Tom disse.

Knuckey sacudiu a cabeça.

– A audiência preliminar será na semana que vem, quando o juiz virá à cidade. Daí pra frente, você será problema de Albany, e Spragg vai recebê-lo de braços abertos, e só Deus sabe o que vai acontecer. Ele está contra você e, lá em Albany, não haverá nada que eu possa fazer para impedi-lo.

Tom não disse nada.

– Quer que eu avise alguém da audiência?

– Não. Obrigado.

Knuckey lançou-lhe um olhar. Estava prestes a sair, quando Tom disse:

– Posso escrever à minha mulher?

– É claro que não pode escrever para a sua mulher. Não pode interferir com testemunhas em potencial. Se é assim que você vai lidar com esta situação, tem que seguir as regras, rapaz.

Tom olhou-o de cima a baixo.

– Só um pedaço de papel e um lápis. Pode ler se quiser... Ela é minha mulher.

– E eu sou a polícia, pelo amor de Deus.

– Não me diga que nunca quebrou uma regra, nunca fingiu não ver a infração de um pobre coitado... Um pedaço de papel e um lápis.



Ralph entregou a carta a Isabel naquela tarde. Ela aceitou-a com relutância, a mão trêmula.

– Vou deixá-la com sua leitura, então. – Ele estendeu a mão e tocou em seu braço. – Esse homem precisa de sua ajuda, Isabel –

ele disse, com gravidade.

– E minha filhinha também – ela disse, com lágrimas nos olhos.

Quando ele saiu, ela levou a carta para seu quarto e ficou olhando fixamente para ela. Levou-a ao rosto e cheirou-a, para encontrar algum vestígio do marido, mas não havia nada de singular nela – nenhum vestígio do homem. Pegou uma tesourinha de unhas da penteadeira e começou a cortar o canto, mas algo paralisou seus dedos. O rosto de Lucy flutuou diante dela, gritando, e ela estremeceu à lembrança de que fora Tom quem causara tudo isso. Largou a tesourinha e enfiou a carta em uma gaveta, fechando-a devagar, sem nenhum ruído.



A franha está molhada de lágrimas. Uma nesga da lua pendura-se na janela, fraca demais para sequer iluminar seu próprio caminho pelo céu. Hannah observa-a. Há tanta coisa no mundo que ela gostaria de partilhar com sua filha, mas de algum modo a criança e o mundo lhe foram usurpados.

Queimadura de sol. No começo, fica surpresa com a lembrança irrelevante que se apresentou espontaneamente, sem ser evocada. Uma governanta inglesa, pouco familiarizada com o próprio conceito de queimadura de sol, quanto mais com seu tratamento, colocara-a em uma banheira de água quente “para tirar o calor” da queimadura que ela conseguira por ter ficado tempo demais ao sol na baía quando seu pai estava ausente.

– Não adianta reclamar – a mulher dissera à menina Hannah, de 10 anos. – Está lhe fazendo bem, a dor.

Hannah continuara a gritar até que finalmente a cozinheira fora ver quem estava sendo assassinado e tirou-a da água quente.

– Nunca ouvi tamanha besteira em minha vida! – a cozinheira declarara. – A última coisa que se faz com uma queimadura é *queimá-la*. Não é preciso ser uma Florence Nightingale para saber isso!

Mas Hannah não ficara com raiva, lembra-se. A governanta realmente acreditava que estava agindo certo. Só queria o melhor para ela. Só estava lhe infligindo dor para ajudá-la.

Repentinamente furiosa com a fraqueza da lua, ela atira o travesseiro do outro lado do quarto e soca o colchão inúmeras vezes com o punho cerrado.

– Eu quero minha *Grace* de volta – diz num sussurro, entre lágrimas. – Esta não é *minha* Grace! – Seu bebê havia morrido, afinal de contas.



Tom ouviu o chocalhar das chaves.

– Boa-tarde – disse Gerald Fitzgerald, conduzido por Harry Garstone. – Desculpe o atraso. O trem atingiu um rebanho de ovelhas logo depois de Bunbury. Nos atrasou um pouco.

Tom encolheu os ombros.

– Eu não ia a lugar nenhum.

O advogado arrumou seus papéis na mesa.

– Audiência preliminar em quatro dias.

Tom assentiu.

– Já mudou de ideia?

– Não.

Fitzgerald suspirou.

– O que está esperando?

Tom olhou para ele e o advogado repetiu.

– O que diabos você está esperando? A maldita cavalaria não vai surgir de repente de trás do morro, amigo. Ninguém virá salvá-lo, além de mim. E só estou aqui porque o capitão Addicott pagou meus honorários.

– Eu pedi a ele que não desperdiçasse seu dinheiro.

– Não tem que ser um desperdício de dinheiro! Você poderia me deixar ganhar a causa, você sabe.

– Como?

– Deixe-me lhe dizer a verdade, dar-lhe a chance de sair dessa como um homem livre.

– Acha que destruir minha mulher poderia fazer de mim um homem livre?

– Tudo que estou dizendo é que metade dessas acusações pode ter uma boa defesa, independentemente do que você tenha feito: ao menos, exigir que sejam provadas. Se você se declarasse inocente, a Coroa teria que provar cada elemento de cada crime. Esse maldito Spragg e sua miscelânea de acusações: deixe-me tentar acabar com ele, nem que seja pelo meu orgulho profissional!

– Se eu me declarar culpado de tudo, eles deixarão minha mulher em paz, você disse. Você conhece a lei. E eu sei o que quero fazer.

– Pensar e fazer são duas coisas diferentes, você vai ver. A prisão de Fremantle é um inferno. Uma maldita maneira de passar vinte anos!

Tom fitou-o diretamente nos olhos.

– Quer conhecer um maldito lugar para cumprir pena? Vá para Pozieres, Bullecourt, Passchendaele. Vá lá, depois me diga o quanto é terrível um lugar em que lhe dão uma cama, comida e um teto sobre sua cabeça.

Fitzgerald olhou para seus papéis e fez uma anotação.

– Se você me disser para dar entrada em uma confissão de culpa, é o que eu farei. E você vai pagar pelo pacote inteiro. Mas você precisa ser esclarecido sobre o que o espera, até onde eu sei... E é melhor rezar a Nosso Senhor Jesus Cristo para que Spragg não acrescente algumas acusações depois que você chegar a Albany.

## ☞ CAPÍTULO 32 ☞

— **Q**UAL É O PROBLEMA? – Vernon Knuckey quis saber, quando Harry Garstone fechou a porta e ficou parado, calado, no escritório do sargento.

Garstone remexeu os pés e limpou a garganta, sacudindo a cabeça na direção da frente da delegacia.

– Desembuche, policial.

– Tem uma visita.

– Para mim?

– Para o senhor, não.

Knuckey lançou-lhe um olhar de advertência.

– É para Sherbourne, senhor.

– E daí? Você sabe o que fazer, pelo amor de Deus. Registre e mande entrar.

– É... Hannah Roennfeldt, senhor.

O sargento empertigou-se na cadeira.

– Oh.

Fechou uma pasta de arquivo sobre sua mesa e esfregou o queixo.

– Acho que é melhor eu ir dar uma palavra com ela.

Knuckey parou junto ao balcão na sala da frente da delegacia.

– Não é um procedimento comum deixar membros da família da vítima verem o acusado, sra. Roennfeldt.

Hannah manteve o sargento sob seu olhar impassível, silencioso, forçando-o a continuar falando.

– Acho que seria realmente inusitado. Com todo o respeito...

– Mas não é contra as normas? Não é ilegal, é?

– Olhe, minha senhora. Já vai ser muito difícil para a senhora quando tudo for parar diante do Tribunal. Acredite em mim: é algo perturbador, um julgamento como este. A senhora não vai realmente querer causar confusão para si mesma antes mesmo que ele comece.

– Quero vê-lo. Quero olhar nos olhos dele, o homem que matou minha filha.

– *Matou* sua filha? Espera aí.

– O bebê que eu perdi nunca mais vai voltar, sargento, nunca. Grace nunca mais será a mesma.

– Olhe, não sei bem o que está querendo dizer, sra. Roennfeldt, mas de qualquer modo...

– Tenho esse direito, não acha?

Knuckey suspirou. A mulher estava em estado lastimável. Ela já assombrava a cidade havia anos. Talvez com isso ela pudesse finalmente dar descanso aos seus fantasmas.

– Espere aqui, por favor.

Tom levantara-se, ainda atônito com a notícia.

– Hannah Roennfeldt quer falar *comigo*? Para quê?

– Você não é obrigado, é claro. Posso mandá-la embora.

– Não... – Tom disse. – Eu a verei. Obrigado.

– Você é quem sabe.

Alguns instantes depois, Hannah entrou, seguida pelo policial Garstone carregando uma pequena cadeira de madeira. Ele a colocou a uma certa distância das barras de ferro.

– Deixarei a porta aberta, sra. Roennfeldt, e esperarei lá fora. Ou posso permanecer aqui, se a senhora quiser.

– Não é necessário. Não vou demorar.

Garstone fez uma cara de desagrado e chocalhou o molhe de chaves.

– Certo. Vou deixá-la aqui, então, madame – ele disse, marchando de volta para o corredor.

Hannah olhou fixamente para Tom, assimilando cada centímetro de sua figura: a pequena cicatriz em forma de gancho, deixada por um estilhaço, logo abaixo da orelha esquerda; os lóbulos das orelhas desapegados, os dedos longos e elegantes, apesar dos calos.

Ele se submeteu à sua inspeção sem hesitar, como uma caça se oferecendo a um caçador à queima-roupa. Durante todo o tempo, cenas se sucederam em sua mente – o barco, o corpo, o chocalho, tudo vívido e nítido. Em seguida, outras lembranças – escrevendo a primeira carta tarde da noite na cozinha dos Graysmark, o nó em suas entranhas enquanto escolhia as palavras; a maciez da pele de Lucy, sua risadinha, o modo como seus cabelos flutuavam como algas marinhas quando ele a segurava dentro d'água na Praia do Naufrágio. O instante em que ele descobriu que desde o início já conhecia a mãe da criança. Podia sentir o suor em suas costas.

– Muito obrigada por me deixar vê-lo, sr. Sherbourne...

Se Hannah o tivesse xingado ou atirado a cadeira na grade, Tom teria ficado menos chocado do que com toda aquela civilidade.

– Entendo que não era obrigado.

Ele fez apenas um breve sinal com a cabeça.

– Estranho, não é? – ela continuou. – Até poucas semanas atrás, se por acaso pensasse em você, teria sido com gratidão. Mas como se viu, era de você que eu devia ter tido medo naquela noite, não do bêbado. – “Ter ido à guerra muda um homem”, você disse. “Não consigo ver a diferença entre certo e errado.” Finalmente compreendi o que quis dizer.

Em voz firme, ela perguntou:

– Eu preciso saber: tudo isso foi obra sua?

Tom balançou a cabeça, devagar, com gravidade.

A dor passou rapidamente pelo rosto de Hannah, como se tivesse recebido um tapa.

– Lamenta o que fez?

A pergunta foi como uma facada nele, e Tom focalizou o olhar em um nó da tábua do assoalho.

– Lamento mais do que poderia dizer.

– Você não pensou nem por um instante que a criança devia ter uma mãe? Não lhe ocorreu que ela devia ser amada, que sua falta era sentida? – Ela relanceou o olhar pela cela, depois olhou novamente para Tom. – *Por quê? Se eu pudesse entender por que você fez isso...*

Seu maxilar estava cerrado.

– Eu realmente não sei dizer por que fiz o que fiz.

– Tente. Por favor?

Ela merecia a verdade. Mas não havia nada que ele pudesse lhe dizer sem trair Isabel. Ele fizera o que era importante – Lucy fora devolvida e ele assumira as consequências. O resto eram apenas palavras.

– Realmente, não posso lhe dizer.

– Aquele policial de Albany acha que você matou meu marido. Matou?

Ela olhou-o diretamente nos olhos.

– Juro a você, ele já estava morto quando o encontrei... Sei que devia ter agido de modo diferente. Sinto muito pelo mal que as decisões que tomei desde aquele dia causaram. Mas seu marido já estava morto.

Ela respirou fundo, prestes a ir embora.

– Faça o que quiser comigo. Não estou pedindo perdão – Tom disse –, mas minha mulher... não teve escolha. Ela ama essa menininha. Cuidou dela como se só houvesse ela no mundo. Tenha compaixão dela.

A amargura no rosto de Hannah desfez-se em exausta tristeza.

– Frank era um homem adorável – ela disse, e saiu vagarosamente pelo corredor.

Na luz turva, Tom ouvia as cigarras que pareciam marcar os segundos, milhares de cada vez. Notou que abria e fechava as mãos, como se elas pudessem levá-lo a algum lugar que seus pés não podiam. Olhou para elas e, por um instante, considerou tudo que haviam feito. Esse conjunto de células e músculos e

pensamentos era sua vida – e no entanto, sem dúvida, era muito mais. Voltou ao presente, às paredes quentes e ao ar abafado. O último degrau da escada que poderia levá-lo para fora do inferno acabara de ser retirado.



Por muitas horas de cada vez, Isabel tirava Tom de sua mente: ajudando sua mãe na casa; admirando as pinturas que Violet guardara, feitas por Lucy durante suas breves visitas no passado; quando sentia ainda mais profundamente a dor de perder sua filha. Então, pensamentos sobre Tom vinham rastejando de volta e ela se lembrava da carta que Ralph havia entregue, relegada ao fundo da gaveta.

Gwen prometera levar Lucy para vê-la outra vez, mas ela não aparecera no parque nos dias seguintes, apesar de Isabel ter esperado durante horas. Mas não podia desanimar, enquanto houvesse o menor fio de esperança de tornar a ver a filha. Ela devia odiar Tom, por Lucy. E, no entanto... Pegou a carta, observou o rasgo no canto onde ela começara a abri-la. Devolveu-a à gaveta e saiu apressadamente para o parque, para esperar, por via das dúvidas.



– Diga-me o que quer que eu faça, Tom. Sabe que eu quero ajudá-lo. Por favor, diga-me o que fazer. – A voz de Bluey era tensa e seus olhos brilhavam.

– Não há nada mais a ser feito, Blue. – A cela de Tom estava quente e cheirava a desinfetante da limpeza feita uma hora antes.

– Quisera nunca ter visto aquele chocalho. Devia ter ficado de boca fechada. – Ele agarrou as barras da grade. – Aquele sargento de Albany veio me ver, fazendo todo tipo de pergunta sobre você, se costumava usar os punhos, se bebia. Ele também foi falar com

Ralph. As pessoas estão falando... estão falando sobre assassinato, pelo amor de Deus, Tom. No pub estão falando em *enforcamento!*

Tom fitou-o nos olhos.

– Você acredita neles?

– Claro que não acredito neles. Mas sei que esse tipo de falatório adquire vida por si só. E acredito que um sujeito inocente pode ser acusado de algo que nunca fez. Não adianta dizer que lamenta depois que ele estiver morto. – A expressão de Bluey continuou implorando a Tom silenciosamente.

– Há coisas que são difíceis de explicar – Tom disse. – Há razões para eu ter feito o que fiz.

– Mas *o que* você fez?

– Fiz algumas coisas que arruinaram a vida de várias pessoas, e agora é hora de pagar.

– Estão dizendo que o velho Potts acha que, se a mulher de um sujeito não fica do lado dele, então ele deve ter feito algo muito ruim mesmo.

– Obrigado, companheiro. Você é realmente um grande consolo.

– Não caia sem lutar, Tom. Prometa-me!

– Vou ficar bem, Blue.

Mas quando os passos de Bluey se perderam no corredor, Tom se perguntou até onde isso seria verdade. Isabel não respondera sua carta e ele tinha que encarar o fato de que podia ser pela pior das razões. Ainda assim, tinha que se apegar ao que conhecia dela, a quem sabia que ela era.



Na periferia da cidade há antigas cabanas dos lenhadores, precárias construções de tábuas que iam de abandonadas e respeitáveis. Situam-se em pequenos terrenos, perto da estação de bombeamento de água que abastece a cidade. Uma delas, Isabel sabe, é onde Hannah Roennfeldt vive e para onde sua adorada Lucy foi levada. Isabel esperou em vão que Gwen aparecesse.

Desesperada, ela agora vai procurar Lucy. Só para ver onde ela está. Só para saber que ela está conseguindo suportar. É meio-dia e não há ninguém na rua larga, ladeada de jacarandás.

Uma das casas é particularmente bem conservada. A madeira foi pintada recentemente, a grama está cortada e, ao contrário das outras, é cercada por uma cerca viva alta, mais eficaz do que uma cerquinha de madeira para afastar os olhares curiosos. Isabel vai para a ruela que passa nos fundos das casas e, de trás da cerca viva, ouve o rangido metálico ritmado. Ela espreita por uma pequena brecha na folhagem e sua respiração se acelera ao ver sua filhinha, conduzindo um triciclo para cima e para baixo no quintal. Sozinha, ela não exhibe nenhuma expressão de felicidade ou de tristeza, apenas de feroz concentração enquanto pedala. Ela está tão perto: Isabel quase poderia tocá-la, abraçá-la, reconfortá-la. De repente, parece-lhe absurdo que ela não possa estar com a filha – como se a cidade inteira tivesse enlouquecido e ela fosse a única pessoa sã que restasse.

Ela examina a situação. O trem vem uma vez ao dia de Perth até Albany e uma vez por dia de Albany a Perth. Se ela esperasse até o último minuto para embarcar, haveria uma chance de que ninguém a notasse? Que a ausência da criança não fosse descoberta? Em Perth, seria mais fácil imiscuir-se no anonimato. Depois, poderia ir para Sydney de barco. Até mesmo para a Inglaterra. Uma nova vida. O fato de não ter um único xelim em seu nome – nunca teve uma conta bancária – não parece impedi-la. Ela observa a filha e avalia seu próximo passo.



Harry Garstone bateu insistentemente na porta dos Graysmark. Bill atendeu, depois de espreitar pelo vidro para ver quem poderia ser àquela hora.

– Sr. Graysmark – o policial disse, com um aceno categórico da cabeça.

– Boa-noite, Harry. O que o traz aqui?  
– Assunto oficial.  
– Compreendo – Bill disse, preparando-se para mais notícias ruins.

– Estou à procura da garota Roennfeldt.

– *Hannah?*

– Não, sua filha. Grace.

Bill levou alguns instantes para perceber que ele falava de Lucy, e lançou um olhar inquiridor ao policial.

– Ela está aqui? – Garstone perguntou.

– Claro que não. Por que diabos...?

– Bem, ela não está com Hannah Roennfeldt. Está desaparecida.

– Hannah perdeu-a?

– Ou foi levada. Sua filha está em casa?

– Está.

– Tem certeza? – ele perguntou, apenas levemente decepcionado.

– Claro que tenho certeza.

– Esteve aqui o dia inteiro?

– O dia inteiro, não. O que está querendo dizer? Onde está Lucy?

A essa altura, Violet já estava atrás de Bill.

– O que está havendo?

– Preciso ver sua filha, sra. Graysmark – Garstone disse. – Pode chamá-la, por favor?

Relutante, Violet dirigiu-se ao quarto de Isabel, mas estava vazio. Correu para os fundos, onde a encontrou sentada no balanço, fitando o espaço vazio.

– Isabel! É Harry Garstone!

– O que ele quer?

– Acho melhor você vir falar com ele – Violet disse, e algo em seu tom de voz fez Isabel seguir sua mãe pela casa até a porta da frente.

– Boa-noite, sra. Sherbourne. Estou aqui por causa de Grace Roennfeldt – Garstone começou a dizer.

– O que tem ela? – Isabel perguntou.

– Quando a viu pela última vez?

– Ela não se aproximou mais da menina desde que voltou – sua mãe protestou, antes de se corrigir. – Bem, ela... a encontrou por acaso na Mouchemore's, mas essa foi a única vez.

– É verdade, sra. Sherbourne?

Isabel não respondeu, então seu pai disse:

– Claro que é. O que acha que ela...

– Não, papai. Na verdade, eu a vi.

Os pais de Isabel voltaram-se para ela, boquiabertos e confusos.

– No parque, há três dias. Gwen Potts a levou para me ver. – Isabel considerou se devia contar mais. – Eu não fui à procura dela, Gwen a levou até mim, eu juro. Onde está Lucy?

– Sumiu. Desapareceu.

– Quando?

– Achei que a senhora poderia me dizer isso – disse o policial. – Sr. Graysmark, permite que eu dê uma olhada? Só por garantia.

Bill estava prestes a protestar, mas a nova informação dada por Isabel o preocupava.

– Não há nada a esconder nesta casa. Olhe onde quiser.

O policial, que ainda se lembrava de ter sido castigado com a vara por Bill Graysmark por trapacear na prova de matemática, fez um grande alarde, abrindo armários e olhando embaixo das camas, apesar de um certo nervosismo, como se não fosse impossível que o diretor da escola ainda pudesse lhe dar umas seis varadas. Finalmente, retornou ao corredor.

– Obrigado. Se a virem, não deixem de nos avisar.

– Avisar vocês! – Isabel estava indignada. – Você ainda não iniciou uma busca? Por que não está lá fora procurando por ela?

– Isso não é problema seu, sra. Sherbourne.

Assim que Garstone saiu, Isabel virou-se para o pai.

– Papai, temos que encontrá-la! Onde ela poderia estar? Tenho que ir.

– Calma, Izz. Deixe-me ver se consigo me informar melhor com Vernon Knuckey. Vou telefonar para a delegacia e ver o que está acontecendo.

## ☞ CAPÍTULO 33 ☞

**D**ESDE OS SEUS PRIMEIROS DIAS, a criança de Janus Rock tem experimentado os extremos da vida humana como a norma. Quem sabe que lembranças viscerais de sua primeira viagem à ilha, e a cena que a causou, permanecem em seu corpo? Ainda que tenham sido inteiramente apagadas, os dias que viveu no farol, em um mundo habitado apenas por três pessoas, penetraram em seu ser. Sua ligação com o casal que a criou é extremamente forte e fora de questionamento. Ela não consegue nomear a sensação de perdê-los. Ela não possui nenhuma palavra para saudade ou desespero.

Mas ela anseia por sua mãe e seu pai, sente a falta deles e passa os dias pensando neles, mesmo agora que já está em terra firme há semanas. Ela deve ter feito uma travessura muito grande para fazer sua mãe chorar tanto. Quanto à mulher de cabelos e olhos escuros que diz ser sua verdadeira mãe... É errado mentir. Então, por que essa senhora triste insiste em dizer uma mentira tão grande, e para todo mundo? Por que os adultos deixam que ela faça isso?

Ela sabe que sua mãe está ali em Partageuse. Sabe que os homens maus levaram seu pai, mas não sabe para onde. Ela ouviu a palavra "polícia" muitas vezes, mas tem apenas uma vaga ideia de quem são eles. Ela escutou muitas conversas. Pessoas na rua murmurando "Que confusão, que situação terrível." Hannah dizendo que ela nunca mais vai ver sua mãe de novo.

Janus é enorme, mas ela conhece cada centímetro da ilha: Praia do Naufrágio, Enseada Traíçoeira, Pontal do Vento. Para chegar em casa, ela só precisa procurar o farol, seu pai sempre disse. Ela sabe, pois já ouviu dizer isso muitas vezes, que Partageuse é um lugar muito pequeno.

Enquanto Hannah está na cozinha e Gwen está fora, a menina vai para seu quarto. Olha à sua volta. Cuidadosamente, afivela suas

sandálias. Em uma bolsa, guarda um desenho do farol com mamãe, papai e Lulu. Ela acrescenta a maçã que a senhora lhe deu naquela manhã; os pregadores de roupa que ela usa como bonecas.

Ela fecha a porta dos fundos silenciosamente e vistoria a cerca viva nos fundos do quintal, até encontrar uma brecha larga o suficiente para passar por ali. Ela se encontrou com sua mãe no parque. Ela irá para lá. Vai encontrá-la. Elas encontrarão seu pai. Eles irão para casa.

É final de tarde quando ela embarca em sua missão. O sol está se inclinando no lado do céu e as sombras das árvores já se esticam como borracha em comprimentos improváveis.

Tendo se esgueirado pela cerca viva, a menina arrasta sua bolsa pelo chão conforme abre caminho pelo mato baixo atrás da casa. Os sons aqui são muito diferentes de Janus. Tantos pássaros, chamando uns aos outros. Enquanto vagueia, o mato torna-se mais denso e a vegetação mais verde. Ela tem medo dos lagartos que vê correndo de um lado para o outro agora – pretos, ligeiros e escamosos – na vegetação rasteira. Os lagartos não vão lhe fazer mal, ela sabe muito bem. Mas ela não sabe que, ao contrário de Janus, aqui nem tudo que é preto e escorregadio é um lagarto. Ela nunca teve que fazer a distinção vital entre lagartos que têm pernas e os que não têm. Ela nunca viu uma cobra.



Quando a menina chega ao parque, a luz está desaparecendo. Ela corre para o banco, mas não vê nenhum sinal da mãe. Puxando sua bolsa para cima do banco depois de subir, ela fica ali sentada, observando os arredores vazios. Da bolsa, ela tira a maçã, machucada da jornada, e dá uma mordida.

\* \* \*

Nesta hora, as cozinhas de Partageuse são um lugar movimentado, cheias de mães irritadas e crianças famintas. Há muita lavagem de mãos e rostos, sujos de um dia inteiro brincando nas árvores ou voltando da praia. Os pais se permitem uma cerveja do refrigerador Coolgardie, as mães vigiam panelas cozinhando batatas e fornos incubando guisados. As famílias se reúnem, seguras e completas, ao final de mais um dia. E a escuridão se infiltra no céu segundo a segundo, até que as sombras não mais caíam, mas se ergam do solo e encham completamente o ar. Os seres humanos se retiram para suas casas e entregam a noite às criaturas que a possuem: os grilos, as corujas, as cobras. Um mundo que não mudou por centenas de milhares de anos acorda e segue em frente como se a luz do dia e os seres humanos e as mudanças da paisagem fossem uma ilusão. Ninguém anda pelas ruas.



Quando o sargento Knuckey chega ao parque, há apenas uma bolsa no banco e o miolo de uma maçã com marcas de pequenos dentes, apesar de as formigas o terem coberto agora.

Conforme a noite cai, as luzes começam a piscar na escuridão. Pontos nas trevas, às vezes de um lampião a gás em uma janela; às vezes de lâmpadas elétricas, das casas mais novas. A rua principal de Partageuse é alinhada de ambos os lados por postes de luz elétrica. As estrelas, também, iluminam o ar límpido e a Via Láctea espalha uma mancha brilhante pela escuridão.

Alguns dos pontos brilhantes entre as árvores oscilam como frutos flamejantes: pessoas com lanternas vasculham o matagal. Não apenas a polícia, mas homens das serrarias de Potts, homens da Harbour and Lights. Hannah espera ansiosamente em casa. Como foi instruída. Os Graysmark percorrem as trilhas no mato, chamando a criança pelo nome. Tanto "Lucy" quanto "Grace" encham o ar, embora somente uma menina esteja desaparecida.

\* \* \*

Segurando com força seu desenho, a mãe, o pai e o farol, a criança relembra a história dos reis magos encontrando seu caminho até o Menino Jesus seguindo uma estrela. Ela avistou a luz de Janus, no mar: não é longe, o farol nunca é. Embora algo não esteja muito certo. Há um facho de luz vermelha entre os brancos. Ainda assim, ela continua, guiando-se pelo farol.

Começa a descer em direção à água, onde o volume das ondas cresceu com a noite, deixando a praia refém. No farol, ela encontrará sua mãe e seu pai. Ela começa a descer o istmo comprido e estreito – o point de Point Partageuse, onde, anos antes, Isabel ensinou Tom a deitar-se para olhar dentro do buraco da caverna sem ser arrastado pelas ondas. Cada passo leva a menina mais para perto do farol, lá fora no oceano.

Mas não é o facho de luz de Janus que ela está seguindo. Cada luz tem um aspecto diferente, e o lampejo vermelho que pontua o branco informa aos navegantes que eles estão se aproximando dos baixios na boca do Porto Partageuse, quase a cem milhas de Janus Rock.

O vento ganha força. As águas se revolvem. A criança caminha. A escuridão permanece.



De sua cela, Tom ouve vozes trazidas no ar.

– Lucy? Lucy, você está aí?

E depois:

– Grace? Onde você está, Grace?

Sozinho na cela, Tom grita em direção à frente da delegacia:

– Sargento Knuckey? Sargento?

Ouviu-se um chocalhar de chaves e o policial Lynch apareceu.

– Quer alguma coisa?

– O que está acontecendo? Há gente lá fora, chamando Lucy.

Bob Lynch pensou em sua resposta. O sujeito merecia saber. De qualquer modo, não havia nada que ele pudesse fazer.

– Ela está desaparecida, a menina.  
– Quando? Como?  
– Há algumas horas. Fugiu, ao que parece.  
– Deus Todo-Poderoso! Como isso foi acontecer?  
– Não faço a menor ideia.  
– Bem, o que eles estão fazendo?  
– Estão procurando.  
– Deixe-me ajudar. Eu não posso ficar simplesmente sentado aqui. – A expressão no rosto de Lynch foi resposta suficiente. – Oh, pelo amor de Deus! – Tom disse. – Para onde eu poderia ir?

– Eu informo a você se souber de alguma coisa, amigo. É o melhor que posso fazer. – E com outro barulho metálico, foi embora.

No escuro, os pensamentos de Tom voltaram-se para Lucy, sempre curiosa em explorar os arredores. Nunca com medo do escuro. Talvez devesse ter-lhe ensinado a ter medo. Falhara em educá-la para a vida fora de Janus. Então, outro pensamento lhe ocorreu. Onde estava Isabel? De que seria capaz em seu estado atual? Rezava para que ela não tivesse resolvido agir por conta própria.



Ainda bem que não era inverno. Vernon Knuckey podia sentir o ar frio chegando conforme a meia-noite se aproximava. A criança vestia um vestido de algodão e um par de sandálias. Ao menos em janeiro ela tinha a chance de sobreviver à noite. Em agosto, já estaria azul de frio a essa hora.

Não adiantava procurar durante a madrugada. O sol nasceria logo depois das cinco. Era melhor ter as pessoas descansadas e alertas quando a luz estivesse a favor deles.

– Digam aos outros – ele disse ao encontrar Garstone no final da rua. – Estamos suspendendo as buscas por esta noite. Mande todos se reunirem na estação assim que clarear e recomeçaremos.

Era uma hora da madrugada, mas ele precisava clarear a mente. Começou a seguir a conhecida rota de suas caminhadas noturnas, ainda carregando o lampião, que oscilava na escuridão a cada passo.



Na pequena cabana, Hannah rezava.

– Mantenha-a a salvo, Senhor. Salve-a e proteja-a. O Senhor já a salvou antes... – Hannah se preocupava: será que Grace já usara seu quinhão de milagres? Em seguida, procurou se acalmar. Não era preciso um milagre para uma criança sobreviver por uma noite aqui. Só tinha que evitar a má sorte. Isso era inteiramente diferente. Mas esse pensamento foi afastado pelo temor mais urgente, pelo pânico. Exausta, ocorreu-lhe um pensamento com uma clareza distorcida. Talvez Deus não quisesse que Grace ficasse com ela. Talvez ela fosse a culpada de tudo. Esperou, e rezou. E fez um pacto solene com Deus.



Há uma batida na porta da casa de Hannah. Apesar de as luzes estarem apagadas, ela está bem acordada e dá um salto da cama para abri-la. Diante dela, está o sargento Knuckey, com o corpo de Grace nos braços, pernas e braços frouxos.

– Oh, Santo Deus! – Hannah atira-se sobre ela. Seus olhos estão fixos na menina, não no homem, então ela não vê que ele está sorrindo.

– Quase tropecei nela lá embaixo no Point. Dormindo profundamente – ele diz. – Esta menina tem nove vidas, com certeza. – E embora ele esteja rindo, há uma lágrima em seus olhos, lembrando-se do peso do filho que ele não pôde salvar, décadas atrás.

Hannah mal registra suas palavras enquanto abraça a filha, adormecida em seus braços.

Nessa noite, Hannah deitou Grace ao seu lado na cama, ouvindo cada respiração da criança, vigiando cada movimento com a cabeça ou chute com o pé. Mas o alívio de sentir o corpo tépido da filha era ofuscado por um pensamento mais sombrio.

O primeiro som de chuva, como cascalhos batendo no teto de zinco, levou Hannah de volta ao dia do seu casamento: a uma época de telhados com vazamento e baldes em sua humilde cabana, e de amor e esperança. Acima de tudo, esperança. Frank, com seu sorriso, e sua alegria, não importa o que acontecesse no dia. Ela queria que Grace tivesse isso. Queria que sua filha fosse uma menina feliz, e rezou a Deus pela coragem e força para fazer o que fosse necessário para isso.

Quando a trovoada acordou a criança, ela olhou sonolentemente para Hannah e aconchegou-se junto a ela, antes de retornar aos seus sonhos, deixando sua mãe chorando silenciosamente, lembrando-se de sua promessa.



A aranha negra doméstica retornou para a sua teia no canto da cela de Tom e agora percorre sem cessar os fios desordenados, ajeitando-os em um padrão que só ela conhece – porque a seda deve ficar neste lugar em particular, nesta tensão e ângulo particulares. Ela sai à noite para consertar sua teia, uma trama de fibras que acumula poeira e forma desenhos aleatórios. Ela tece seu mundo arbitrário, sempre tentando consertar, nunca abandonando sua teia a menos que seja forçada a isso.

Lucy está segura. O alívio toma conta do corpo de Tom. Mas ainda nenhuma palavra de Isabel. Nenhum sinal de que ela o perdoou ou de que algum dia o fará. A sensação de impotência que ele sentia por não ser capaz de fazer nada por Lucy agora fortalece sua determinação de fazer o que puder por sua mulher. É a única liberdade que lhe resta.

Se ele vai ter que viver sua vida sem ela, de certo modo isso facilita a conformação, deixar as coisas seguirem seu curso. Sua mente se perde nas lembranças. O barulho da ignição do vapor de petróleo, transformando-se em um brilho ofuscante ao toque de seu fósforo. Os arco-íris lançados pelos prismas. Os oceanos espalhando-se diante dele ao redor de Janus como uma dádiva secreta. Se Tom vai tirar licença do mundo, quer se lembrar de sua beleza, não só dos sofrimentos. A respiração de Lucy, que confiou em dois estranhos, ligando-se aos seus corações como uma molécula. E Isabel, a antiga Isabel, que iluminou o seu caminho de volta à vida, após todos os anos de morte.

Uma chuva leve traz os vapores dos cheiros da floresta para dentro da cela: a terra, a madeira molhada, o cheiro pungente de *banksias*, com suas flores como espigas grandes e cobertas de plumas. Ocorre-lhe que há diferentes versões dele mesmo para dizer adeus – a criança de 8 anos abandonada; o soldado ensandecido que pairava em algum lugar no inferno; o faroleiro que ousara deixar seu coração desprotegido. Como bonecas russas, essas vidas existiam e se sobrepunham dentro dele.

A floresta canta para ele: a chuva tamborilando nas folhas, pingando nas poças, os pássaros do riso – os *kookaburras* – rindo como loucos de alguma piada além da compreensão humana. Ele tem a sensação de fazer parte de um mundo conectado, de pertencer a um todo. Mais um dia ou uma década não vai mudar isso. Ele está abraçado pela natureza, que espera, por fim, recebê-lo, reorganizar seus átomos de outra forma.

A chuva cai com mais força e, ao longe, os trovões rugem por terem sido deixados para trás pelos raios.

## ☞ CAPÍTULO 34 ☞

**O**S ADDICOTT MORAVAM EM UMA CASA que, se não fosse por alguns metros de plantas marinhas, estaria patinhando no mar. As madeiras e tijolos eram mantidos em bom estado por Ralph, e Hilda conseguiu obter um pequeno jardim do solo arenoso nos fundos: zínias e dalias tão chamativas quanto pequenas bailarinas ladeavam uma trilha para um pequeno aviário onde mandarins chilreavam alegremente, para espanto dos pássaros nativos.

O cheiro de geleia de laranja fluía das janelas e foi ao encontro de Ralph quando ele subia penosamente o caminho da frente da casa no dia seguinte ao que Lucy fora encontrada. Quando ele tirou seu gorro na entrada, Hilda correu ao seu encontro, a colher de pau na mão brilhando como um pirulito de laranja. Ela levou um dedo aos lábios e conduziu-o à cozinha.

– Na sala! – ela sussurrou, os olhos arregalados. – Isabel Sherbourne! Ela está esperando você.

Ralph sacudiu a cabeça.

– O mundo virou de pernas pro ar.

– O que ela quer?

– Esse é o problema, eu acho. Ela não consegue decidir *o que* ela quer.

A pequena e bem arrumada sala de estar do capitão não era decorada com navios dentro de garrafas ou modelos em escala de navios de guerra, mas com imagens. Os arcanjos Miguel e Rafael, a Madona com o menino Jesus e inúmeros santos fitavam quaisquer visitas com severa calma de seu lugar na eternidade.

O copo de água ao lado de Isabel estava quase vazio. Seus olhos estavam fixos em um anjo, com espada e escudo na mão,

posicionado sobre uma serpente aos seus pés. Nuvens pesadas turvavam a sala, de modo que as pinturas pareciam esmaecidas poças douradas, pairando na penumbra.

Ela não notou Ralph entrar e ele observou-a por algum tempo, antes de dizer:

– Esse foi o primeiro que eu tive. Fisguei um marujo russo da bebedeira, perto de Sebastopol, há mais de quarenta anos. Ele me deu de presente em agradecimento. – Falou devagar, fazendo uma pequena pausa de vez em quando. – Adquirit os outros ao longo do caminho nos meus dias de Marinha mercante. – Deu uma risadinha. – Não se pode dizer que sou do tipo religioso e não entendo nada de pintura. Mas há alguma coisa nestes quadros que se comunica com você. Hilda diz que eles lhe fazem companhia quando estou fora.

Enfiou as mãos nos bolsos e indicou com um sinal da cabeça o quadro que Isabel olhava.

– Eu também cismeit com este aí na minha época, sabe. Arcanjo Miguel. Lá está ele com a espada na mão, mas ele tem seu escudo meio erguido também. Como se ainda estivesse decidindo sobre alguma coisa.

A sala ficou em silêncio e o vento pareceu chacoalhar as janelas com mais urgência, exigindo a atenção de Isabel. Por toda a distância até o horizonte, as ondas se debatiam no caos e o céu começou a ficar carregado, anunciando outro aguaceiro. Sua mente foi levada de volta a Janus – de volta à imensidão vazia, de volta a Tom. Ela começou a chorar, em grandes soluços, como ondas, que a levavam de volta finalmente a uma praia familiar.

Ralph sentou-se ao seu lado e segurou sua mão. Ela chorou e ele permaneceu sentado, e absolutamente nada foi dito por uma boa meia hora.

Finalmente, Isabel se pronunciou:

– Lucy fugiu ontem à noite por *minha* causa, Ralph, tentando me encontrar. Ela podia ter morrido. Oh, Ralph, é uma confusão tão grande. Não posso falar com meus pais sobre isso...

O velho capitão continuou em silêncio, segurando a mão de Isabel, olhando para as unhas, roídas até o sabugo. Balançou a

cabeça devagar, apenas ligeiramente.

– Ela está viva. E a salvo.

– Tudo que eu sempre quis foi que ela estivesse a salvo, Ralph. Desde o instante em que ela chegou a Janus, eu quis fazer o melhor possível. Ela precisava de nós. E nós precisávamos *dela*. – Fez uma pausa. – *Eu* precisava dela. Quando ela simplesmente *apareceu*, do nada, foi um milagre, Ralph. Eu tinha certeza de que era para ela ficar conosco. Era tão claro. Um bebê perdera os pais, *nós* tínhamos perdido nosso bebê...

– Eu a amo tanto. – Assoou o nariz. – Lá fora... Ralph, você é uma das únicas pessoas no mundo que sabe como é em Janus. Uma das únicas pessoas que pode imaginar. Mas nem *você* jamais acenou em despedida a um navio, jamais ficou parado no píer, ouvindo o barulho do motor ir desaparecendo, vendo o barco ficar cada vez menor. Você não sabe o que é dar adeus ao mundo por períodos de anos. Janus era *real*. *Lucy* era real. Tudo o mais era faz de conta.

“Quando descobrimos sobre Hannah Roennfeldt... oh, era tarde demais, Ralph. Eu simplesmente não podia abrir mão de Lucy: não podia fazer isso com ela.”

Ralph continuou sentado, respirando devagar e profundamente, balançando a cabeça de vez em quando. Resistiu a qualquer impulso de questioná-la ou contradizê-la. Manter-se em silêncio era a melhor maneira de ajudá-la; de ajudar todo mundo.

– Nós éramos uma família tão feliz. Então, a polícia foi à ilha... Quando eu soube o que Tom havia feito, nada mais pareceu seguro. Nenhum lugar era seguro. Nem mesmo dentro de mim mesma eu estava a salvo. Eu estava tão ferida, com tanta raiva... E aterrorizada. Nada mais fazia sentido, desde o momento em que a polícia me contou sobre o chocalho.

Ela olhou para ele.

– O que foi que eu fiz? – a pergunta não era retórica. Ela buscava um espelho, algo que lhe mostrasse o que ela não podia ver.

– Não posso dizer que isso me preocupa tanto quanto o que você vai fazer agora.

– Não há nada que eu *possa* fazer. Está tudo arruinado. Não adianta fazer mais nada.

– Esse homem a ama, sabe. Isso tem que valer alguma coisa.

– Mas e Lucy? Ela é minha *filha*, Ralph. – Buscou uma maneira de explicar. – Pode imaginar pedir a Hilda para abrir mão de um de seus filhos?

– Não se trata de *abrir mão*. Trata-se de *devolver*, Isabel.

– Mas Lucy não nos foi dada? Não era isso que Deus estava pedindo de nós?

– Talvez Ele estivesse pedindo a vocês para cuidar dela. E vocês fizeram isso. E talvez agora Ele esteja pedindo para deixar que outra pessoa faça isso. – Ele soltou a respiração ruidosamente. – Droga, não sou um padre. O que eu sei de Deus? Mas uma coisa eu sei: há um homem prestes a desistir de tudo, *de tudo*, para protegê-la. Acha que isso é certo?

– Mas você viu o que aconteceu ontem. Sabe o quanto Lucy está desesperada. Ela precisa de mim, Ralph. Como eu poderia explicar isso a ela? Não se pode esperar que ela compreenda, não nesta idade.

– Às vezes, a vida fica difícil, Isabel. Às vezes, ela simplesmente tira um pedaço de você. E às vezes, exatamente quando você pensa que o pior já passou, ela volta e tira mais um pedaço.

– Achei que ela já tinha feito tudo que podia a mim, há muitos anos.

– Se acha que as coisas estão ruins agora, elas vão ficar muito piores se você não sair em defesa de Tom. Isto é sério, Isabel. Lucy é nova. Ela tem pessoas que querem cuidar dela e lhe dar uma vida boa. Tom não tem ninguém. Nunca vi um homem que menos merecesse sofrer do que Tom Sherbourne.

Sob o olhar vigilante de santos e anjos, Ralph continuou:

– Só Deus sabe o que deu em vocês dois lá fora. São mentiras em cima de mentiras, todas com as melhores intenções. Mas tudo isso já foi longe demais. Tudo que você fez para ajudar Lucy feriu outra pessoa. Meu Deus, é claro que eu compreendo o quanto deve ser difícil para você. Mas esse Spragg é um desgraçado maldoso,

capaz de qualquer coisa. Tom é seu marido. Para o melhor e para o pior, na doença e na saúde. A menos que você queira vê-lo na prisão ou – ele não conseguiu terminar a frase. – Acho que esta é a sua última chance.



– Onde você vai? – Uma hora mais tarde, Violet estava alarmada com o estado de sua filha. – Você mal acabou de chegar.

– Vou sair, mamãe. Há uma coisa que eu preciso fazer.

– Mas está caindo um temporal. Espere ao menos até passar. – Ela indicou uma pilha de roupas no chão ao lado dela. – Resolvi dar uma olhada nas coisas dos meninos. Algumas camisas, as botas: podem ser úteis para alguém. Achei que podia dá-los à igreja. – Um tremor perpassou sua voz. – Mas seria bom ter uma companhia enquanto escolho.

– Tenho que ir à delegacia de polícia agora.

– Mas por quê, pelo amor de Deus?

Isabel olhou para sua mãe e por um instante quase decidiu lhe contar. Mas disse:

– Preciso falar com o sr. Knuckey.

– Volto mais tarde – disse à sua mãe, enquanto descia o corredor em direção à porta da frente.

Ao abri-la, ficou espantada ao ver uma silhueta no vão da porta, prestes a tocar a campainha. A figura, encharcada com a chuva, era Hannah Roennfeldt. Isabel ficou paralisada, muda.

Ali na entrada, Hannah falou depressa, mantendo os olhos fixos em uma jarra de rosas na mesa atrás de Isabel, temendo que, se olhasse diretamente para ela, iria mudar de ideia.

– Vim dizer algo... Só dizer e ir embora. Não me pergunte nada, por favor. – Pensou de novo na promessa que fizera a Deus apenas algumas horas antes: não havia como voltar atrás. Inspirou fundo, preparando-se. – Poderia ter acontecido qualquer coisa com Grace ontem à noite. Ela estava desesperada para ver você. Graças a Deus

que ela foi encontrada antes que alguma coisa lhe acontecesse. – Ergueu os olhos. – Você faz ideia do que é isso? Ver a filha que você gerou e carregou na barriga, a filha a quem deu à luz e amamentou, chamar outra pessoa de mãe? – Desviou os olhos bruscamente para o lado. – Mas tenho que aceitar isso, por mais doloroso que seja. E não posso colocar a minha felicidade acima da felicidade dela.

“O bebê que eu tive, Grace, não vai voltar. Compreendo isso agora. O fato é que ela pode viver sem mim, mesmo que eu não possa viver sem ela. Não posso puni-la pelo que aconteceu. E não posso puni-la pelas decisões de seu marido.”

Isabel começou a protestar, mas Hannah continuou sem deixá-la falar. Com os olhos novamente fixos nas rosas, disse:

– Eu conhecia Frank até o fundo de sua alma. Talvez eu apenas conheça muito pouco de Grace. – Fitou Isabel diretamente nos olhos. – Grace a ama. Talvez ela pertença a você. – Com grande esforço, continuou: – Mas preciso saber que a justiça foi feita. Se você jurar para mim agora que isso tudo foi obra de seu marido, jurar por sua vida, então eu deixarei Grace vir morar com você.

Nenhum pensamento consciente passou pela mente de Isabel – foi por puro reflexo que ela disse:

– Eu juro.

Hannah continuou:

– Desde que você dê provas contra esse homem, assim que ele estiver seguramente preso, Grace pode voltar para você. – De repente, Hannah desatou a chorar convulsivamente. – Oh, meu Deus, me ajude! – exclamou, e saiu correndo.



Isabel está perplexa. Ela repassa incessantemente o que acabou de ouvir, perguntando a si mesma se tudo não teria passado de imaginação. Mas lá estão as pegadas molhadas na varanda; a trilha de pingos do guarda-chuva fechado de Hannah Roennfeldt.

Ela olha através da porta de tela, tão de perto que o relâmpago parece dividido em minúsculos quadrados. Em seguida, o trovão ruge e estremece o telhado.

– Você não disse que ia à delegacia de polícia? – As palavras colidem com os pensamentos de Isabel e por um instante ela não consegue fazer nenhuma ideia de onde está. Ela se vira e vê sua mãe.

– Achei que você já tinha ido. O que aconteceu?

– Há relâmpagos.

– Ao menos, Lucy não estará com medo – Isabel se vê pensando quando o céu parece se romper com um raio ofuscante. Desde que era bebê, Tom havia ensinado a menina a respeitar, mas não temer, as forças da natureza – o raio que podia atingir a torre do farol em Janus, os oceanos que açoitavam a ilha. Ela pensa na reverência que Lucy demonstrava na sala da lanterna: não tocar nos instrumentos, manter os dedos longe do vidro. Relembra a imagem de Tom com a criança nos braços, acenando e rindo de cima da galeria para Isabel no varal embaixo. “Era uma vez um farol...” Quantas vezes as histórias de Lucy começavam assim? “E houve uma tempestade. O vento soprava, soprava, e o faroleiro acendeu a luz e Lucy o ajudou. E estava escuro, mas o faroleiro não tinha medo porque ele tinha a luz mágica.”

O rosto atormentado de Lucy vem à sua mente. Ela pode ficar com sua filha, mantê-la segura e feliz, e deixar tudo isso para trás. Pode amá-la, cuidar dela e vê-la crescer... Em poucos anos, a fada do dente dará sumiço nos dentes de leite por três moedas, depois gradualmente Lucy ficará alta e juntas conversarão sobre o mundo e sobre...

Ela pode ficar com sua filha. Se. Encolhida como uma bola em sua cama, ela soluça:

– Eu *quero* minha filha. Oh, Lucy, eu não aguento mais.

A declaração de Hannah. A súplica de Ralph. Seu próprio juramento falso, traindo Tom como ele a havia traído. Girando, girando, como um carrossel de possibilidades, elas rodam e se

misturam, puxando-a com elas, primeiro em uma direção, depois em outra. Ela ouve as palavras que foram ditas. Mas a única voz ausente é a de Tom. O homem que agora se interpõe entre ela e Lucy. Entre Lucy e sua mãe.

Incapaz de resistir ao chamado da carta de Tom, ela se aproxima da gaveta. Retira a carta e abre o envelope devagar.

*Izzy, querida*

*Espero que esteja bem, mantendo suas forças. Sei que sua mãe e seu pai estão cuidando bem de você. O sargento Knuckey fez a bondade de me deixar escrever para você, mas ele vai ler esta carta antes de você. Gostaria que pudéssemos conversar frente a frente.*

*Não sei se ou quando poderei falar com você novamente. Você sempre acha que terá a chance de dizer o que precisa ser dito, acertar as coisas. Mas nem sempre é assim.*

*Eu não podia continuar do jeito que estavam as coisas, eu não podia viver comigo mesmo. Lamento mais do que jamais conseguirei expressar por tê-la magoado.*

*Cada um de nós tem a sua vez na vida e se a minha terminar sendo esta, ainda assim terá valido a pena. Meu tempo já devia ter expirado há anos. Tê-la conhecido, quando eu achava que a vida tinha acabado, e ter sido amado por você – ainda que eu vivesse mais cem anos, não poderia pedir mais do que isso. Eu a amei da melhor maneira que eu soube, Izz, o que não é muita coisa. Você é uma moça maravilhosa e merecia alguém muito melhor do que eu.*

*Você está com raiva e ferida e nada mais faz sentido, e eu sei como é isso. Se decidir lavar suas mãos quanto a mim, eu não a culparei.*

*Talvez, ao final das contas, ninguém seja tão mau quanto o pior que tenha feito. Tudo que posso fazer é pedir a Deus, e a você, para me perdoarem pelo mal que*

*causei. E agradecer a você por cada dia que passamos juntos.*

*O que quer que decida fazer, eu aceitarei, e apoiarei a sua decisão.*

*Para sempre seu  
marido que a ama,  
Tom*

\* \* \*

Como se fosse um quadro e não um bilhete, Isabel corre a ponta do dedo pelas letras, seguindo os volteios graciosos, firmes e finos – como se assim pudesse dar sentido às palavras. Imagina os longos dedos de Tom em um lápis, enquanto corre pela página. Inúmeras vezes, ela delinea “Tom”, a palavra de certa forma tanto estranha quanto familiar. Sua mente vaga para o jogo que faziam, onde ela desenhava letras em suas costas nuas para ele adivinhar, depois ele fazia o mesmo com ela. Mas a lembrança é rapidamente substituída pela recordação do toque de Lucy. De sua pele de bebê. Ela imagina a mão de Tom novamente, desta vez enquanto ele escrevia os bilhetes para Hannah. Como um pêndulo, seus pensamentos vão e vêm, entre o ódio e o arrependimento, entre o homem e a criança.

Ela ergue a mão do papel e lê a carta novamente, desta vez tentando decifrar o significado das palavras na página, ouvindo a voz de Tom pronunciando-as. Ela relê a carta inúmeras vezes, sentindo seu corpo ser dilacerado ao meio, até que finalmente, soluçando convulsivamente, ela toma sua decisão.

## ☞ CAPÍTULO 35 ☞

**Q**UANDO CHOVE EM PARTAGEUSE, as nuvens despejam água e encharcam a cidade até os ossos. Milênios de tais dilúvios fizeram brotar as florestas da antiga margem. O céu escurece e a temperatura cai abruptamente. Grandes valas são escavadas nas ruas de terra e enchentes as tornam intransitáveis para carros. Os rios se aceleram, finalmente encontrando a pista para o oceano do qual estiveram afastados por tanto tempo. Não serão impedidos em sua urgência de voltar para ele – voltar para casa.

A cidade silencia. Os últimos poucos cavalos permanecem com suas carroças, desoladamente parados no aguaceiro, enquanto a chuva goteja de suas viseiras e ricocheteia dos automóveis cujo número atualmente supera em muito o de cavalos. As pessoas esperam embaixo das amplas varandas das lojas na rua principal, braços cruzados, os cantos da boca para baixo, em expressão de derrota. Nos fundos do pátio da escola, uma dupla de moleques bate os pés nas poças. Mulheres olham, exasperadas, para a roupa lavada que não foi retirada a tempo dos varais e gatos esgueiram-se pela porta conveniente mais próxima, miando com desprezo. A água escorre caudalosamente do memorial de guerra, onde as letras douradas já não brilham. Salta do telhado da igreja e, pela boca de uma gárgula, sobre a nova sepultura de Frank Roennfeldt. A chuva transforma os vivos e os mortos sem preferência.



“Lucy não terá medo.” O pensamento ocorre na mente de Tom, também. Ele relembra a sensação em seu peito – aquele estranho estremecimento de admiração pela menina, quando confrontava o

relâmpago e ria. “Faz ele explodir, papai!”, ela gritava, e esperava pelo ronco do trovão.

– Droga! – exclamou Vernon Knuckey. – Temos um maldito aguaceiro aqui atrás outra vez. – A enxurrada que descia do morro atrás da delegacia era um pouco mais do que um aguaceiro. A água entrava aos borbotões nos fundos do prédio, mais baixo do que na frente. Em poucas horas, a cela de Tom estava com quinze centímetros de água, que entrava por cima e por baixo. A aranha doméstica abandonara sua teia por algum outro lugar mais seguro.

Knuckey apareceu, as chaves na mão.

– Seu dia de sorte, Sherbourne.

Tom não compreendeu.

– Geralmente acontece quando chove tanto assim. O teto nesta parte do prédio tende a desabar. Perth está sempre prometendo que vão consertar, mas apenas mandam um sujeito para pôr um pouco de cola de farinha, pelo que estou vendo. Ainda assim, ficam meio irritados com a gente se os prisioneiros são perturbados antes do julgamento. É melhor você vir para a frente por algum tempo. Até a cela esvaziar.

Tom olhou diretamente para ele, sem dizer nada.

– Muito bem. Pode sair.

Ele seguiu Knuckey para a parte da frente da delegacia, onde o sargento colocou uma algema em seu pulso e a outra em volta de um cano exposto.

– Não vai ficar *inundado* de gente enquanto isso resistir – ele disse a Harry Garstone. Deu uma risadinha de sua piada. – Ah, o palhaço Mo McCackie pode morrer de inveja.

Não havia nenhum barulho, exceto o da chuva, ribombando, transformando toda superfície em um tambor ou címbalo. O vento desaparecera e nada se movia lá fora, exceto a água. Garstone começou a enxugar alguns pontos com panos de chão, tentando minorar os problemas ali dentro.

Tom permaneceu sentado, olhando a rua pela janela, imaginando a vista da galeria da torre em Janus agora: o faroleiro devia estar se sentindo dentro de uma nuvem, com a súbita inversão do ar. Observou os ponteiros do relógio avançarem lentamente ao redor do mostrador como se tivessem todo o tempo do mundo.

Algo atraiu sua atenção. Uma figura pequena vinha na direção da delegacia. Sem capa, nem guarda-chuva, os braços cruzados, e inclinada para a frente, enfrentando a chuva. Ele reconheceu os contornos imediatamente. Instantes depois, Isabel abriu a porta. Olhou diretamente para frente ao se dirigir ao balcão, onde Harry Garstone, despido da cintura para cima, estava ocupado secando uma poça.

– Eu vim... – Isabel começou.

Garstone virou-se para ver quem estava falando.

– Preciso ver o sargento Knuckey...

O afogueado policial, seminu e com um esfregão na mão, ficou vermelho. Seus olhos dardejaram em direção a Tom. Isabel seguiu seu olhar e prendeu a respiração.

Tom ficou de pé num salto, mas não pôde se afastar da parede. Estendeu a mão para ela, enquanto ela examinava seu rosto, aterrorizada.

– Izzy! Izzy, querida! – Ele forçou as algemas, esticando o braço até a ponta dos dedos. Ela ficou parada, estancada pelo medo, arrependimento e vergonha, sem ousar se mexer. Repentinamente, seu terror dominou-a e ela se virou para fugir dali.

Foi como se todo o corpo de Tom tivesse sido trazido de volta à vida ao vê-la. A ideia de que ela poderia desaparecer outra vez foi mais do que ele podia suportar. Deu novo puxão nas algemas, desta vez com tal força que arrancou o cano da parede, fazendo a água esguichar no alto.

– Tom! – Isabel disse, soluçando, quando ele a envolveu nos braços. – Oh, Tom! – Seu corpo tremia, apesar da força do abraço. – Eu tenho que contar a eles. Tenho que...

– Shh, Izzy, shh, está tudo bem, querida. Está tudo bem.

O sargento Knuckey surgiu de seu escritório.

– Garstone, pelo amor de Deus, o que está... – Parou de repente, diante da visão de Isabel nos braços de Tom, os dois encharcados com o esguicho do cano.

– Sr. Knuckey, não é verdade, nada disso é verdade! – Isabel gritou. – Frank Roennfeldt já estava morto quando o barco deu na praia. Foi ideia *minha* ficar com Lucy. Eu o impedi de reportar o barco. A culpa é minha.

Tom a abraçava com força, beijando o topo de sua cabeça.

– Shh, Izzy. Deixe as coisas como estão. – Afastou-se e segurou-a pelos ombros, dobrando um pouco os joelhos para fitá-la diretamente nos olhos. – Está tudo bem, querida. Não diga mais nada.

Knuckey sacudiu a cabeça devagar.

Garstone vestira rapidamente a túnica de seu uniforme de novo e alisava os cabelos tentando arrumá-los.

– Devo prendê-los, senhor?

– Ao menos uma vez em sua maldita vida, tenha bom senso, policial. Ande logo e conserte o cano antes que todo mundo se afogue! – Knuckey voltou-se para os outros dois, que se entreolhavam intensamente, o silêncio de ambos uma linguagem em si mesma. – E quanto a vocês dois, é melhor virem ao meu escritório.



Vergonha. Para sua surpresa, foi vergonha que Hannah sentiu, mais do que raiva, quando o sargento Knuckey foi vê-la com a notícia da revelação de Isabel Sherbourne. Seu rosto ardeu ao lembrar sua visita a Isabel no dia anterior e o acordo que fizera.

– Quando? Quando ela lhe disse isso? – perguntou.

– Ontem.

– A que horas ontem?

Knuckey ficou surpreso com a pergunta. Que diferença isso podia fazer?

- Por volta das cinco horas.
- Então, foi depois... – Sua voz definhou.
- Depois do quê?

Hannah ficou ainda mais ruborizada, humilhada com a ideia de que Isabel havia recusado seu sacrifício e indignada por terem lhe mentido.

- Nada.
- Achei que gostaria de saber.

– Claro. Claro... – Ela se concentrava não no policial, mas em uma vidraça. Precisava ser limpa. A casa inteira precisava de limpeza: havia semanas que ela mal a tocava. Seus pensamentos galgavam esta treliça familiar de trabalhos domésticos, mantendo-a em território seguro, até ela conseguir puxá-los de volta. – Bem... onde ela está agora?

- Está sob fiança, na casa de seus pais.

Hannah puxava um pedacinho de pele solta na base da unha.

- O que vai acontecer com ela?
  - Vai a julgamento com o marido.
  - Ela estava mentindo, todo esse tempo... Ela me fez acreditar...
- Sacudiu a cabeça, perdida em outro pensamento.

Knuckey respirou fundo.

– Um caso muito estranho. Isabel Graysmark era uma boa pessoa, antes de ir para Janus. Estar lá fora na ilha não lhe fez nada bem. Acho que não faz bem a ninguém. Afinal, Sherbourne só conseguiu o posto porque Trimble Docherty acabou com a própria vida.

Hannah não sabia ao certo como colocar sua pergunta.

- Por quanto tempo ficarão presos?

Knuckey olhou para ela.

- Pelo resto de suas vidas.

– *O resto da vida?*

– Não estou falando do tempo na prisão. Aqueles dois nunca mais serão livres. Nunca conseguirão escapar do que aconteceu.

- Nem eu, sargento.

Knuckey mediu-a de cima a baixo e resolveu arriscar.

– Olhe, não se ganha a Cruz Militar sendo um covarde. E não se ganha uma Barra com ela a menos que... bem, a menos que você tenha salvado muitas vidas do seu lado arriscando a sua própria. Tom Sherbourne é um homem honesto, eu acho. Eu diria que ele é um bom homem, sra. Roennfeldt. E Isabel é uma boa moça. Ela teve três abortos lá fora, sem ninguém para ajudá-la. Não se passa por tudo que esses dois passaram sem ser afetado.

Hannah olhou para ele, as mãos imóveis, esperando para ver onde ele queria chegar.

– É uma vergonha ver um sujeito como ele na situação em que está. Sem mencionar sua mulher.

– O que está dizendo?

– Não estou lhe dizendo nada que não vá lhe ocorrer dentro de alguns anos. Mas então será tarde demais.

Ela virou a cabeça uma fração mínima, como se tentasse entendê-lo melhor.

– Só estou perguntando, é isso realmente o que você quer? Um julgamento? Prisão? Já tem sua filha de volta. Deve haver algum outro modo...

– Algum outro modo?

– Spragg perderá o interesse agora que tem que abandonar suas tolices de assassinato. Enquanto isso for assunto de Partageuse, eu tenho algum espaço de manobra. E talvez o capitão Hasluck possa ser persuadido a dar uma palavra a favor dele na Lights. Se você também resolvesse se manifestar. Peça clemência...

O rosto de Hannah enrubesceu outra vez e, sem aviso prévio, ela ficou de pé num salto. Palavras que vinham se acumulando havia semanas, anos, palavras que Hannah não sabia que estavam lá, vieram à tona.

– Estou farta de tudo isso! Estou farta de ser manipulada de um lado para o outro, de ter minha vida arruinada pelos caprichos de outras pessoas. Não faz a menor ideia do que é estar em meu lugar, sargento Knuckey! Como ousa vir à minha casa e fazer tal sugestão? Como se atreve?

– Eu não tive a intenção...

– Deixe-me terminar! Para mim, basta, compreendeu? – Hannah gritava agora. – Nunca mais ninguém vai me dizer como viver minha vida! Primeiro, é meu pai dizendo com quem devo me casar, depois é toda esta maldita cidade virando-se contra Frank como um bando de selvagens. Depois, Gwen tenta me convencer a devolver Grace a Isabel Graysmark, e eu *concordo*, de fato, concordo! Não pareça tão chocada: você não sabe de tudo que acontece por aqui!

“E no final das contas vejo que a mulher mentiu na minha cara! Como se atreve? Como ousa ter a petulância de me dizer, de sequer me sugerir, que eu deveria, outra vez, colocar outra pessoa em primeiro lugar! – Empertigou-se orgulhosamente. – Saia da minha casa! Agora! Simplesmente vá embora! Antes que eu – ela pegou o que estava mais perto de sua mão, um vaso de vidro lapidado – atire isto em você!”

Knuckey foi lento demais em se levantar e o vaso pegou-o no ombro, ricocheteando contra o painel da parede, onde se despedaçou em um turbilhão de estilhaços.

Hannah parou, sem saber ao certo se estava imaginando o que acabara de fazer. Olhou-o fixamente, esperando sua reação.

Ele permaneceu perfeitamente imóvel. A cortina ondulava com a aragem. Uma gorda mosca-varejeira zumbia contra a porta de tela. Um último fragmento de vidro fez um tinido embotado ao finalmente sucumbir à gravidade.

Após um longo silêncio, Knuckey disse:

– Sente-se melhor?

Hannah continuou boquiaberta. Ela nunca havia atacado ninguém em toda a sua vida. Praguejara bem poucas vezes. E certamente nunca fizera nem uma coisa nem outra a um oficial da polícia.

– Muitas coisas piores já foram atiradas em mim.

Hannah baixou os olhos para o chão.

– Peço desculpas.

O policial se agachou para apanhar alguns dos cacos maiores e colocá-los sobre a mesa.

– Não quero que a menina corte os pés.

– Ela está no rio com o avô – Hannah murmurou. Gesticulando vagamente na direção dos fragmentos de vidro, acrescentou: – Eu não costumo... – mas a frase definiu.

– Já está farta. Eu sei. Ainda bem que foi em mim e não no sargento Spragg. – Permitiu-se um leve sorriso diante da ideia.

– Eu não deveria ter falado assim.

– As pessoas fazem isso, às vezes. Pessoas que tiveram que enfrentar menos do que você. Nem sempre estamos no controle de nossas ações. Eu estaria desempregado se não fosse assim. – Pegou seu chapéu. – Vou deixá-la em paz. Deixar que pense na situação. Mas não resta muito tempo. Quando o juiz chegar aqui e enviá-los para Albany, não haverá mais nada que eu possa fazer.

Ele atravessou a porta e entrou na luz ofuscante do dia, onde o sol dissipava as últimas nuvens do leste.



Hannah foi buscar uma pазinha de lixo e a vassoura, seu corpo movendo-se sem nenhuma instrução aparente. Varreu os cacos de vidro, verificando cuidadosamente se deixara passar algum pedacinho. Levou a pá para a cozinha e esvaziou-a sobre um jornal velho, enrolando os cacos cuidadosamente e levando o embrulho para a lata de lixo no quintal. Pensou na história de Abraão e Isaac, em como Deus testou Abraão até o limite para ver se ele iria abrir mão daquilo que lhe era mais caro no mundo. Somente quando a faca foi colocada sobre o pescoço da criança é que Deus o instruiu a um sacrifício menor. Ela ainda tinha sua filha.

Ela estava prestes a entrar quando avistou o pé de groselha e lembrou-se daquele terrível dia depois da volta de Grace quando sua filha se enfiara atrás da planta. Enquanto caía de joelho na grama, soluçando, a lembrança de uma conversa com Frank veio à tona em sua consciência.

– Mas como? Como você pode superar essas coisas, querido? – perguntara-lhe ela. – Você já sofreu tantos dissabores, mas está sempre feliz. Como você faz isso?

– Eu escolho ser assim – ele disse. – Posso me deixar apodrecer no passado, gastar meu tempo odiando as pessoas pelo que aconteceu, como meu pai, ou posso perdoar e esquecer.

– Mas não é tão fácil assim.

Ele sorriu aquele seu sorriso.

– Oh, mas, meu tesouro, é tão menos exaustivo. Você só tem que perdoar uma vez. Mas para se ressentir, você tem que fazer isso o dia todo, todo dia. Tem que ficar se lembrando de todas as coisas ruins. – Ele riu, fingindo enxugar suor da testa. – Eu teria que fazer uma lista, uma lista muito, muito longa e odiar muito as pessoas dessa lista. E ainda fazer um bom trabalho em odiá-las: muito teutônico! Não – sua voz ficou séria –, nós sempre temos uma escolha. Todos nós.

Hannah deitou-se de bruços na grama, sentindo a energia do sol penetrar em seu corpo. Exausta, quase alheia às abelhas e ao cheiro dos dentes-de-leão ao seu lado, quase alheia às ervas daninhas sob suas unhas onde a grama estava alta, finalmente adormeceu.



Tom ainda sente o toque da pele molhada de Isabel, apesar de a cela agora estar drenada, suas roupas secas e seu reencontro com ela na noite anterior ser apenas uma lembrança. Ele tanto quer que tenha sido real quanto uma ilusão. Se for real, sua Izzy voltou para ele, como ele rezou que ela fizesse. Se for uma ilusão, ela ainda está a salvo da perspectiva de prisão. Alívio e pavor se misturam em suas entranhas, e ele se pergunta se algum dia voltará a sentir o toque de sua pele outra vez.



Em seu quarto, Violet Graysmark chora.

– Oh, Bill. Eu simplesmente não sei o que pensar, o que fazer. Nossa menina pode ir para a cadeia. Que tristeza.

– Nós superaremos isso, querida. Ela também o fará, de algum modo. – Ele não menciona sua conversa com Vernon Knuckey. Não quer lhe dar esperanças. Mas pode haver uma pequena chance.



Isabel senta-se sozinha sob o jacarandá. Seu sofrimento por Lucy continua tão desesperador quanto antes: uma dor que não tem um lugar e não tem cura. Descarregar o fardo da mentira significou desistir da liberdade do sonho. A dor no rosto de sua mãe, a tristeza nos olhos de seu pai, a angústia de Lucy, a lembrança de Tom, algemado: ela tenta bloquear o enxame de imagens e se pergunta como será a prisão. Finalmente, suas forças se esgotam. Não tem mais ânimo para lutar. Sua vida agora são fragmentos que ela nunca mais vai conseguir rejuntar. Sua mente desmorona sob o peso da situação e seus pensamentos descem a um poço fundo e escuro, onde a vergonha, a perda e o medo começam a afogá-la.



Septimus e sua neta estão na margem do rio, observando os barcos.

– Vou lhe dizer quem costumava ser uma boa marinheira: minha Hannah. Quando era pequena. Ela era boa em tudo quando era pequena. Muito inteligente. Ela sempre me mantinha alerta, exatamente como você. – Ele desgrenhou seus cabelos com um afago. – Minha querida Grace!

– Não, eu sou Lucy! – ela insiste.

– Você foi chamada de Grace no dia em que nasceu.

– Mas eu quero ser *Lucy*.

Ele a examina de cima a baixo.

– Já sei, vamos fazer um negócio. Dividiremos a diferença e eu a chamarei de Lucy Grace. Vamos apertar as mãos para selar o acordo?



Hannah foi acordada de seu sono na grama por uma sombra acima de seu rosto. Abriu os olhos e viu Grace parada a alguns passos de distância, olhando-a fixamente. Hannah sentou-se e alisou os cabelos, desorientada.

– Eu lhe disse que isso iria chamar a atenção dela – Septimus riu. Grace esboçou um sorriso.

Hannah começou a se levantar, mas Septimus disse:

– Não, continue aí. Agora, princesa, por que não se senta na grama e conta a Hannah tudo sobre barcos. Quantos você viu?

A menina hesitou.

– Ande, lembra-se de como os contou nos dedos?

Ela ergueu as mãos.

– Seis – disse, mostrando cinco dedos de uma das mãos e três da outra, antes de dobrar dois deles de novo.

Septimus disse:

– Vou dar uma busca na cozinha e encontrar um refresco para nós. Você fique aqui e conte a ela sobre a gaivota gulosa que você viu com aquele peixe grande.

Grace sentou-se na grama, a alguns passos de Hannah. Seus cabelos louros brilharam ao sol. Hannah ficou indecisa: queria contar a seu pai sobre a visita do sargento Knuckey, pedir seu conselho. Mas nunca vira Grace tão disposta a falar, brincar, e não podia arruinar o momento. Por hábito, comparou a menina com sua lembrança de seu bebê, tentando recapturar sua filha perdida. Parou. *"Nós sempre temos uma escolha."* As palavras soaram em sua mente.

– Vamos fazer uma guirlanda de margaridas? – ela perguntou.

– O que é uma "guilhandas" de margaridas?

Hannah sorriu.

– *Guirlanda*. É uma coroa, como de princesa. Venha, vamos fazer uma para você – ela disse, começando a colher os dentes-de-leão à sua volta.

Enquanto mostrava a Grace como abrir uma fenda em um talo com o polegar e enfiar o talo seguinte através dela, observava as mãos de sua filha, a maneira como se moviam. Não eram as mãos de seu bebê, eram as mãos de uma menina que ela teria que começar a conhecer de novo. E que teria que conhecê-la também. "*Nós sempre temos uma escolha.*" Uma sensação de leveza encheu seu peito, como se tivesse respirado fundo.

## ☞ CAPÍTULO 36 ☞

**Q**UANDO O SOL DEPENDURAVA-SE acima do horizonte, na ponta do píer em Partageuse, Tom esperava. Avistou Hannah, aproximando-se devagar. Seis meses haviam se passado desde a última vez que a vira, e ela parecia transformada: o rosto mais cheio, mais relaxado. Quando ela finalmente falou, sua voz era calma.

– E então?

– Eu queria me desculpar. E agradecer. Pelo que você fez.

– Não quero seu agradecimento – ela disse.

– Se você não tivesse se pronunciado a nosso favor, eu teria passado muito mais de três meses na cadeia em Bunbury. – Tom disse as últimas palavras com dificuldade: as sílabas pareciam carregadas de vergonha. – E a suspensão da sentença de Isabel, isso foi principalmente graças a você, meu advogado me disse.

Hannah olhou para longe.

– Mandá-la para a cadeia não teria resolvido nada. Nem mantê-lo lá durante anos. O que está feito, está feito.

– De qualquer forma, não deve ter sido uma decisão fácil para você.

– A primeira vez que eu o vi, foi porque você foi me salvar. Quando eu era uma completa estranha e você não me devia nada. Isso conta alguma coisa, eu acho. E eu sei que se você não tivesse encontrado minha filha, ela teria morrido. Tentei me lembrar disso também. – Fez uma pausa. – Eu não perdoo vocês, nenhum dos dois. Terem me mentido dessa forma... Mas não vou me deixar amargurar pelo passado. Olhe o que aconteceu a Frank por causa das pessoas agirem assim. – Parou, torcendo sua aliança de casamento por um instante. – E a ironia é que Frank teria sido o primeiro a perdôá-lo. Teria sido o primeiro a falar em sua defesa. Em defesa das pessoas que cometem erros.

“Era a única maneira de honrá-lo: fazer o que eu sei que ele teria feito. – Olhou para ele, os olhos brilhando. – Eu amava aquele homem.”

Permaneceram em silêncio, olhando para o mar. Por fim, Tom falou.

– Os anos com Lucy que você perdeu... nós nunca poderemos lhe devolver. Ela é uma menina maravilhosa. – A expressão de Hannah o fez acrescentar: – Nós jamais nos aproximaremos dela outra vez, eu lhe prometo.

Suas palavras seguintes ficaram presas na garganta e ele tentou outra vez.

– Não tenho direito de pedir nada. Mas se um dia, talvez quando ela for adulta, ela se lembrar de nós e perguntar por nós, se você tiver forças para isso, diga-lhe que nós a amávamos. Apesar de não termos o direito.

Hannah ficou parada, refletindo.

– O aniversário dela é 18 de fevereiro. Você não sabia disso, não é?

– Não. – A voz de Tom era tranquila.

– E quando ela nasceu, tinha o cordão umbilical com duas voltas em seu pescoço. E Frank... Frank costumava cantar para ela dormir. Viu? Há coisas sobre ela que eu sei e vocês não.

– Sim – ele balançou a cabeça devagar.

– Eu culpo você. E culpo sua mulher. Claro que sim. – Olhou-o diretamente nos olhos. – Eu tinha tanto medo de que minha filha nunca viesse a me amar.

– Amar é o que as crianças fazem.

Ela voltou o olhar para um pequeno barco tocando o ancoradouro a cada onda e franziu a testa com um novo pensamento.

– Ninguém nunca menciona isso por aqui... como Frank e Grace foram parar naquele barco, para começar. Ninguém nunca se desculpou. Nem meu pai gosta de tocar nesse assunto. Você ao menos pediu desculpas. Pagou o preço pelo que fez a ele.

Após algum tempo, ela disse:

– Onde você está vivendo?

– Em Albany. Ralph Addicott me ajudou a encontrar trabalho no porto de lá quando eu saí, há três meses. Significa que eu posso estar perto da minha mulher. Os médicos disseram que ela precisa de absoluto repouso. Por enquanto, ela está melhor na clínica de repouso, onde pode ser mais bem tratada. – Ele limpou a garganta. – É melhor eu deixá-la ir. Espero que a vida seja boa para você e para Lu... Grace.

– Adeus – Hannah disse, começando a descer o píer de volta.



O sol poente mergulhava as folhas dos eucaliptos em ouro enquanto Hannah subia o caminho da casa de seu pai para pegar sua filha.

– Este porquinho ficou em casa... – Septimus dizia, sacudindo o dedo do pé de sua neta, sentada em seu joelho na varanda. – Oh, veja quem chegou, Lucy Grace.

– Mamãe! Onde você foi?

Hannah se surpreendeu outra vez com a versão de sua filha do sorriso de Frank, dos olhos de Frank, de seus cabelos louros.

– Talvez eu lhe conte um dia, querida – ela disse, beijando-a de leve. – Vamos para casa agora?

– Podemos voltar para a casa do vovô amanhã?

Septimus riu.

– Pode visitar o vovô sempre que você quiser, princesa. Sempre que quiser.

O dr. Sumpton tinha razão: com o tempo, a menina gradualmente se acostumou à sua nova – ou talvez fosse sua antiga – vida. Hannah estendeu os braços e esperou a filha entrar neles. Seu próprio pai sorriu.

– É assim que deve ser, menina. Isso mesmo.

– Vamos, querida.

– Quero ir andando.

Hannah colocou-a no chão e a criança deixou-se conduzir, atravessando o portão e entrando na estrada. Hannah mantinha o passo lento, de modo que Lucy Grace conseguisse acompanhá-la.

– Está vendo o *kookaburra*? – ela perguntou. – Parece que está sorrindo, não é?

A menina não prestou muita atenção, até à explosão de uma rajada de gargalhadas vinda do pássaro, quando se aproximaram mais. Ela parou, surpresa, e ficou observando a criatura, que nunca vira tão de perto. Novamente, ele soltou sua estridente gargalhada.

– Ele está rindo. Ele deve gostar de você – Hannah disse. – Ou talvez esteja anunciando chuva. Os *kookas* sempre riem quando vai chover. Consegue fazer esse som que ele faz? Ele faz assim – e ela emitiu uma razoável imitação do chamado do pássaro, que sua mãe havia lhe ensinado havia várias décadas. – Vamos, tente.

A menina não conseguiu reproduzir o complicado chamado.

– Vou ser uma gaivota – ela disse, e emitiu uma imitação perfeita da ave que ela melhor conhecia, em gritos agudos, ásperos e estridentes.

– Agora você – ela disse, e Hannah riu de suas próprias tentativas malsucedidas.

– Você vai ter que me ensinar, querida – ela disse, e as duas prosseguiram juntas em sua caminhada.



No píer, Tom recorda a primeira vez que viu Partageuse. E a última. Entre elas, Fitzgerald e Knuckey haviam feito concessões nas acusações e acabado com a confusão de Spragg. O advogado fora eloquente em demonstrar que a acusação de roubo de criança não procedia e que todas as acusações relacionadas deviam, portanto, ser abandonadas. O reconhecimento da culpa das alegações administrativas restantes, julgadas em Partageuse em vez de Albany, ainda poderia ter acarretado uma pena severa, se Hannah não tivesse se expressado de forma eloquente na defesa deles,

solicitando clemência. E a cadeia de Bunbury, a meio caminho de Perth, era menos brutal do que Fremantle ou Albany teriam sido.

Agora, quando o sol se dissolve na água, Tom percebe um reflexo que o importuna incessantemente. Meses após ter deixado Janus, suas pernas ainda se preparam para subir as centenas de degraus para acender o farol. Em vez disso, ele fica sentado na ponta do píer, observando as últimas gaivotas na oscilação cadenciada da água.

Ele reflete sobre o mundo que continuou sem ele, suas histórias se desenrolando, quer ele esteja lá para vê-las ou não. Lucy provavelmente já está aconchegada em sua cama. Imagina seu rosto, sereno no sono. Imagina como deve estar agora e se sonha com o tempo que passou em Janus; se sente falta do seu farol. Ele pensa em Isabel, também, em sua pequena cama de ferro na casa de repouso, chorando por sua filha, por sua antiga vida.

O tempo a trará de volta. Ele promete a ela. Ele promete a si mesmo. Ela ficará bem.

O trem para Albany partirá em uma hora. Vai esperar até escurecer para atravessar a cidade, de volta à estação.



No jardim da casa de repouso em Albany algumas semanas mais tarde, Tom sentou-se em uma ponta do banco de ferro batido, Isabel na outra. As zínias cor-de-rosa já tinham passado do seu auge e estavam com as bordas irregulares e manchadas de marrom. Os caracóis começaram a atacar as folhas dos ásteres e suas pétalas foram levadas em pencas pelo vento meridional.

– Ao menos, você está começando a ganhar peso de novo, Tom. Você estava horrível quando o vi da última vez. Está conseguindo viver bem? – O tom de voz de Isabel era preocupado, mas distante.

– Não se preocupe comigo. É em você que temos que nos concentrar agora. – Ele observou um grilo pousar no braço do banco

e começar a cricrilar. – Disseram que você já está bem e pode sair quando quiser, Izz.

Ela abaixou a cabeça e enfiou uma mecha de cabelos atrás da orelha.

– Não há volta, você sabe. Não há como desfazer o que aconteceu, o que nós dois atravessamos – ela disse. Tom fitou-a com firmeza, mas ela não o encarou ao murmurar: – E depois, o que restou?

– Restou de quê?

– De tudo. O que restou de... nossa vida?

– Não há como voltar para a Lights, se é isso que quer dizer.

Isabel suspirou bruscamente.

– Não é o que quero dizer, Tom. – Puxou um pequeno galho de madressilva da velha parede ao seu lado e examinou-o. Conforme rasgava uma folha, depois outra, os pedacinhos caíam em um mosaico irregular em sua saia. – Perder Lucy é como se algo tivesse sido amputado. Oh, queria poder encontrar as palavras para explicar isso.

– As palavras não importam. – Estendeu a mão para ela, mas ela se retraiu.

– Diga que você também se sente assim – ela disse.

– Como dizer isso pode melhorar alguma coisa, Izz?

Ela juntou os pedacinhos em uma pilha bem arrumada.

– Você nem sequer entende o que eu estou falando, não é?

Ele franziu a testa, esforçando-se, e ela desviou o olhar para uma nuvem branca que ameaçava encobrir o sol.

– Você é um homem difícil de conhecer. Às vezes, viver com você era muito solitário.

Ele parou.

– O que quer que eu diga quanto a isso, Izzy?

– Eu queria que fôssemos felizes. Todos nós. Lucy conseguiu entrar sob sua pele. Abriu seu coração, de certo modo, e era maravilhoso ver isso. – Fez um longo silêncio, antes que sua expressão mudasse com o retorno de uma lembrança. – Durante

todo aquele tempo e eu não sabia o que você tinha feito. Toda vez que você me tocava, toda vez que.... eu não fazia a menor ideia de que você guardava segredos.

– Eu tentei falar sobre isso, Izz. Você não me deixava.

Ela pôs-se de pé num salto, os fragmentos das folhas espalhando-se na grama.

– Eu queria fazê-lo sofrer, Tom, como você me fez sofrer. Percebe isso? Eu queria vingança. Não tem nada a dizer sobre isso?

– Eu sei que quis, querida. Eu sei. Mas isso acabou.

– O que, então você me perdoa, simplesmente assim? Como se não fosse nada?

– O que mais se pode fazer? Você é minha mulher, Isabel.

– Quer dizer, você tem que me aguentar..

– Quer dizer que prometi passar minha vida com você. Eu ainda quero passar minha vida com você. Izz, aprendi do jeito mais difícil que para ter qualquer tipo de futuro você tem que desistir da esperança de mudar seu passado.

Ela virou-se e puxou mais um pequeno galho da trepadeira.

– O que vamos fazer? Como vamos viver? Não posso continuar olhando para você todos os dias e me ressentindo de você pelo que fez. Com vergonha de mim mesma, também.

– Não, amor, não pode.

– Está tudo arruinado. Nada pode ser consertado.

Tom colocou a mão sobre a dela.

– Nós consertamos as coisas da melhor maneira possível. É tudo que podemos fazer. Temos que conviver com as coisas como elas são agora.

Ela começou a andar pelo passeio ao lado da grama, deixando Tom no banco. Após um circuito completo do gramado, ela voltou.

– Não posso voltar para Partageuse. Não pertencço mais àquele lugar. – Ela sacudiu a cabeça e observou o progresso da nuvem. – Não sei mais qual é o meu lugar ultimamente.

Tom levantou-se e colocou a mão em seu braço.

– Seu lugar é junto a mim, Izz. Não importa onde estejamos.

– Isso ainda é verdade, Tom?

Ela segurava o galho de madressilva, afagando as flores distraidamente. Tom arrancou uma das flores sedosas do galho.

– Nós costumávamos comer isso, quando éramos pequenos. Você também?

– Comê-las?

Ele mordeu a ponta estreita da flor e sugou a gota de néctar de sua base.

– Você só sente o gosto por um segundo. Mas vale a pena.

Pegou outra e levou aos lábios dela.

## ☞ CAPÍTULO 37 ☞

### *Hopetoun, 28 de agosto de 1950*

**N**ÃO HAVIA MUITA COISA EM HOPETOUN agora, exceto o longo píer que ainda lembrava os dias de glória, quando a cidade servia de porto para o ouro de Goldfields. O porto propriamente dito havia fechado em 1936, alguns anos depois que Tom e Isabel se mudaram para lá. O irmão de Tom, Cecil, sobrevivera ao pai por apenas uns dois anos e, quando ele morreu, o dinheiro foi suficiente para comprar uma fazenda fora da cidade. A propriedade era pequena pelos padrões locais, mas ainda ladeava o litoral por vários quilômetros e a casa ficava em um platô, dando para uma extensão de praia embaixo. Levavam uma vida tranquila. De vez em quando, iam à cidade. Alguns trabalhadores rurais ajudavam com o trabalho.

Hopetoun, em uma ampla baía a quase setecentos quilômetros a leste de Partageuse, estava a uma distância suficiente para ser quase inexistente a possibilidade de se depararem com alguém de lá, mas bastante perto para os pais de Isabel fazerem a viagem no Natal, nos anos anteriores à sua morte. Tom e Ralph escreviam um para o outro de vez em quando – apenas uma saudação, curta, simples, mas profundamente sincera ainda assim. A filha de Ralph e sua família haviam se mudado para sua pequena casa depois que Hilda morreu e cuidavam bem dele, apesar de sua saúde frágil nos últimos tempos. Quando Bluey casou-se com Kitty Kelly, Tom e Isabel enviaram um presente, mas não compareceram à cerimônia do casamento. Nenhum dos dois nunca mais retornou a Partageuse.

E a maior parte de vinte anos fluiu como um sereno rio do interior, aprofundando seu caminho com o tempo.



O relógio soa. Quase hora de partir. É uma curta viagem de carro até a cidade hoje em dia, com as estradas asfaltadas. Não é mais como eram assim que chegaram. Enquanto Tom dá o nó na gravata, um estranho de cabelos grisalhos o avista de relance, como num piscar de olhos, e então ele lembra que se trata dele mesmo no espelho. Agora, o terno parece mais largo em seu corpo e há um espaço vazio entre o colarinho e o pescoço dentro dele.

Através da janela, as ondas se erguem, sacrificando-se em uma névoa branca, longe no mar. O oceano não dá o menor sinal de que o tempo passou, nunca. O único som é dos vendavais de agosto fustigando o litoral.

Tendo colocado o envelope no baú, Tom fecha a tampa reverentemente. Em pouco tempo, o conteúdo terá perdido todo o seu significado, como a linguagem perdida das trincheiras, prisioneira do tempo. Os anos desbotam o sentido das coisas, até que tudo que resta é um passado branco como ossos, destituído de sentimento e significado.

O câncer havia meses vinha terminando seu trabalho, roendo seus dias aos poucos, e não houve nada a fazer senão esperar. Ele segurara sua mão durante semanas, sentado à sua cabeceira.

– Lembra-se daquele gramofone? – ele perguntava.

Ou:

– Me pergunto o que será que aconteceu à velha sra. Mewett.

E ela esboçava um sorriso. Às vezes, reunia a energia necessária para dizer:

– Não se esqueça da poda das árvores, sim?

Ou:

– Conte-me uma história, Tom. Conte-me uma história com final feliz.

E ele acariciava seu rosto e sussurrava:

– Era uma vez uma menina chamada Isabel e ela era a garota mais briguenta das redondezas...

E enquanto contava a história, observava as manchas de sol em sua mão, notava como as juntas e nós dos dedos pareciam maiores ultimamente e como a aliança movia-se, frouxa, na pele entre as articulações.

Já quase no fim, quando ela já não conseguia sorver goles de água, ele lhe dera a ponta de uma flanela molhada para ela sugar e passara lanolina em seus lábios para impedir que rachassem com a desidratação. Ele afagara seus cabelos, agora entremeados de prata, presos em uma trança grossa e comprida em suas costas. Ele observara seu peito magro subir e descer com aquela mesma incerteza que se lembrava em Lucy assim que ela chegara a Janus: cada respiração uma luta e um triunfo.

– Você lamenta ter me conhecido, Tom?

– Eu nasci para conhecê-la, Izz. Acho que foi para isso que fui colocado no mundo – ele disse, beijando seu rosto.

Seus lábios se lembraram daquele primeiro beijo décadas atrás, na praia batida pelo vento, ao pôr do sol: a jovem destemida, ousada, guiada apenas pelo coração. Lembrou-se do amor de Isabel por Lucy, instantâneo e feroz, inquestionável – o tipo de amor que, se as coisas tivessem sido diferentes, teria sido retribuído por uma vida inteira.

Ele havia tentado demonstrar seu amor a Isabel, em cada ato, a cada dia, por trinta anos. Mas agora, não haveria mais dias. Não poderia mais demonstrar seu amor, e a urgência o instigou a continuar.

– Izz – ele disse, hesitante. – Há alguma coisa que você queira me perguntar? Alguma coisa que queira que eu lhe diga? Qualquer coisa. Não sou muito bom nisso, mas, se houver, prometo que farei o melhor possível para responder.

Isabel tentou sorrir.

– Significa que você deve achar que já está quase no fim, Tom. – Balançou a cabeça quase imperceptivelmente, batendo de leve na mão dele.

Ele fitou-a nos olhos.

– Ou talvez que eu esteja finalmente pronto para falar...

A voz dela era fraca.

– Está tudo bem. Não há mais nada que eu precise, agora.

Tom afagou seus cabelos, olhando em seus olhos por um longo tempo. Colocou sua testa junto à dela e permaneceram assim, sem se mover, até que a respiração dela mudou, ficando cada vez mais irregular.

– Não quero deixá-lo – ela disse, agarrando sua mão. Estou com tanto medo, amor. Com tanto medo. E se Deus não me perdoar?

– Deus a perdoou há muitos anos. Já está na hora de você também se perdoar.

– E a carta? – ela perguntou ansiosamente. – Você cuidará da carta?

– Sim, Izz. Cuidarei dela. – E o vento sacudiu as janelas como fizera décadas atrás em Janus.

– Não vou dizer adeus, no caso de Deus ouvir e achar que estou pronta para ir. – Ela apertou sua mão outra vez. Depois disso, as palavras estavam além de suas forças. De vez em quando, ela abria os olhos e havia uma centelha de vida neles, uma luz que brilhava enquanto sua respiração ficava cada vez mais fraca e difícil, como se tivessem lhe contado um segredo e ela de repente tivesse compreendido algo.

Então, naquela última noite, quando a lua minguante surgiu entre nuvens geladas, sua respiração mudou do modo que Tom conhecia muito bem, e ela escapuliu de suas mãos.

Embora tivessem eletricidade, ele continuou sentado apenas com a claridade suave do lampião de querosene banhando o rosto dela: tão mais suave, a luz de uma chama. Mais benévola. Ele permaneceu ao lado do corpo a noite toda, esperando até o amanhecer para telefonar para o médico. Montando guarda, como antigamente.

Enquanto desce o caminho de entrada, ele arranca uma flor amarela de uma das roseiras que Isabel plantou assim que mudaram para lá. Seu perfume já está forte e o leva de volta há quase duas décadas à imagem dela, ajoelhada no canteiro recentemente preparado, as mãos pressionando a terra ao redor da muda.

– Finalmente temos nosso jardim de rosas, Tom – ela disse. Era a primeira vez que ele a via sorrir desde que ela deixara Partageuse, e a imagem permaneceu com ele, nítida como uma fotografia.

Há uma pequena reunião no salão da igreja após o funeral. Tom permanece ali apenas o tempo que a educação exige. Mas ele queria que as pessoas realmente conhecessem quem ele estava pranteando: a Isabel que ele conhecera no píer, tão cheia de vida, ousada e travessa. Sua Izzy. Sua outra metade do céu.



Dois dias após o funeral, Tom estava sentado sozinho, em uma casa agora vazia e silenciosa. Uma nuvem de poeira elevou-se no céu, assinalando a chegada de um carro. Um dos trabalhadores da fazenda voltando, provavelmente. Conforme se aproximou, ele olhou outra vez. Era caro, novo, e Tom dirigiu-se à porta da frente.

Uma mulher emergiu e levou um instante para alisar os cabelos louros, amarrados em um coque na nuca. Ela olhou ao redor, em seguida caminhou devagar até a varanda, onde Tom agora a aguardava.

- Boa-tarde – ele disse. – Está perdida?
- Espero que não – a mulher respondeu.
- Posso ajudá-la?
- Estou procurando a casa dos Sherbourne.
- Já achou. Sou Tom Sherbourne. – Ficou esperando um esclarecimento.
- Então, não estou perdida. – Esboçou um sorriso hesitante.
- Desculpe-me – Tom disse –, tem sido uma longa semana. Eu me esqueci de alguma coisa? Um compromisso?

– Não, não marquei um encontro, mas é você quem eu vim ver. E... – hesitou – a sra. Sherbourne. Soube que ela estava muito doente.

Tom ficou intrigado, e ela disse:

– Meu nome é Lucy Grace Rutherford. Roennfeldt de solteira... – Sorriu novamente. – Sou Lucy.

Ele fitou-a, incrédulo.

– Lulu? A pequena Lulu – ele disse, quase para si mesmo. Ficou imóvel.

A mulher ruborizou.

– Não sei como devo chamá-lo. Ou... à sra. Sherbourne. – Repentinamente, um pensamento atravessou sua mente e ela disse: – Espero que ela não se importe. Espero não ter vindo atrapalhar.

– Ela sempre esperou que você viesse um dia.

– Espere. Trouxe algo para lhe mostrar – ela disse, voltando para o carro. Debruçou-se sobre o banco da frente e retornou carregando um bercinho de vime, seu rosto uma mistura de ternura e orgulho.

– Este é Christopher, meu menino. Ele tem 3 meses de idade.

Tom viu, espreitando de um cobertor, um bebê que se parecia tanto com Lucy quando bebê que um arrepio lhe percorreu o corpo.

– Izzy teria adorado tê-lo conhecido. Teria significado muito para ela você ter vindo.

– Oh. Sinto muito... Quando ela...? – Deixou as palavras definharem.

– Há uma semana. O funeral foi na segunda-feira.

– Eu não sabia. Se preferir que eu vá embora...

Ele continuou a olhar para o bebê por bastante tempo e, quando finalmente ergueu a cabeça, havia um sorriso saudosos em seus lábios.

– Entre.

Tom trouxe uma bandeja com um bule de chá e xícaras, enquanto Lucy Grace permanecia sentada, olhando ao longe para o oceano, o bebê ao seu lado no cesto.

– Por onde começamos? – ela perguntou.

– Por que não ficamos apenas sentados em silêncio por alguns instantes? – Tom respondeu. – Para nos acostumarmos. – Suspirou. – A pequena Lucy. Depois de todos esses anos.

Permaneceram sentados em silêncio, tomando chá, ouvindo o vento que rugia do oceano, às vezes banindo uma nuvem por tempo suficiente para permitir a entrada de um feixe de luz do sol, atravessando o vidro e chegando ao tapete. Lucy inspirava os aromas da casa: madeira antiga, fumaça de lareira e cera. Não ousava olhar diretamente para Tom, mas olhou ao redor do aposento. Uma imagem de São Miguel; um vaso de rosas amarelas. Uma foto de casamento de Tom e Isabel parecendo radiantes, jovens e esperançosos. Nas prateleiras, havia livros sobre navegação, faróis e música, alguns, como o *Atlas das estrelas, de Brown*, tão grande que tinha que ficar deitado. Havia um piano no canto, com partituras empilhadas em cima.

– Como soube? – Tom perguntou por fim. – Sobre Isabel?

– Mamãe me contou. Quando você escreveu a Ralph Addicott, para dizer-lhe o quanto ela estava doente, ele foi ver minha mãe.

– Em Partageuse?

– Ela mora lá agora. Mamãe levou-me para Perth quando eu tinha 5 anos, queria recomeçar. Só se mudou de novo para Partageuse quando eu me alistei na WAAF, em 1944. Depois disso, bem, ela pareceu bem instalada lá com tia Gwen em Bermondsey, a antiga propriedade do vovô. Eu permaneci em Perth depois da guerra.

– E seu marido?

Ela abriu um largo sorriso.

– Henry! Romance da Força Aérea... Ele é um homem formidável. Nos casamos no ano passado. Eu tenho muita sorte. – Olhou ao longe, para o mar, e disse: – Tenho pensado em vocês muitas vezes, ao longo dos anos. Me perguntava como estariam. Mas foi somente... – fez uma pausa –, bem, somente quando tive Christopher é que eu realmente compreendi por que vocês fizeram o

que fizeram. E por que mamãe não pôde perdoá-los por isso. Eu mataria pelo meu bebê. Sem dúvida.

Alisou sua saia.

– Lembro-me de algumas coisas. Ao menos, acho que lembro. Mais ou menos como partes de um sonho: o farol, é claro; a torre; e uma espécie de balcão ao redor dela... como se chama?

– A galeria.

– Lembro-me de estar em seus ombros. E de tocar piano com Isabel. Algo sobre pássaros em uma árvore e dando adeus a você?

“Depois disso, tudo mais ou menos se mistura e não me lembro de muita coisa. Apenas da nova vida em Perth e da escola. Mas principalmente, lembro-me do vento e das ondas e do oceano: não consigo tirar isso do meu sangue. Mamãe não gosta da água. Nunca nada. – Olhou para o bebê. – Não pude vir antes. Tive que esperar que mamãe... bem, desse sua bênção, eu acho.”

Observando-a, Tom viu lampejos de seu rosto quando ainda mais jovem. Mas era difícil ligar a mulher à criança. Difícil também, no começo, encontrar o homem mais jovem dentro de si mesmo que a amara tão profundamente. Entretanto... Entretanto, ele ainda estava lá, em algum lugar, e por um instante, clara como um sino, lembrou-se de sua voz gritando “Papai! Me pega no colo, papai!”

– Ela deixou algo para você – ele disse, dirigindo-se ao baú. Ele pegou o envelope e entregou-o a Lucy Grace, que o segurou por um instante antes de abri-lo.

*Minha querida Lucy*

*Já faz muito tempo. Muito tempo. Eu prometi que iria ficar longe de você e cumpri minha palavra, por mais difícil que tenha sido para mim.*

*Já me fui agora, e é por isso que você tem esta carta. E isso me dá alegria, porque significa que você veio nos ver. Nunca perdi a esperança de que viesse.*

*No baú com esta carta estão alguns dos seus primeiros pertences: sua roupa do batizado, seu cobertor amarelo,*

*alguns desenhos que você fez. E há coisas que fiz para você ao longo dos anos – roupas de cama e mesa e assim por diante. Guardei-as para você – coisas dessa parte perdida de sua vida. Para o caso de você vir em sua busca.*

*Você é uma mulher agora. Espero que a vida tenha sido boa com você. Espero que possa me perdoar por ter ficado com você. E por tê-la deixado ir embora.*

*Saiba que você sempre foi amada.*

*Com todo o meu amor.*

Os lenços delicadamente bordados, as botinas tricotadas, a touca de cetim: foram dobrados e guardados cuidadosamente no baú, escondidos bem embaixo dos próprios objetos de infância de Isabel. Tom não sabia, até agora, que ela os havia guardado. Fragmentos de uma época. Ou de uma vida. Finalmente, Lucy Grace desenrolou um rolo de papel amarrado com uma fita de cetim. O mapa de Janus, decorado por Isabel há tanto tempo: Praia do Naufrágio, Baía Traíçoeira – a tinta ainda brilhante. Tom sentiu uma pancada ao se lembrar do dia em que ela o apresentara a ele e seu terror com a quebra das normas. E foi tomado novamente pelos sentimentos de amor e de perda de Isabel.

Enquanto Lucy Grace lia o mapa, uma lágrima escorreu pelo seu rosto e Tom ofereceu-lhe seu lenço perfeitamente dobrado. Ela enxugou os olhos, pensativa, e finalmente disse:

– Eu nunca tive a oportunidade de agradecer. A você e a... a mamãe por terem me salvado e por terem cuidado tão bem de mim. Eu era pequena demais... e depois já era tarde demais.

– Você não tem nada a nos agradecer.

– Só estou viva por causa de vocês dois.

O bebê começou a chorar e Lucy inclinou-se para pegá-lo no colo.

– Shh, shh, benzinho. Está tudo bem. Está tudo bem, querido. – Ela balançou-o no colo, andando de um lado para o outro, e o choro diminuiu. Voltou-se para Tom.

– Quer segurá-lo um pouco?

Ele hesitou.

– Estou meio sem prática atualmente.

– Vamos, segure – ela disse, passando a trouxinha delicadamente para os braços dele.

– Ora, veja só – ele disse, sorrindo. – Igualzinho a sua mãe quando ela era bebê, hein? O mesmo nariz, os mesmos olhos azuis.

– Enquanto a criança o fitava com ar sério, sensações há muito esquecidas o inundaram de novo. – Oh, Izzy teria adorado conhecer você – ele disse, lutando para disfarçar o embargo na voz.

Lucy Grace consultou seu relógio.

– Acho melhor eu partir. Vou dormir no Ravensthorpe esta noite. Não quero dirigir à noite, haverá cangurus na estrada.

– Claro. – Tom indicou o baú com um sinal da cabeça. – Posso ajudá-la a colocar as coisas no carro? Quer dizer, se quiser levá-las. Vou entender se não quiser.

– Não quero levá-las – ela disse e, ao ver o desapontamento no rosto de Tom, sorriu – porque assim teremos uma desculpa para voltar. Em breve, provavelmente.



O sol não passa de uma lâmina bruxuleando acima das ondas quando Tom deixa-se afundar na velha espreguiçadeira na varanda. A seu lado, na cadeira de Isabel, as almofadas que ela fez, bordadas com estrelas e uma fatia de lua. O vento amainou e nuvens mancham o horizonte de um tom laranja-escuro. Um ponto de luz atravessa o crepúsculo: o farol de Hopetoun. Atualmente, é automático – não precisa mais de faroleiros desde que o porto principal fechou. Ele pensa em Janus e no farol que ele operou lá por tanto tempo, cada um de seus fochos de luz ainda viajando em algum lugar na escuridão muito longe, na direção da beira do universo.

Seus braços ainda sentem o minúsculo peso do bebê de Lucy e a sensação destrava a sensação física de segurar a própria Lucy no colo e, antes disso, o filho que ele segurou nos braços por tão pouco tempo. Quantas vidas teriam sido tão diferentes se ele tivesse sobrevivido. Ele respira fundo, depois suspira. Não adianta pensar assim. Quando se começa a seguir por esse caminho, não tem mais fim. Ele viveu a vida que viveu. Amou a mulher que amou. Ninguém jamais percorreu ou percorrerá o mesmo caminho na Terra, e ele está em paz com isso. Ainda sofre por Isabel: seu sorriso, a sensação de sua pele. As lágrimas que ele reprimiu diante de Lucy agora escorrem pelo seu rosto.

Olha para trás, onde uma lua cheia surge no céu como um contrapeso no horizonte oposto, erguida pelo sol poente. Todo fim é o começo de outra coisa. O pequeno Christopher nasceu em um mundo que Tom jamais poderia ter imaginado. Talvez ele seja poupado de uma guerra, este menino. Lucy Grace também pertence a um futuro que Tom pode apenas imaginar. Se ela puder amar seu filho a metade do que Isabel a amou, ele ficará bem.

Ainda há mais dias para percorrer nesta vida. E ele sabe que o homem que faz esta viagem é moldado por cada dia, cada pessoa ao longo do caminho. Cicatrizes são apenas outro tipo de lembrança. Isabel é parte dele, onde quer que esteja, assim como a guerra, o farol e o oceano. Logo os dias se fecharão sobre suas vidas, a grama crescerá sobre suas sepulturas, até que a história deles não passe de um túmulo não visitado.

Ele observa o oceano render-se à noite, sabendo que a luz do farol reaparecerá.

## *Agradecimentos*

Este livro tem muitas parceiras. Tantas pessoas desempenharam um papel em trazer este livro ao mundo que para nomeá-las individualmente seria necessário um volume à parte. Eu agradeço a elas, espero, pessoalmente, ao longo do caminho, mas gostaria de registrar sua importância aqui novamente. Cada qual contribuiu com algo único e inestimável: algumas em momentos específicos; outras por um longo período; outras por toda uma vida.

Obrigada – a cada um de vocês – por me ajudarem a contar esta história. Sou abençoada por sua generosidade.

Título original  
THE LIGHT BETWEEN OCEANS

Primeira publicação na Grã-Bretanha  
em 2012 pela Doubleday, um selo da Transworld Publishers

*Copyright* © Grasshill Communications, 2012  
Mapa: Neil Gower

M. L. Stedman assegurou seu direito de ser identificada como autora desta obra  
sob o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Este livro é uma obra de ficção e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas  
ou não, é mera coincidência.

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S824L

Stedman, M. L.

A luz entre oceanos [recurso eletrônico] / M. L. Stedman; tradução de  
Geni Hirata. - 1. ed. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.  
recurso digital

Tradução de: The light between oceans  
ISBN 978-85-8122-236-3 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata, Geni.  
II. Título.

13-01344

CDD: 823

CDU: 821.111-3

## *Sobre a autora*

M. L. STEDMAN nasceu e foi criada na Austrália ocidental, e agora vive em Londres. *A luz entre oceanos* é seu primeiro romance, e está sendo publicado em 20 territórios, com muito sucesso.